

TWO ROYAL HEIRS ARRANGED TO BE MARRIED.
THEY MADE THEIR OWN ARRANGEMENTS.



CAST IN FIRELIGHT

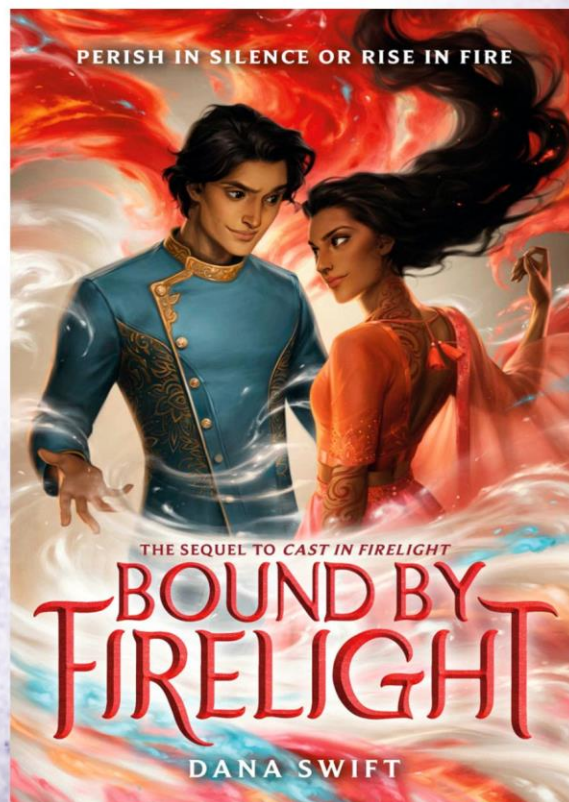
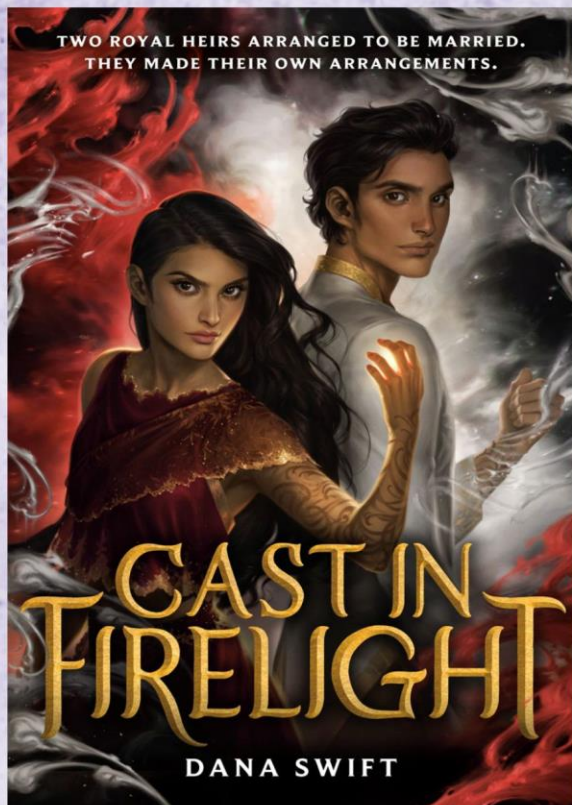
DANA SWIFT

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

WICKERY

ORDEM DE LEITURA





SINOPSE

Adraa é a herdeira real de Belwar, uma bruxa talentosa que está à beira de fazer seu teste de cerimônia real, e uma garota que só quer provar seu valor para seu povo.

Jatin é o herdeiro real de Naupure, um mago competitivo que domina todas as nove cores da magia, e um menino ansioso para voltar para casa pela primeira vez desde que era criança.

Juntos, seu casamento arranjado unirá dois dos reinos mais poderosos de Wickery. Mas após anos de rivalidade de longe, Adraa e Jatin só concordam em uma coisa: seu reencontro será tudo menos doce.

Só que o destino tem outros planos e com a gangue criminosa de Belwar de repente fazendo um movimento de controle, seus caminhos se cruzam... E nenhuns dos dois percebem quem é o outro, adotando identidades secretas separadas em seu lugar.

Entre esquivar-se de feitiços mortíferos e manter o verdadeiro eu escondido, a dupla deve aprender a colocar sua confiança no outro para que um e outro descubram a ameaça real. Agora, o destino de Wickery está nas mãos de rivais... Noivos...? Parceiros...? O que quer que eles sejam é complicado e está destinado à grandeza ou destruição.





Para Kaethan - por, você sabe, me amar e outras coisas.



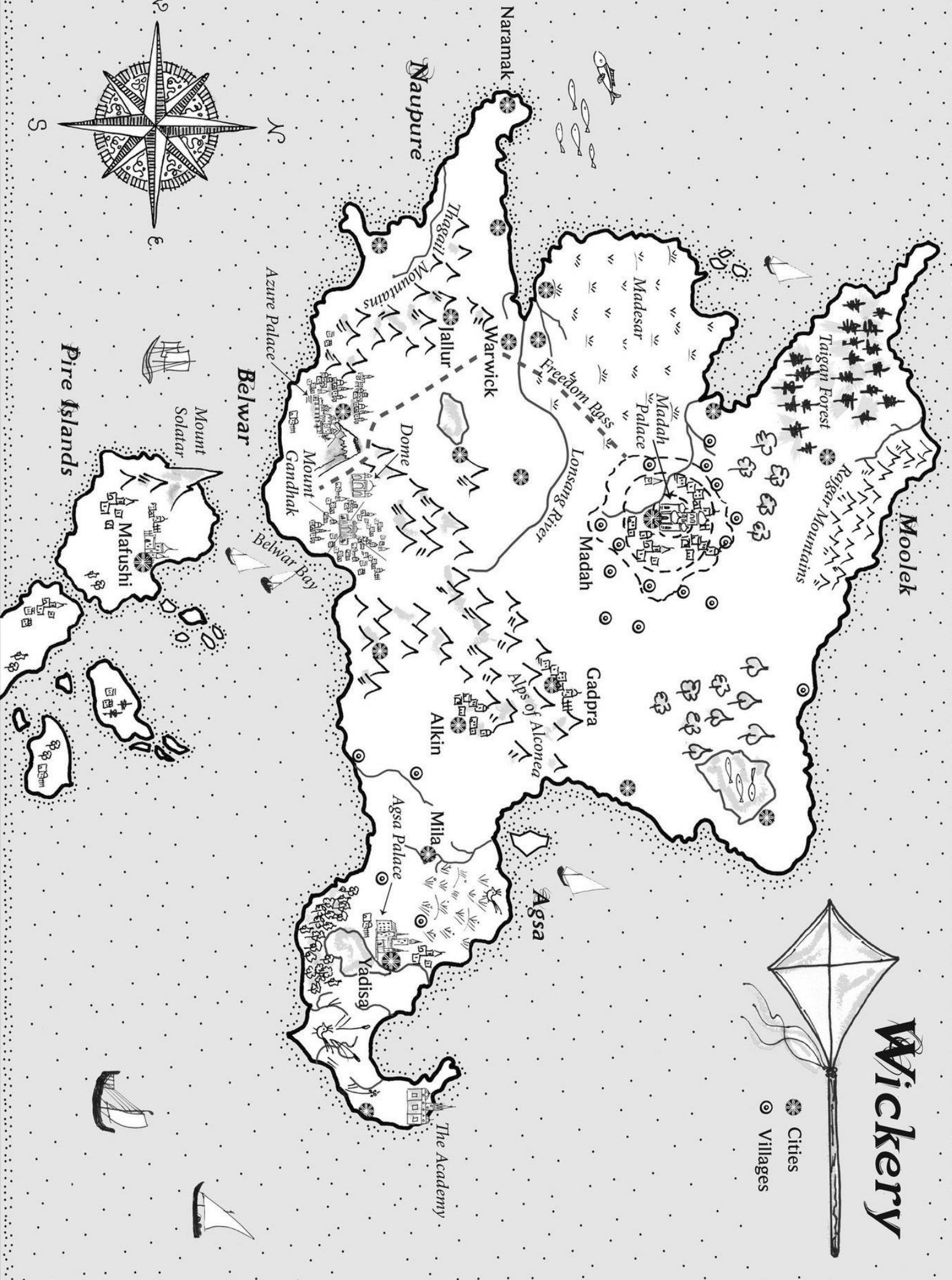
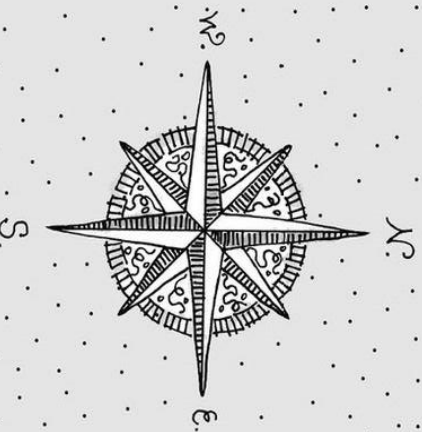
E para mim, de nove anos, nós conseguimos.



Wickery



- Cities
- Villages





DIVINDADES E SEUS PODERES



Os Nove Toques

Erif, Deusa do Fogo: **Governa os vulcões.**

♦ **Vermelho Forte:** Capacidade de criar e manipular o fogo

Renni, Deusa da Capacidade Interior: **Supervisiona o crescimento pessoal.**

♦ **Laranja Forte:** Capacidade de manipular e aumentar os sentidos e as capacidades físicas do corpo

Ria, Deus do Ar: Governa tornados e ventos

♦ **Amarelo Forte:** Capacidade de criar e manipular o ar, especialmente para voar.

Htrae, Deusa da Terra: Reina sobre campos e colheitas.

♦ **Verde Forte:** Capacidade de criar e manipular madeira e plantas

Retaw, Deus da Água: Controla inundações e tsunamis.

♦ **Azul Forte:** Capacidade de criar e manipular a água

Raw, Deus da Guerra: Fica nos campos de batalha dos soldados.

♦ **Roxo Forte:** Capacidade de manifestar armas, escudos e limites.

Laeh, Deusa da Cura: cuida dos doentes e feridos.

♦ **Rosa Forte:** Capacidade de curar e encantar poções para combater doenças

Dloc, Deus do Frio: Habita em nevascas e avalanches.





◊ **Branco Forte:** Capacidade de criar e manipular gelo, neve e outras precipitações de inverno.

Wodahs, Deus das Sombras: **Vive na escuridão.**

◊ **Obscuro Forte:** Capacidade de camuflar e lançar ilusões





PROLOGO

ENCONTRO O AMOR DA MINHA VIDA E LHE DOU UM TAPA NA CARA

ØDRAA

A porta era feita de gelo azul brilhante, gelo cristalizado. E atrás daquela porta estava o meu... Acho que deveria dizer destino, mesmo que soasse absurdo. Conhecer um garoto que pode ser meu marido um dia não deveria ser considerado destino.

No entanto, aqui estava eu com meus pais em uma boca obscura escancarada de uma entrada, com colunas que se projetavam como presas para um palácio de pedras azuis tão grandes que tive que virar minha cabeça de um lado para o outro para absorver tudo. O crepúsculo atingiu a superfície vítrea e dançou. Olhei para meus pais, ambos despreocupados. Acho que não íamos falar sobre como era estranho fazer uma porta usando apenas magia branca. Isso estava em suas palestras? *E, Adraa, não mencione a situação assustadora da porta.*

Meu pai ergueu o punho para bater e dei uma guinada para frente, puxando seu braço para baixo. Mas foram as palavras de minha mãe que nos acalmaram.

— Talvez... Talvez devêssemos esperar.

Flocos de neve giravam. O vento de inverno uivava. Então papai *olha para nós duas.*

— Estamos conversando sobre isso há anos, Ira.





Não estava envolvida nessas discussões anuais, obviamente. Tenho oito anos. Meus pais estavam considerando meu casamento arranjado desde sempre.

— E depois de todos esses passos — meu pai murmura.

Nem quero olhar para trás, para a escada que havíamos subido. Minhas pernas doíam, tremendo em confusão sobre por que não havíamos voado até aqui em planadores como bruxos e bruxas sensatos. No degrau vinte, comecei a imaginar que o marajá de Naupure nos fez subir aqui, não para cumprir a tradição como todos me disseram, mas para me enfraquecer. No degrau sessenta e dois, um pensamento incômodo rastejou como o frio - me aproximei de uma prisão, não de um palácio.

Pude ver pela ruga do nariz torto de minha mãe que ela estava prestes a rir. E minha única oportunidade neste pesadelo de degraus e portas frias e estranhas estava prestes a escapar.

— Estou com a mamãe. Esta é uma *má* ideia! — Declaro.

Ambos os pares de olhos dispararam para mim. Meu pai imediatamente se abaixou e segurou meus ombros.

— Pense nisso como conhecer um novo amigo, Adraa.

— Mas, mas ele é... Um menino. — Um garoto que um dia eu esperaria... Beijar. Sei que casamento também significava morar com alguém na mesma casa, mas era a ideia de beijar que me incomodava. Espera-se que eu faça isso regularmente e supostamente goste? Puxei o braço de papai novamente. Com a ajuda da mãe, isso poderia acabar ser esquecido. Poderíamos voltar desta montanha, embarcar em nossos planadores e voltar para nosso próprio palácio e para a costa, onde o inverno não tenta congelar você até a morte.





Mas eu tinha dito a coisa errada. Meu pai riu e até minha mãe balançou a cabeça e cobriu a boca com a mão enluvada para esconder um sorriso. Às vezes, acho que eles só me pegaram por minhas inesperadas frases de efeito.

— Sim — Papai riu o calor de sua respiração marcando o ar gelado — Sim, ele é um menino. E eu também, e você gosta bastante de mim, certo?

Não gostei dessa lógica. Eu tinha perdido algo gritante e óbvio, ou meu pai tinha. Meu noivo potencial em toda a sua *meninice* significava algo completamente diferente da estrutura ampla e dos braços reconfortantes de meu pai. A pergunta era uma armadilha, então respondi da única maneira possível

— Sim.

Papai riu, inclinando a cabeça para a mãe e repetiu

— Sim — para tentar fazê-la sorrir novamente. Então seus olhos verdes derreteram — Sei que isso deve ser assustador.

— Não estou com medo — apressei-me, mas eu não poderia dizer se eu estava mentindo. O inverno de Naupure doía e tremi com isso. Erguendo-se atrás do palácio, o Monte Gandhak perfurava o céu e os últimos raios de luz do dia sangraram nas rochas em uma tinta amarelo alaranjada. Ao longe, da janela do meu quarto, o vulcão parecia adormecido como sempre. De perto? A luz imitava lava.

Papai olhou para a mãe e sustentou o olhar dela.

— É apenas um primeiro encontro. Nada será escrito com sangue. Esta noite, é apenas uma reunião — ele repetiu. E antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, até mesmo protestar uma última vez, meu pai finalmente bateu.

Nada aconteceu. Fui salva.

— Ninguém está em casa! Vamos! — Grito.





— Adraa — mamãe retrucou. Ela abriu a boca para dizer mais, mas o gelo gemeu. Rachaduras se estilhaçaram em estrias semelhantes a galhos. Tropeço para trás, ouvindo como cada fragmento glacial se estilhaçava e caía. E quando a porta terminou de se abrir, apenas a escuridão nos cumprimentou. Nenhuma carne havia tocado aquele gelo marmorizado. Fios de fumaça azul flutuavam na periferia da minha visão. Girei para pegar sua potência. Magia!

A entrada escura despertou com a luz de velas *estalando, estalando, estalando*, iluminando uma ampla escadaria e um homem vestido elaboradamente descendo em nossa direção.

— Saudações! — gritou o homem. Este tinha que ser Marajá¹ Naupure. Mas ele era... Magro e baixo, o que era inesperado. Não vá imaginar o bruxo mais poderoso do nosso país vizinho como magro ou baixo. Ambos? Este não poderia ser o homem. Mas em seu peito, ele usava o emblema Naupure, uma montanha incrustada no vento azul.

Ele caminhou em nossa direção, e ele e meu pai apertaram seus antebraços antes de se abraçarem. Papai riu e disse:

— Já faz muito tempo.

Mamãe colocou os dedos na garganta e curvou-se em digna honra. As palavras se misturaram e eu recuei o vento cortando minhas costas.

Esqueça magro e baixo. Esqueça as primeiras impressões. Estava totalmente errada. Meus pais conheciam bem esse bruxo. O que significava que isso era *mais* do que apresentações e gentilezas. Esta era uma decisão, já decidida. Que tal “É só uma reunião, Adraa?” Que tal “é só uma visita antes

¹ É um título dado a nobres da antiga civilização indiana, sendo um nível superior ao de rajá.





de Jatin ir embora para a escola” enquanto me sentava e decorava o que dizer, palavra por palavra?

Papai virou-se

— Adraa.

Congelo. Movo-me e eu me quebraria como a porta.

Papai não percebeu. Ele pegou minha mão e me puxou para frente, para o corredor. Arcos sobre arcos, adornados com estampas e ouro, brilhavam para mim. Velas queimadas. O cheiro do ar fresco do inverno misturado com buquês de flores brancas congeladas. Sim, era bonito, mas o medo sussurrava que era tudo uma fachada.

— Entre. Saía do frio. — Naupure fez um gesto como se para afastar o vento. Com um feitiço rápido, a fumaça azul jorrou de seus braços, correu direto para mim e então se espalhou pela noite.

Fiquei boquiaberta quando os fragmentos de gelo se levantaram e congelaram novamente no lugar. Cristais de gelo percorriam os veios de mármore da parede, entrelaçando-se nas dobradiças da porta e parando apenas quando tocavam as sedas douradas penduradas no teto.

Estava tão ocupada assistindo ao show que não percebi os fios laranja da magia do meu pai me descongelando. A neve persistente em nossas capas chiou em vapor. Quando me virei novamente, a atenção de todos se concentrou em mim.

— Deve ser Adraa. — Marajá Naupure se agachou, e agora até eu era mais alta que ele. Não ajudou. — Prazer, mocinha.

Aqui, eu deveria dizer “Prazer” e talvez acrescentar um “obrigada por nos convidar”. Silêncio. Dares-lhe silêncio.

Mamãe franziu o cenho.

Marajá Naupure continuou a olhar.





— Você é uma coisinha bonita, mas tenho certeza que você sabe disso, hein?

Este homem obviamente só tinha um filho.

— Bonita? — Realmente? Ele sabia quantos degraus eu tinha acabado de subir, certo? Onde estava meu elogio por superar sua tortura? Olhei para minha mãe. Ela mordeu o lábio, provavelmente com medo do que poderia sair da minha boca. Minha mente zumbia com todos os tipos de réplicas. Meus pais mentiram. Então, acompanhei um encolher de ombros com algo especial — Sei.

Mamãe respirou fundo, como se preparasse um feitiço, mas Marajá Naupure soltou uma gargalhada.

— Isso mesmo. Uma garota bonita deveria saber.

O quê? Que tipo de resposta é essa?

Marajá Naupure girou em direção à escada e gritou.

— Jatin! Não deixe nossos convidados esperando.

Um baque abafado ecoou lá de cima. Minha garganta secou, mas minhas mãos começaram a suar. Aquele baque era ele, o menino, como um verdadeiro monstro nas profundezas tentando me assustar.

Naupure nos guiou até a sala aberta à direita. Uma mesa de oração coberta de vermelho estava diante de nós. Tapeçarias em várias cores cobriam a sala de nove lados, cada parede com painéis louvando um deus ou deusa diferente. Mamãe cresceu na Ilha Pire, onde há muito eles desistiram da ideia de que os deuses concederam nossa magia. Mas, embora seus olhos se demorassem incertos nas tapeçarias, meu pai havia me ensinado o suficiente sobre cada rosto perscrutador. Sabia que seria sob aqueles olhos que derramaríamos nosso sangue. Dei um passo rápido até meu pai e puxei sua mão. *Por favor, deixe-o entender minha preocupação. Por favor.*





Ele assentiu.

— Adraa está um pouco nervosa por conhecer Jatin.

Traição. Traição ardente. Deixei cair sua mão como se tivesse me esaldado.

— Claro — disse Naupure, assim que grito

— Não, não estou!

Os olhos de mamãe queimaram em mim. Nossa aliança, embora de curta duração, havia caído.

— Desculpe. Ela normalmente não é *assim*. — Mamãe apontou para o local próximo a ela. — Adraa, venha aqui.

Obedeci em uma confusão de saias rosa e laranja que tentei arrumar enquanto me sentava ao lado dela. Não sabia mais o que fazer para sair dessa. Rebelar-me ainda mais significaria punição. Ou talvez já tivesse passado disso. Talvez o que quer que eu tenha feito.

— Você já entrou em sua magia, Adraa? — Marajá Naupure perguntou.

E assim, a raiva morreu.

— Não senhor.

— Ela vai, é claro. Ela é um ano mais nova que Jatin, se você se lembra — disse mamãe rapidamente.

— Ah, sim, me lembro. — Ele olhou para mim, inspecionando.

— Ela tem seu Toque. Adraa mostre-lhe.

Automaticamente, virei minha mão esquerda, com a palma para cima, e a coloquei sobre o pano vermelho. O tecido coçava, com pequenos tufo farpados em vez da suavidade agradável de veludo. Por que alguém compraria uma toalha de mesa que coça? Os Naupures eram monstros.

Mostrei meu Toque, uma pequena marca que floresceu em meu pulso esquerdo. Era um redemoinho ramificado avermelhado do tamanho de uma





moeda de prata, mais escuro que minha pele dourada. Ele continha a única indicação verdadeira de que um dia me tornaria uma bruxa e, portanto, era uma das únicas coisas que me davam esperança quando me aproximava dos nove anos. Um dia, se eu fosse poderosa o suficiente, o desenho brotaria em cada braço, envolvendo-se em meu ombro como os de meus pais, Marajá Naupure, e metade do país. Como uma planta, devo nutrir meu Toque. Devo estudar.

— E seu outro braço? — Marajá Naupure perguntou.

Cautelosamente, coloquei meu braço direito sobre a mesa. Meus pais congelaram, porque não havia nada ali, apenas pele dourada nua. A verdadeira preocupação, e a razão pela qual eu temia ficar impotente, residiam neste fato: meu braço direito estava anormalmente nu. Todo mundo que já conheci relatou que seu toque apareceu em ambos os pulsos simultaneamente. Existem os Tocados e os Intocados. Nunca ouvi falar de nada intermediário.

— Interessante — disse Marajá Naupure.

— Você já viu isso antes? — perguntou meu pai. — Achei que era tudo mito e lenda.

Sabia. Sabia que meus pais estavam preocupados e sabia que também tinha motivos para estar.

— Bem, de acordo com a lenda, os deuses estão brigando para ver quem deveria abençoá-la.

Tirei os braços da mesa e olhei ao redor da sala para as tapeçarias dos nove deuses: o deus azul, Retaw, comandava uma inundação; a deusa verde Htrae reinava sobre um campo; o deus amarelo Ria voava em um tornado; a deusa vermelha Erif, governava um vulcão; o deus branco Dloc, rodava em uma nevasca; a deusa rosa Laeh, curava doenças; o deus negro Wodahs, se





escondia em um manto escuro; o deus roxo Raw, estava em um campo de batalha; e a deusa laranja Renni estava envolta em músculos e força. Eles pareciam prontos para me comer antes de considerarem me dar poder. Eles poderiam realmente estar discutindo sobre mim?

— Isso é mais reconfortante do que... A alternativa. — Mamãe suspirou.

Pressionei minha marca, com força. Sem magia, sem *todos* os nove tipos de magia, eu era inútil. Sem título. Sem capacidade de liderar qualquer país, muito menos o meu. Quando olho para cima para ver Marajá Naupure ainda me inspecionando, as palestras semanais sobre polidez foram completamente esquecidas.

— Você precisa verificar meus molares também? — Abro minha boca.

— Adraa, — minha mãe cuspiu. Fechei a boca rapidamente, mas continuei olhando para ele. *Veja o meu verdadeiro eu, Marajá Naupure. Veja como eu seria inadequada como Marani de Naupure! E não porque meu braço direito está nu.*

Marajá Naupure novamente soltou uma gargalhada, que parecia ser seu único som divertido.

— Oh meu Deus. Você me lembra de minha Savi.

Antes que meus pais pudessem concordar ou que minha mãe pudesse sair do constrangimento de ter que admitir que eu fosse de fato sua filha, um menino, *o menino*, entrou na sala. Ele tinha cabelo preto como o meu, pele dourada muito mais clara que a minha e olhos brilhantes e vidrados. Jatin, meu noivo... Não conseguia nem pensar nisso. Aqui estava eu, arrepios subindo pelos meus braços e descendo pelas minhas pernas, e ele estava *calmo*. Não, ele parecia... Entediado.





Não parecer entediado era a regra número um, antes de ser excessivamente educado. O que, pensando bem, é a mesma regra, porque essa calma era meio irritante. Como ele poderia estar calmo?

— Jatin, aí está você. Venha conhecer todos. Este é o Marajá e Maharani de Belwar.

Jatin assentiu.

— Prazer em conhecê-lo. — Então eu não era a única com linhas regurgitadas.

Jatin curvou-se para meus pais e depois se voltou para seu pai com uma expressão de “o que mais devo fazer?”.

— E, Jatin, esta é Adraa.

Devo ficar de pé ou algo assim? Antes que eu pudesse me decidir, Jatin se virou para mim e deu o sorriso mais estranho já criado. Seus dois caninos estavam faltando.

— Olá — dissemos simultaneamente.

— Jatin, por que você não mostra seu quarto a Adraa? — Marajá Naupure sugeriu.

Jatin olhou para o pai com calma obediência. Nenhuma ajuda para a causa lá.

Mamãe me cutucou com o cotovelo.

— Continue Adraa. Precisamos falar com Marajá Naupure em particular.

Virei-me, pronta para fazer beicinho para sair disso, mas então vi os olhos do meu pai. Eles não tinham humor enrugado. Eles estavam *sempre* cheios de humor. Mas não hoje. Tinha que deixar esse garoto me mostrar seu quarto. Jatin acenou com a cabeça para que eu o seguisse. *Acenou!* Você





pensaria que esse garoto era dono de todo o país. Bem, acho que ele faria isso um dia.

Acompanhei Jatin por mais degraus de pedra e pelo labirinto do palácio, olhando para suas costas. Sempre que ele se contorcia para se virar e olhar para mim, fingia estar fascinada com o emaranhado de cores amarelo e azul nos arcos.

Quando finalmente paramos, Jatin apontou para uma porta de madeira com seu nome gravado em linhas sinuosas.

— Aqui está.

Cruzei meus braços. Posso jogar esse jogo o dia todo.

— É uma porta muito bonita.

Jatin olhou para mim, esperando, e então girou a maçaneta e esperou novamente. Não. Sem chance. Não iria primeiro. Era assim que eu ficava trancada em um quarto e nunca mais ouvia falar dele. Meus pais podem confiar nesse menino calmo e educado, mas eu não. Era um ato, com certeza.

— Ah, pode entrar, — disse ele.

— Você primeiro.

— Mas... Você deveria...

— Deveria fazer o quê? — *Cair nos seus truques? Pense de novo, garoto.*

— Deixa para lá. — E com isso Jatin entrou em seu quarto comigo logo atrás.

Esperava que fosse enorme, como tudo aqui, e embora os móveis parecessem grandes demais, era porque o quarto na verdade não era enorme. Poderia conter um único elefante em vez de um rebanho inteiro. A desordem também pode ter algo a ver com isso. Uma biblioteca havia explodido sobre a escrivaninha. O pergaminho pingava no chão. Orbes e garrafas brilhavam com minúsculas bolas de magia em cada superfície plana. Olhei, cativada





pelos redemoinhos de cores brilhantes. Em uma fileira estavam todos os nove tipos de magia, bem arranjados e brilhando como um arco-íris. Um pequeno fogo vermelho, uma névoa laranja, um brilho amarelo de ar, um feixe de material musgoso verde, uma onda azul, uma ponta roxa, uma bola rosa, uma sombra fumegante preta e, finalmente, cristais brancos de gelo. Isso tudo era *dele*?

Tinha que ser. Ao aprender e tentar lançar feitiços, os jovens bruxos e bruxas criam cada cor individual e divina. Somente aos dezesseis anos o forte é determinado. Em seguida, cada feitiço filtra sua cor abençoada específica. O que significava que com a variedade de matizes ao nosso redor, Jatin já poderia lançar *todos* os nove!

Jatin agarrou uma esfera branca, chamando minha atenção de volta para ele.

— Você já conhece magia? — perguntou enquanto girava o recipiente translúcido. Flocos de neve e cristais de gelo brilhavam lá dentro. Seu toque rodou em um desenho intrincado na parte de trás de seu pulso direito.

— Venho estudando.

— Não, quero dizer, você já pode fazer isso?

— Bem... — Procurei por algo para distraí-lo e encontrei apenas orbe após orbe de fumaça colorida. Era só isso que esse garoto fazia: estudar e soletrar?

— Você não pode! — Seus olhos se arregalaram de surpresa e depois se encolheram de orgulho. Eles com certeza não estavam vidrados agora. Ele olhou para minhas mãos. Com as bochechas corando, movi meu braço direito atrás das costas lentamente. *É por isso que os meninos são os piores.*

— O quê...? Estes são realmente seus? — Gaguejei, mas eu já sabia a resposta.





— Sim. Quer ver? — Ele empurrou o recipiente para cima. — Este foi meu primeiro feitiço de congelamento.

Ele abriria *aqui*? Sabia que esse garoto era perigoso. Quando alguém está aprendendo, a magia precisa ser confinada em um orbe ou lançada em um espaço aberto. Seu quarto de repente parecia ainda menor.

— Não! Você não pode.

Ele se endireitou.

— Sim, eu posso! Sou um mago.

Mais como pirralho mimado.

— Também sou uma bruxa. Só não consegui meus poderes ainda — declaro.

Ele cruzou os braços. Pelo menos o orbe não estava prestes a ser aberto. Eu tinha me salvado tanto.

— Aposto que você nem é uma bruxa.

— Sou também. — Peguei minha manga esquerda para mostrar a ele meu Toque, mas sua risada me impediu. Calor corou minhas bochechas, carvões quentes martelaram em meu peito. — Retire isso ou então!

— Mas se você não pode...

Não o deixei terminar. Lancei-me em direção a ele.

Pretendia apenas fazê-lo perder o equilíbrio e talvez o controle sobre seu precioso orbe, mas em minha frustração minha mão deu um tapa em sua bochecha - com força. Jatin cambaleou para trás, caindo no chão com um baque. Ele gritou e o orbe cheio de cristal caiu pela sala.

Pés subiram as escadas. Agachei-me, minha raiva murchando e se transformando em medo conforme os passos se aproximavam.

— Sinto muito! Não quis fazer isso — Minha garganta apertou em arrependimento. Realmente não quis fazer isso.





Jatin levou a mão ao rosto enquanto me encarava com os olhos arregalados. Pelo menos ele não estava chorando.

— Deixe-me ver? — Aproximei-me quando ele continuou a me olhar como uma estátua sem vida. Tirei a mão de seu rosto e suspirei. Nada. Nenhuma marca. Sem nada. Bem, foi apenas a palma da minha mão aberta.

— Você me *bateu*.

— Sinto muito. — Ele não estava nem perto de chorar, mas senti a pressão quente da emoção prestes a explodir em meus próprios olhos. Eu havia atingido o futuro Marajá de Naupure. Mesmo que tenha sido um acidente, *estou praticamente morta*. E acho que uma parte de mim merecia isso.

A porta de Jatin estava aberta, então nossos pais não tiveram problemas para passar pela soleira.

— O que aconteceu? — perguntou papai.

— Estão todos bem? — Mamãe perguntou nem um segundo depois dele.

Examinei entre Marajá Naupure pesadamente sobre nós e Jatin sentado lá, ainda chocado.

— Adraa?

— Eu... Fiquei brava e não era minha intenção, mas eu...

— Ela não fez nada, — disse Jatin.

Por um momento sem fôlego, todos nós olhamos para ele quando ele saiu de seu torpor e se levantou do chão.

Como se eles fossem acreditar nisso.

— Não, eu...eu bati nele .

Meus pais me encararam, os olhos de meu pai em particular lançando pingentes de gelo verdes.





— Você está bem, Jatin? — Marajá Naupure estendeu um longo braço para seu filho. Jatin não encontrou os olhos de ninguém enquanto acenava para o chão.

— Senhor, nem posso começar a me desculpar — disse mamãe, virando-se para o Marajá.

— Adraa — meu pai disparou.

— Sinto muito — sussurrei.

— Por que você bateu nele, Adraa? — A voz do papai era firme e cheia de advertência.

— Ele... — Olhei para Jatin. Ele finalmente desgrudou os olhos do chão. E eles estavam tudo menos calmos.

Caí de joelhos na frente de Marajá Naupure como minha posição de oração aos deuses.

— Sinto muito, Marajá Naupure. Não importa o que aconteceu. Não deveria ter batido em Jatin.

Depois de um minuto de silêncio aterrorizante, espiei através do meu cabelo, que estava enrolado em volta do meu rosto. Marajá Naupure estava tremendo e eu tremia. Íamos morrer. Eu tinha batido em Jatin e agora, como vingança, meus pais e eu seríamos mortos.

Um bufo abrupto quebrou a tensão. O Marajá estava... Rindo.

Marajá Naupure se abaixou e ergueu meu queixo para que eu encontrasse seu olhar. Ele olhou para mim de uma forma que me perfurou até o âmago. Então sorriu.

— Força é mais do que ficar de pé. — Com meu queixo ainda em sua mão, ele olhou para meus pais. — Ela foi feita para ser uma Naupure.





CAPITULO UM

UMA CARTA DE AMOR NADA ROMANTICA

ADRAA

É de manhã quando ouço a notícia que temo há nove anos. Estou comendo upma, com a boca e o coração funcionando bem, quando meu pai tropeça ambos com uma única pergunta.

— Você sabia que Jatin está voltando para casa hoje? — Ele ergue os olhos dos montes de relatórios que se espalham em pilhas circulares como um mapa topográfico dos campos de arroz do norte. Recusando-me a engasgar, minha boca se revolta e ejeto o mingau em vez de inalá-lo.

Minha irmã, Prisha, deixa cair a colher na tigela e ela faz barulho.

— Ai, credo.

O rosto da mãe se inclina em desgosto.

— Adraa.

Coloco a mão sobre a boca para criar uma barreira para que nada mais possa escapar enquanto tusso. Parece que vários órgãos surgiram em um golpe. Meu coração, o líder, dá uma guinada, tentando fazer uma pausa ou pelo menos arrancar as cordas circundantes de minhas artérias.

Os olhos do meu pai capturam os meus enquanto eles zumbem com insinuações.

— Estou supondo que isso é um não.





Nove palavras, uma para cada ano que não o via; isso é tudo o que preciso para lavar minha paz. Depois de todo esse tempo, Jatin está voltando para casa.

O sol decidiu que vai brincar de esconde-esconde com as nuvens, então, em intervalos cíclicos, a sala de jantar brilha com calor e depois se amortece em tons de cinza. Claro que seria durante um incêndio penetrante que a consistência da minha vida se desfaria. Minha mente tenta pegar cada palavra individual que meu pai proferiu, mas as deixa cair como uma criança desajeitada.

Jatin.

Chegando.

Voltando.

Hoje.

— Hoje? Como em algumas horas a partir de agora? — Tossi.

— Sim, é isso que *hoje* significa — Papai deixa de lado um grande relatório sem olhar para mim.

— Marajá Naupure não te contou da última vez que você o visitou? — Mamãe pergunta claramente satisfeita por eu não estragar a toalha de mesa finamente bordada.

— Não — digo — Quero dizer, ele pode ter... — Desde aquela primeira noite, anos atrás, Marajá Naupure e eu desenvolvemos um relacionamento amigável, além do papel de futuros sogro e nora. É sustentado por minhas entregas mensais de luz de fogo, que ambos usamos como desculpa para discutir tudo - política, economia, um projeto especial no qual estou trabalhando - qualquer coisa além de seu filho. Às vezes ele escorrega e eu finjo que meu cérebro escorregou. Mas eu não poderia ter realmente lido essas notícias, certo? Ficaria impressionada comigo mesma se a ansiedade





não estivesse abafando todas as outras emoções. Ignorar a ideia de Jatin e ser sua esposa é um segundo trabalho

— Oh, Adraa, — mamãe suspira.

— O quê? Não fui convocada nem nada e não estou programada para enviar minha luz de fogo hoje, então... Então não *vou*. — Envolver minha voz em confiança para que talvez eles não me pressionem. Um arrepio desagradável percorre minha espinha. Indo para o palácio, fazendo parte de um desfile de boas-vindas ao lar, tenho certeza de que toda Naupure comparecerá, vendo o menino que um dia seria meu marido. Meu coração engasga, mais um tremor para notar que não acabou de pirar. Depois de nove anos aqui, em Belwar, e Jatin, a 160 quilômetros de distância, treinando em uma escola preparatória sofisticada em Agsa, o noivado finalmente era... Real. Agora apenas o Monte Gandhak nos separaria.

— Tudo bem — diz papai.

Mamãe franze a testa.

— Você não acha que ela deveria pelo menos aparecer? Afinal, ele está passando *por* Belwar para mostrar seu apoio. Metade da cidade estará lá.

Papai finalmente ergue os olhos de seus relatórios e dá de ombros.

— Se Marajá Naupure não a convocou, deixarei isso para Adraa.

Mamãe pega um pedaço de naan e o rasga ao meio, com o nariz torto dilatado. Quando papai faz sentido e defende a liberdade de escolha, mamãe realmente não pode argumentar. A vitória voa através de mim.

— Acho que Adraa deveria ir! — Prisha exclama cabeça enterrada em seu livro de feitiços. Mas posso identificar o sorriso aninhado em seu tom. *Pequena...*

— Vamos deixar isso para Adraa — Papai reitera, e um silêncio pesado paira sobre nós, indicando que o assunto foi concluído. Olho para o meu café





da manhã, capaz de respirar novamente. Não vou ter que enfrentá-lo hoje. E esta noite vou inventar desculpas melhores. Embora eu tenha passado por todas as boas ultimamente.

Papai embaralha mais alguns papéis.

— Você também sabia que ele parou uma avalanche a caminho de casa? Este fato, infelizmente, sei.

— Sim, uma *pequena* avalanche — Giro minha colher no upma, empurrando os vegetais ao redor, o apetite oficialmente perdido. Prisha sorri para seu livro de feitiços. Não há nada divertido na logística da bruxaria, especialmente no décimo quinto ano. Ela simplesmente adora isso, adora quando posso provar que estou errada, quando posso ser superada em magia. E Jatin está sempre lá para provar isso.

— Parar uma avalanche de qualquer tamanho é impressionante, Adraa. Salvou meio vilarejo — interrompe mamãe.

— Estou feliz que as pessoas estejam seguras. — Eu cedo. — É só... Tinha que ser o Sr. Arrogante, Jatin Naupure, quem fez isso?

— Aquele garoto é muito proficiente em feitiços de neve, excepcionalmente, na verdade. Ouvi dizer que durante sua cerimônia real Dloc jogou uma nevasca nele e ele a derrubou em segundos.

Magia branca é o forte dele, pai. Ele deveria ser ruim com ela? É como ficar impressionado com o fato de que, como um forte vermelho, posso iniciar incêndios. Quase lembro meus pais do inferno estável que parei no ano passado, ou mesmo, queridos Deuses, o que faço quando saio furtivamente à noite, mas seguro minha língua. Porque isso precisa permanecer em segredo. E quem sou eu para falar, sério? Nunca salvei tantas pessoas. E ainda tenho que batalhar em minha própria cerimônia real e provar que sou capaz em todos os nove tipos de magia.





No momento seguinte, Willona irrompe na sala de jantar segurando uma tigela de mangas e a coloca sobre a mesa. Nossa mais velha e querida criada passa as mãos pelo avental e sei que ela está pensando em alguma coisa. Por que ela parece tão...

Oh não! Com os olhos arregalados, giro totalmente em sua direção e aceno com as mãos, mas é tarde demais, as palavras já estão saindo dela.

— O que dizia a carta dele, Lady Belwar? Sei que todo mundo na cozinha está morrendo de vontade de ouvir.

Cubro meu rosto. Isso é, quero dizer, *era* para ser nosso segredo. Preciso começar a subornar os funcionários do palácio? Mas mesmo isso pode não funcionar. Não posso confiar em ninguém quando se trata de Jatin. Nosso noivado é de conhecimento comum, muito público no palácio para tentar conter os rumores.

Mamãe senta-se mais ereta. Ela é uma louca por romance. Exceto que ela não tem ideia de que o que há entre mim e Jatin não é romance. É uma competição acirrada. E isso só pode terminar em desastre.

— Ele te mandou algo de novo?

— Hum, não, — minto.

— Adraa?

Prisha sorri do outro lado da mesa, desafiando-me a mentir novamente. Como pode alguém que parece tão jovem e inocente em todas as outras características ter uma boca tão travessa?

A carta queima quente no meu bolso. Acabei de recebê-la esta manhã e não tive vontade de abri-la. Sei sobre a avalanche. Ele vai esfregar na minha cara.

Sussurro.

— O quê? Devo ler em voz alta?





— Isso seria adorável.

Willona transborda de entusiasmo e depois bate palmas.

— Vou chamar o pessoal da cozinha.

— Não, Willona, não! — A porta se fecha atrás de sua forma em retirada enquanto sou completamente ignorada. Arranco a carta de seu esconderijo inútil. O sol se esconde atrás de uma nuvem mais uma vez, lançando a sala na luz do crepúsculo. Que apropriado. Abro o selo e examino o conteúdo para ter certeza de que nada é muito perturbador para dizer na frente de todos. A carta é curta, mas ainda digna de mordça, como sempre — Realmente? Vocês vão deixar isso acontecer... *De novo?*

— Deixe que eles se divirtam — diz o papai enquanto assina algo importante.

— Sim, Adraa, divirta-nos — Prisha me olha bem nos olhos.

— Diversão? — Esta era a minha vida amorosa, ou a falta dela. Não deveria ser... Divertida, especialmente para toda a nossa família, incluindo os funcionários.

Leva apenas quatro minutos para um quarto das bruxas que trabalham no palácio caírem no refeitório. Todas elas parecem vertiginosa ao ponto de combustão. Eu poderia sentir o mesmo se acreditasse em uma palavra do absurdo de Jatin.

— Ok, todos prontos? Só estou lendo isso uma vez. Zara? Estou olhando para você — Minha empregada revira os olhos e acena para que eu continue.

— *Querida* — começo. As mulheres suspiram em uma respiração ofegante. Oh, por favor! Dou-lhes um olhar severo sobre o pergaminho e começo de novo.





Querida,

Caso você ainda não ouviu, estou nos Alpes de Alconea, onde uma terrível avalanche quase destruiu a vila de Alkin. Consegui impedir a destruição e, com sorte, solidificar ainda mais minha honra aos seus olhos. Pois uma nota de agradecimento sua é tudo que sempre buscarei neste mundo. Um dia espero que possamos caminhar lado a lado nestas belas montanhas. Como eu desejo estar perto de você novamente! Meu coração dá um soco em antecipação.

Desejando-lhe meu amor,

Jatin

É uma farsa completa. Não vejo o menino desde aquela noite em que dei um soco na cara dele. Pensando bem, o que fiz deveria ser classificado como um empurrão ou um tapa, não um soco. Mal o rocei. Mas os detalhes ficam exagerados com o tempo. Ou melhor, Jatin gosta de exagerar. Na verdade, não gostamos um do outro. E certamente *não* nos amamos.

Olhando para cima, observo os funcionários da cozinha pendurados uns nos outros e se misturando aos tapetes.

— Sêrio toda vez, pessoal?

— Ele é tão apaixonado e romântico, — diz nossa cozinheira Meeta.

Zara canta:

— Leia a parte novamente sobre a apreciação em seus olhos é tudo o que ele procura.

Empurro a mesa e me viro para sair. A maior parte do meu público atende ao sinal e volta ao trabalho em suas partes designadas da casa. Apenas Willona e Zara ficam para trás, provavelmente para conversar com mamãe ou papai sobre alguma tarefa ou outra.





— Onde você está indo? Você não vai me ajudar na clínica hoje? — Mamãe pergunta, irritada com minha grosseria — E você precisa entregar a luz de fogo para o Vila Leste, certo?

Giro para trás.

— Hum, preciso de mais uma hora para preparar a luz de fogo para o Vila Leste.

Seus dedos cheios de upma param no ar.

— Você não terminou ontem à noite?

— Ah sim, é isso que estou dizendo. Não terminei.

— Ah, Adraa. — Ela libera sua carranca, a assinatura. — Essa é a quarta vez nos últimos dois meses que você fica para trás.

— Treinamento primeiro, depois uma hora de trabalho e estarei dentro do cronograma. — Fiz minha melhor cara de “não tem problema”.

Ela vê através de mim.

— Treinar primeiro? Adra, *não*. Basu espera mil luzes de fogo até o meio-dia.

Empurro a porta de vaivém, desejando escapar. Se mamãe insistir em explicar por que não acendi o fogo, ela pode começar a entender o que eu realmente faço à noite. Não posso deixar isso acontecer.

Willona me salva, com uma piada às minhas próprias custas.

— Oh, a senhorita Belwar fica tão entusiasmada com o treinamento depois de receber uma das cartas de amor de Jatin — Ela sorri e coloca uma mão perto de seu coração.

— Provavelmente para queimar aquele rubor. — Zara se abana e ri.

Aponto para o meu rosto.





— Não estou corando. — Embora possa ser difícil dizer, mesmo se eu fosse. Depois de mamãe, sou a mais bronzeada da sala, às vezes de todo o palácio.

— Ah, acho que não — Zara diz, soando muito desapontada. Um rubor cobre suas próprias bochechas, no entanto, o que me faz sorrir. Com certeza ela vai sair de fininho para as festividades e posso perguntar depois como foi o desfile de Jatin. Então posso perguntar sobre mais do que apenas o desfile; Eu poderia lhe perguntar sobre ele. Ele parecia gentil? Ele parecia legal? Ele parecia tão poderoso quanto deveria ser?

Ah, por que eu me importo com o idiota? Caminhar lado a lado nos Alpes de Alconeia? Ele sabe que nunca viajei de verdade, nunca me juntei a ele na academia um ano depois que ele começou. Sou a esquisita com um Toque de um braço só e, portanto, estou presa a esta parte do mundo para preservar a reputação de Belwar. Não pode ter a herdeira do trono fugindo para a academia, um lugar para mostrar os próximos grandes líderes de nossa geração, e se envergonhar. Empurro a porta de novo, pensando em treinar. Talvez eu seja uma vergonha. Ao contrário de Jatin, que aos nove anos poderia lançar todos os nove tipos de magia, meu lançamento de magia branca é horrível. Se Alkin dependesse de mim, aquela aldeia não teria sobrevivido.

— Tudo bem, uma hora para treinar, uma hora para acender o fogo, e então você está descendo para o Vila Leste — diz mamãe.

— Obrigada. Você é a melhor, mãe! — Grito.

Papai ergue os olhos de seus relatórios e levanta os dois braços.

— Ainda estou aqui, você sabe.

— Você também é o melhor, pai. — E ele era, por me livrar de ver Jatin hoje.





— Posso ir ao desfile, então? — Prisha pergunta. — Se Adraa não quer ver Jatin, eu quero.

Prendo a respiração. De alguma forma *isso era* uma boa ideia.

— Prisha, você tem uma prova — argumenta a mãe.

Graças aos Deuses. Posso aceitar o reconhecimento vertiginoso de Zara, mas Prisha me entregaria mentiras ou meias-verdades e eu teria que decifrá-las. Ou pior ainda, ela iria até Jatin e se apresentaria. Então eu teria que explicar que minha ausência era por medo e aborrecimento, não por obrigação de outros deveres.

Empurro a porta, feliz por deixar os protestos da minha irmã para trás. Uma vez sozinha no corredor e a caminho do pátio de treinamento, sussurro e toco a carta de Jatin com a ponta dos dedos.

— *Gharmaerif!* — Um brilho vermelho quente se espalha pela página e uma palavra clara e gelada na caligrafia confusa de Jatin, apenas para meus olhos, descongela e ganha vida. — *Ganhando.*

Sangue. É verdade.





CAPITULO DOIS

VOLTANDO PARA CASA E ODIANDO ISSO

JATIN

Acima. Lá no alto, onde as nuvens começam a flertar com o sol, Kalyan e eu voamos. É uma liberdade como nenhuma outra. Meu planador, mais branco que um osso, desliza sob meu controle em direção a casa. Estou indo para casa. Pensei que iria me acostumar a pensar assim depois da oitava hora de viagem mais ou menos. Mas não é como se eu tivesse escapado da jaula do meu nome e título. A escola tinha sido apenas uma prisão estendida, alcançando centenas de quilômetros do palácio para confinar meu coração e me prender à ambição. *Aprenda e treine, você deve, porque um dia você governará. Bagunçar ou desistir significa não apenas fracasso pessoal, mas também o fim do seu país.*

Suspiro e penso na avalanche pela centésima vez. Todo aquele treinamento acabou significando algo diferente de uma obrigação futura. Eu tinha salvado a vida das pessoas. Estava bem. É *uma sensação* boa. E pensar na avalanche leva meu cérebro ao território de Adraa e não posso deixar de sorrir. Ela deve receber a carta hoje. Ela deve saber o que eu realizei em Alkin. Esse feito supera tudo o que já nos gabamos antes. Estou definitivamente ganhando.

Meu guarda pessoal aproxima seu planador do meu.





— Ok, sei que você não gosta tanto de voar e voltar para Naupure não vai ser exatamente o melhor dia de todos, então o que é? Por que você tem esse sorriso ridículo no rosto?

Olho na direção de Kalyan. O vento chicoteia seu cabelo preto e carrega sua magia branca de seu planador voando atrás dele em rajadas. O branco também segue meu planador, mas o meu se mistura com as nuvens fofas; Kalyan satura o céu com um fluxo direto acinzentado.

— O que você está falando?

— O sorriso, aquele que você tem usado desde Alkin.

— Estou feliz por estar lá. Capaz de salvar todos aqueles...

— Você enviou a Adraa uma daquelas cartas sem sentido novamente, não é? — Kalyan balança a cabeça para mim. — Sei que estou certo.

Ajustando meu kurta, encontro o olhar penetrante do meu guarda-cabeça.

— Como você sabe?

— Eu te disse. Por causa desse seu sorriso ridículo. Você está tão orgulhoso de si mesmo. Você acha que está batendo nela.

Abro o sorriso para que meu rosto mostre apenas seriedade.

— Tenho muito do que me orgulhar. Olhe para esta bela terra. — Faço um gesto vago para baixo e, em seguida, dou uma olhada para que eu possa manter meu sorriso sob controle.

Alguns quilômetros à minha esquerda, o oceano se assenta, lava e flui em uma massa inacreditável. Só posso compreendê-lo porque estou alto o suficiente para entender o quão longe no para sempre se estende. Por alguma razão, quilômetros de oceano parecem mais assustadores do que as intermináveis calotas nevadas e o verde das montanhas que se erguem à minha direita. Talvez eu esteja muito acostumado com as montanhas: nasci





dentro delas, então sua ascensão para encontrar meu voo é como se os picos estivessem tentando fazer cócegas em meus pés ou apertar meus ombros, uma calorosa saudação familiar. Nas últimas seis horas de voo o oceano manteve-se constante, mas as montanhas cresceram e sei que estou quase em casa.

— Orgulhoso de? Ainda não estamos em Naupure. Ou está insinuando que será seu porque estamos nos aproximando de Belwar? — Kalyan pergunta.

— Não, eu não pretendo conquistar.

— Claro, será praticamente seu de qualquer maneira quando você se casar.

Não estou com vontade de responder. Se não fosse Kalyan, se eu não soubesse que ele estava brincando, essas seriam palavras de duelo. Kalyan se inclina para trás em seu parapente, o vento batendo na cauda do kite em um ângulo diferente.

— Você acha que ela estará no palácio? — Seu tom é curioso, interessado. Se eu tivesse feito à pergunta, as palavras teriam se afogado em ansiedade.

Dou de ombros.

É tão fácil pensar em Adraa como alguém para provocar, desafiar, mas é aí que termina nosso afeto mútuo. Sinceramente, não a conheço muito bem. Existem apenas algumas variáveis que posso definir. Um: ela é competitiva, quase ao ponto de cruel. Dois: ela se irrita facilmente com um temperamento que experimentei em primeira mão. Tudo o mais habita na terra de supostamente. Como supostamente ela é linda, supostamente ela é brilhante, supostamente ela é gentil. Todas as palavras do meu pai. Mas acho que ele tem direito a essas opiniões. Ela praticamente cresceu com o homem,





enquanto eu, por outro lado, fui mandado embora. Sou o estrangeiro nesta situação. Mas agora, finalmente vou entendê-la sozinho, em vez de ler sobre ela nos relatórios do palácio. Fiz dezoito meses atrás. Se vamos nos casar, será em breve. Minha boca fica seca. Eu quero que ela esteja no palácio? O “não” cambaleia diante de mim. Não a quero lá ainda, não quero enfrentar meu futuro no momento em que passar pela porta de gelo.

Kalyan desliza perto, muito perto mesmo, mas somos habilidosos o suficiente para fazer isso. Ele dá um tapa no meu ombro, obviamente ciente do meu desconforto repentino.

— Ei, nós já conversamos sobre isso. Ela não pode ser tão ruim.

Suspiro e passo a mão pelo meu cabelo.

— Sim, papai simplesmente a ama. — O que na verdade torna tudo pior, muito pior. Como posso escapar desse arranjo quando o homem cujo respeito eu desejo mais do que qualquer um no mundo admira uma cabeça quente temperamental que é totalmente errada para mim?

Kalyan não responde. Ele gosta de encontrar suas palavras, certifique-se de que elas transmitam algo importante ou pelo menos criem uma piada. A mera conversa por falar é deturpação sem sentido para ele. A escola era um momento muito tranquilo tendo-o como meu amigo mais próximo, mas no ar, de frente para casa, aprecio esse silêncio. Sem dizer nada, ele estende o antebraço. Rapidamente bato o meu contra o dele antes que ele se mova alguns metros para se proteger. É o suficiente.

À nossa frente, três dos meus guardas mais velhos voam uma pequena procissão considerando que quando saí para a escola aos nove anos eu tinha doze guardas. Não que esperemos algum perigo, mas é uma longa jornada. Alguém pode ter um esgotamento. Acidentes acontecem. Apenas quatro





estações voadoras, plataformas movidas à magia amarela para descanso e recuperação, pairam ao longo de nossa rota atual.

Principalmente, porém, tudo se resume a eu ser o único herdeiro, não apenas o único filho de meu pai, mas seu único filho. Eu deveria ter uma irmã. Também deveria ter uma mãe. Até agora quase parei de notar a gaiola de precaução. Quase.

Daqui só consigo ver o chicote das capas e a magia dos guardas. Jatos laranja, amarelo e azul saem da extremidade de seus planadores e se dispersam antes de chegar a Kalyan e a mim, proibindo assim o potencial cruzamento de magia que poderia nos mandar em direção aos pés da montanha.

De repente, o amarelo cai e meu corpo se contrai.

— *Vardrenni*. — Corro para um feitiço para ter certeza de que Samik não foi atingido ou adormecido, para ter certeza de que ainda posso salvá-lo. A fumaça branca borra meus olhos por um segundo e minha visão aumenta, ampliando Samik, que está descendo e caindo de propósito. Suspiro. Apenas um relatório então, mas eu fico alerta de qualquer maneira. Deveria estar prestando mais atenção, não pensando em Adraa ou em meu pai.

Samik leva apenas um minuto de voo intenso para mergulhar e depois subir para cair em linha ao meu lado, a habilidade de um forte amarelo.

— Raja Jatin. — Ele coloca o indicador e o dedo médio na garganta em saudação. Eu espelho a ação.

— Sim?

— Estamos nos aproximando do Vila Leste de Belwar, onde encontraremos a carruagem.

Ótimo. Simplesmente ótimo. Não apenas desfilar para o meu pai, mas também para os Belwars. Uma em particular tem certeza.





— Obrigado, Samik. — Pressiono meus dedos contra meu ponto de pulsação novamente e ele me copia, acrescentando uma reverência mais profunda. Então ele espera um momento para pegar o vento e descer. Tanta honra e tradição; tanto respeito. Mas quem é Samik além dessa saudação? Algo parece sussurrar que nunca vou saber. Em parte, é o jeito Naupure. Somos formais por natureza. Mas é mais do que isso. Não discriminamos com base no forte de alguém, ao contrário do país de meu tio, Moolek, mas a propriedade ainda é governada por quantos tipos de magia alguém pode lançar. Numa terra em que a maioria aguenta no máximo quatro tipos, sou uma novidade. Um nove. Também sou o herdeiro do trono. Para algumas pessoas, sou a personificação de um deus. Essa última parte sempre foi esmagadora. Mas isso não impede que todos concedam seu respeito final e isso significa que recebo guardas, recebo lealdade, recebo reverência. Nunca amizade.

Kalyan se aproxima mais em vez de gritar.

— Acha que devemos trocar quando pousarmos? Afinal, estamos fazendo aquela coisa toda de carruagem para desfilar pela vila.

Toco minha kurta azul simples e olho para a fina jaqueta bordada de Kalyan com o emblema da minha família, uma montanha contraída pelo vento costurada no tecido. Somos tão parecidos, como irmãos: cabelos pretos, olhos escuros, tez morena clara, até mesmo queixo quadrado combinando. Ele é meu guarda por esse motivo, representando-me sempre que viajamos ou para ir na escola. A verdadeira diferença está no fato de eu ser uma cabeça mais baixo que meu amigo, mas isso me disfarça ainda mais. Todo mundo espera que um marajá seja alto, imponente. Apenas meu toque me denuncia, o poder de meus estudos e sangue correndo por ambos os meus braços para encontrar meus ombros. Escondido em mantos e um kurta de mangas





compridas, apenas nós cinco surfando nas montanhas podemos me identificar como um Raja.

— Você não quer fingir ser eu pela última vez, pelo bem do meu humor? — Estou me agarrando, e ambos sabemos disso.

Kalyan suspira, deixando-me entender de qualquer maneira.

— Tudo bem, mas assim que passarmos pelo Monte Gandhak, vamos trocar. *Não* estou subindo para o Palácio Azure e batendo na porta de gelo usando isso.

— Combinado. — Sei que nunca mais vou me disfarçar como um simples guarda. Já sofro pela facilidade, pela simplicidade de fingir que um dia não vou governar o país.





CAPITULO TRES

UM PEQUENO LADRAO

ADRAA

– *Himadloc* – canto. Fluxos vermelhos de magia escorregam de meus dedos e correm em direção a uma tigela de água. O líquido se agita e lentamente, muito lentamente, endurece, racha e finalmente congela. Suspirando com aquela tentativa patética, volto para a varanda coberta, onde o livro mais gordo da história está sobre um pódio. Folheio-o, procurando por outros feitiços simples de magia branca.

Uma porta para o pátio de treinamento se fecha, o que só pode significar uma coisa.

– Ei! Seu treinamento de cerimônia é daqui a três horas. Por que você começou sem mim? – Quando não olho para cima, minha melhor amiga bate com a mão na página que estou lendo. – Adraa. O que está acontecendo? Aconteceu alguma coisa?

– Não. – Dou de ombros e afasto a mão de Riya.

Ela olha para o parágrafo.

– Feitiços de neve, sério? É melhor me mostrar à carta agora.

Finalmente olho para Riya, que está balançando a cabeça porque ela sabe que eu só fico *desesperada* com a magia branca quando me lembro da minha cerimônia real. E Jatin em qualquer forma é o lembrete final. Oh Deuses, ele realmente está voltando para casa hoje.

– O quê? Você é mais fácil de ler do que essa coisa antiga. – Ela levanta um canto do livro e o deixa cair para enfatizar.





— Ressinto-me disso. Sou complicada, misteriosa e...

— E se preocupando com um menino? — Riya arqueia uma de suas sobrancelhas grossas.

Tiro a carta do bolso e a entrego.

— Não estou preocupada com ele. Estou preocupada com... Com...

Riya levanta a mão, minhas explicações gaguejando enquanto ela examina a carta. Ela finalmente encontra meus olhos novamente.

— Acho que ele está meio que ganhando.

Rasgo a carta dela.

— Você não deveria me apoiar?

— Eu protejo sua vida, mas a descrição do trabalho não diz nada sobre ser legal com você. — Sua mão repousa sobre a lâmina em tom insinuante, mas ela também sorri.

É uma piada de mau gosto. Sete meses atrás, não havia descrição de cargo. Sete meses atrás, Riya só precisava se preocupar em ser minha melhor amiga. Então três criminosos Vencrin encurralaram meu guarda-costas pessoal, Sr. Burman, seu pai. Eles o atacaram com feitiços de tortura até ele entrar em coma. Riya assumiu o manto de seu pai para me proteger sem hesitar. Mas diminui em nós, endurecendo nosso relacionamento outrora confortável.

E às vezes parece que tudo que posso fazer é mudar de assunto.

— Tenho que fazer mais luz de fogo e entregá-las ao Vila Leste. Você está dentro?

— Claro. Posso pelo menos sair disso?

Uma piada de novo, mas esta morde porque acho que parte dela está falando sério.





- Não se preocupe com coisas insignificantes como algumas palavras.
- Dou um tapinha em seu braço de brincadeira enquanto pego os orbes para a luz de fogo, esperando que ela saiba o quanto *quero* dizer isso.

Ela tira minha distração, porém, e ajuda a transportar a tigela com centenas de pequenos orbes para o enorme pátio. As pétalas da luz do gelo estalam sob nossos pés, perfumando o ar com o cheiro de neve fresca, embora seja verão. Essas flores gostam de passear em meus campos de treinamento como se fossem donas do lugar, o que elas meio que fazem. Centenas enfeitam o chão, assumindo o controle e não deixando nada além de um brilho de azul salpicado de branco. Uma vez pegaram fogo e quase queimaram os pilares arqueados de madeira que nos cercam. Aprendi um feitiço de extinção bem rápido depois de Riya e salvei o palácio com uma onda de água da fonte borbulhante. Rio com a memória enquanto limpo algumas das flores para revelar a sujeira por baixo.

- Você quer tentar de novo? — Pergunto, apontando para a pilha de esferas e o local vazio que criei.

Riya sussurra.

- Você sabe que não sou boa o suficiente com magia vermelha.

Imito seu sussurro.

- Sim, apenas uma ilusão.

- Bem.

Ilumino e coloco dois orbes no chão.

- Repita depois de mim e lembre-se de levantar a voz enquanto fala.
- Esta não é minha primeira vez, Adraa.

Não me desculpo – Riya não gostaria que eu o fizesse – e começo o feitiço. Sussurrando no início e terminando com um grito, Riya e eu usamos nossa mágica.





– *Erif Jvalati Dirgharatrika...*

Fumaça roxa sai das pontas dos dedos de Riya, sangues vermelhos da minha. Ambos os fluxos de cores atingem os orbes e rajadas de fogo dentro de cada caixa da esfera. Meu coração explode quando vejo Riya se curvar para pegar seu orbe com sua pequena chama brilhando dentro.

– Você...

Ela sopra forte na pequena vida e um fantasma esfumaçado flutua para cima ao passar.

– Não fiz isso.

Agarro meu próprio orbe, sopro o mais forte que posso. A vida não pisca. A chama vermelha-sangue realmente parece se alegrar com o desafio, inundando minha mão com luz. Com um clique, fecho o orbe.

– Uns feitos faltam trezentos.

– Vou te fazer companhia.

Enrolo minha manga rosa rígida para deixar minha magia respirar.



Menti para minha mãe; levou bem mais de uma hora para fazer trezentos orbes de luzes brilhante e inabalável. Mas desde que Riya interrompeu meu triste esforço para tentar melhorar a magia branca, estou adiantada. Sento-me para descansar junto à fonte central dedicada a Retaw. Riya me dá um copo de água e eu bebo.

– Sabe, posso ver porque você não pode fazer muita coisa com neve e frio. Observar você fazendo isso... — Riya pega uma orbe de luz de fogo — ... Faz sentido.





— Uh-huh. — A porta de gelo do Palácio Azure voa em minha memória. Nunca serei capaz de fazer algo assim, e uma porta de fogo soa perigoso. Minha magia forte é perigosa. Uma Rani destina-se a extinguir problemas, apagar incêndios, não iniciá-los. E é isso que eu quero criar, não destruir. Aquela bolinha de luz vermelha que ela segura é a primeira coisa boa que consegui fazer.

— Estou falando sério. O que há de tão bom no frio, afinal? Quem gosta de frio? — ela pergunta.

Dou um sorriso tenso.

— Obrigada. — Não posso expressar minha falta de progresso com a magia branca novamente. Quando eu fizer dezoito anos em um mês e meio, quarenta e cinco dias para ser exata, devo mostrar meu talento a todos os nove deuses e pedir suas bênçãos. E embora seja muito bom que eu seja mais poderosa no fogo do que qualquer um que já conheci, o fato é que Dloc, o deus branco, pode não me aceitar. E ninguém quer ser derrubado do pódio por uma nevasca. Isso poderia me matar. Ou melhor, os deuses poderiam me matar. Se eu fosse uma belwariana normal, isso não importaria. Não tentaria a cerimônia, porque ser talentoso o suficiente como um oito é incrível. Mas sou quase um membro da realeza, uma futura Marani de Wickery, e não posso governar a menos que consiga controlar todos os nove tipos de magia e provar isso aos deuses e ao meu povo.

A princípio, negligenciei a magia branca porque era difícil para mim. Então planejei que ter oito anos toda a minha vida significava que eu poderia sair do meu noivado e me casar com outra pessoa, mas alguns anos atrás percebi o quanto ajudar meu país, ou melhor, meu povo, era importante para mim. Posso não querer me casar com Jatin Naupure, mas quero me tornar





uma Marani e liderar Belwar de alguma forma. Passar na cerimônia é mais sobre ganhar o título do que ganhar um marido.

No entanto, há muito tempo, reconheci o quanto todos desejam que esse casamento arranjado funcione, como seria bom para Wickery. Meus pais e Marajá Naupure decidiram esperar até que Jatin e eu fôssemos mais velhos antes de nos unirmos com o selo sagrado e obrigatório de um contrato de sangue, que é um protocolo normal que eu, de oito anos, não compreendia. No entanto, isso não impediu um acordo verbal, que é quase tão obrigatório quando se trata de magos com tanto poder. O que não ajuda é o fato de Jatin Naupure me escrever cartas de “amor”. Do ponto de vista deles, meus pais não têm motivos para desencorajar o acordo. Mais um motivo para culpar Jatin por essa bagunça. Além disso, Marajá Naupure realmente me ama, me quer como sua nora, não importa minhas fraquezas. Mas ele não entende o quão profunda é minha fraqueza em mergulhos na neve. Olho para os meus braços. Um está encharcado de redemoinhos e desenhos, o outro liso e tão obscuro quanto o resto de mim. *Você pode fazer isso ainda?* A voz de Jatin dispara.

É nessas horas que eu gostaria de ser naupuriana. A cerimônia de Jatin foi na academia sem grandes afazeres e onde passar é tudo o que importa. Ele é apresentado como o herdeiro de Naupure desde o nascimento, ambos os braços gritando talento, dúvida inédita. Em Belwar é diferente. No meu aniversário de dezoito anos, minha cerimônia será minha primeira grande entrada para o povo. Caminharei pelas ruas de Belwar envolta nas nove cores e farei meu julgamento no coração do templo de Belwar, durante o qual temo que meu único braço transmita apenas dúvidas.

Levanto-me do chão e ando.





— *Himadloc* — mando para a tigela de água. Os fios vermelhos de fumaça riscam a água e depois nada. Estou cansada, tento dizer a mim mesma. Acabei de terminar trezentas luzes de fogo, raciocinei. As mentiras não funcionam.

— Tem certeza que não está praticando tanto porque quer ficar com Jatin? — Riya pergunta.

Giro para dar a ela um olhar sujo.

— Por que todo mundo pensa isso? Como se fosse estranho eu querer ser uma rani e não uma esposa.

Ela ri e aponta para minhas mãos. Em algum momento durante o meu passeio, peguei a carta de Jatin novamente.

Encolho-me e deixo a carta cair. Então me debato enquanto pego o papel enquanto ele flutua sobre a fonte borbulhante.

— Sangue. — Esfrego minhas têmporas e deslizo pelo pilar mais próximo.

Riya ri do meu enfraquecimento dramático e chuta meu pé com a bota.

— Você ainda está tendo aqueles pesadelos do quarto vermelho?

— Apenas uma última noite. Mas não é isso. É... Ele... Ele chega a casa hoje — gemo em minhas mãos.

— O quê? — ela grita. Surpreendi Riya, o que é um desenvolvimento incomum. Espreito para ver sua confusão, feliz que outra pessoa sente que isso é sério o suficiente para justificar o estresse.

— Deuses — ela suspira, antes de cambalear em seu choque. — Mas ainda temos tempo. — Riya é a única que realmente entende a extensão do meu problema. Claro, meus pais sabem até certo ponto, mas eles acreditam que vou me recuperar com mais prática. É por isso que ainda posso treinar no meio do dia. Explicarei a Marajá Naupure, mas uma coisinha chamada





orgulho atrapalha, e me recuso a contar a Jatin, nunca. Ele não pode ter outra coisa para zombar. É assim que o imagino escrevendo em sua escrivania - sarcástico. O garoto precisa de um impulso de ego tanto quanto eu preciso de outro lembrete de que estou perdendo. Que eu possa perder tudo.

– Vamos indo. Eu quero voar, esquecer tudo isso por um tempo – digo.

Riya acena com a cabeça enquanto examina seu relógio.

– Sim, estamos atrasadas de qualquer maneira.

Os pequenos tocos de nossos planadores estão pendurados no pátio de treinamento presos a um poste de madeira. Com um rápido feitiço verde, o poste se desenrola e libera Hubris em forma condensada. Riya continua olhando para mim, a preocupação atraindo suas sobrancelhas cheias para mais perto de seus olhos escuros. Continuo como de costume, tentando transmitir através de minhas ações que estou bem e sem medo da minha cerimônia iminente ou do meu casamento.

Com um golpe forte e um feitiço simples, o tubo de madeira de 20 centímetros de comprimento se alonga. A alça, amarrada em vime entrelaçado, se estende e, na cauda, dois pedaços de tecido vermelho em forma de pipa se desdobram e se enrijecem com um estalo, como quando o vento pega uma vela. Sorrio para a forma completa de Hubris enquanto canto o feitiço de voo que lançará ambas no ar. O vermelho da cor do sangue se acumula no vime tecido, encontrando e encharcando seu caminho nas lascas da madeira. Adiciono um pouco de magia extra para suportar o peso adicional de dois alforjes cheios até a borda com a luz de fogo.

Antes de me instalar em Hubris, ajusto meu cinto e refiz o nó da minha saia laranja sobre minha calça rosa enquanto Riya veste um par roxo. No palácio, normalmente uso calças por baixo da saia envolvente porque, bem...





Digamos que tenho sido tão ativa e esquecida no passado que a Zara nunca cria um conjunto sem elas. Riya, no entanto, é mais adequada e elegante. Qualquer pessoa de fora, porém, pode pensar que sou a mais modesta e tradicional, com minha dedicação às mangas compridas. Eles estariam errados, é claro.

Quando você tem menos de dezoito anos, é melhor usar as cores de seus pais em público. Então, enquanto eu estou condenada a usar roupas laranja claro e rosa brilhante, Riya, que é três anos mais velha, pode usar o que quiser. Como na maioria dos dias, ela ostenta o roxo de seus pais e um azul suave que fica fantástico com sua pele morena clara. Um dia o sol de nove pontas também será costurado em minha roupa, mas o emblema real de Belwar só será colocado após a cerimônia. Não consigo me livrar do fato de que não estou pronta para o trono.

Cruzo as alças de dois grandes alforjes em volta dos meus ombros. Riya faz o mesmo, levantando-os sobre a cabeça antes de montar em seu parapente flutuante.

— Pronta? — ela pergunta. Arrumo a alça enrolada de uma dos alforjes mal-humorados antes de acenar com a cabeça e socar meus pés com força no chão.

— *Makria!* — Riya e eu gritamos. Pétalas de luz de gelo explodem no ar enquanto voamos para cima. O aperto pegajoso da umidade se afrouxa quando o vento agita minha blusa. O aroma da geada perdura até que a fábrica de cheiros da mamãe assuma o controle. Anos atrás, mamãe se apoderou da ala leste do Palácio Belwar e a converteu em uma farmácia e posto de saúde. Pode cheirar a qualquer coisa, desde pés de gaivota podres até flora primaveril. Enquanto deslizo pelo telhado de minha casa e pela





cozinha de poções de mamãe, o cheiro de limão e peixe circula no ar. Nada mal, já que tudo perto da costa cheira a peixe de qualquer maneira.

Já quinze metros no ar, posso ver a fila de pessoas reunidas do lado de fora dos portões do palácio e curvadas na esquina. Um bebê chora. Os idosos mancaram para frente. Crianças mais novas saltitam ansiosamente, enviadas para buscar as poções de minha mãe. Um sorriso agri-doce aparece nos lábios de Riya quando ela chama minha atenção. Sei como as filas de pessoas à procura de remédios podem descontraí-la. Elas me relaxam também.

Estamos voando bem sobre o pai dela. O quarto do Sr. Burman fica perto da ala leste, perto o suficiente de todas as poções e magia rosa para nos lembrar de que ele precisa da experiência de minha mãe para continuar respirando. Ela sabe o quanto isso me destruiu também. Ele foi meu tutor antes de se tornar meu guarda-costas. Ele me ensinou a voar. Ele me ensinou a lutar. E nove anos atrás, depois que voltei de minha visita a Naupure, foi ele quem me pegou chorando por causa do meu Toque. Foi ele quem me puxou de lado e disse:

— Uma verdadeira Rani não precisa ter magia ou a bênção de um deus. Uma verdadeira Rani apenas ajuda as pessoas.

Ele é uma das razões pelas quais sou do jeito que sou, porque estou fazendo o que faço quando saio furtivamente à noite. Ele sempre sabia o que dizer. Às vezes eu também, mas hoje, como a maioria, estou sem palavras para minha melhor amiga. Nós fluímos para cima e para o leste em silêncio.

Ancorado entre montanhas verdejantes fica o vale cavernoso de Belwar, minha cidade e lar. À medida que subimos, posso ver até onde meu país se estende para incluir as aldeias menores aninhadas nas montanhas do norte e entre os campos de arroz. Mas a maioria da população que meu pai e minha mãe protegem está aqui, agitada e se movendo abaixo de mim e de Riya.





É o lugar mais diversificado de Wickery. Belwar sempre foi um porto de embarque para viajantes, pechinchas e estrangeiros. Então, cinco anos atrás, a Monção da Baía Sul devastou o sul de Agsa e os refugiados fugiram para cá. A Ilha do Pire, ao largo da nossa costa, ficou sem os carregamentos habituais de produtos agrícolas, o que enviou outra onda de requerentes de asilo. Com mamãe sendo Pire, nós os recebemos de braços abertos.

Seria fácil para o meu país segregar-se como Moolek faz, com base na tradição religiosa e na cor forte. Ou por qualquer outra faceta ao longo da qual o ódio gosta de dividir. Por cor de pele como Agsa, por gênero como a Ilha Pire ou por nível de poder como Naupure. Nós não. Embora possamos ter um problema com o estigma perpetuado contra os Intocados, com metade da população impotente, estou orgulhosa. E farei qualquer coisa para ser uma “verdadeira Rani”.

Belwar pode ser pequeno, um lago comparado com o lago que Marajá Naupure controla ou o oceano de terra que Marajá Moolek governa, mas é o lar. As quatro aldeias, indicadas em termos geográficos simples - norte, sul, leste, oeste - todas se dividem para fora do Palácio de Belwar. Eu vivo no centro de uma bússola. Talvez seja por isso que quero tanto manter meu título. Ser uma Belwar me dá direção e propósito. Sem isso, o que eu sou realmente?

Olho para o oeste em direção ao Monte Gandhak, o vulcão imponente que separa minha terra da de Jatin. É um marco de distinção agourento, mas adormecido, que lança uma grande sombra. Ele já estava lá?

Leva apenas sete minutos de voo concentrado para chegar ao Basu. Não há tempo suficiente para limpar minha cabeça de Jatin ou da iminente cerimônia real. À medida que descemos para o Vila Leste, vejo a loja de Basu imediatamente, uma fortaleza espessa e empilhada. Basu cai e acena para





mim, o que é bastante irritante. *Sim, eu vejo você!* Quero gritar. Riya e eu pousamos com apenas um leve redemoinho de ar voando e girando ao nosso redor.

— Estava preocupado que você se atrasasse de novo — diz Basu, seu tom aumentou para capacidade crítica e tingido de impaciência. Que combinação maravilhosa.

Sorrio.

— Não sentiria falta do seu charme e calor, Basu.

Riya balança a cabeça, mas para olhos destreinados parece que ela está apenas tirando um dos pesados alforjes. Puxo meu próprio alforje sobre minha cabeça, mas ela puxa em protesto. A alça bate no meu ombro e giro para encontrar um garotinho, de cerca de sete anos, segurando uma das luzes de fogo. Ele enfiou a mão na bolsa e pegou.

— Ei! Isso não pertence a você! — Basu ruge.

Os olhos do menino se arregalam, estalando entre lutar ou fugir. Ele escolhe fugir. Ladrões sempre escolhem fugir.

— Pare ele, alguém o pare. — Basu salta para a estrada, acenando com os braços peludos para indicar o menino.

A luz de fogo custa três cobres, literalmente uma das coisas mais baratas do nosso país - me certifiquei disso. Então, por que roubar? O menino era tão pobre? Jogo os dois alforjes nos braços de Basu.

— Irei pegá-lo.

— Adraa! — Riya grita.

— Cinco minutos, já volto. — Aceno em segurança.

Tenho que descobrir.

— *Tvarenni* — sussurro, e envio magia laranja para as minhas pernas para alcançá-lo. Mas o menino é rápido como se tivesse memorizado as





curvas de cada beco. Isso pode ser mais desafiador do que eu pensava. Ele se abaixa em uma rua lateral obscura onde um bando de aldeões está lavando e tingindo roupas. Eles gritam em protesto enquanto o menino passa voando pelos lençóis que estão secando. O caminho se transforma em centenas de degraus, incrustados de seixos e cobertos de musgo. Ainda posso vê-lo, saltando para cima, para cima, para cima.

— Ei! Garoto! Só quero conversar! — Grito. Ele se vira, se sacode e sobe as escadas voando ainda mais rápido. — *Zaktirenni!* — Grito, disparando energia em meus músculos.

Subo as escadas e minha magia laranja me leva a quatro passos do ladrão. Estendo a mão para enganchar o braço dele quando, *droga*, um tapete empoeirado me dá um tapa na cara. Uma mulher se inclina para fora da porta de onde jogou a coisa coberta de poeira na escada.

— O que...

Sou derrubada de lado e meus pulmões entram em turbulência. Minha garganta já não teve o suficiente disso hoje? Tossindo e ofegando, observo a mulher horrorizada juntar as peças do objeto do tamanho de uma pessoa contra o qual seu precioso tapete se deparou.

— Sinto muito, Lady... — Ela começa a fazer uma reverência trêmula, mas eu aceno com as mãos.

— Não se preocupe com isso.

— Mas...

Vejo o garoto no topo da escada, olhando para mim. Então ele desvia para a esquerda.

— Ah não! — Salto para frente, dando dois passos de cada vez até chegar ao topo. E então estou na ponta dos pés enquanto várias cabras passam. Uma movimentada praça da cidade está diante de mim, dia de





mercado em pleno andamento. Pessoas com roupas coloridas se acotovelam. Vendedores gritam de barracas abertas. Grandes e largas tigelas de frutas e especiarias de cores diferentes jazem no chão diante de mercadores ajoelhados.

— Preste atenção! — O pastor grita comigo por quase colidir com seu gado. Isso ficou mais difícil.

— *Vindati Agni Dipika*, — sussurro. Gavinhas de névoa vermelha saem de minhas mãos, procurando minha própria criação, minha luz de fogo. Mais do que a intuição, força minha cabeça para a esquerda. Pego o garoto se esgueirando por uma barraca de vegetais, abraçando a bola de luz contra o peito. Corro para frente, passando por pessoas que estão paradas ali. Por que o mercado está tão lotado? Por que as pessoas não estão andando por aí, fazendo compras? Todos ficam parados, carrancudos, enquanto eu giro entre eles.

O garoto me vê chegando, mas já estou perto, à distância de dois corpos. Ele dispara para o quadrado aberto. Tarde demais, percebo por que ninguém está se movendo, apenas parado e olhando para o caminho central. Uma carruagem, azul brilhante, enfeitada com ouro e puxada por um grande elefante, ronca ao longo do caminho. O garoto olha para mim, não para o que ele está prestes a encontrar. Tudo desacelera.

— Pare!

O elefante se assusta, trombeteando para as nuvens. Nenhum feitiço de magia verde para combater ou deter um animal vem à mente.

— *Tvarenni!* — Grito. As pessoas ao meu redor podem prever a tragédia, a confusão sangrenta em que o menino está prestes a se transformar. Seus suspiros e gritos abafam minha própria voz. Alguns abrem caminho para mim, desviando para o lado para criar um caminho livre para





interceptação. Empurro os outros. Mais uma vez grito o feitiço de velocidade e meu corpo é envolto em vermelho – *Tvarenni!*

O elefante salta para o céu. As mãos do menino se erguem. A luz do meu fogo brilha, a primeira coisa que o elefante vai esmagar. E despejo cada grama de magia que tenho em meus músculos. Devo ter me movido mais rápido do que nunca, porque de alguma forma eu bato no garoto e viro ao mesmo tempo. O elefante pisa no chão, a um braço de distância da minha cabeça. Estremeço e rolo a mim e ao garoto mais para a direita.

– *Matagga Zantahihtrae*, – canta uma voz masculina.

Rolo de novo, o menino e eu, caindo na terra. O elefante não move mais um músculo, mas trombeta suavemente em frustração. *Sim, eu também, amigo.*

Sento-me, atordoada com a quantidade de magia e medo persistente em minha corrente sanguínea. O menino choraminga quando me mexo. Processo o barulho de seu choro pesado ao mesmo tempo em que uma voz masculina grita:

– Estão todos bem?

Não posso me virar exatamente com o garoto preso a mim como uma sanguessuga, então levanto uma mão fraca.

– Sim, estamos vivos. – Os rostos na multidão ficam boquiabertos, as mãos se estendem. Graças aos Deuses ainda não tenho dezoito anos, que essas pessoas não têm ideia de que essa garota suja pode ser sua futura governante.

Alguém se inclina sobre mim, bloqueando o sol ofuscante e o borrão de rostos. Tem que ser quem estava na carruagem. Antes que eu veja seu rosto, um emblema costurado em sua jaqueta me cumprimenta, uma montanha coberta de neve cercada por um vento azul, o emblema de meu noivo. Raja... Raja Jatin.





Luto como nunca antes, tanto o cérebro quanto o corpo estão em conflito.

— Ahhh.

Mais uma vez, ele fala com uma voz rica que só pode ser descrita como masculina.

— Você está bem?

O menino chora ao meu lado. A multidão murmura. Mas o barulho deveria ser mais alto, deveria ser tão forte quanto a voz questionadora. *Estou bem?* Algo em mim parece estar funcionando mal. Outro homem aparece atrás de Raja Jatin.

— O elefante e todos os outros estão bem — diz ele. — Ela e o menino estão bem?

— Acho que ela bateu com a cabeça, — diz Raja Jatin.

— Eu, hum, estou bem. — Bem? Realmente? Isso é tudo que eu posso pensar? O constrangimento, porque sabe que tem o direito de invadir essa situação, se insinua em minhas bochechas e se espalha por todo o meu corpo. Devo estar mergulhada em um vermelho fumegante diferente.

Raja Jatin dá um passo para trás e se vira para a multidão, deixando seu guarda, ou quem quer que seja assumir o controle da situação que criei de forma tão incrível. O guarda bagunça o cabelo do menino que chora.

— Ei, acabou. Tudo bem. Sua irmã salvou você.

O menino finalmente olha para cima e perscruta meus olhos.

— Você me salvou. — Ele funga. — Por quê?

— Ah. — Não consigo ser articulada agora, muito menos responder por que valorizo a vida. A resposta simples - *porque* - parece desanimadora e tola. O que realmente sai da minha boca é muito pior. — Apenas responda minhas perguntas, ok? Não fuja.





O menino assente. Em um movimento, ele desembrolha os braços da minha cintura e mostra a luz do meu fogo.

— Aqui, é seu.

Estendo a mão para pegá-lo, mas meu braço esquerdo cai ao meu lado, flácido como gelatina. Dói como se as terminações nervosas tivessem sido quebradas. Sangue, de novo não. Agora não! Pego o orbe com a mão direita e o deixo cair no meu colo. Como vou escapar dessa confusão? Para me esgotar neste momento...

Olho para Raja Jatin, que parece rígido, como uma estátua em um pódio se dirigindo à multidão. Seu guarda, no entanto, está encantado com minha conversa com o menino. Confusão marca suas feições.

Ele se levanta e o menino o segue. Todos estão esperando por mim. Até a multidão se esforça para dar uma olhada na garota tola que correu em direção a uma carruagem real e agora não consegue se levantar.

Quando não me levanto, o guarda ergue as sobrancelhas e estende a mão. Espio novamente para Raja Jatin, que está conversando com o cocheiro. Pelo menos ele não está prestando atenção em mim e não tem ideia de quem eu sou.

— Você pode pegar isso? — Aponto para o orbe.

— O que é? — o guarda pergunta.

— Luz de fogo — diz o menino antes que eu possa responder.

Os olhos do guarda se arregalaram enquanto ele guardava a magia vermelha antes de se abaixar novamente e agarrar minha mão boa. Com a maior parte de sua ajuda, sou capaz de me levantar. A multidão aplaude. Posso ouvir, mas os rostos estão borrados. Minha visão nada como se eu tivesse mergulhado em uma piscina turva. Balanço e o guarda agarra meus dois antebraços para me estabilizar.





— Tem certeza que você está *bem*? Acho que você se esgotou.

Rio de sua perplexidade. Esgotada - o termo é particularmente preciso para mim, embora se aplique a todos os magos e bruxas. Aperto e abro minha mão esquerda. Os desenhos em meu pulso não brilham, e mais fundo, sob a pele, meu sangue corre rápido e assustado, mas não temperado com energia. Não me esgoto desde... Ah, espere, teve aquela vez na semana passada.

— Tive uma manhã ocupada, — murmuro, tentando parecer confiante. É uma tentativa medíocre na melhor das hipóteses.

É por isso que devo criar a luz de fogo à noite, para que o sono e o tempo possam renovar minha magia. Eu amo minha invenção, mas é poderosa e esgotadora de energia. E atualmente estou tendo arrependimentos de gerenciamento de tempo. Balanço novamente, meu corpo praticamente batendo no guarda. Ele me pega, desta vez pelos meus ombros.

— Sim, definitivamente queimou. Você vai desmaiar em breve. Prometo que você estará segura quando acordar.

— Não, não vou.

— Posso garantir, pela honra de Raja...

Interrompo para não ter que ouvir o nome completo. Eu não posso suportar a realidade disso por completo.

— Não, quero dizer que não vou desmaiar. Só preciso de alguns minutos. A tontura deve desaparecer em cerca de cinco minutos. Isso sempre acontece. — A escuridão nubla minha visão, mas não vai assumir. As mãos do guarda ainda seguram meus ombros. Outro ataque de tontura me atinge. Agarro seu antebraço como uma âncora. Sua pele é fria. Não estou apenas queimada, mas queimando.

— Faça, hum... Você se importa se eu... — Ele termina com alguma coisa, mas não consigo entender as palavras. Sangue, meu cérebro está





nadando. Preciso sentar. Pensar que eu poderia ficar nessa condição era tolice. Quando libero a tensão em minhas pernas para dobrar, acontece o contrário. Este homem... Este *menino* tem a coragem de me pegar. Estou em seus braços, pressionada contra ele. Seu bíceps esquerdo cava nas minhas costas; o outro braço envolve minhas pernas. Huh, ele cheira a geada. Meu nariz nota isso como se fosse um elemento importante para a vida agora.

Oh, sangue. O que vai acontecer com este guarda quando Raja Jatin descobrir que este homem está carregando sua noiva? É tarde demais. Estraguei tudo. Não posso dizer mais nada. Estou nadando. Acho que não vou precisar perguntar à Zara depois como foi o desfile. Afinal, me tornei parte disso.





CAPITULO QUATRO

A GAROTA ESGOTADA

JATIN

De todas as coisas selvagens que se esperaria em um desfile de boas-vindas, como uma tentativa de assassinato, por exemplo, uma camponesa se jogando na frente de um elefante está no final da lista. Profundo, na verdade, eu não tinha planejado isso. Não estava observando a multidão em busca de feitiços de velocidade que lançariam uma garota em nosso caminho. Quero dizer, que caminho a percorrer, morte na carruagem real. Deuses. Um momento depois ela rola no chão e eu acalmo o elefante, eu entendo. Não um suicídio que deu errado; um resgate correu bem.

E agora, de alguma forma, estou segurando essa bruxa esgotada em meus braços e carregando a luz de fogo em meu bolso. Quando o braço dela caiu no chão como se estivesse paralisado, eu soube. Esgotamento. É drástico, mas acho que para um camponês um ato de bravura pode consumir um suprimento limitado de magia. Ainda assim, não vejo alguém se esgotar repentinamente de toda a sua magia desde o décimo sétimo ano, quando um dos meus colegas estava tentando criar uma onda de quinze metros. Ele caiu na areia como um coco e teve que ser levado ao médico.

Com certeza ela também vai desmaiar, mas me recuso a deixá-la na rua. O plano de levá-la ao Palácio Azure se formou antes que eu pudesse refletir sobre todas as possíveis quedas. Tipo, se Adraa já estiver lá, o que ela





vai dizer quando eu levar essa garota inconsciente coberta de poeira? O que papai vai dizer? Neste momento, eu não me importo.

– *Zaktirenni*, – sussurro, para me dar um pouco de força. Não tenho exatamente um bom controle sobre ela, tendo que fazer todo o movimento de pegar e levantar de uma vez. Ajusto-me e sinto a minha magia laranja tomar conta. A seda de sua saia muda sob minha mão. Graças aos deuses ela está usando calças também.

Não a carrego muito longe, mas aqueles seis metros esbanjam intimidade. Ela aquece meu peito como se o sol tivesse derretido entre nós. Isso é provavelmente o esgotamento. Provavelmente. Nunca carreguei uma garota antes, nunca fiz muita coisa além de conversar com uma bruxa. Esse é o problema com um noivado de longo prazo. Você sempre se sente obrigado, culpado de fazer qualquer coisa ou formar qualquer coisa que não seja amizade com o sexo oposto. Além disso, eu tinha que estudar, e isso sempre foi mais importante.

Os olhos da garota estão fechados, mas pelo jeito que ela abre e fecha a mão na testa, sei que ela ainda está acordada. O sol cobre seu rosto, um rosto sujo. Mas sob a sujeira... Não posso deixar de olhar. Ela é linda; cabelos pretos e grossos desgrehados pelo vento, cílios longos e escuros sobre olhos ainda mais escuros e vivos. Com minha magia, a garota é leve, mas mesmo que fosse pesada, eu gostaria disso. Ela cheira a lama e grama ondulada pelo vento, fresca e real, como quando a chuva cai no ar. E o calor, é... Bom

– Cuidado com a cabeça, – digo.

Ela se inclina contra mim, sua respiração suave formigando meu pescoço. Um arrepio percorre minha espinha. Não sei por que tenho uma reação tão forte, mas a seguro mais perto enquanto me agacho e me mexo para entrar na carruagem. Coloco-a na almofada de pelúcia azul e de repente,





sem mais nem menos, não a toco mais. O ar úmido do verão me atinge - está congelando.

— Volto já.

Ela acena com a cabeça, então parece registrar algo e agarra meu braço enquanto me afasto.

— O menino, por favor. Certifique-se de que ele não corra. Traga-o aqui.

Inclino-me para frente.

— Ele obviamente não é seu irmão. Então, quem é ele para você?

Ela dá de ombros.

— Um ladrão.

O quê? Sei que minha surpresa brilha através da máscara de calma que estou tentando usar. Mas quem pode me culpar? Isso é mais do que eu esperava. A academia não fornecia treinamento para belas garotas que correm em direção a enormes elefantes para salvar criminosos.

— Tudo bem — respondo, estudando minhas feições. É uma coisa que posso dizer honestamente que pratiquei diariamente na academia.

— Obrigada — diz ela, antes de se inclinar para frente para segurar a cabeça nas mãos.

Assim que tenho certeza de que ela não vai dizer mais nada, saio da carruagem. Kalyan franze a testa enquanto fala com o menino. Kalyan carrancudo? Nunca é um bom sinal. Quando meu amigo me vê, ele se aproxima, deixando o garoto com Samik.

— Jatin, acho que o menino é um ladrão e a menina estava correndo atrás dele para recuperar o que ele roubou.

— Sim, eu sei. E foi isso que ele pegou. — Tiro o orbe do bolso e o seguro.





— Simples magia vermelha?

— Não, é a luz de fogo.

— Como na invenção de Lady Adraa? — Kalyan o inspeciona. — Não parece muito para mim. Talvez um pouco mais vermelho que o fogo normal.

— O menino disse que é a luz de fogo. Agora eu quero respostas. Esses dois despertaram meu interesse.

— Esse pode ser o plano deles, se aproximar do Marajá ou de você.

Ou isso pode ser orquestrado por meu pai: um teste para provar meu valor antes de entrar novamente na porta de gelo. Duvidoso, mas o pensamento paira arrogante e nublado.

— Acho que não — finalmente respondo .

Kalyan balança a cabeça.

— Ela parece muito bonita e muito poderosa apenas para ser uma garota de rua. Não sei se você viu, mas ela estava *brilhando* com magia; tinha que ser para correr tão rápido.

— Vou aproveitar minhas chances.

— Você quer dizer *arriscar*. Não vou deixá-los saber quem é o verdadeiro Raja agora.

Dou um tapinha no ombro de Kalyan.

— Obrigado.

Ando e me agacho ao lado do garoto para que ele e eu fiquemos na altura dos olhos. E iguais.

— Ei, então se você não se importa em vir conosco, queremos perguntar a você...

— Não. — O tom do menino é firme, mas seus olhos se movem primeiro para o lado, depois para todos os lados. Ele está procurando uma fuga, sem dúvida.





— Não é para mim. Ela salvou sua vida. Você lhe deve.

— Ela tem a luz de fogo de volta. Deixar-me ir. — Sangue, o que eu disser a seguir soará como um sequestro. Acho que é isso que estou fazendo, de forma indireta. Talvez isso seja um teste. Você vai levar uma criança para interrogatório porque uma das garotas mais bonitas que você já viu quer isso?

Minha voz endurece e fica rouca, para enervar o menino.

— Entre na carruagem. — Bem... Vou falhar neste teste.

— Vamos indo, Samik, — declaro.

O menino desliza para dentro da carruagem e eu o sigo, Kalyan logo atrás de mim. A carruagem entra em movimento. Embora as almofadas não sejam duras, o menino age como se eu o tivesse forçado a pisar em brasas vivas. Um dia estarei conduzindo e corrigindo queixas. Parece apropriado que, assim que começo minha jornada para casa, tenha que lidar com coisas dessa natureza.

Volto minha atenção para a garota, que ainda está curvada. Ela aperta a mão esquerda. A pequena parte de seu Toque que posso ver em seu pulso esquerdo brilha em um vermelho fraco. A magia deve estar voltando para ela. Observo atentamente, mas é Kalyan quem deixa escapar a pergunta que fica na ponta da minha língua.

— Como isso é possível? Você estava exausta há três minutos. — Ele pode estar desconfiado, mas estou fascinado.

— Já estou acostumada, — ela murmura, sem olhar Kalyan nos olhos. Ela obviamente se sente desconfortável na presença de Kalyan, mas é claro que é porque ela pensa que ele é um Raja. Este momento encapsula perfeitamente meu ódio pelo meu título. O leve pavor que lhe enrijece a espinha me irrita e me deixa inquieto.





— Então, você sempre sai por aí se jogando na frente das carruagens?

— Pergunto.

Ela dirige seu olhar para mim. Como guarda, estou seguro.

— Não no *dia a dia*. — Sua expressão é mortalmente direta; nenhuma ruga para me deixar entrar na piada, apenas sujeira e poeira. Posso ler a beleza de seus traços, essa parte é fácil. Lê-la? Esta pode ser uma longa viagem.

A garota se vira para a criança.

— Diga-me por que você roubou a luz de fogo.

Ele se contorce, parecendo que quer cair na madeira.

— Porque mamãe vive falando sobre elas, como poderíamos esquentar o fogão mais rápido ou acender a varanda. Mas elas são difíceis de encontrar e muito caras. Achei que você não perderia uma quando tinha tantas. — Ele faz uma pausa, torcendo as mãos. — Por favor, não me denuncie.

— Caro! São três cobres. Sua mãe não poderia pagar por isso?

Três cobres são extremamente baratos. Um pedaço de pão custa em média cerca de cinquenta ou mais nesta parte do mundo.

O menino olha para ela com estranheza.

— Três cobres? A luz de fogo custa cinco pratas.

— Que sangue? — A garota dá um soco na almofada do assento. Nunca ouvi uma bruxa amaldiçoar tão sem rodeios. Tenho que tossir para esconder uma risada.

— Quem define o preço? — Kalyan interrompe.

A garota olha para Kalyan, desejando que ele olhe para ela.

— Sua noiva — ela responde lentamente.

A mera menção de Adraa carrega o ar. E então, de repente, estou assistindo a uma competição de olhares se desenrolando diante de mim.





Kalyan é um mestre de olhares solenes e contemplação silenciosa. Se algum deles se virasse para olhar para mim, no entanto, eles perceberiam o suor e a ansiedade do retorno levando o melhor de mim. Sinto a luz de fogo no meu bolso. A magia de Adraa. Isso seria novidade para ela?

Como previ, a garota quebra primeiro e volta a se concentrar no garoto.

— São cinco pratas em toda Belwar? — pergunta ela.

Ele dá de ombros.

— Não tenho permissão para ir além da praça central, — ele diz como se fosse uma informação óbvia e devêssemos ter vergonha de nossas táticas de interrogatório.

— Onde você mora? Que bairro? — Seu tom se torna desesperado.

— Vila Leste, perto das docas.

— Sangue, área de Vencrin, — ela sussurra tão baixinho que quase não consigo entender.

— Vencrin? — Pergunto.

— Uma gangue local, bando de criminosos que vendem drogas como bloodlurst para qualquer um com um pedaço de prata em seu nome.

Já ouvi falar de Bloodlurst antes, um pó vermelho que pode aumentar o poder de alguém. Um relatório médico da academia detalhou o quão viciante e destrutiva é a substância. Já matou pessoas. Tento me lembrar de seus efeitos exatos enquanto a garota continua.

— Não sei por que eles estariam interessados na luz de fogo, a menos que...

— O quê?

— A menos que eles estejam tentando minar os Belwars.

— Ou simplesmente obter lucro, — sugere Kalyan.





— Sim. — Ela acena com a cabeça. — Isso é mais provável. Mas isso parece pessoal.

— Pessoal? — Pergunto.

Ela não responde à minha pergunta, apenas dá a Kalyan um olhar determinado.

— Preciso ir.

— Tem certeza que você...

— Por favor, não posso ir ao Palácio Azure, ou onde quer que você esteja indo. Preciso voltar.

Kalyan se vira para me dar uma olhada, então bate na carruagem três vezes na direção de Samik. A carruagem diminui a velocidade e depois para. O menino chega perto da porta, pronto para sair de seu confinamento.

A garota olha para o garoto e então se aproxima de mim. Por um momento, acredito que ela quer ajuda para sair da carruagem e pego sua mão estendida.

— Posso ficar com a luz de fogo? — pergunta ela. Faço uma manobra desajeitada para mascarar o desejo de segurar a mão dela. Li errado.

— Ah, ah, sim. — Dou-lhe a luz de fogo e sinto frio novamente.

— Aqui, garoto. — Ela joga o orbe e ele o pega com as mãos desajeitadas. — Diga à sua mãe se ela tem alguma magia vermelha para adicionar um pouco todos os dias e pode acender uma lareira inteira por *mais* de dois meses.

— Obrigado. — O menino sorri e depois se joga na rua.

A garota desce.

— Bem, obrigada. — Ela faz uma pausa e posso ver que ela está claramente deliberando. — Sinto muito que esta foi uma reunião tão... Estranha.





— Tem certeza de que está se sentindo bem? — Quero que ela diga não. Quero que ela continue falando. Obviamente, há tanto que não sei sobre a luz de fogo, os Belwars e ela.

— Sim, estou bem. Pode-se dizer que sou o tipo de pessoa que, quando derrubada, consegue se levantar novamente. — Ela olha incisivamente para Kalyan. Então algo incrível acontece: seus olhos se voltam para mim e ela sorri um sorriso risonho, como se tivéssemos compartilhado algum tipo de piada. Na próxima varredura de um segundo ela se foi. É como a magia desaparecendo no ar enquanto você ainda está tentando determinar o feitiço. A carruagem avança novamente como se nada tivesse acontecido. *Isso acabou de acontecer?*

— Sangue! — Amaldiçoo.

Kalyan começa.

— O quê?

— Nunca perguntei o nome dela.





CAPITULO CINCO

UM INTERROGATORIO

ØDRAA

Não acredito que ele não me reconheceu ou pelo menos suspeitou de quem eu era. Enquanto estou chocada, o orgulho também se insinua. Estou ganhando esta. Eu tenho a vantagem depois de tudo. Mas como ele poderia não ter percebido isso? Dei-lhe essas pistas, praticamente esperei que ele perguntasse.

No final, uma parte de mim queria lhe dizer, deixá-lo fora do gancho para que nosso próximo encontro não fosse ainda mais constrangedor. Mas não consegui. Vou deixar que o constrangimento desapareça, a memória se acomode para que possa se desgastar um pouco nas bordas. Só agora pareço processar que conheci Jatin, sentei-me em frente a ele. É quase ridículo, mas minha raiva do Vencrin equilibra a balança ou absolve o constrangimento. Cinco pratas! *Cinco*.

Levo dez minutos de caminhada pesada para voltar à casa de Basu. Esperava que a caminhada me acalmasse e colocasse minha cabeça no lugar para que eu pudesse ameaçar Basu adequadamente e chegar ao fundo disso. Não, o problema persiste por meia milha.

As crianças correm até mim, materializando-se nos becos e sob o sol brilhante. Estou suja, com um rasgo na saia, mas o brilho das minhas sedas ainda deve cheirar a oportunidade.





— Dez cobres, dez cobres, — dizem eles, todos sorrisos e olhos grandes. As mãos se estendem para cima, algumas com um toque envolvendo seus pulsos, outras nuas. Procuro meu pequeno saco de moedas. Mas acabou. Aquele garoto, cujos braços me envolveram, lágrimas rolando por suas bochechas. Aquele pequeno sorrateiro.

— Não tenho nada, — digo feliz por não ter que mentir. Tento não dar nenhuma prata e ouro assim, pois isso vai encontrar seu caminho para financiar o Bloodlurst. Algumas das crianças mais velhas, perto da minha idade, já usam o sinal vermelho manchado de uso excessivo na dobra dos cotovelos.

As drogas de Vencrin infectaram o Vila Leste. Sim, eles se sentem bem. Sim, Bloodlurst em particular pode torná-lo mais poderoso por um tempo limitado. E isso pode significar um dia de trabalho nas docas, fazendo entregas de parapentes ou até mesmo lançando gaiolas ilegalmente. Mas as drogas estão lentamente drenando a magia de meu povo, de suas vidas. E agora o Vila Leste também não está recebendo a luz de fogo. O que significa que Basu, um velho bizarro que é amigo da família há anos, nos traiu. Um homem que deixou um quarto da minha cidade sofrer devido a preços extremamente injustos e cair ainda mais sob o controle de criminosos e traficantes. A luz de fogo é o primeiro passo para trazer luz à escuridão, protegendo as pessoas dos Vencrin que vagam pelas ruas e dão impulsos rápidos de poder aos adolescentes. Sem isso...

Meu peito dói. Sinto que vou explodir.

Viro para a rua de Basu e as crianças se esgueiram e se afastam. Quando Riya me vê, seus ombros se desfazem, mas quando um olhar mais atento confirma minha segurança, ela respira com raiva.





— Vai levar cinco minutos, — diz ela. — Já volto, — diz ela. — Que sangue, Adraa? Você está coberta de poeira e... E... — Sua fala fica mais lenta. Deuses, ela sabe. — Você se *esgotou*? — Sua voz vibra em uma pergunta, mas ela só precisa de um movimento da minha cabeça para verificar. A vergonha de perder minha magia rasteja de volta como calor. Estou pegajosa com a desgraça disso.

— Vou me desculpar completamente mais tarde. No momento, temos um problema. — Aproximo-me dela. Com a palavra *problema*, Riya desliga sua irritação, aberta para o que está por vir, em vez de gritar sobre o que aconteceu.

— Diga-me.

— Os Vencrin estão roubando a luz do meu fogo e aumentando o preço. Três cobres são cinco pratas para os que estão perto das docas.

— O quê? Aqueles...

— Além disso, encontrei Raja Jatin. — Passo a mão pelo meu cabelo, de repente ciente de seu estado emaranhado. E eu pensei em dizer a ele quem eu era!

Seu maxilar se contrai.

— Espere o quê?

Em condições normais, eu provavelmente riria de sua estupidez. Solto minha mão e até mesmo o embaraço restante evapora. *Cinco pratas*.

— Podemos conversar mais tarde. Agora, preciso falar com Basu.

Entro na loja de Basu e, embora não esteja tentando ficar quieta, é incomumente silencioso. Bela porta roxa nova. Pisos de madeira. Ele não tem sinos pendurados na soleira ou mesmo tecido cobrindo a porta. Ambos são precauções normais contra ladrões envoltos por feitiços de camuflagem obscura. Observo-o enquanto ele freneticamente tira orbes de meus alforjes.





Ele inspeciona, coloca, inspeciona, coloca cada bola de luz em caixas. Ganância brilha em seus olhos. Como nunca tinha visto isso antes?

— O que está acontecendo, Basu?

— Oh, Lady Adraa! Que bom que você voltou. Você pegou aquele ladrão? — Ele estende uma mão, esperando.

— Sinto muito, muito rápido, — digo meu tom mordaz.

— Huh, bem, você parece cansada, minha querida.

— Não me chame de querida .

— Oh, minhas desculpas, Lady. — Ele continua sua tarefa. Inspecionar. Colocar. Inspecionar. Colocar.

Isso não está funcionando; na verdade, esse processo é ferver a raiva, cozinhá-la. Se ele não ouviu a irritação na minha voz da primeira vez, preciso torná-la mais nítida.

— O que está acontecendo, Basu?

— O que, minha la... — Ele recomeça depois de um longo olhar para o meu rosto. — Fiz algo que te ofendeu?

— Se não você, então alguém com quem você trabalha. — Posso não ser capaz de lançar feitiços de gelo, mas minha voz goteja gelo.

Basu interrompe sua inspeção.

— Não entendo muito bem.

— Eu sei, Basu. Cinco pratas para a luz de fogo. *Minha* luz de fogo.

— Vendo-os por três cobres, como você pede. — Ele levanta as mãos em um daqueles encolher de ombros abertos. — Nada engraçado.

— Basu.

— Sou amigo dos Belwars há duas gerações. Eu não ousaria manchar...

Agarro seu kurta e o empurro contra a parede. Latas de orbes vazias fazem barulho. Meu braço esquerdo arde em vermelho e seu colarinho





chamusca. Minha manga também, mas não vai me machucar como vai machucá-lo.

— Adraa! Acalme-se, — adverte Riya. Mas ela não sabe quantas vezes eu faço isso, como eu o aperfeiçoei.

— Ele é o responsável, Riya. Deixe-me lidar com isso. — Às vezes, gostaria de poder controlar melhor minha raiva. Estou sufocando, o nó na garganta tornando difícil dizer as próximas palavras, mas não consigo parar. A garota que finjo ser à noite surge. — Cinco malditas moedas de prata, Vencrin, traição — cada detalhe bombeia através de mim. — Sei que é você. Não há literalmente mais ninguém no Vila Leste para quem eu distribuo o que meio que restringe os suspeitos. Então fale — ordeno.

— É oferta e demanda Adraa. Mesmo que você trabalhasse à noite e o dia inteiro, não poderia abastecer o país inteiro ou, sangue, o continente inteiro. É um experimento bonito para Belwar. Mas isso é comércio e lucro.

Balanço-o contra a parede quando ele não continua.

— Você interrompeu todo um mercado, você não pode controlar algo assim. O resto do mundo também quer ver no escuro.

Dou-lhe um olhar frio e duro, e as chamas em meu braço se agitam.

— Ok, ok, existe esse distribuidor. Disse que pagaria o triplo pela metade do meu suprimento de luz de fogo. Eu tenho uma família igual a todos.

— Nomeie o distribuidor.

— Não conheço o responsável, só o cara, praticamente um menino, que vai buscar.

— Nome. Agora.





— Chama-se Nightcaster², obviamente um nome de elenco de gaiolas, mas não perguntei. O dinheiro... Era mais do que já me ofereceram por qualquer coisa. Por favor.

— Nightcaster? — Largo Basu e ele cai contra o balcão. Ele realmente está trabalhando com o Vencrin, então.

Riya me dá um olhar de confusão com os olhos arregalados.

— Quem é Nightcaster? — pergunta ela.

Esvazio em uma surpresa tropeçante. Eu conheço o nome muito bem. Outrora um esporte, o lançamento de gaiolas se transformou em um ringue de luta ilegal onde bruxos e bruxas lutam e o público joga e absorve a violência. O maior ringue do país, o de Vencrin, fica a apenas alguns quarteirões daqui. Chama-se Subterrâneo, não é o nome mais criativo devido ao seu paradeiro, mas Nightcaster é um dos seus principais concorrentes.

Sei porque eu também sou.

— Sua puta maldita. — Basu apaga as faíscas em seu kurta. A pele ao redor de seu decote não é mais do que queimada pelo sol. Vou mostrar-lhe o quão mal-intencionada eu posso...

Riya agarra meu braço.

— Rani, não. — Ela está usando a conversa Rani em mim? Olho entre ela e Basu. Em ambos os olhos devo parecer enfurecida, um fogo precisando ser extinto. Relaxo e, atrás de mim, Riya murmura.

— Você não vai vender para eles nunca mais — ordeno.

— Não posso fazer isso. Eles esperam...

— Você parece pensar que eu me importo com o que os Vencrin esperam.

— VV-Vencrin? — Basu gagueja.

² Apresentador noturno





— Você nem percebe para quem está vendendo? — Patético, simplesmente patético.

— Por favor, Rani. — Basu contorna o último alforje de luz do fogo, protetor e paternal. A proteção paterna só fica bonita quando é um ser vivo; qualquer objeto inanimado e um só parece absurdo. Esse é Basu, ganancioso e ridículo para tentar pleitear algo que não é dele. *Eu sou* a mãe da luz de fogo.

Ele continua alheio.

— Dê-me este lote e então posso resolver algo com eles. Preciso de tempo. Eu *preciso* desta remessa.

— Estou parando com isso agora.

— A luz de fogo cara é melhor do que nenhuma luz de fogo. Você estaria destruindo o Vila Leste se o pegasse. Eles contam com *meus* suprimentos, *minhas* entregas.

— Eles contam comigo. *Você* é quem falhou com eles.

Meu braço esquerdo se estende e antes que eu possa pensar no feitiço, eu lanço.

— *Yatana Agni Tviserif* — canto repetidamente até que a primeira palavra caia na última. Não sei exatamente o que espero que aconteça, mas quando os orbes começam a tremer, canto um pouco mais alto, um pouco mais raivoso. Talvez eu possa torná-los defeituosos ou algo assim. Mas na minha cabeça eu imagino: a luz de fogo deixando seus recipientes e o controle de Basu e voltando para mim.

— O que você está fazendo? Pare! — Basu grita.

Então não são apenas os orbes vibrando, mas também a magia dentro deles. Uma caixa cheia de orbes cai no chão. O barulho abafa os gritos de Basu. Até Riya tenta gritar no meio do barulho. Os orbes, minha magia, estão





me obedecendo, tentando desesperadamente se reconectar. São apenas alguns no começo, mas com outro canto, centenas irrompem dos orbes ou fantasmas através das costuras da esfera e voam em direção à minha mão esquerda. O fogo se transforma em fumaça vermelha enquanto se acumula e desliza pelo meu braço. Tanto poder! Nunca provei tanta força. Isso veio de... Mim?

Respiro por um momento enquanto Basu e Riya olham em silêncio. Então eu alcanço o último alforje e Basu entra em pânico. Eu vejo o feitiço em seus lábios um momento antes de ser lançado.

— Nããão! — Basu e Riya rugem. Riya se joga na minha frente enquanto começo o contrafeitiço. Ela me empurra para o chão e lança um feitiço de escudo roxo. É tarde demais. Basu tinha três segundos sobre ela, fáceis. A luz amarela dele atravessa o escudo semiacabado de Riya e desvia dela, brilhando na minha direção. Seria mais fácil me concentrar se eu não estivesse caindo no ar, mas tanto faz. Riya tinha boas intenções e posso ver tudo, sentir cada gota da minha magia pairando sobre o meu toque e pronta para explodir. Bato no chão quando o feitiço amarelo de Basu atingiu meu contrafeitiço no ar. Posso provar sua magia como se fosse proferida pela minha própria boca. Um feitiço de nocaute. *Ah, Basu. Você realmente pensou que iria se safar dessa.*

Leva apenas um segundo para meu feitiço rebote engolir a magia de Basu e se redirecionar. Nesse momento, meu Toque parece ter personalidade própria e pode parecer uma vitória fácil. Sem resposta. A fumaça vermelha atinge o peito de Basu e o joga contra o balcão. Passa-se um momento em que ele cambaleia para se firmar. Enviei um contrafeitiço mínimo. Não deveria nem derrubá-lo... Os olhos de Basu se arregalam. Ele cai e desliza para baixo do balcão, e com um baque sua bunda bate no chão. Não importa, acho que





foi o suficiente para deixá-lo inconsciente. Riya estava certa. Talvez eu não perceba o quão poderosa eu realmente sou. Talvez eu pudesse realmente machucá-lo.

— Adraa! — Riya grita.

— Estou bem, estou bem. — Aceno para ela. — Embora esta seja a segunda vez hoje que rolo na terra.

— Só estava tentando...

— Eu sei.

Ela me ajuda a ficar de pé e eu limpo a sujeira do meu quadril dolorido. Vou precisar de um pouco de magia rosa hoje para aliviar os hematomas.

— O que em Wickery você fez? Antes de lançar.

— Peguei de volta. — Aperto minha mão esquerda. É o oposto de um esgotamento; é uma renovação. Em vez de parecer gelatina, meu braço é de aço sólido.

— Isso foi estúpido. Você não sabe o que a reabsorção de todo aquele poder poderia ter feito com você.

— Sim, eu sei, — admito. Não queria exatamente que isso acontecesse.

— Como você fez isso? Não me lembro de ter aprendido esse tipo de feitiço. Nem conheço ninguém que tenha feito isso.

— Eu inventei.

— Fez isso? Deuses, você e seus experimentos.

— Eu criei a luz de fogo, ela responde a mim. Meio que fiz isso. Embora ache que não deva tentar de novo.

— Bem, você o assustou. — Riya olha para Basu. — Aquele verme! Ele não sabe que pode ser preso por lançar contra um Belwar? — A raiva parece ter migrado. De alguma forma, a luta me acalmou, mas o fracasso de Riya em me proteger a inflama, deve morder sua autoestima.





— Você foi ótima, Riya.

— Eu falhei. Se fosse alguém com um Toque superior ou se você não tivesse previsto isso...

— Você não vai deixar isso acontecer de novo.

Compartilhamos um longo olhar.

— E agora? Devo prendê-lo? — Ela chuta a bota de Basu.

— Acho que sim. Leve-o ao conhecimento de meu pai, peça-lhe ajuda no assunto. Afinal, ele era amigo dos meus pais.

— Isso é uma bagunça.

Agacho-me ao lado de Basu, sinto a batida rítmica de seu pulso.

— Será meu trabalho um dia, certo? Para limpar a bagunça?

Riya sorri e esfrega minha bochecha com a manga. Ela me mostra a sujeira.

— Você parece o papel, com certeza.

Esfrego o rosto também e a manga volta empoeirada.

— Deuses, e eu conheci meu noivo assim.





CAPITULO SEIS

JENHO ALGUMAS EXPLICACOES A FAZER

ØDRAA

Nem sempre é agradável trabalhar com a Guarda Dome. A formalidade escorre da interação, ou talvez *saturar* é uma palavra melhor. Riya e eu explicamos toda a situação, e o líder, um guarda mais velho de cabelos grisalhos, encolhe os ombros, tendo que confiar em mim quando um mago inconsciente se senta aos nossos pés.

Gostaria de pedir que Basu fosse entregue às celas de detenção abaixo do palácio, mas elas foram abandonadas após a chegada da mamãe ao continente, anos atrás. Ela não suportava dormir em cima de criminosos. Não posso culpá-la. Na Ilha do Pire, celas pendem dos penhascos, para o caso de alguém se libertar. Em Belwar, a única prisão, a Cúpula, fica no noroeste, longe da costa e dos navios e perto do Monte Gandhak. É uma cela de pedra de um edifício à sombra de um vulcão, daí o seu nome. É assustador o suficiente para ser aterrorizante. Quando Basu acordar, ele certamente terá uma surpresa ruim.

Dois guardas prendem Basu com algemas Dome, que o proíbem de lançar qualquer tipo de magia. As algemas brilham em amarelo brilhante enquanto ele é carregado em uma carruagem sem janelas. Um guarda, com um nariz pontiagudo e forte, me encara o tempo todo, mesmo enquanto lança espirais laranja para ajudá-lo com o peso do corpo flácido de Basu. É um





pouco perturbador, seu olhar fixo, como se estivéssemos jogando um jogo desnecessário. Se ele me pedir para sorrir, perderei o controle.

— Seu pai pode ter que realizar um julgamento se a verdade não puder ser revelada com clareza — diz o líder, que está anotando minha história.

Volto minha atenção para ele e espero que o Guarda Nose termine seu trabalho rapidamente.

— Entendo que o elenco está de acordo com os feitiços da verdade. Não me importo com seu feitiço contra mim. Preocupo-me com a corrupção.

— Você vai informar seu pai?

— Sim.

— Obrigado. — O guarda despenteia os cabelos grisalhos, o que o faz parecer jovem, quase infantil. — Poupa-me muita papelada.

— Bem, graças aos deuses. A papelada. — Ele não entende nem um pouco o que Basu fez, não é? Não percebe o que cinco pratas significariam para uma família pobre. Quão mais difícil é a vida sem fogo; quão vulnerável meu povo é para aqueles que espreitam nas sombras.

O guarda pigarreia e coloca dois dedos perto de seu pomo de Adão.

— Lady.

Estou tão perto de não prestar meus respeitos, não colocar meus dedos contra minha garganta, mas no final eu faço. Eles *estão* movendo um corpo para mim, afinal. Isso soa sombrio. Uma parte de mim meio que gosta disso.



Riya e eu não estamos a nove metros no ar e longe da cabana de Basu antes que ela me salgue com tantas perguntas que eu poderia ser preservado





por um século. Elas se entrelaçam entre meu pai, Nightcaster e Basu, o que só serve para me lembrar de como o último mudou de lado.

— Riya, dê-me um minuto para pensar. Muita coisa aconteceu no espaço de três horas. Vamos contar ao meu pai imediatamente; Não tenho ideia de quem é esse Nightcaster; e sim, talvez eu questione Basu ainda mais. Você está bem? — A culpa por mentir cobra minha barriga. Acho que não preciso questionar Basu. Ele me deu o que eu precisava quando mencionou o nome de Nightcaster. Mas explicar estragaria meu disfarce. Não posso deixar Riya saber que saio de fininho à noite, muito menos o que realizo.

— Tudo bem — ela concorda.

Exatamente sessenta segundos se passam antes de Riya deslizar lentamente para:

— Então, como ele era? — Sua voz é uma mistura de curiosidade e descrença, um tom que as crianças usam quando veem meu pai disparar sua mágica no Festival das Cores.

— Quem?

— Quem mais? Raja Jatin.

— Oh. — Reacomodo-me em Hubris e olho para o Monte Gandhak. Ele certamente deve estar lá agora ou muito perto. — O que você esperaria: frio, arrogante e bastante alto...

— Eeeee? — Riya fala lentamente.

— E o quê?

— *E o quê?* Você está brincando comigo? E você gostou dele? Ele parecia ser uma boa pessoa, um bom par, um bom qualquer coisa? Dê-me algo de substância aqui.

— Não deveria me preocupar com garotos, um amigo mais velho e mais sábio recentemente...





— Oh, vamos lá.

Suspiro e deixo o vento falar por mim por um minuto. Finalmente, me viro para encará-la.

— A verdade é que não sei Riya. Tanto ele quanto seu guarda não tinham ideia de que quem eu era quando falavam comigo, mas considerando que eles pensaram que eu era alguém de Vila Lester, eles não me trataram mal. O guarda era mais fácil de ler e parecia mais amigável. Ele... Bem, carregou-me depois que me esgotei.

— Carregou você? Tipo te carregou em seus braços?

— Sim.

— Sangue, você deve ter odiado isso.

— Foi horrível e não tão horrível ao mesmo tempo.

Riya me lança um olhar estranho, que indica que ela quer abrir essa resposta e chegar ao fundo das minhas emoções. Mas não consigo entender como ser segurada era ao mesmo tempo embaraçoso e bom em seu próprio aspecto. Arranco-me da memória. Não deveria estar pensando no guarda de Jatin ou no calor de seus braços em volta de mim. Então me concentro em Jatin. Ele parecia tão... Procuro a palavra. Controlado? Calmo? Então a palavra certa me dá um tapa na cara e eu a ofereço a Riya em sacrifício.

— Raja Jatin parecia insensível.

— Insensível? — Faz uma pausa, refletindo sobre a palavra como fiz. — Huh, talvez isso seja uma coisa boa.

Rio amargamente.

— Devo estar feliz em me casar com um homem frio e insensível?

— Ele não sabia quem você era certo? É bom que não tenha sido muito amigável. Você é linda abençoada pelos Deuses e ele não fez nada, não se





importou. – Ela enfatiza a última palavra, e finalmente me agarro à sua lógica.

– Você interpreta isso como lealdade ao noivado ou sua fidelidade ao...
Meu verdadeiro eu?

– Bem, sim.

Guio Hubris para mais perto, inclino-me e levanto uma sobrancelha.

– Isso é muita suposição para alguém que nem gosta de homens.

Riya revira os olhos.

– Não fique com ciúmes, Adraa. Não podemos escolher por quem nos sentimos atraídos. – Não é verdade? Como membro da realeza, não há muita escolha de com quem eu poderia me casar, muito menos por quem me sinto atraída.

Estalo os dedos.

– Talvez seu comportamento insensível signifique que ele não estava atraído por mim? Talvez pensasse que eu era feia. – Rio e não consigo parar. Isso seria realmente algo incrivelmente irônico. Depois de todos esses anos de estresse e rivalidade, Jatin simplesmente acenar a cabeça e ir embora.

– Por favor, controle-se.

A arrogância balança com a minha risada.

– Imagine Jatin se opondo ao contrato de sangue porque me achou horrível.

Riya faz questão de me olhar de cima a baixo.

– Sim, não prenda a respiração. – Ela bufa e segura seu parapente com mais força. – Além disso, é uma suposição positiva e preciso de positividade. Quero manter meu emprego, e isso significa um dia morar no Palácio Azure. Gostaria de pensar que servirei a um bom Raja, assim como sirvo a uma boa Rani agora.





O elogio cru acalma minha risada e eu soluço em silêncio. Riya sempre deveria ser minha guarda e me acompanhar ao Palácio Azure. O Sr. Burman a estava preparando para isso. Se isso fosse sete meses atrás, eu faria uma piada sobre sua suposição de que ela poderia manter seu emprego depois de fracassos como hoje, mas me contenho. Gosto de cutucar Riya, mas a amo demais para esbofeteá-la.

– Obrigada.

O conceito de atração gruda em mim enquanto pousamos, prendemos nossos planadores e caminhamos para o grande salão. Estou abrindo as portas e tudo que consigo pensar é: e se Raja Jatin pudesse olhar além do nosso passado e realmente me conhecer?

A voz do meu pai me tira dos meus pensamentos.

– Atrasada de novo? Essa é a minha garota.

Ele está à cabeceira de uma longa mesa, rodeado pelo que chama de sua segunda família. Cresci vendo nossos conselheiros. Mas hoje é um pequeno conselho, e as cinco cadeiras para os Rajas de Belwar permanecem vazias. A mãe de Riya, chefe da segurança, senta-se à direita de meu pai com sua habitual carranca alongada. Essa carranca incorpora todo o seu comportamento. Alguns guardas estão aqui, incluindo Hiren, o guarda de Prisha. Willona e a cozinheira, Meeta, também se sentaram desajeitadamente, o que significa que é uma reunião de segurança do palácio.

Fico com a língua presa. Riya estava certa em me questionar sobre meu pai antes, porque o que eu vou lhe dizer? *Desculpe pai, mas você percebeu que seu amigo Basu é um canalha que vendeu meu produto para o Vencrin?* Pior ainda, como posso indicar o quão ruim isso é sem lhe dizer como sei sobre um lançador de jaulas chamado Nightcaster?

Inspiro profundamente.





— Preciso de uma audiência privada.

Papai inclina a cabeça.

— Sêrio como o amanhecer ou o anoitecer?

Sorrio para o seu código.

— Anoitecer — torço minha mão de um lado para o outro. — Ainda não estamos na calada da noite, mas... — Seguro seus olhos verdes, tentando transmitir o que aconteceu com apenas um olhar.

— Bem, então. — Ele se volta para seus companheiros à mesa. — Todos, por favor, saiam. Preciso de...

Ele olha para mim com expectativa.

— Cinco minutos — eu forneço.

Willona e Meeta saem de seus assentos, felizmente. Elas me dizem que odeiam tanto essas reuniões porque não querem imaginar um feitiço prejudicial selado em qualquer uma das cartas enviadas ao palácio, ou uma poção venenosa que possa envolver nosso mingau. Elas não querem pensar em traição e assassinato. Bem, vou ter que contar ao papai sobre a traição de Basu. Talvez ele esteja mais preparado do que eu, já que passou a manhã inteira pensando em pessoas tentando matá-lo.

A mãe de Riya fica do lado de fora da porta e encara Riya. O verdadeiro interrogatório será mais tarde esta noite, para a minha amiga. Gostaria de poder apertar a mão dela ou me desculpar. Entendo a paranóia da Sra. Burman e a preocupação com a filha, mas esse olhar crítico é o motivo pelo qual não posso confiar em minha melhor amiga. É minha única razão real para não gostar da mãe dela, mas é o suficiente. Não posso confiar nela porque ela não pode confiar em mim. E ao redor do círculo nós andamos. A Sra. Burman finalmente sai. Deuses, cada movimento que ela faz é tão dramático.





Hiren, por outro lado, desliza suavemente de sua cadeira e caminha em nossa direção. Ele pisca para Riya, um lembrete de que ele tem que se sentar nesta reunião e ela não, mesmo com sua promoção.

— Lady Adraa, — diz ele ao passar, sua capa preta, um pouco longa demais para ele, espanando o chão.

Aceno indicando que ele deveria se apressar, mas ele para com um sorriso.

— Você tem um pouco de sujeira na testa, sabe. — Estende a mão.

Empurro seu ombro e ele ri. Hiren pode ser mais velho do que eu, mas ainda age como uma criança. Não sei por que Prisha o respeita tanto.

— Mexa-se, Hiren, — diz Riya.

Faz uma pequena saudação, e acho que pego outra piscadela antes que desapareça.

Sento-me a algumas cadeiras de distância do meu pai. Realmente não sei porque parece mais oficial assim, acho. Ele olha para Riya enquanto ela se senta ao meu lado.

— Ela fica — digo-lhe.

— Tudo bem, qual é a emergência do nível do anoitecer? — pergunta ele.

— Basu está no Domo.

As sobrancelhas de meu pai se unirem.

— Continue, você aprendeu como prender minha atenção.



No caminho, parecia uma história tão longa por causa de seu peso, mas depois de algumas frases, com alguns detalhes omitidos, terminei.





— Como uma futura Marani, o que você faria a seguir? — Papai pergunta. Deuses, tudo, até a vida caindo aos pedaços, é uma lição. Ele continua depois de ver minha irritação. — Ou melhor, o que você está pedindo de mim?

— Nada. Desejo consultar Marajá Naupure para ver se ele pode me dar mais informações sobre este Nightcaster. — Não me refiro à nitidez do meu tom. Mas não posso evitar. Quando falo com meu pai sobre política e agendas, parece que é isso que me torno também. Ele quer que eu aprenda o jogo. No momento, estou jogando. Já sei como vou investigar.

— Por que Naupure?

Outra pergunta para a qual não posso dizer toda a verdade. Preciso que minha resposta soe boa e convincente.

— Como nosso maior parceiro comercial e o homem que me ajudou a organizar a distribuição da luz do fogo, Naupure pode saber mais sobre qualquer conexão entre Basu e os Vencrin. Ele pode fornecer uma pista que estou perdendo quando começo minha investigação. — É mentira. O que preciso fazer é falar com um homem chamado Sims, que dirige o ringue Subterrâneo de lançamento de gaiolas. Mas não posso dizer a meu pai como vou me colocar em perigo. Como vou mentir, manipular e sangrar para que todos possam acessar minha luz mais uma vez.

— Concedido. Fale com Naupure.

— Certo. Obrigada. — Detesto aconselhar-me com esta versão do meu pai, quando surge o rajá político. Sou apenas outra bruxa pedindo outra coisa. Coloco dois dedos no meu pescoço e procuro o riso em seus olhos. É perturbador não encontrá-lo agora, mas garanto a mim mesma que ele voltará no jantar. A ideia de que um dia ele se vá para sempre me assusta. Ando até a porta. Afinal, tenho uma carta para escrever.





— Adraa? — Papai chama.

Viro-me.

— Sinto muito. Sei o quanto sua iniciativa à luz de fogo significou para você. Pessoas más estão sempre tentando corromper as coisas boas. Este revés nos mostra como a luz de fogo é boa para Belwar, no entanto. Não deixe que isso a impeça. Não deixe...

— Basu era *seu* amigo. Como você pode ser tão... Tão indiferente?

— Basu era outro parceiro comercial. O termo *amigo* é usado livremente para criar aliados. Sinceramente, sempre achei que ele era um sujeitinho sujo.

A ruga ao redor de seus olhos aparece e alívio puxa os cantos da minha boca. Ali está ele. Ali está meu pai.





CAPITULO SETE

ENTREGUE AO DESTINO

JATIN

O incidente com a garota tornou-se uma distração, uma peça central na qual focar para que minha mente não vagueie para os periféricos onde a ansiedade do retorno ao lar engole o espaço como o ar, invisível e que tudo consome.

Passamos pela Vila Leste de Belwar, Vila Norte e um pouco do oeste e, finalmente, entramos nas montanhas. Caminhamos pela Freedom Pass, que contorna o sopé do Monte Gandhak e depois se estende por todo o meu país. É nomeado para a trilha que as pessoas em busca de liberdade religiosa e social costumavam fugir do norte de Moolek. Esses pioneiros acreditavam que todos os nove deuses deveriam ser respeitados igualmente e cada forte tinha um lugar na sociedade. O povo de Moolek acha que alguns deuses, particularmente Htrae, Retaw, Ria e Erif, merecem privilégio sobre os outros, pois são os quatro fortes originais. Já se passaram quatrocentos anos desde que este caminho foi usado para a liberdade e ainda estou feliz por não ser meu tio, que governa as terras de Moolek, por mais vastas que sejam.

Como um branco forte, eu poderia ter sido banido de governar Moolek. Lá, ser forte laranja, roxo, preto, branco ou rosa é sinal de inferioridade desde o início. Naupure pode ter seus próprios problemas em julgar e desvalorizar as pessoas com base em quantos dos nove eles lançam, mas agora fitas brancas e estandartes de brocado emolduram as portas. Uma





fonte brilha, congelada com a luz do sol. Tudo em minha homenagem; tudo pelo meu nome.

A academia reside nos campos fluentes e nos pântanos exuberantes de Agsa, o que significa que por nove anos vivi ao ar livre. Esqueci o amontoado de pessoas quando elas se aglomeram nas ruas da capital, borrando-se em uma massa sem rosto. Um solavanco forte me derruba em Kalyan, e endireito meu kurta, o mais pesado com o emblema Naupure. Coceira e constrangimento são tudo que consigo pensar sobre isso.

A carruagem sacoleja novamente como se as rodas tivessem prendido uma pedra no sapato. Mancamos dolorosamente. Foi um milagre quando atravessamos o terreno montanhoso, mas os paralelepípedos podem ser ainda piores. Consigo entender um pouco o que meus ancestrais devem ter pensado depois de viajar tanto para encontrar seu lugar no mundo, mas tinha esquecido como seria voltar para minha cidade.

Apenas deslizei ao longo do Monte Gandhak, uma hora no máximo de planador, e ainda assim, Naupure é diferente, o ar não é tão denso com o cheiro de peixe, especiarias e corantes. As casas são irregulares e anguladas para escalar as encostas das montanhas. As ruas são mais estreitas, com degraus e mais claras, tanto com tinta colorida quanto sem lixo. Meu povo fala mais alto em seus gritos, não apenas porque sou seu herdeiro, mas também porque Belwar tem um tipo diferente de reverência para com os escolhidos pelos deuses, uma que torna suas vozes e vivas mais suaves e eles têm menos fome de ver meu rosto e me conhecer. Se a garota tivesse salvado o menino aqui, a multidão teria nos derrubado para descobrir o que estava acontecendo. E essa diferença de mentalidade decorre de Belwar ter a maior população de Intocados em Wickery. Quando metade de uma cidade não pode fazer mágica, ela naturalmente se separa entre os que têm e os que não





têm. Naupure fervilha de talento. Nossos ancestrais eram os párias que Moolek tentou segregar e ainda o faz hoje. Lentamente descobrimos esta terra montanhosa e nos espalhamos, encontrando seus bolsões de habitação. Belwar cresceu a partir de oportunidades costeiras, fundindo exploradores da Ilha Pire, empresários da Agsa e aventureiros de Naupure.

— Não consigo ver por que eles estão tão felizes. Meu retorno não significa que eles estão salvos ou em situação melhor, — sussurro para Kalyan.

— Não, mas significa que seus filhos podem ser, — diz ele casualmente. Por que diabos ele tem que fazer declarações tão pesadas? O volume dela pressiona meus ombros. Não é de admirar que minha família seja pequena. Talvez o peso do reino tenha esmagado minha linhagem.

— Nós vamos ter que escalar aquela sua montanha, não é?

Olho para onde Kalyan aponta. É uma montanha, a miniatura do Monte Gandhak que se abraça de perto ao lado de sua mãe. Colinas e encostas florescem no resto da cidade, mas nada é mais alto que o Palácio Azure. É tão orgulhoso lá em cima. Posso ver o brilho do sol refletido no telhado. Samik vira o elefante para a esquerda e a carruagem o segue lentamente. Mais rostos, mais mãos acenando.

— Essa seria a tradição para um retorno ao lar ou a primeira chegada de alguém, — digo.

— A tradição é importante, acho.



— Da próxima vez que eu disser que a tradição é importante, lembre-me disso! — Kalyan grita acima do vento. O caminho até a montanha é de





alguns quilômetros de ziguezagues inclinados, mas depois de chegar ao portão externo, é uma inclinação reta de escadas. Apesar de toda a altura e força de Kalyan, sua resistência quando se trata de escalada difícil pode exigir algum trabalho. Estou suando e xingando minhas pernas também, mas sua bufada aumenta o riso em meu peito.

— É verão, Kalyan.

— Então? — ele diz.

— Imagine fazer isso no inverno, pode distrair sua mente, — grito.

— Seja qual for à estação, tenho certeza de que a maioria das pessoas que escalam essa coisa tem duas pernas.

— Então eu não deveria ouvir metade das reclamações? — Provoco.

Cabras da montanha saltam da escadaria.

— Eles fazem parecer tão fácil, — murmura Kalyan.

— Estamos quase lá.

— Ainda não consigo ver esse seu palácio azul.

Examino para cima, procurando o trecho de pedra.

— Está lá, — sussurro, principalmente para mim mesmo.

Atrás de nós, Samik e dois guardas do portão seguem. Meus outros homens, que voaram acima da carruagem todo o caminho para fornecer apoio aéreo, ainda estão voando. No futuro estarei voando, mas agora as pessoas precisam ver meu rosto, precisam acreditar que estou em casa para sempre. Descer da carruagem e mostrar-me ao enxame em torno do mercado não tinha sido um desastre. Eu acenei, as pessoas aplaudiram. Joguei alguns flocos de neve no ar, as pessoas comemoraram novamente. Eles nunca param de comemorar.





Ainda sem Adraa, mas ela poderia estar ao lado do meu pai, ao lado do palácio. Talvez seja por isso que meus músculos doem e meu coração bate rápido. Não fora de forma, mas curvado pela ansiedade do desconhecido.

Subir o último degrau e entrar no palácio não deixa tempo para descanso. Meu pai e trinta conselheiros, nobres e servos estão diante da entrada. Atrás deles, guardas com armadura completa estão em posição de sentido em um V gigante. A ponta aponta para mim como uma flecha apontada para o meu coração.

Kalyan assobia baixinho.

— Vou morar aqui.

Dou um tapinha nas costas dele, respiro fundo e dou um passo à frente. Não passei nove anos sem ver meu pai; ele me visitou cinco ou seis vezes quando eu estava na academia e veio meses atrás para minha cerimônia real. Ainda assim, embora eu o reconheça, e seu sorriso está no palco na frente de todas essas pessoas. Ninguém me deu exatamente minhas falas aqui. Espera-se que eu faça um discurso? Eu o abraço?

— Bem-vindo ao lar, filho, — meu pai diz enquanto pressiona seu antebraço no meu. Os guardas caem sobre um joelho, cada um com dois dedos ao lado de sua garganta. A equipe se curva, cada um também me cumprimentando.

— Obrigado, — digo enquanto olho em volta para qualquer garota que possa ser Adraa. Recuso-me a ser pego desprevenido.

Meu pai me observa.

— Lady Adraa não está aqui. Achei que ela poderia vir, mas não a chamei, então presumo que ela continuou trabalhando como qualquer dia normal.





Sorrio, o primeiro verdadeiro. Ela não estava aqui. Obrigado, deuses. Endireito minha expressão para uma neutra.

— Por mim tudo bem.

— Aqui, você se lembra de Chara.

Viro-me para uma mulher idosa e o segundo sorriso verdadeiro irrompe.

— Chara.

A mulher que praticamente me criou quando criança levanta os ombros como se dissesse: *Olha aqui, ainda estou viva*. Ela vem para um abraço e eu retribuo. Aperta um pouco, e isso desperta minha nostalgia. Depois que minha mãe morreu, quantas vezes Chara abraçou-me assim? Eu provavelmente poderia chorar neste abraço, um hábito fácil de recuperar. Mas fico feliz em dizer que após a minha libertação, meus olhos permanecem secos. Kalyan caminha para o meu lado e eu me afasto para apresentá-lo.

— Oh meu Deus. — Chara pisca. — Vocês meninos são tão parecidos.

— É por isso que tenho um emprego, — brinca Kalyan, fazendo uma reverência.

Apresento Kalyan enquanto a equipe do palácio me cumprimenta. Alguns novos guardas, alguns novos servos, mas no geral, a maioria dos rostos mudou apenas com a idade. Um jovem servo, provavelmente da minha idade ou próximo a ela, demora-se após sua reverência.

— Raja Jatin, devo dizer, hum... Obrigado por Alkin. Minha irmã, você sabe que ela se mudou para lá...

Foi assim que aquela garota deve ter se sentido quando o menino lhe agradeceu por sua vida. O que exatamente você diz para algo assim?

— Claro, — sussurro, e lhe ofereço meu antebraço. Seu rosto se ilumina quando ele pressiona o braço contra o meu.





Depois que cumprimentei a todos, Logen, o guarda-chefe e guarda-costas de meu pai, pega Kalyan como um garoto perdido e o conduz em direção à guarnição e aos campos de treinamento nos fundos. Os servos se dispersam para outras tarefas. Em poucos minutos, somos apenas papai e eu entrando pela porta de gelo.

— Longa jornada?

— Sim, pode-se dizer que sim.

— Sinto muito que você teve que fazer a carruagem por tanto tempo, mas as pessoas querem saber que você voltou, querem vê-lo.

— Eu entendo. — Para que serve um filho se não para ser desfilado?

Não consigo encarar meu pai de frente, não consigo manter contato visual por mais do que alguns segundos. Pensei que o havia perdoado há muito tempo por me mandar embora, mas agora, em casa, vendo os criados e os guardas, odeio ter que partir.

— Jatin, sobre Alkin e a avalanche. — Encaro-o. — Estou orgulhoso de você.

— Obrigado. — E assim, as emoções borbulhando em meu peito se acalmam. Orgulhoso. Não é o mesmo que amor, mas é quase isso. Talvez ele esteja tão nervoso e desajeitado em se reconectar comigo quanto eu com ele.

Agora eu olho em volta para realmente entender minha casa e não apenas para evitar contato visual. Tudo é o mesmo e ainda... Novo. Como perder um brinquedo velho apenas para redescobri-lo anos depois. Algo está diferente, no entanto. Fogo brilha no canto do meu olho. As velas se foram, eu percebo. Ando em direção às grandes escadas e pego um orbe com um pequeno fogo empolando na luz.

— Você tem luz de fogo também? — Algo na maneira como digo *luz de fogo* deve soar intrigante porque ele sorri e responde:





— Achamos que o nome era adequado.

— Achamos?

— Vamos sentar e conversar. — Ele caminha em direção ao seu escritório, sem nem mesmo se perguntar se eu o seguirei. Claro que sim, ainda segurando o orbe.

Pegamos a escada da direita e vagamos por um longo corredor até chegarmos ao final. Por alguma razão, lembro-me de papai sempre dizendo que gostava da vista daqui, embora o quarto não tenha varanda nem janelas. Deve ter sido uma piada que meu jovem cérebro não entendeu na época. Mais orbes de fogo iluminam a grande escrivaninha central de papai e a meia dúzia de cadeiras espalhadas.

— O que você tem aí é invenção de Adraa. Ajudei-a iniciar o processo de distribuição e dei-lhe um bom desconto em grandes quantidades de orbes. Ela criou o feitiço sozinha. A luz vai queimar por dois meses seguidos.

— Dois meses?

— Eu sei; é bastante impressionante. Belwar não precisa negociar com Moolek por ghee por óleo de lamparina, o que significa uma nova independência e estabilidade. Várias indústrias e artesãos agora trabalham depois do anoitecer; ladrões são mais facilmente pegos; e o número de incêndios domésticos diminuiu drasticamente. Adraa mudou toda a economia. É uma nova era, uma era de luz.

— Quem os produz?

— Adraa, é claro.

— Somente ela?

— É por isso que ela apenas fornece seu reino e nossa capital, mas teremos que mudar isso em breve. Só que ela está tendo dificuldade em





encontrar uma bruxa ou mago poderoso o suficiente em magia vermelha para copiar seu feitiço.

— Você não pode copiar o feitiço?

— Infelizmente não. Mas então, a Deusa Erif nunca gostou particularmente de mim. — Ele ri como se houvesse alguma piada interna da qual eu não tenho permissão para fazer parte.

— Adraa nunca mencionou a luz de fogo em suas cartas. — Nem mesmo papai pode produzir a luz de fogo? Por Deus, isso estava ganhando. Ela estava ganhando o tempo todo. Quando eu tinha nove anos, queria impressioná-la com um feitiço de congelamento. Eu ingênuo queria que ela me elogiasse, queria sua boa opinião. Mas sou uma fraude comparada a ela. Só aprendo feitiços e os lanço com perfeição. Ela inventou um inteiramente novo. Nunca tinha pensado em tentar isso.

Meu pai sorri.

— Então você ainda lhe escreve, então? Sei que fiz você escrever quando você saiu, mas você continuou. Estou feliz.

— Sim, eu escrevi. — Não posso dizer-lhe em que consistem nossas cartas, provocações e competição, nada de valor real. Fiquei tão satisfeito comigo mesmo sabendo que ela teria recebido minha carta hoje, mas agora? Eu quero desesperadamente pegar de volta, rasgar o que já foi enviado.

Então, novamente, as cartas não eram completamente terríveis. No começo, escrevi apenas duas linhas - como vai você, ou que bobagem - porque meu pai me criou. Não acho que poderia ter suportado mais nada, ainda com vergonha daquele tapa na cara. Adraa respondeu com perguntas sobre a escola. Acho que ela estava com ciúmes porque fui para a academia aprender magia, enquanto ela tinha que ficar em Belwar e ser ensinada. Leio essas cartas o tempo todo. Elas cheiravam a sal marinho e me lembraram de





que eu era o sortudo. Como alguém pode estar sozinho e com saudades de casa sabendo que está ganhando no jogo da vida? E as respostas para suas perguntas vieram tão facilmente, estando um ano à frente dela em treinamento.

Adraa: Aprendi a voar. Você já voou?

Jatin: Sim, claro. Em Agsa, voamos sobre quilômetros de flores e campos.

Adraa: Aprendi a consertar um fêmur quebrado. Você pode fazer isso?

Jatin: Sim, isso é simples magia rosa.

Em seguida, passou a ser sobre obter as melhores notas em nossos estudos. Quem foi o melhor em cada matéria? Ela tem poções de mãos dadas; Eu era melhor em magia sutil e complicada, como cultivar frutas.

Adraa: Meu tutor diz que sou a número um em sua classe.

Jatin: Sim, porque você é a única nisso.

Adraa: Isso não é verdade. Ele ensina os outros. Você é inacreditável. Você acha que é tão bom.

Jatin: Provavelmente porque sou o número um da minha classe.

Alguns anos depois, passamos a atos de bravura ou proezas. Protegi uma criança de ser intimidada; ela se juntou à mãe na clínica e começou a curar os aldeões. Ela salvou uma dúzia de cavalos de um incêndio no estábulo; Ajudei pessoas, inclusive Kalyan, após a pior tempestade que Agsa já vira.

Então, após um desafio de Kalyan, transformei as cartas em cartas de amor com provocações escondidas no gelo. Também fiz isso para tirar Fiza, uma das damas de Agsa, de cima de mim. Quando se espalharam rumores





sobre eu escrever bilhetes de amor para minha noiva, isso interrompeu o flerte dela.

Mas eu agonizei com a estupidez dessa decisão até que Adraa enviou de volta uma carta em branco que tive que congelar para ler. Ela estava irritada por eu ter reivindicado a vitória. Ela nem disse nada sobre a confissão de amor. Fiquei tão aliviado por ela não ter levado a sério que continuei a provocá-la ainda mais. Não sei bem por que ela é tão divertida de se mexer. Provavelmente porque ela se esforça tanto quando se trata de magia. Ou talvez eu gostasse do fato de estar ganhando nossa pequena competição e quisesse continuar assim.

Na verdade, não tenho ideia de que tipo de estudante ou mago eu seria sem Adraa. Sou um dos melhores porque não podia deixar uma garota um ano mais nova que eu e a centenas de quilômetros de distância vencer. E talvez eu a empurrei também. Talvez fôssemos ótimos juntos - incentivando um ao outro para sermos melhores na magia e na vida. Ou... Podemos discutir o tempo todo sobre tudo. Não sei dizer, e é isso que me petrifica.

Papai interrompe meus pensamentos.

— Estava pensando em uma reunião adequada, mas não tenho certeza do que seria melhor. Sua mãe sempre foi melhor em coisas dessa natureza. — Ele esfrega a pulseira de ouro enrolada em seu pulso. Quatorze anos e ele ainda a usa. Ele olha por cima do meu ombro para o enorme mapa de Wickery cobrindo uma parede. O que ele está pensando quando olha para aquele mapa? A vasta terra de Naupure, nosso juramento ao nosso povo? Ou sobre nossa futura aliança com Belwar?

Abro a boca para responder, mas paro quando alguém bate na porta. Nós dois viramos.

— Sim? — meu pai pergunta.





— Uma carta para você, Marajá, — a voz de um homem chama através da porta.

— Entre.

O jovem que me agradeceu pela vida de sua irmã me estende um bilhete. Eu pego e meu pai agradece. Olho para baixo e vejo o nome de Adraa, e o envelope endereçado ao Marajá.

— Como se ela soubesse que estávamos falando dela. — Entrego o envelope ao papai. Imagino que seja algum pedido de desculpas por ela não estar aqui hoje, mas Adraa me surpreende novamente quando meu pai revela o conteúdo.

— Ela diz que descobriu recentemente sobre uma corrupção na distribuição de luz de fogo e quer marcar um horário para se encontrar comigo. — A garota da rua já havia chegado a Adraa, então. Ela trabalhou rápido.

— Vou responder. Talvez este seja um momento oportuno para vocês dois se encontrarem novamente? — Meu pai levanta as sobrancelhas em questão.

— Tudo bem por mim, — eu minto.





CAPITULO OITO

PRESA NO PALACIO AZURE

ØDRAA

Dois dias excruciantes se passam antes que eu tenha tempo de visitar Marajá Naupure. Recriar e distribuir a luz de fogo e questionar as pessoas na Vila Leste ocupa a maior parte do tempo, mas também tenho outras responsabilidades. E durante tudo isso tenho que agir normalmente e me sentar na única pista que eu tenho que conecta Vencrin e minha luz de fogo perdida.

Distraio-me treinando com Riya no pátio, cada sessão me deixando mais perto do teste final e não mais perto de dominar a magia branca. Também observei uma das reuniões do meu pai, que foi particularmente ruim, considerando que o pai de Hiren, o Rajá da região montanhosa do norte, perguntou por que eu estava tão fora disso. Então, com minhas horas de sobra, ajudo mamãe em sua fábrica de cheiros. Cozinho a maioria das poções potentes, fervendo-as exatamente para serem misturadas com alguma outra erva ou subproduto. Riya sempre me diz que não quer ouvir sobre ervas amargas ou olhos de cabra, a menos que seja uma poção que ela deva aprender para papai, então não quero. Grande parte da magia rosa é usada para curar doenças como um osso quebrado ou uma ferida aberta. Este é o tipo para o qual, como guarda, Riya é treinada. Mas doenças e enfermidades precisam de poções infundidas com um feitiço de cura. Esse é o tipo em que minha mãe se destaca.





A magia rosa pode ser a mais rara no continente. Em nossa propriedade costeira, a maioria estuda a magia da água azul para pescar ou a magia da vegetação verde para produzir colheitas abundantes. Todo mundo quer aprender amarelo para poder voar e laranja e roxo para se proteger. Para um cidadão comum, a habilidade de fazer até três ou quatro tipos de magia é uma bênção. Os feitiços de cura são difíceis de dominar e os materiais difíceis de adquirir. Mas lesões e doenças são comuns nas duras selvas da Ilha Pire, então a magia rosa é uma necessidade lá. Assim, os melhores curandeiros vêm de Pire, e mamãe pode ser a melhor que Wickery já viu.

E, no entanto, quando os dedos de alguém pescam o fígado de uma cabra, não se sente alto e poderoso ou grato pela oportunidade de trabalhar com a melhor. Zara, minha empregada e a melhor aprendiz de minha mãe, com certeza está agradecida. Vi a garota até os joelhos em esterco de ovelha e mais feliz por isso.

— Sua mãe quer saber como está o fígado, — diz Zara, virando o corredor do quarto dos pacientes para a sala de trabalho, onde potes de tudo o que se possa imaginar revestem as paredes e chaleiras cheias de bolhas líquidas espessas.

Metade de uma cabra jaz sobre uma mesa de metal lisa diante de mim. Falta a cabeça, mas não quero saber o que aconteceu com ela, principalmente os globos oculares.

— Eu tenho um lóbulo. — Aponto para um prato.

Zara acena com a cabeça, toda sorridente, e se vira, pronta para relatar.

— Ei, — chamo. Zara se inclina para trás ao redor da porta. — Diga-lhe depois disso que estou indo embora. Minha consulta com Marajá Naupure é em uma hora.





Os olhos de Zara se arregalaram. Tenho certeza de que ela não consegue se imaginar indo para outro país para se encontrar com um Marajá. Ela também não pode voar, então a perspectiva deve parecer duplamente inconcebível. Acho que às vezes ela esquece que não trabalha apenas para uma poderosa usuária de magia rosa, mas também para a Marani de Belwar. Embora às vezes até eu esqueça o quão difícil é para a maioria. A viagem pode demorar apenas uma hora, mas alguns magos não conseguem fazer a viagem sem descansar em uma das três estações voadoras que flutuam sobre a cidade.

— Sim, claro, minha Lady, — Zara responde, antes de voltar. — Oh espere. Isso significa que vocês vão se encontrar... — Ela bate palmas com entusiasmo. — Quer que eu faça o seu cabelo?

— O que há de errado com meu cabelo? — Começo a pegar a trança e me lembro do sangue da cabra.

— Ah...

Aponto um dedo.

— *Você* arrumou meu cabelo esta manhã.

— Ah, — repete ela, e então se esquivava com um sorriso. Deixa para lá. Não posso começar a compreender Zara. Ela é uma amálgama, troca de código com base em seus deveres tão rápido que mal consigo acompanhar.

Alguém bate na porta do outro lado da sala, onde o corredor do palácio se conecta à área da mamãe. Retiro-me dos intestinos da cabra e atiro uma alavanca mágica roxa que virá a escotilha trancada. Riya avança, soprando minha névoa vermelha esmaecida no caos antes que desapareça.

— Ei, Adraa, é melhor irmos... — Ela para a me ver coberta de sangue.

— Deuses, você não poderia ter me avisado?

— Não exatamente.





— Deveria se limpar. Nós precisamos ir. — Ela pega um relógio. — Espero que o vento esteja conosco.

— Ou podemos fazer alguns, — eu digo enquanto mergulho de volta na cabra. Lanço um feitiço roxo para materializar uma faca fina, mas minhas ferramentas vermelhas são difíceis de ver em meio a todo o sangue de cabra. Corto a gordura e finalmente desalojo o resto do fígado. — Consegui. — Coloco o pedaço carnudo na bandeja.

— Isso é realmente ótimo, Adraa. Muito bom.

Tiro o avental e lavo os braços numa bacia com água, lavando o sangue.

— Adraa? — A mãe corre pela porta da sala de trabalho. — Ainda está aqui?

Aponto para a cabra.

— Adraa, não vá embora até conseguir este último pedaço de fígado para mim. Foi o que você disse.

— Mas eu não percebi a hora. — Mamãe torce as mãos e estende a mão para colocar uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

Afasto-me.

— Zara pode me ajudar. Mas Marajá Naupure já sabe que sou uma bagunça. — Sorrio com isso. — Então você não precisa...

— Apenas Marajá Naupure? — ela zomba. — Raja Jatin voltou da academia. Você certamente o verá. É muito importante que você pareça... — Ela franze a testa. — Oh, você vai ter que se trocar imediatamente. — Ela aponta para minha blusa de seda laranja e a mancha de sangue escorrendo por ela. Parece que entrei no meio de um assassinato horrível. Eu tinha sido cuidadosa também.

— Sangue, — praguejo.

— Não pragueje, — mamãe repreende.





Riya ri atrás de mim.

— Acho que ela quis dizer isso literalmente.



— Você parece bem, pare de se preocupar, — Riya ordena.

— Não é o estilo ou ajuste-o — Solto minhas mãos das dobras do meu lehenga e o vento chicoteia o tecido laranja ornamentado em meu rosto. — Esse. — Faço um gesto para o meu rosto semicoberto, em seguida empurro a saia de volta para baixo e a prendo enquanto seguro o Hubris com força. Não consigo nem ver meu parapente na confusão de saias. Claro, não é só a roupa. Com todo o negócio da luz de fogo, quase me esqueci de Jatin, mas não quero que Riya saiba disso. — Você já voou com uma saia longa?

— Sim, voei.

— Bem, eu não gosto disso, profundamente.

— Posso ver isso.

Atiro a ela um olhar. Então o tecido rosa enrolado em meus quadris e jogado sobre meu ombro direito me acerta no rosto vindo de outra direção. Todos os alfinetes que prendem a seda no lugar estão prestes a voar, se é que já não o fizeram.

— Acho ótimo você estar usando um vestido tradicional. Você precisa desesperadamente da prática de usar um em um planador.

Detecto algo na voz de Riya e me viro na direção dela, o que joga mais tecido em meu rosto.

— Você! Você escondeu todas as minhas calças voadoras, não foi? Não é de admirar que Zara tenha ficado confusa e nervosa.

— Não pode provar nada.





— O que é basicamente uma admissão de culpa. Espero que você esteja feliz. Marajá Naupure vai dar muitas risadas.

— Aposto que Raja Jatin vai gostar.

— Não vou ver Jatin. — Talvez se eu disser o suficiente, eu possa conjurar a verdade.

— Okay, certo. Isto é o que você pensa. Sua mãe sabia melhor. E reconheço uma armação quando vejo uma.

— Riya, tenho negócios importantes para discutir com Marajá Naupure.

— Sim, eu sei disso, e você também. Mas Naupure e Jatin provavelmente acham que isso é um estratagema para chegar ao palácio e se encontrar.

— Oh Deuses, — murmuro. Riya tem razão. E mais uma vez o tecido me dá um tapa na cara.



Estou preocupada que Riya esteja certa, então, quando nos separamos na escada da frente, não espero que Naupure venha me buscar. Hughes, o principal associado de Naupure, me pede para esperar no salão principal, mas não posso ficar ali como um alvo fácil.

— Vou subir. Poupo-lhe da viagem.

— Lady Adraa, eu insisto! — Hughes me chama. Inclino-me sobre o grosso corrimão de pedra. Sinto-me mal depois de ver seu rosto em pânico. Hughes e eu tivemos várias ótimas conversas silenciosas enquanto esperava por Naupure no passado. Somos praticamente melhores amigos.

— Ele está me esperando. Prometo que você não terá problemas. — E continuo a subir, um lance de escadas, viro e depois o outro. Tenho que





passar pelo quarto de Jatin para chegar ao escritório, ou pelo menos o que costumava ser o quarto dele. O Jatin esculpido na porta parece gasto e me lembra de muito o menino de nove anos que conheci. Ele com certeza não se parece mais com isso.

Estou tão estupidamente nervosa que considero abafar meus passos com magia obscura para que Jatin não me ouça passando por seu quarto. Ele provavelmente nem está lá dentro, digo a mim mesma, mas mesmo assim passo correndo pela porta e chego ao final do corredor. Eu bato e rezo para que Naupure responda rapidamente. Afinal, ainda estou vulnerável aqui fora.

— Sim?

— É Adraa.

Os papéis se agitam, uma cadeira range contra a pedra.

— Entre.

Naupure se surpreende um pouco quando entro.

— Hughes não me disse que você estava aqui.

— Sinto muito, abandonei-o.

— Perguntei-me quando você começaria a fazer isso. — Os olhos de Naupure se arregalam um pouco enquanto ele processa o desfile de tecido que estou usando. — Você está toda arrumada.

— Sim, bem, tinha sangue em minhas outras roupas.

Naupure começa a rir.

— Não o seu, eu espero, — diz enquanto nós dois nos sentamos.

— Não, eu estava cortando o fígado de uma cabra antes de partir.

Ele sorri brilhantemente.

— Alguns dias eu mal posso esperar até você morar aqui.





Contorço-me no meu assento, consertando como o lehenga cai ao meu redor. Naupure e eu quase nunca conversamos sobre o casamento iminente. É por isso que nos damos tão bem. Eu deveria ter esperado isso, no entanto. Casa. Jatin. Eu com um traje chique. De repente, tudo parece real. Um dia eu *viveria* neste palácio em vez do meu.

Aponto para a minha roupa.

— Não espere isso em uma ocasião diária. — Não me importo com roupas mais tradicionais como lehengas ou saris, sério, apenas voar foi muito difícil para as palavras, e eu sei que também não posso treinar com isso, o que significa que em um único dia eu teria que mudar três vezes para conseguir qualquer coisa feita. Isso soa como a mais absurda perda de tempo.

O peito de Naupure treme enquanto ele ri.

— Vou ter certeza de definir minhas expectativas.

Sinto uma pausa e vou em frente. Preciso mudar essa conversa antes que eu não consiga pensar direito sobre o que realmente importa.

— Houve um novo desenvolvimento no Projeto Fumaça.

— Presumi quando recebi sua carta.

— Ah, que bom. Estava pensando... — *Como devo dizer isso?*

— O quê?

— Nada, — digo. Não posso dizer-lhe como todas as mulheres da minha vida presumiram que ele não queria me ouvir, mas apenas me reapresentar a Jatin. Uma sensação quente e vibrante sobe pelo meu peito. Para Marajá Naupure, o Projeto Fumaça é mais importante do que eu como uma peça conjugal para manobrar em torno de uma prancha. Mas agora eu deveria saber melhor. Foi Marajá Naupure quem me confortou quando desabei neste mesmo escritório depois que o pai de Riya foi ferido. Foi Marajá





Naupure quem me abraçou forte e disse: — Você quer que eu a ajude a encontrar os culpados?

Começo lhe contando a história do ladrão, ignorando completamente a interação da carruagem, mas compartilhando meu interrogatório de Basu.

— Eu o fiz admitir que estivesse vendendo minha luz de fogo para um garoto chamado Nightcaster.

— Como em...

— Sim, não consigo imaginar quem mais poderia ser. O que significa que Basu estava vendendo diretamente para o Vencrin. Preciso voltar para o Subterrâneo para lutar como Jaya Fumaça e vou descobrir por que os Vencrin estão acumulando a luz de fogo.

— Acumulando? Em sua carta, você disse que eles estavam pegando e vendendo por cinco pratas.

— Também pensei, mas eu estava na Vila Leste ontem dando orbes de luz de fogo aos lojistas. Eu marco os orbes para que as pessoas saibam quanto tempo dura a luz de fogo. Basu estava errado ou mentiu para mim. A Vila Leste não recebe um carregamento de mil lamparinas há dois meses. A luz de fogo foi carregada porque se tornou escassa. As aldeias do Norte e do Sul também foram afetadas.

— Então, você questiona Sims, talvez até Nightcaster. Se eles não disserem nada ou não souberem, o que acontecerá?

— Então eu vou seguir Nightcaster, ver a quem ele se reporta. E eu vou acabar com essa corrupção.

— Adraa, esta missão foi perigosa o suficiente nas primeiras doze vezes. E agora você quer sair do ringue de lançamento de gaiolas? Se você forçar o suficiente, você será descoberta.





É um risco que estou disposta a correr. Quero provar a mim mesma, demonstrar que sou mais do que um Toque de um braço só. Mas Marajá Naupure trabalha com lógica.

— Sims me dá mais informações quanto mais eu ganho. Estou indo bem, bem o suficiente para que ele desista de horários de reuniões, remessas.

— Faço uma pausa, esperando que Naupure aceite meu plano. Saber que ele está atrás de mim nisso me dá uma rede de segurança. Uma que eu não acho que poderia viver sem.

— Portanto, esta missão não é mais sobre o Sr. Burman ou as drogas.

— Sempre será sobre isso. Não vou parar até que as ruas estejam limpas. Mas eu sei o que eles estão fazendo com as drogas. Para que eles querem a luz de fogo?

Naupure apoia o queixo nas mãos.

— Eu tenho um palpite.

Inclino-me para frente, ansiosa. É por isso que eu estava tão desesperada para vir aqui.

— O que você acha?

— É apenas um palpite e preocupante nisso.

Encaro-o até que ele continue.

— Marajá Moolek. — Ele faz uma pausa enquanto eu absorvo o nome. Naupure passa a explicar antes que eu possa compreender toda a implicação.

— Por que outro motivo Vencrin pagaria caro por algo tão barato? Não é o estilo deles. Vencrin iria roubá-lo. Montes de dinheiro? Esse é meu cunhado querendo colocar as mãos na luz de fogo.

Eu tenho que me levantar e me mexer. Isso me ajuda a pensar. Caminho na frente da mesa de Naupure.





— Moolek ficou zangado um ano atrás quando meu pai lhe disse que a luz de fogo havia substituído às lamparinas, que não precisávamos mais importar seu ghee. E eu escrevi a carta dizendo que não poderia abastecer o país dele, *o país enorme dele*. — Aponto para um mapa na parede; o de Wickery, onde as terras de Moolek se estendem acima de Naupure e do ainda menor Belwar. Moolek senta-se sobre nós dois como um sapato esmagando uma formiga. — Não posso fazer isso até encontrar mais bruxas e magos que possam realizar o feitiço.

— E Moolek não vai enviar a você seus melhores usuários de magia vermelha para ajudar a encontrar candidatos.

— Claro que não. — Estou passando do ponto de andar, minhas mãos acentuando cada palavra. — Acho que ele só vai contratar criminosos para pegar para si!

— Isso é apenas um palpite, Adraa.

Viro-me para Naupure e me inclino para frente com seriedade.

— Um bom palpite. Um que seja lógico e sólido. — *Por que eu não tinha percebido isso antes?* — Só preciso de provas. Deixe-me obtê-las.

Ele faz uma pausa, provavelmente para julgar minha raiva. Fico de pé e me apoio nos calcanhares.

— Não controlo você. Acho que ninguém conseguiria, — diz ele.

— Mas você não aprova? — Pergunto com a voz mais calma que consigo.

— Vamos repassar o plano passo a passo.

Sento-me novamente e Naupure pega meu relatório. Cinquenta folhas representando seis meses tentando entender e, finalmente, destruir o Vencrin.

— Vamos começar.





Uma hora depois, inspeciono tudo novamente e sorrio.

— Posso fazer isso.

— Tem tanta coisa que pode dar errado.

— Então eu recuo. Volto para casa. Posso sair a qualquer momento. —

Aponto para vários lugares no mapa.

— Mas você vai? Se você vir algo errado, partirá?

Sei que Naupure precisa de uma resposta definitiva. Então faço uma pausa, olho-o diretamente nos olhos e acalmo minha voz.

— Sim. — Não sei dizer exatamente se é mentira.

Naupure suspira.

— Acho que você deveria tomar sua guarda.

— Já conversamos sobre isso. — A presença de Riya causaria suspeita, e ela não consegue esconder o segredo de sua mãe. Mas não culpo Riya. Sangue, se eu fosse Riya não conseguiria esconder o segredo da Sra. Burman.

— E quanto à outra pessoa, um dos *meus* guardas de confiança? — Naupure pergunta.

Balanço minha cabeça.

— Isso causaria suspeitas no submundo. O fato de eu não ter amigos lá faz os Sims pensarem que ele está em vantagem.

— E como ele está muito errado. — Naupure se levanta e estende o antebraço.

Manobro e pressiono meu braço esquerdo contra o dele.

— Obrigada.





Ele sempre confiou em mim, acreditou em mim mais do que os meus próprios pais. Posso não querer que ele seja meu sogro, mas ele já é praticamente meu segundo pai. Uma batida na porta quebra o momento.

— Sim?

— Marajá, o Raja de Warwick está aguardando-o — Hughes diz através da porta.

Naupure olha para seu relógio.

— Meu irmão está adiantado, o que significa que estou atrasado.

— Posso sair. — Nunca me senti mais sortuda. Alívio feliz voa de meus ombros preocupados. Naupure franze a testa e eu sei o que está por vir. Um arrepio nervoso desliza pela minha espinha e de repente estou com frio e suado ao mesmo tempo.

— Esperava que você e Jatin pudessem se encontrar novamente hoje.

— Hum, eu deveria ir. — Mexo no meu cinto, verificando se Hubris está bem presa. Riya me preparou para isso e ainda sou uma escultura de gelo caindo no chão.

— Você não vem aqui com frequência, então pensei que seria conveniente para vocês dois. Se o vento estiver contra você é mais de uma hora de voo intenso.

Jatin não contou ao pai sobre nosso primeiro encontro, é claro. Por que ele faria isso quando não tinha ideia de quem eu era na época? Eu pretendia usar isso a meu favor, mas o que eu realmente faria com isso? Sei disso, porém: eu não quero que isso seja tirado de mim, deixando-me desajeitada e tola por não anunciar quem eu era de uma vez.

— Talvez seus pais prefiram uma apresentação mais formal. — Naupure olha para o mapa de Wickery. Sei que o retrato de sua esposa costumava ficar pendurado lá. Toda vez que ele olha para ela, tenho a





sensação de que ele olha para além das linhas onduladas das bordas de Wickery e para o rosto dela. Uma vez ele disse que eu o lembrava dela, de Savi.

Talvez tudo isso seja desconfortável para ele também. Quando eu era criança, deve ter sido mais divertido e interessante me conhecer e avaliar. Agora, o processo é muito trabalhoso para todos nós. Mas acho que o casamento sempre é.

— Talvez, — digo finalmente. Meus pais só querem que eu cause uma boa impressão. Quero que haja alguma chance, antes que eu a estrague. Mas o que eu quero? Quero que haja uma maneira de Jatin conhecer meu verdadeiro eu antes de me ver embonecada como o Festival das Cores. Talvez por baixo de tudo, é por isso que não me revelei na Vila Leste.

Marajá Naupure verifica seu relógio novamente.

Aceno para a porta.

— Você deveria falar com Raja Warwick.

— Outra hora, então.

— Claro. Estou aqui todos os meses. E em duas semanas estarei trazendo a luz de fogo. — Engulo. Duas semanas, então, é o tempo que tenho para pensar em tudo. Curvo-me e saúdo.

Hughes fica atento quando abro a porta. Dou-lhe um sorriso culpado e ele não faz nenhum movimento visível, mas vejo desaprovação escrita em seu rosto. Um comércio justo, eu diria.

— Adeus, Adraa. Esteja à salva. — Marajá Naupure agarra meu ombro e então se vira para a sala do trono.

Não respiro com facilidade até passar pela porta de Jatin. Não posso deixar de sentir que vai explodir como se ele e seu pai tivessem armado uma armadilha para mim. Mas nada acontece; permanece lacrada e





fantasmagoricamente silenciosa, como há nove anos. Desço as escadas despreocupadamente, mesmo com um pequeno pulo no meu passo. Eu tenho mais tempo. Eu ia descobrir o que estava acontecendo com a luz do meu fogo e então derrubaria o Vencrin. Há esperança, um plano e um caminho que levará Belwar ao sucesso. E se Moolek está por trás da falta de luz do fogo, então meu primeiro movimento político está diante de mim.

Contorno a segunda escada. Um homem está subindo. Meus olhos encontram os dele e nós dois paramos no mesmo passo. Não!

Uma vez, quando eu era pequena, uma mosca pousou em um dos meus castiçais de treinamento em chamas e ficou presa na cera quente. Apaguei a vela para ver se isso a ajudaria, mas era tarde demais. Ela zumbiu em pânico e ainda assim sua morte foi tão silenciosa. Teria sido imperceptível se eu não tivesse testemunhado a coisa toda. Nunca entendi bem o terror absoluto pelo qual ela deve ter passado. Mas agora eu entendo, porque o silêncio pegajoso eterno em que nós dois entramos cria um pânico mortal dentro de mim, um pânico que ninguém jamais notará e do qual não posso escapar.





CAPITULO NOVE

UMA CONVERSA CASUAL TORNA-SE CAOTICA

JATIN

Depois de uma hora de treinamento nos campos de prática, não posso deixar de parecer casual e agir de surpresa se minha futura esposa aparecer de repente com meu pai. Faço um gesto para Kalyan, que está trabalhando em sua magia roxa. Uma parede acinzentada o envolve enquanto ele fica em silêncio lançando um feitiço repetidamente para que a bolha ao redor se construa sobre si mesma. *Vou entrar*, murmuro através de seu escudo.

Algumas camadas da bolha estouraram e ele olhou para cima, surpreso.

— Quer que eu vá?

— Não, este é um bom trabalho. Continue para ver se você pode correr e sustentá-lo.

Ele acena com a cabeça e eu sigo o caminho pela terra. Achei que papai e Adraa sairiam trinta minutos atrás e não seria tão estranho. Agora? Estou suando. Bastante. Não acho que isso pode ser explicado pelo treinamento mais. Na verdade, provavelmente parece que tenho uma condição. Limpo minha testa.

Qual o pior que pode acontecer? Pergunto-me pela milésima vez. *Ela odeia você, você a odeia e você se casa com outra pessoa.* A camponesa surge em minha mente. Sim, alguém exatamente assim, que salva a vida das pessoas sem hesitar. Sufoco o pensamento enquanto passo por uma porta lateral e entro no palácio. O que há de errado comigo?





Subo a escadaria principal. A cerca de cinco degraus do patamar, uma vibração rosa vira a esquina e eu congelo. É ela, a camponesa do mercado. Como em Wickery...

Ela está em um lehenga, com uma saia laranja que roça o chão e uma faixa rosa que envolve sua cintura e sobre um ombro. Nenhuma sujeira à vista. Na verdade, sou eu quem está desganhado. Minha boca fica muda.

Ela finalmente respira e tira a mão do peito. Então ela ri com o que parece alívio.

— Sangue, eu pensei que você fosse outra pessoa.

Como o quê? Eu tropeço na pergunta, mas então percebo que ainda não vocalizei as palavras. Provavelmente porque tantas perguntas estão passando pela minha cabeça. Quem é ela? Por que ela está aqui, sozinha? Como ela conseguiu avisar Adraa tão rápido? Ela não pode ser uma camponesa. Não há como em Wickery ela ser uma plebeia mediana, usando essa roupa.

— Eu estava de saída. — Ela indica as escadas que estou bloqueando. Aquelas que continuarei bloqueando para sempre, se for preciso para poder falar com ela adequadamente. *Diga alguma coisa antes que ela desapareça*, insisto comigo mesmo.

— Vou acompanhá-la, — finalmente sou capaz de articular. É uma conquista pequena, mas importante.

A garota tem outra desculpa pronta.

— Já tenho. Tenho alguém esperando por...

— Terei prazer em fazê-lo. Por favor, — acrescento quando ela não parece muito feliz com a perspectiva. Eu respiro, tentando remover o constrangimento do nosso último encontro. Ainda posso senti-la em meus braços, o calor de seu corpo. Sangue, eu posso estar corando.

— Tudo bem, — diz ela.





Começamos a descer as escadas, uma descida para outro mundo. Não tenho certeza de como quebrar o silêncio. Devo dizer algo sobre o incidente na rua ou talvez perguntar sobre a saúde dela? Vou com algo simples e significativo.

— Então, eu não sei seu nome.

Ela hesita e não do jeito tímido de cinco segundos. Eu passo por um tijolo sólido de cálculo silencioso. Estou falando de dez passos frios e duros que batem contra a pedra.

Ela finalmente cede.

— É Jaya.

A vitória brota do meu estômago por uma fração de segundo antes de seu contra-ataque chegar.

— Seu? — pergunta ela.

Nem tinha pensado...

— Kalyan, — forneço, e me viro para oferecer a ela meu antebraço. Eu deveria ter lhe dito quem eu realmente sou, mas não posso. Ainda não posso desistir da fachada. Ela hesita por meio segundo, depois pressiona o braço direito contra o meu Toque a Toque. E aí, no último sinal de respeito e igualdade, a mentira se sela.

Tarde demais, percebo como estou suado e sujo, como posso ter arruinado sua manga brocada. Ela olha para o braço e eu quero morrer.

— Desculpe, estive treinado...

— O quê? Oh não, você está bem. — Ela não enxuga o braço na saia e eu fico muito agradecido. Mais dois degraus de estranheza.

— Então, o que você está fazendo aqui, Jaya? — Espero que isso pareça casual, não desesperado. Ela semicerra os olhos para mim como se eu fosse





um servo que falou fora do lugar. Acho que meio que estou aos olhos dela, mas e ela? O que ela faz para garantir uma audiência privada com meu pai?

— Alguns negócios para Lady Adraa.

Então Adraa não viria. Ela havia enviado a garota que descobriu o problema em seu lugar. Mas isso significa que Adraa está me evitando? Preciso de respostas.

— Então você trabalha para ela?

— Bem, sim. — Jaya faz uma pausa. — Sou praticamente da família.

Mais três passos. Estou ficando sem degraus.

— Você não precisa parecer tão preocupado, — diz ela. — Quero dizer, já tive a entrada liberada; Já tive muito tempo para matar Marajá Naupure se essa fosse minha intenção e agora estou indo embora. — Ela gesticula em direção à porta de gelo, que fica à frente.

Mas que sangue?

— Insinuar assassinato e traição não é exatamente reconfortante.

— Desculpe, saiu errado.

— Você insinuou...

— Sou amiga de Marajá Naupure, uma boa amiga.

Boa amiga? Público, privado? Meu cérebro lateja. Oh, Deuses, essa garota, essa garota que deve ser da minha idade ou mais nova, poderia estar dormindo com meu pai? Uma raiva repentina surge atrás dos meus olhos. Não. Já se passaram anos desde que mamãe morreu e normalmente eu ficaria enojado com a ideia de papai atraindo jovens plebeias para sua cama, mas não ela. Ela não!

— Meus Deuses, agora você acha que estou dormindo com seu Marajá.

— Ela esfrega as têmporas.

Ela está *admitindo* isso?





Acena-me com uma mão.

— Eu não estou — praticamente grita.

Paramos ambos do lado de fora da entrada da escada. Pela primeira vez desde o incidente na rua, olho para aqueles olhos castanhos ardentes. Sem sujeira em seu rosto, posso ver melhor a ferocidade em suas feições. Temos quase exatamente a mesma altura. Isso estimula uma leveza palpitante em meu peito. Estamos olho no olho, o que de alguma forma nos garante igualdade e intimidade.

Interrompe o olhar e caminha para frente.

— Não estou — diz ela mais uniformemente, olhando para frente. O alívio quer reiniciar meu coração, e eu permito; Eu acredito nela. Por que estou tirando conclusões precipitadas sobre essa garota? Corro para alcançá-la.

— Desculpe-me se eu te insultei de alguma forma.

Ela encontra meus olhos.

— Vamos recomeçar. Eu sou apenas uma garota que não é uma assassina ou uma amante.

— Mesmo. — Sorrio para ela e ela ri. E com isso me sinto poderoso. Caminhamos os últimos passos até a porta de gelo. Não quero deixá-la ir, mas eu também não quero que nossa conversa irrompa em constrangimento ou implicação horrível novamente. Ela toca a porta, algo que nunca vi ninguém fazer antes. Mas isso foi há nove anos, uma vida inteira. Talvez isso tenha se tornado uma coisa.

— Adoro esta porta. É maravilhosa, não é? — Diz ela. Eu também adoro provavelmente a razão pela qual passava a maior parte do meu tempo com magia branca. Agora, tudo o que consigo pensar é que tive que sair dela uma década atrás.





Estendo a mão para puxá-la de volta.

— Sim, mas você não quer tocá-la por muito tempo, pode causar queimaduras de frio.

Sua mão fumega.

— Sempre fui cuidadosa. — Ela continua encarando e me pergunto se ela está tentando ver seu reflexo no gelo. A imagem distorcida não faz justiça ao seu dono.

Espero uma batida, então entro em ação. Ocorre-me que ela pode não ser capaz de abri-la.

— Aqui, deixe-me. — Lanço um feitiço intrincado, e a porta se abre, permitindo que uma luz amanteigada entrasse. Minha magia flutua como uma névoa perdida.

— Um branco forte, — diz ela, como se estivesse observando o tempo. Talvez eu tenha me traído, mas Kalyan também é um mago forte em magia branca, então isso não deveria estragar minha mentira.

— Sim.

Uma garota sentada na escada pula quando Jaya e eu pisamos em cacos de gelo. Ela é bonita por si só, mas não tem os olhos de Jaya, sua rica pele dourada, suas maçãs do rosto, cabelo que... Oh não, estou olhando de novo.

— Esta é minha amiga, Riya.

Rapidamente me curvo e sorrio. Ela me avalia e parece satisfeita em fazer isso. Ela está rindo de nós, eu percebo. Bem, pelo menos eu.

— Riya, este é Kalyan.

— Oh. — Ela dá um pequeno sobressalto. — Só pensei... Não importa.

Ela pensou que eu era Jatin. Oh Deuses. Eu deveria admitir isso. Estou sendo tão ridículo. Vou parecer um tolo, mas abro a boca mesmo assim.

Jaya começa a falar antes que eu possa dizer uma palavra.





— Eu-eu queria agradecer-lhe pelo outro dia. Percebo que a maioria das pessoas desmaia quando se esgota e foi bom saber que se fosse eu, você não teria me deixado na rua. — Ela respira como se soprasse um discurso ensaiado.

— Você é... Você é bem-vinda.

Ela acena com a cabeça, vira-se e desatreia o planador do cinto.

— Venha, Riya, vamos, — diz enquanto se arrasta pelo caminho pedregoso. Teria que gritar para ela me ouvir agora. Não posso me forçar a fazer isso.

Jaya está quase alcançando as escadas que saem da montanha quando uma voz interrompe meu devaneio.

— Raja Jatin, há algo que eu possa fazer por você? — um guarda bem barbeado em colete de armadura pergunta atrás de mim.

Cruzo os braços e me inclino contra o pilar que brota da entrada. O ar aqui em cima é rarefeito, mas fresco. O céu brilha com mechas de rosa, polvilhando as paredes azuis do palácio com um brilho roxo.

— Não, apenas apreciando a vista.

— Sim, eu também, senhor. — O guarda sorri. Sigo seu olhar para Jaya descendo o caminho.

— *Zitadloc*, — eu sussurro, e aponto minha magia branca em sua direção. Ele sobe pela perna e pela coluna. O guarda estremece. — Meus Deuses, cara, decência.



Não sei o que fazer depois de uma interação como essa então cambaleio até o escritório do meu pai, apenas para encontrá-lo vazio. Então eu volto





para os campos de treino para assistir e ajudar Kalyan enquanto ele corre com o escudo de várias camadas ao seu redor. Mas minha mente foi distorcida. Se a garota era uma distração antes, ela se tornou tudo em que consigo pensar agora. Sobre o que Jaya e meu pai conversaram por tanto tempo? Que plano estava sendo implementado sem mim? *Bons amigos*, ela disse. Atinge um ponto dolorido que pensei ter curado há muito tempo.

Volto para o escritório do meu pai nas próximas horas entre mais treinamento e um banho frio. Ele está devidamente inundado, como qualquer Marajá deveria estar. E, no entanto, tenho muito tempo disponível sem nada para fazer. É Hughes quem vem atrás de mim no final.

— Marajá Naupure quer vê-lo.

Minha cabeça sacode do livro de feitiços que eu não estava mais lendo.

— Estarei lá.

Três minutos depois, estou diante do homem com quem venho tentando falar a horas. Enquanto minha cabeça está fervilhando o dia todo, meu pai parece que está fervilhando o mês todo.

— Houve uma escaramuça perto da fronteira de Naupure e Moolek, no território de Warwick, — diz ele sem rodeios.

Fico mais ereto, completamente focado pela primeira vez em horas. Essa área está tumultuada há anos, mas a expressão no rosto de meu pai me diz que devo me preocupar.

— Quão ruim?

Seu rosto não desmorona; há apenas um aperto ao redor de seus olhos.

— Seis mortos até agora. Alguns campos de cultivo foram saqueados.

— Ele joga a mão no ar. — Tudo em nome dos quatro deuses, imagino.





Concordo com a cabeça e tento processar o que ele me disse. Seis mortos, não perto do pior que já ouvi, mas pode piorar. Pode haver uma luta neste exato momento.

— Jatin, com você em casa, não estou tão preocupado em sair da capital.

Entendo imediatamente.

— Eu posso fazer isso.

— Há muito que você já sabe, é claro, e agora você tem o título de Raja por autoridade.

Repito o que provavelmente será meu mantra nas próximas semanas enquanto cuido da minha capital e do meu país.

— Eu posso fazer isso.

— Sim, eu acredito que você pode. — Papai começa a arrumar pastas e papéis nos armários da parede direita. Ele me diz o que é o quê. É uma longa hora sem tempo para interromper sobre a luz de fogo, Adraa ou Jaya. Tento me concentrar. Depois que tudo foi apontado ou abordado, meu pai se recosta para olhar para sua parede de trabalho. Ou agora, *minha* parede de trabalho.

Ele limpa a garganta.

— Sinto muito por não ter apresentado você a Adraa adequadamente. Terá que esperar até que eu volte. — Ele faz uma pausa enquanto contempla o calendário em sua mesa. — Ela está entregando luz de fogo em duas semanas. Vou ter que escrever para cancelar.

— Posso lidar com isso sem você.

Ele levanta uma sobrancelha para mim.

— Se você tem certeza.





Não quero que Adraa sinta que a estou evitando, como se ela provavelmente estivesse me evitando.

— Precisamos da luz de fogo, certo?

— Sim, mas a reunião é mais para eu poder falar com ela.

Meu estômago aperta e minha garganta aperta. Ela é mais uma filha para ele do que eu sou um filho. Talvez devêssemos *deixá-la* administrar o palácio nas próximas semanas.

— Não se preocupe. Contanto que ninguém leve um tapa na cara, será uma melhoria. Além disso, sei que você vai gostar dela.

Como ele sabe disso? Como ele sabe o que eu acho atraente? Ele não me conhece, não de verdade. Jaya aparece na minha cabeça e desta vez não esmago a imagem.

— Posso te perguntar uma coisa? — Pergunto.

Ele está tão sobrecarregado com a situação em nossas fronteiras que posso perguntar qualquer coisa. Provavelmente poderia até perguntar sobre mamãe.

— Sempre — diz ele, verificando minha teoria.

— Quero saber mais sobre o Vencrin. — Tem passado pela minha cabeça desde que voltei, o quanto eu não sei sobre os problemas de Belwar. Ver a garota novamente me lembrou da minha ignorância. Adraa mandou Jaya aqui para falar com meu pai sobre o problema da luz de fogo e do Vencrin, mas eu não participei da reunião. E preciso saber, especialmente se Adraa está chegando e pode esperar uma atualização.

— O Vencrin? Adraa escreveu para você sobre isso?

Meu pai superestima severamente o conteúdo de nossas cartas.

— Não, eu ouvi sobre isso na aldeia.

Ele esfrega o queixo.





— Quanto você sabe?

— Só que são criminosos em Belwar que vendem drogas para os belwarianos.

— E os naupurianos também. Também somos afetados. Só na capital no momento, mas é o suficiente para deixar qualquer um preocupado.

— Por que não fui informado disso, então?

Papai franze a testa.

— Achei que iria interferir nos seus estudos. Saber que algo ruim está acontecendo e não poder fazer nada, isso é praticamente uma tortura. Além disso, os Belwarianos ajudaram. Especialmente Adraa, ela quer chegar ao fundo disso. Está mais no território deles, no domínio deles.

Eu paro. *Especialmente Adraa?* Ela nunca se gabou disso em nenhuma das cartas. Ela nem mencionou seu papel na luz de fogo. O que mais todos estavam escondendo de mim?

— Também quero ajudar, ou pelo menos saber tudo o que há para saber, — digo.

Meu pai me avalia. Apenas por um segundo, mas é um segundo que Adraa Belwar provavelmente nunca teve que suportar.

— Recentemente, Adraa descobriu que os Vencrin não estão mais traficando apenas drogas. Eles também estão comprando a luz de fogo. Acho que eles podem estar fazendo isso sob as instruções de Marajá Moolek.

— Tio Moolek? — Digo muito alto. Primeiro as escramuças e agora descubro que meu tio está adulterando a invenção de minha noiva. — O que Moolek...

— Só acho que *parece* que Moolek está envolvido. Suspeito que ele queira a luz de fogo para replicar ou destruir. Luz de fogo tornou Belwar menos dependente economicamente de Moolek. É também um insulto à





ideologia Moolek. Luz de fogo permite que qualquer plebeu sem habilidade em magia vermelha use fogo e luz. Ou seja, magos e bruxas que não são abençoados pelos quatro deuses principais, ou mesmo pelos Intocados, são capazes de apreender esse poder e ser iguais aos outros. E se Adraa inventasse um feitiço verde que permitisse a qualquer um prosperar nos campos, ou um feitiço amarelo que permitisse a qualquer um voar em um planador? O controle de seu tio entraria em colapso.

— Você tem razão. — Sento-me com um baque. Meu pai não precisa explicar mais nada. A hierarquia social de Moolek é construída tirando vantagem daqueles com menos habilidade mágica e criando barreiras e estereótipos em torno de certas cores para que permaneçam inferiores aos tipos elementos originais. Tudo isso faz sentido para mim - como eu poderia não ter visto isso imediatamente? Na carruagem, Jaya disse que o roubo da luz de fogo parecia pessoal contra os Belwarianos. Ela sentiu isso, então.

— Ainda é apenas especulação. Quando eu visitar a fronteira, espero me encontrar com Marajá Moolek. Atualmente estamos no meio de tudo, tanto geograficamente quanto como país com planos de se unir à garota que criou um feitiço que ameaça o modo de vida de Moolek.

Santo sangue!

— Talvez eu não devesse me casar com ela. — É uma piada de mau gosto que atinge muito perto dos meus verdadeiros pensamentos.

Papai fica quieto, dolorosamente. Suas próximas palavras são sussurradas asperamente.

— Jatin, se eu estiver correto sobre os motivos de seu tio, ele tentará controlar Adraa de alguma forma. E essa seria uma aliança que partiria nossa terra em duas. Ele teria seu poder, seu brilho e sua luz de fogo.





Não sei o que dizer. Nunca imaginei como meu casamento poderia ser político. Sim, cumprindo a expectativa da família, e sim, uma aliança com Belwar, isso foi dado. Mas agora? Corro as minhas mãos pelo meu cabelo. O mundo inteiro gira em torno do fato de Adraa ter inventado um feitiço de fogo? Parece que sim.

— E se eu a odiar? Ou ela me odiar? — Talvez eu devesse contar a papai sobre nossas cartas. Porque eu acho que ela me odeia um pouco. Ela não está me evitando porque é tímida.

— Conheça-a antes de começar uma crise política. — papai ri, mas é sombrio.

Ele puxa uma pilha de papéis da gaveta da escrivaninha em vez do armário. Este deve ser especial.

— Você está certo, no entanto. Você deveria saber de tudo. — Ele entrega a pilha para mim.

Viro-a para encontrar página após página de anotações manuscritas.

— O que é isso?

— Tenho alguém infiltrado, alguém disfarçado, na esperança de descobrir e derrubar o Vencrin. E agora isso também significa descobrir se Moolek tem um papel na escassez de luz de fogo. — Papai aponta para as notas para dar ênfase. — Este é o relatório deles.

Examino-o. A primeira página marca o primeiro dia, com o nome do agente, Fumaça, escrito no topo. Parece a caligrafia de Adraa, mas então percebo que é muito legal. A escrita de Adraa desce e gira como uma criança de dez anos em um planador; essa pessoa voa com pequenos floreios como um aviador de dezessete anos. Mas meu palpite é que o escritor é mulher.





Quero aprender, mas isso é mais do que um livro didático. Esta é uma informação privilegiada, os segredos de uma operação secreta.

— O que você quer que eu faça exatamente?

— Você perguntou. Você se importa. Adraa também se importa. — Papai aponta para o relatório novamente. — Descubra o que há para saber. Se você quiser fazer parte disso, não vou impedi-lo.

— Uma parte disso?

Ele aponta para os papéis.

— Você vai ver. Ela poderia usar reforços.



A princípio, as notas se esforçam para explicar tudo. Todo o processo da investigação, a teoria, o objetivo, o começo, tudo é apresentado em uma confusão de detalhes. Mas em cinco páginas, as peças importantes começam a flutuar acima da confusão. Viro uma página. Vencrin e seus ataques marcados a navios na costa de Belwar. Viro outra página. Vencrin e seus sucessos marcados nas ruas de Belwar.

As próximas páginas explicam Bloodlurst. *Extremamente viciante e prazeroso para os sentidos no uso inicial*, diz em letras grandes no topo. Lembrava-me corretamente; com o uso recorrente, a droga aumenta o Toque. Outra página, mais relatos de incidentes em que um viciado se esgotou ou matou alguém. Paro em uma frase. Na maioria dos casos, tomar muito Bloodlurst esgota o usuário... Releio a próxima palavra para ter certeza de que estou vendo corretamente. *Permanentemente*, diz.





Folheio mais páginas. O agente Fumaça descobriu uma conexão entre o Vencrin e um lugar chamado Subterrâneo, uma arena escondida para o lançamento de gaiolas, com partidas semanais. Há um calendário. A próxima data circulada nele é em dois dias. O único outro item enfatizado com a mesma combatividade é o nome Sims, sublinhado com três traços em negrito. Depois, há nome após nome de rodízios de gaiola. Ao lado de alguns estão os *V* s. Os membros provaram ser Vencrin, percebo um segundo depois enquanto examino a página.

Nightcaster: Rakesh: Obscuro: V

Tsunami: Beckman: Azul

Thunder: Tenson: Amarelo: V

Relâmpago: Kuma: Laranja: V

Faixa: Amit: Laranja

Machado: Anik: Roxo: V

Terremoto: Navin: Verde

Névoa: Sonna: Azul

Folheio mais algumas páginas e uma página menor cai. Eu a pego do chão. É outro mapa da cidade, com seis pontos marcados por pontos vermelhos. Ao lado de cada ponto está escrito. Olho atentamente para um ponto. *2 V, 30 pacotes destruídos.*

Olho para cima e percebo que horas se passaram. Li vinte e cinco casos de vítimas e trinta perfis de combatentes. Esfrego meus olhos, mas não consigo limpar a dor de cabeça por trás deles. Tanta coisa foi escondida de mim. Sabia que meu país não era perfeito, mas o achava puro e limpo em comparação com Moolek. Nada como ilusões despedaçadas para fazer você se sentir doente e exausto.





Adraa estava fazendo algo, Jaya estava fazendo algo e o Agente Fumaça estava fazendo algo. Bato na minha mesa, e o primeiro orbe mágico vermelho que eu já criei cai e rola debaixo da minha cama. Com o passar dos anos, perdeu toda a semelhança com uma chama; agora é apenas um fio de fumaça vermelha. Se eu abrisse a coisa, ela explodiria em nada. Inclino-me para pegá-lo e, quando o coloco de volta na linha com os outros oito orbes, a determinação me atinge no peito. Não sou mais um patético mago fantasmagórico protegido em um orbe. Sou um Raja aos olhos dos nove deuses.

Agora eu sei o que o pai quis dizer.

Farei parte disso.





CAPITULO DEZ

NO SUBTERRANEO

ØDRAA

Estar disfarçada, sendo Jaya Fumaça, significa que devo viver constantemente em confiança; devo usá-la como meu Toque e deixá-la crescer e me cobrir como uma segunda pele. A persona me mantém segura. Mas não posso deixar de gostar e admirar a mulher que me torno quando sou Jaya. Tanto que se infiltra em outras partes da minha vida. Amaldiçoo mais no Subterrâneo e, portanto, não posso deixar de dizer “sangue” em uma ocorrência diária. Tenho certeza de que amaldiçoei cinco vezes na frente de Raja Jatin na carruagem e nem pensei duas vezes.

Gosto tanto de Jaya que me tornei minha persona, o que nesses últimos meses me confundiu. Mudei-me com força, a ponto de me perder? Quem eu era realmente antes de assumir esta missão e me tornar uma lançadora de gaiolas e depois uma caçadora da noite? Sangue, se bem me lembro, mas essa pessoa parece fraca e estranha para mim agora. Esses são os pensamentos que se escondem em minha mente quando uso magia obscura, quando me pinto com ela para não ser vista. Como uma entidade invisível da noite, entro sorrateiramente na Vila Leste e procuro os pontos de referências que me guiam em direção ao Subterrâneo.

Viro um corredor, ainda esperando que Basu me embosque. Mas eu não deveria me preocupar. Ele se foi. Dois dias atrás, meu pai finalmente leu a atualização. Após o interrogatório, os feitiços da verdade revelaram que





Basu não sabia que estava vendendo minha luz de fogo para criminosos. Ele foi proibido de vender fogos novamente, mas isso é muito melhor do que ficar no Domo.

Basu implorou por um guarda para protegê-lo até que ele pudesse deixar a cidade, meu pai disse. Essa é a parte que provoca arrepios na minha espinha e me faz ficar olhando por cima do ombro. O Vencrin começou a surgir lentamente há cerca de um ano e meio atrás. Pelo que descobri a maioria, senão todos os membros do Vencrin, nada mais são do que bandidos arrastados para o jogo do tráfico de drogas pela atração de atualizações de poder, dinheiro e proteção. Mas não posso ignorar todas as evidências que apontam para a destruição do Sr. Burman, um dos homens mais poderosos que conheci. Então talvez eu esteja errada. Se Basu tem tanto medo do Vencrin, eu também deveria ter?

É por isso que esta noite é tão importante. Levei meses para rastrear um esconderijo de drogas e parar um punhado de transações de drogas. E não estou nem perto de encontrar os assaltantes do Sr. Burman. Se Moolek realmente tiver algo a ver com essa confusão, poderei levar meses. Meses que não tenho. Os dias de Jaya Fumaça estão contados. Trinta e nove dias e será meu aniversário de dezoito anos e a cerimônia real. E depois que meu rosto estiver espalhado por todo o país como uma rani, entrar nas ruas com a máscara vermelha e acabar com os negócios de drogas não será fácil. Sem as informações que reúno como Jaya, basicamente estaria vagando sozinha em busca de atividades ilegais. Tenho que encontrar novas pistas sobre o que está acontecendo com a luz do meu fogo, e logo, antes da cerimônia real, antes que eu seja forçada a ser *apenas* Adraa Belwar pelo resto da minha vida.

A entrada do clube não parece nada de especial. Várias vezes tive que voltar para ter certeza de que era a mesma rua sem saída, sem graça e cheia





de lixo. No final da sujeira, bem, há mais sujeira e, além disso, está sua janela quebrada média. Só depois de dar alguns toques fortes e espalhar um pouco da minha magia sobre a abertura é que algo interessante acontece. O vidro quebrado e a moldura crescem, alongando-se como uma mandíbula aberta. Um enorme mago empurra a cortina atrás do vidro e abre a porta da janela. Não preciso mais da senha porque recebo o aceno de cabeça, o sorriso malicioso e o desdém, nessa ordem, indicando que posso entrar.

Abaixo-me na fossa de fumaça e neblina. A viscosidade do suor e do calor devido à falta de ventilação me atinge como um abraço desajeitado. Já ouvi alguns magos exclamarem:

— Ah, de volta para casa! — enquanto eles entram. Então, sim, a clientela que gosta de assistir ao lançamento de gaiola não é a mais profunda ou higiênica.

Nos recessos escuros dos cantos, magos e bruxas pressionam o pó fino de Bloodlurst em seus toques. Seus olhos piscam em um vermelho brilhante por um breve segundo e depois opacos. A curandeira em mim tem que se conter, eu mesma, ainda de me lançar em direção a eles e explicar a dor que vem com o esgotamento para sempre. *Acontecerá em três etapas!* Gritaria com eles: gotas de suor. Espasmos sem fim. Fraqueza mole. Então, a magia finalmente se vai, permanentemente, e tudo pela felicidade e poder que ela traz agora. Afasto-me das risadas e suspiros.

Ao longo da parede, os nomes dos lutadores e suas estatísticas piscam em sequência. Pego o meu enfatizado em vermelho. Ao lado do meu nome falso estão as apostas e oportunidades de apostas mais importantes, que oscilam constantemente. Dez para um, diz, vencerei um lutador chamado Machado, cujo nome brilha em roxo. Muito dinheiro será perdido esta noite.





Dou dois passos em direção à sala dos fundos, onde me troco e me preparo para as lutas, quando Sonna, a garçonete e também lutadora, me chama.

— Fumaça!

Empurro o entupimento de consumidores e caminho até ela.

— O quê?

— Sims estava a sua procura.

— Sims? — Teto ler se essa é uma notícia boa ou ruim.

Sonna parece desinteressada como sempre.

— Disse algo sobre você lutar primeiro.

— Primeiro?

— Sim, foi o que ele disse, — ela diz enquanto apresenta uma fileira de bebidas frescas e varre os círculos de condensação restantes com uma onda de fumaça azul.

Sims gosta de sanduíche em seu evento. Dê ao público grandes shows no início e no final para atrair o interesse e manter as pessoas aqui apostando e bebendo. Então primeiro significa um bom nível de respeito. Acho que não menti para Naupure, afinal. Eu *tinha* me juntado às grandes ligas, o que significa que tenho mais com o que aproveitar para obter as informações necessárias esta noite. Perfeito.





CAPITULO ONZE

ARRANJANDO PROBLEMAS

JATIN

O Agente Fumaça deu orientações diretas para encontrar o Subterrâneo. Uma lista de objetos e pistas notificam os lutadores e os membros da audiência sobre o local oculto. Um martelo de cabeça para baixo, que encontro em uma placa giratória do lado de fora de uma oficina de metalurgia. Uma flecha em um lençol tingido pendurado em um quintal me direciona para um beco.

Logo os restos dos sinais se tornam desnecessários porque sou capaz de seguir um grupo de magos que obviamente estão indo em direção a apenas uma coisa. Eles cheiram a violência reprimida, ou talvez seja odor corporal misturado com álcool. Um cambaleia contra a parede e os outros riem enquanto o puxam para frente. Mantenho a magia obscura por precaução, mas não acho que esses homens saberiam que estão sendo seguidos, mesmo que eu subisse e me apresentasse.

Eles me levam por vários becos antes de parar em um beco sem saída, onde apenas uma janela quebrada espia a noite. Um dos magos bate com o punho no vidro, bem perto dos cacos de dentes afiados.

— Olá! — ele chama, depois ri com seus amigos. Eles estão bêbados. Vou ter que voltar atrás e navegar do zero. Erro estúpido. Estou a alguns passos de distância quando ouço o gemido de uma moldura de madeira dobrando e o estalo de vidro quebrando. Viro-me para ver que a janela se





expandiu para uma porta, e um homem está abrindo as vigas de vime e o vidro rachado como uma tela.

Recuo para as sombras, então sussurro para ficar visível novamente. Quando viro o corredor, vejo o último homem caindo pela porta. O porteiro está prestes a fechar a moldura alongada da janela quando eu corro para frente.

— Ei, entrada para mais um? — Digo.

Seu rosto se contorce como se eu tivesse contado uma piada incômoda.

— Você não é regular e não está na lista, — diz ele.

— Sim, mas um amigo me convidou e eu tenho o dinheiro.

— Amigo, né? Qual é a senha, então?

— Um maldito lugar como este não precisa de uma maldita senha, — cito os arquivos de Fumaça. Deuses espero que essa seja a senha real e não Fumaça reclamando em forma de maldição em sua pesquisa.

Inacreditavelmente, o cara acena com a cabeça e segura a porta da janela aberta para mim. *Dois por dois! Obrigado, Fumaça.*

— Quatro de ouro. — Ele estende a mão e eu entrego a quantia exorbitante de dinheiro. Mas tenho assuntos muito mais urgentes quando entro no Subterrâneo. Por um lado, o cheiro - uma mistura de mofo e odor corporal - me pressiona como um pano úmido jogado sobre minha cabeça. Se a qualquer momento eu me acostumar com esse ataque frontal, minhas glândulas olfativas devem ter sido obliteradas.

Depois de alguns degraus, eu me abaixo sob uma viga exposta baixa e sou confrontado pela visão de uma multidão de pessoas na escuridão empoeirada. O número de seres amontoados neste gigante armazém aberto exige um momento de abertura adequado. Ninguém responde boquiaberto, porém, e eu percebo com um sobressalto que sou anônimo pela primeira vez





na minha vida. Mesmo que eu fizesse uma cena, esta é Belwar e estou fora há nove anos. Isso é bom.

À minha direita, uma barra se estende e depois dobra em um corredor. No meio da sala, barris de luz brilhante brilham sobre uma esfera gigante de cinco metros de altura. Ela fica em uma plataforma elevada, com uma passarela anexa que leva a um batente de porta com cortina preta. Toda a atenção está fixada e voltada para a esfera. Aproximo-me, me espremendo entre corpos pressionados.

Dentro desta gaiola arredondada, duas figuras escuras voam ao redor. Então é assim que eles controlam os feitiços de atingir o público. Eles amplificaram um orbe, tornando-o tão grosso e forte quanto uma cela de Wickery. Transformando-o em um playground de destruição. Enquanto penso nisso, uma rajada de estacas dispara e se fixa nas paredes da cúpula antes de explodir em fumaça roxa. Um lutador - uma mulher - voa para a esquerda para atingir fisicamente o outro lutador no rosto. Por que as pessoas querem ver uma garota, ou qualquer outra pessoa, levar uma surra? Isso é nojento. Já não há sofrimento e morte suficientes? O mago mágico roxo se inclina para trás e dá um tapa na bruxa. Ela bate na lateral da cúpula mais próxima de mim e finalmente vejo seu rosto, seu rosto lindo e sangrento.

Jaya.



Jaya se levanta e enxuga o lábio sangrando.

— Você quer jogar? Vamos jogar! — ela grita. A multidão grita em resposta. Alguns que estavam torcendo pelo mago se viraram. Um homem grita em meu ouvido: — Destrua-o, Jaya!





Fiz muitos julgamentos ignorantes em minha vida, mas nunca estive tão alheio. Esta garota. Essa garota, que se esgotou em meus braços, está engessada.

Jaya lança um feitiço que não consigo ouvir, mas todos veem o brilho de um tiro vermelho em sua mão esquerda. Seu oponente, que com base nos aplausos se chama Machado, se abaixa, rola e manifesta um escudo para bloquear qualquer magia residual. E há magia de sobra, porque o poder de Jaya se choca contra o orbe onde Machado estava e respinga para fora e contra sua defesa agachada. Antes que ele possa se levantar, Jaya está de pé sobre ele. Com magia laranja, sem dúvida, ela bate no escudo como um martelo em brasa e ele se quebra, permitindo que o punho de Jaya acerte o braço de Machado. *Rachadura!* Algo se quebra e o público explode em outro rugido horrível. Ao meu redor, magos avançam. O suor e o cheiro do meu corpo combinam com os da multidão. Eu me tornei um deles. Mesmo que eu quisesse, não posso me virar e recuar.

Jaya desliza para trás, dando espaço a Machado, que está cuidando de seu braço recém-quebrado. Ela está desenhando isso. Em uma luta real, teria sido melhor lançar outro feitiço para derrotá-lo. Isso tudo é para mostrar, um jogo doloroso e sangrento. Como pode ser a mesma garota que se jogou aos pés da morte para salvar um ladrão? Meu pai sabe que ela faz isso?

Machado se levanta, embalando seu braço quebrado. Já está inchado com o dobro do tamanho normal. Ele está lançando, injetando magia de cura rosa e morfina laranja até o osso para anular a dor enquanto ele e Jaya circulam um ao outro. Então é por isso que ela recuou. Ela queria que ele consertasse o dano que ela fez.

Machado lança pequenos feitiços que Jaya desvia ou bloqueia. Eles se tornam uma batalha emaranhada de movimento vermelho-púrpura. Agora é





só uma questão de quem será atingido primeiro. É Machado. Uma corrente vermelha o atinge no pé e torce sua perna. Ele balança um pouco, mas nada mais acontece. Os dois continuam sua luta. Machado parece inquieto, porém, olhando frequentemente entre Jaya e seu pé. Ele provavelmente está se perguntando qual era o feitiço tanto quanto eu.

De repente, Machado parece ter o suficiente. Uma explosão roxa inflama o ar. As chamas irrompem o braço bom de Machado e engolem metade da cúpula. Tudo o que qualquer um pode ver é Machado lançando rajadas de fogo na direção de Jaya. Jaya joga as duas mãos para cima e depois desaparece de vista. Salto para frente, mas não consigo ir a lugar nenhum. *Ela te deu uma chance, seu desgraçado!*

Machado cai de joelhos, mas continua entoando o feitiço de fogo. Está prestes a engolir toda a cúpula, incluindo Machado. O idiota. Magos e bruxas do outro lado da arena gritam. Um halo vermelho floresce sobre a esfera. Jaya, ela está contendo isso, fazendo um orbe de magia amarela e roxa para sugar o feitiço de Machado. Os riachos vermelhos riscam o anel, tão brilhantes que muitos cobrem seus olhos. Levanto a mão, mas não ousa desviar o olhar. Ela está lá na claridade, caminhando para frente, cantando, os braços estendidos e girando em movimentos circulares.

Em um piscar de olhos, tanto a cor quanto a luz desaparecem. As chamas roxas desaparecem e o recipiente vermelho evapora. Jaya fica de pé, enquanto Machado se curva, ofegante.

— Fumaça, Fumaça, Fumaça, — a multidão canta. Suas vozes ressoam em uníssono.

— O quê? — Grito para o mago ao meu lado. — O que você está dizendo?





— Fumaça! — ele grita e aponta para a garota em mais uma resposta. —
Jaya Fumaça.

Oh meus Deuses, por que não juntei tudo antes? Jaya era a Agente Fumaça. Essa garota era uma agente secreta no ringue de lançamento de jaulas subterrâneas. O que meu pai fez? Ou pior, o que Adraa a *fez* fazer?

Jaya envia um último sopro de magia vermelha em Machado, que acaricia sua bochecha antes de fazê-lo cair de lado. Que sangue era isso? A cúpula se solta no topo e se divide em duas metades, como um ovo aberto. Quando ela desmoronou completamente, um homem barbudo se adiantou e levantou o braço esquerdo de Jaya acima de sua cabeça. O público aplaude, aplaude, faz qualquer barulho que possa sinalizar sua apreciação.

— Fumaça, Fumaça, Fumaça, — as pessoas continuam a entoar.

Jaya Fumaça bate no ar com o punho, a vitória estampada em suas feições. Então ela caminha para fora da cúpula e em direção ao buraco obscuro onde os lutadores entram e saem. E é aí que uma nova emoção atravessa seu rosto. Ela não gosta disso, não é? Olho para o mago Machado, caído na cúpula. Se ela quisesse matá-lo, ele estaria morto.

Quem é você realmente, Jaya? Empurro contra as multidões. Eu vou descobrir.



Não posso seguir Jaya no buraco obscuro em que ela desapareceu. Isso envolveria pular no palco. Muito público e perceptível, a menos que eu use poderosa magia obscura. Vejo a única outra entrada que pode levar aos fundos. Um grande mago está na frente dela. Não posso me espremer por ele,





mesmo envolto em um feitiço de ocultação. A magia obscura confunde os olhos, não o sentido do tato ou a massa física. Buraco obscuro no palco, sim.

Espero os próximos dois lutadores entrarem no ringue. Enquanto o locutor anuncia suas estatísticas, eu lanço o feitiço de camuflagem mais poderoso que tenho. Neste ambiente escuro e enfumaçado, eu desapareço da existência. Um rugido reverbera atrás de mim quando os dois magos começam a duelar. Subo na plataforma e me esgueiro até a soleira cortinada. A cortina provavelmente está aqui apenas para notificar as pessoas sobre um usuário de magia obscura. A maioria das casas normalmente prende sinos ocultos na parte superior do batente da porta para que toquem a qualquer movimento. Não há sinos aqui, mas ainda levanto a cortina rapidamente, não querendo que ninguém perceba o tecido se movendo sozinho. Atrás do material, alguns metros de corredor se estendem para encontrar uma porta. Desfaço o feitiço e ando confiante. Se eu for pego agora, posso me livrar disso. Seja pego em feitiços de ocultação de magia obscura e você será culpado automaticamente, não importa a circunstância.

A porta está trancada. Típico. Com uma rápida rajada de ar sob a estrutura, a placa de metal do outro lado se move para trás com um estrondo. Abro a porta para encontrar mais corredor, com barulho vindo de uma porta no final. A melhor camuflagem é agir como se eu pertencesse a este lugar, sem dúvida.

Estou caminhando em direção ao barulho quando uma mão volumosa agarra meu ombro.

— Você não deveria estar aqui. Apenas lutadores. — Viro-me para encontrar um mago ainda mais alto que Kalyan. Ele tem muita carne nos ossos, músculos com uma camada de gordura. Eu não quero ter que lutar com ele.





Encolho os ombros e o encaro peito a peito.

— Estou procurando por Jaya.

— Sim, você e todos os outros perseguidores que encontrei aqui. — As palavras me puxam. Deuses, quanta atenção indesejada ela recebeu do elenco da gaiola durante sua missão?

— Eu sou um amigo. — Espero que ela ateste por mim; isto é, se algum dia eu passar por essa besta de homem. Ela me agradeceu no outro dia por ajudar quando ela se esgotou, então é isso. Podemos ser amigos em sua mente. Espero que ela nos considere amigáveis, pelo menos.

Ele ri.

— Sim, todos nós temos essa fantasia. Agora tire o sangue. — Ele empurra meu ombro e eu me permito tropeçar. A distância é melhor para feitiços de duelo roxos.

Passo para outra tática.

— Quero falar com o Sims.

Ele começa um pouco, então regenera a carranca severa.

— Você é amigo dele também?

— Nunca o conheci, mas ele vai se interessar pelo que eu tenho a dizer.

— Ah, sim, no que ele estaria interessado em você?

Sangue! Gostaria que o Agente Fumaça tivesse fornecido uma descrição naquele relatório. Mas pelo menos sei com quem estou lidando agora. Abro minha boca.

— Ei, — uma voz soa.

Sims e eu viramos. É... Ela, parada ali. Sem cara de sangue. Sem ar confuso. Na verdade, essa garota é bonita demais e organizada demais para alguém que quase foi queimada viva. Mas aqui está ela. Jaya e Agente Fumaça, envolvidos em um só, e novamente invadindo para salvar. Acho que





parecia que eu precisava de resgate. Ela dá alguns passos rápidos para frente, então ela é o terceiro ponto em nosso triângulo hostil.

— Ele está comigo, Sims.

— Com você? — Sims pergunta. Acho que ele quer dizer isso sexualmente, mas ela ignora a insinuação.

— Ia apresentá-lo, mas ele se afastou. — Ela se vira para mim e segura meus olhos por meio segundo. A mensagem é bastante clara: *cale a boca e não me contradiga*. Ela dá de ombros e encara Sims. — Ele tem um bom braço e é um branco forte. Você está procurando por um.

Sims me dá o padrão para cima e para baixo. Que clássico, estou sendo resumido em um piscar de olhos.

— Ele não parece ser do tipo lutador.

— Isso é o que você disse pela primeira vez sobre mim também. — Jaya lhe dá um daqueles olhares longos, primitivos e enervantes. Frases não ditas fluem entre eles enquanto mantêm contato visual. Quero entender o que estão dizendo, ver brotar em suas cabeças as lembranças de um passado em que essa garota, essa camponesa de Belwar, veio aqui e pediu para lutar. E ela ainda é uma lutadora, ainda aqui esta noite nocauteando um mago que se autodenomina Machado.

Sims quebra o contato visual e diz rispidamente:

— Tudo bem. Se o braço dele for tão bom, vou colocá-lo contra Beckman. Ele está ansioso para provar carne nova.

— Beckman? Está drogado, Sims? Eu queria que você conhecesse o cara, não o matasse.

Em que Wickery eu me meti? Acalmo meu rosto. Não posso deixar passar nenhuma incerteza, senão vou para o ringue com a morte.

— É o melhor que posso fazer em curto prazo — Sims resmunga.





— Tudo bem, eu entendo. Mas eu só queria que você desse uma olhada nele. Podemos voltar na próxima semana. — Jaya parece aliviada por um segundo, não em sua voz, mas algo em seus ombros se desfaz da tensão. Ela está armando uma armadilha ou um plano, algo pelo qual o Sims obviamente está caindo.

— Você sabe que não é assim que funciona. Ele veio aqui para ser visto? Então ele vai lutar, — diz Sims.

— Certo. — Jaya sorri. — Deixe que ele tenha minha segunda luta, Tenson. E no próximo mês levarei Beckman.

Todo o comportamento dos Sims se transforma. Uma felicidade obscura borbulha dentro dele. Posso ver o suor saindo dele como lodo.

— Você e Beckman?

— Eu e Beckman.

A boca de Sims dá um estranho meio sorriso, meio carrancudo, como se ele estivesse pesando essas opções em seus lábios. Ele esfrega as mãos.

— Preciso de tempo para divulgar isso.

— É por isso que estou dizendo em um mês.

— Tudo bem, combinado, — diz Sims enquanto estende um antebraço ansioso.

— Ainda recebo meu pagamento por esta noite. — Jaya aponta o polegar para mim. — Também recebo a contribuição dele.

Sims olha para mim como se tivesse esquecido que eu ainda estava lá enquanto eles negociavam.

— Logo que ver que ele ainda pode ficar de pé depois.

Jaya se vira para mim. Agora é ela quem me resume num piscar de olhos.





— Sem problemas, — digo antes que ela possa lançar qualquer dúvida ou dar aos Sims mais influência.

— Não serei enganada, Sims, de nenhuma forma. — Jaya pressiona o braço contra o dele. — Essa é a única coisa com a qual você pode contar.

Sims aponta o dedo para nós dois.

— Você tem trinta minutos. Gosto de ficar impressionado.





CAPITULO DOZE

JIRANDO-O DE PROBLEMAS

ØDRAA

Interagir com Sims é como assistir alguém tentar arrancar sua pele. Você quer gritar, se afastar, mas qualquer ação significa mais tortura. Ele não é Vencrin, mas trabalha para eles, permitindo que o Subterrâneo seja um ponto de encontro e uma forma de canalizar o dinheiro das drogas para o sistema. Por causa do meu ódio, nosso relacionamento está... Tenso. Então me envolver em qualquer coisa além do nosso acordo é arriscado. Mas então eu o vi, o guarda que me carregou quando eu esgotei, sendo confrontado por Sims.

Não sei por que quis salvar o homem de Jatin. Bem, acho que sim. Jatin e eu estávamos ligados, ou estaríamos. O homem dele era o meu homem. A semelhança entre eles também é incrível; isso me faz sentir como se deixar um ser destruído matasse o outro. Se eu não lutar pelo meu povo agora, de que servia como futura Rani? Além disso, sei o que teria acontecido se eu deixasse Kalyan para Sims. Ele teria sido espancado no beco, três ou quatro contra um. Essas eram as probabilidades que estavam contra o pai de Riya. E tudo isso começou por causa do que aconteceu com ele. Não vou arriscar que isso aconteça novamente, com ninguém, especialmente com a contraparte mais amigável de Jatin. Então eu me envolvo em uma pele grossa e troco a





mim mesma, minha luta, para que seu sangue não seja derramado em uma rua suja.

A negociação real não é tão ruim. Pensei que provavelmente teria que oferecer algo grande assim para descobrir sobre a minha luz de fogo e o envolvimento de Nightcaster. Mas agora meu plano depende da habilidade desse guarda. A falta de controle já atinge um nível de ansiedade que não sentia desde minha primeira noite aqui.

Sims se afasta na direção de seu escritório. Ou ele pode estar indo para explorar Streak e Thunder, que estão perto do final da primeira rodada. Um sino toca ao fundo e os rugidos do público se acalmam.

Viro-me para Kalyan, que está olhando para mim.

— Obrigado. Eu... — ele começa.

— Aqui não. Siga-me. — Ando na direção oposta de Sims, em direção aos vestiários. O barulho de vários lutadores voa pelo corredor. Isso vai ser péssimo. Os outros nunca ficam felizes com a carne fresca sem algum tipo de anúncio do Sims.

— Não diga nada, — sussurro para Kalyan, antes de passar pela cortina.

Cinco cabeças torcem com a minha entrada. Beckman, facilmente o maior homem na sala, retorna à sua meditação. Mas os outros são todos olhos e uma torrente de emoções na presença de Kalyan.

Rakesh se levanta e entra na minha trajetória.

— Quem é esse sangue?

Tento esconder meu ódio. Nightcaster. Enquanto ele fala, seus braços flexionam. Ele tinha um esboço de tinta em seus braços, tentando se apresentar como um oito ou um nove. Todo mundo sabe, pode ver a





diferença de cor. Ele também é o único que luta sem camisa. Os músculos e abdominais à vista são tão intimidantes e nojentos como sempre.

— Um amigo, novo lutador. Ele está tomando meu lugar contra Tenson.

Tenson, com sua mecha de cabelo castanho, aparece.

— Que sangue? Sims não esclareceu isso comigo.

— Vá falar com ele você mesmo. — Aponto para a porta.

Tenson desliza ao redor de Rakesh e passa por Kalyan e eu.

— Sabia que você ficaria com medo quando chegasse às grandes ligas — zomba.

Viro-me para Rakesh.

— Saia do caminho. Preciso prepará-lo para a luta.

— Amigo, né? Todas as vezes que você poderia ter me tido, Jaya, e você escolheu isso? — Rakesh gesticula para Kalyan como se eu tivesse trazido lixo da calçada.

Poderia *ter* Rakesh? Não quero nem tocá-lo. Ele está assim desde que cheguei aqui: assediando-me, insinuando suas proezas sexuais. É doentio. Alguém poderia pensar que depois de vencê-lo em uma partida há alguns meses, isso teria resolvido a fantasia sexual que ele lançou sobre mim. Em vez disso, piorou. Ele não quer mais apenas sexo. Ele quer dominação. Mais do que qualquer Vencrin aqui, Rakesh sacode meu sangue. Pode me fazer encolher para a Adraa mais jovem e menos confiante. Odeio-o por isso.

Nunca tive medo de minha aparência ou poder antes, mas quando existem pessoas como Rakesh, é difícil não imaginar se parecer diferente poderia diminuir meu fardo. A culpa é dele, não minha. Sei que qualquer que seja minha aparência, ele me assediaria. Mas não posso deixar de me





perguntar: sua língua suja e sua mente mais suja poderiam ser contidas se eu mudasse alguma coisa?

Kalyan se aperta atrás de mim. Oh Deuses, eu esqueci. Ele é uma pessoa melhor e mais gentil do que eu. Ele pode tentar defender minha honra ou alguma porcaria, mesmo sem saber quem eu realmente sou.

— Saia do caminho — repito para Rakesh.

Rakesh muda para uma postura de luta, mas são os olhos de Kalyan que ele encontra por cima do meu ombro. Oh sangue não! Não posso ser dispensada de uma luta só porque agora tenho um homem nas minhas costas. Não importa o quanto Rakesh me assuste.

— Não temos tempo para isso. — Passo para a direita.

Rakesh atira um braço como uma barreira. Todos param, exceto Beckman, que se levanta de um dos bancos de madeira vacilantes que Sims oferece.

Então Rakesh fala.

— Espero que ela seja mais macia e úmida por dentro.

A cena irrompe, principalmente porque estou chateada.

— *Kavacraw*, — eu lanço, e uma rajada vermelha de magia fumeja em um bloqueio entre Kalyan e Rakesh. Então eu agarro o pulso de Rakesh, o que está bem na minha frente, e o torço e dobro para cima com força. Meu escudo quase acerta o punho de Kalyan. Ele não lançou nenhum feitiço por trás disso, o que eu estava contando. Seu soco afunda em meu escudo como areia, e fragmentos de magia vermelha se espalham.

Tenho apenas um segundo para examinar minha obra porque, com um grito de dor, Rakesh me ataca com o braço livre. Solto seu pulso, abaixo-me e entro no vestiário. Longe o suficiente e ele terá que lançar algo em vez de dar um golpe.





— Deixe a luta para o ringue! — Beckman grita em sua voz profunda.

Kalyan afasta meu escudo, que já está se dissolvendo. Jogo minhas mãos no ar em sinal de rendição a Rakesh, mas mentalmente preparo outro escudo. A magia vermelha flutua pelo meu braço esquerdo em advertência. Rakesh está fervendo de fúria. Ele preferia receber o soco de Kalyan a minha chave de pulso, tenho certeza. Pelo menos então ele poderia ter dito que um homem o fez gritar de dor.

— Ouça Beckman, — eu encorajo.

Olho para Kalyan, que está avaliando a situação em silêncio. Ele não parece que vai dar um soco de novo, mas seu corpo se inclina como o de Riya às vezes. Protetor, guardião e, mais importante, pronto para se inserir no meio de uma briga mágica.

— Rakesh! — Beckman grita novamente.

Com isso, Rakesh se empurra em direção à cortina.

— Cadela maldita. — Desta vez, a frase sussurrada não me incomoda tanto quanto a de Basu, porque ganhei esta rodada.

Kalyan sai do caminho de Rakesh e vem na minha direção.

Encontro os olhos de Beckman e aceno com a cabeça.

— Deuses. Ela é sempre tão rápida no lançamento? — Navin, um dos jovens lutadores que permaneceu quieto, pergunta.

Beckman responde, mas não tenho tempo para ouvir ou me importar. Já estou marchando em direção à porta à esquerda.

Fecho a porta com força assim que Kalyan passa por ela. Com um movimento da minha mão, isolei o batente da porta à prova de som. A sala tem um terço do tamanho da área de espera principal. Costumava ser o armário de armazenamento e várias ferramentas semelhantes estão empilhadas do outro lado. O resto do espaço é para mim e outras duas





lutadoras, que aparecem de vez em quando. Então o espaço é maioritariamente meu. Tenho um armário, um banco e toda a luz de fogo de que preciso para distinguir os cantos sujos e os recantos empoeirados.

Kalyan teve o bom senso de esperar até que a magia se concentrasse no perímetro da porta. Assim que a auréola vermelha quadrada completa seu anel, ele sai.

— O que é que foi isso? Isso acontece com você toda semana?

Penso de volta. Nem *todas* as semanas.

— Normalmente, não preciso proteger pessoas que não têm o direito de estar aqui.

Kalyan recua. Por um segundo fico feliz se isso o machucou. Ele pôs em risco toda a minha operação secreta. Espero uma batida.

— Essa foi uma abertura para você me dizer exatamente o que diabos você *está* fazendo aqui.

— Entendo se você estiver com raiva.

Jogo meus braços para cima. Compreender não vai resolver nada.

— Parabéns, você é inteligente o suficiente para entender a raiva. — Olho para ele e imediatamente me arrependo de minhas palavras.

— Eu vim aqui como você. Para obter informações sobre o que aconteceu com a luz de fogo, — diz ele.

— Porque Jatin pensa que é o dono? É um negócio de Belwar.

— Não, Marajá Naupure me deu os relatórios. Ele queria que eu ajudasse você.

— *Meus* relatórios, você quer dizer! Minha missão, minha vida em jogo.

— As palavras ecoam no pequeno recinto. Mesmo que eu esteja arriscando minha vida, é a missão que parece vulnerável agora, exposta. Afinal, eu ia





parar com isso, o Vencrin e as drogas. Esse seria o meu legado. E se eu falhar...

Então duas palavras penetram. Marajá Naupure. Marajá Naupure deu os relatórios a este guarda, queria-o aqui. Ele nunca pensou que eu poderia fazer isso sozinha então. Ele tinha me importunado sobre um guarda e agora aqui estava um parado na minha frente.

— Sim, você está certa, sua vida. Mas se eu soubesse que era você eu...

— Sabia que era eu? — Oh Deuses, ele sabe quem eu sou? Teria Marajá Naupure contado a ele? Eu devo ser uma piada aos olhos dele. A garota boba e rica que pensou que poderia ser durona e ajudar seu país. Nós dois entramos em uma longa pausa.

— Eu teria vindo de qualquer jeito, Jaya, — Kalyan sussurra.

Respiro fundo. Ele não sabe. Independentemente disso, é um bom sentimento. Mesmo se eu fosse apenas Jaya, uma plebeia comum, ele me ajudaria. Mas eu pedi a ajuda dele? Não. Esse é o ponto.

É o esperado, então. Ele está aqui sob ordens e obrigações, um soldado mal informado se apresentando para o serviço, mas fazendo um trabalho maravilhoso estragando tudo. Ele me encara atentamente. Tenho que interromper o contato visual. Seus olhos me sugam com sua gentileza e boas intenções genuínas. Afinal, ele deu um soco pela minha honra. Mas talvez isso fosse pela honra de Jatin também? Ah, isso é uma bagunça.

Olho para o relógio. Temos vinte minutos.

— Não temos tempo. Você está aqui agora. Só espero que você possa lutar, porque essa é a única maneira de salvar isso.





CAPITULO TREZE

LICOES APRENDIDAS

JATIN

É possível começar a se apaixonar por alguém quando ela está furiosa com você? Assim que Jaya perguntou: – Sabia que era eu? – meu cérebro fez uma dança estranha; ele procurou palavras e, em vez disso, pegou afeição. Se eu soubesse que Jaya era o agente Fumaça, não teria vindo, teria corrido. Não me importo com quem ela é na sociedade. Já a vi salvar a vida de um menino. Li o trabalho de um mês dela para deter uma horda de traficantes de drogas. Eu a testemunhei ouvir um homem proferindo calúnias nojentas para ela e ela *o resgata* da *minha* raiva? Quem faz isso? Sem mencionar a extrema habilidade necessária para lançar e mover tão rápido. Aquele jovem lutador que estava incrédulo e um pouco apavorado com sua rapidez tem o direito de ser. Não tenho certeza se eu poderia prever e lançar um escudo de limite tão rapidamente.

Gosto dela. Quero consertar minha interferência. Quer ajudá-la a reconstruir sua missão.

– O que eu preciso fazer? – Pergunto.

– Você já lutou antes, certo? Quero dizer, você é um guarda. Você foi ensinado?

– Fui ensinado, mas isso é diferente. O lançamento da gaiola é... Minutos atrás, seu oponente tentou queimá-la viva.

Ela fica na defensiva.





— E o que, luta real é tudo bom e honrado?

— Desculpe, mas pelo menos tentamos. Espera-se que sejamos honrados.

Ela balança a cabeça. *O que ela está pensando?*

— Sim, você está certo. Esqueci com o que estava lidando. Certo. — Ela anda algumas vezes. — Certo, um... Tente me bater.

— O quê?

— Tente me enfrentar e eu posso ver o que você está perdendo.

— Eu não...

— Veja — Ela aponta para a porta. — Em cerca de vinte minutos você está entrando no ringue. O Honorável saiu pela porta quando você entrou. Não vou ser atingida, a menos que você seja um mestre feiticeiro.

Faço um balanço. Ela está certa. Se for para o ringue, devo começar a lutar, não a falar. Faço contato e imediatamente me retraio. *Sangue!* Achei que ela seria rápida o suficiente, como com Rakesh, ou pelo menos se abaixaria. Talvez ela não estivesse preparada. A fumaça vermelha se dispersa, revelando sua mão cobrindo meu punho. Eu não bati nela; ela pegou meu soco.

Jaya solta meu punho um segundo depois.

— Bom. Pelo menos você mantém o pulso reto e pode mirar.

Giro meu ombro. É assim que Machado se sentiu lá fora? De onde veio essa mágica?

— Você... Você lançou um feitiço?

— Claro. O que, você acha que eu posso pegar um soco assim naturalmente?

— Mas eu não ouvi você. Pode, pode...





— Oh, Deuses não. Espere *você* já conheceu alguém que pode se importar?

— Não. — Para ser honesto, tenho trabalhado nisso por muito tempo, mas nada deu certo. Em teoria, lançar mentes, lançar sem dizer os feitiços em voz alta, poderia funcionar, mas ninguém provou isso ainda.

— Eu também não, mas o lançamento em gaiola é o mais próximo que chega, — diz Jaya. — Você deve cantar baixinho para que seu oponente não saiba o que esperar. Aqui, observe meus lábios e ouça.

Embora a diretriz me dê uma desculpa para olhar para ela, não quero que meu olhar lhe diga nada, como, por exemplo, como acho seus lábios lindos. Ela se aproxima para que eu ouça. Essa é a única razão pela qual ela se aproximou, eu sei, mas não consigo impedir que algo dentro de mim acorde rugindo e me pressione para fazer alguma coisa. Algo... Encantador.

— Você ouviu o feitiço? — pergunta ela.

Sangue. Foco, Jatin.

— Não, o que foi isso?

Ela suspira.

— Um feitiço de escudo. Por favor, diga-me que você os conhece tanto físicos quanto mágicos.

— Claro que conheço.

— Certo bom. Seu oponente, Tenson, é um mago amarelo forte. Ele gosta de rajadas de vento, então jogue um escudo de bolhas ou combata o vento com o vento. Como eu, ele também favorece a magia laranja, particularmente o aumento da velocidade.

Concordo.

— Entendi.





— O lançamento de gaiola também é sobre deixar a magia fluir continuamente. — Ela toca minha mão e traça meu braço. Mesmo sobre o meu manto, é incrível. — Escolha um dedo e concentre-se. Deixe seu toque fluir para cima e para baixo em seu braço e não de uma só vez. Certo, cante comigo desta vez e lance os feitiços. Cada um deve aparecer de uma vez e desaparecer conforme você inicia um novo feitiço.

Ela dá um passo para trás.

— Pronto?

Por quinze minutos construímos escudos feitos para fortes rajadas de magia amarela. Treinei para lançar continuamente, mas nunca assim. Um feitiço de escudo branco nem foi totalmente destruído antes de Jaya me dizer para começar o próximo. Ela bate no meu braço para indicar quando devo trocar. É um método de ensino avançado e me pergunto onde ela o aprendeu.

Uma batida na porta chama nossa atenção de volta ao mundo real. Quase me esqueço de que havia alguma coisa além desse quarto parecido com um armário.

— Ei — Sims chama.

Jaya puxa o isolamento acústico.

Sims arromba a porta e entra.

— Dois minutos! — Ele bate na parede com ênfase. Pela aparência dele, acho que ele gostaria que aquela parede fosse a minha cabeça.

— Ele estará pronto, Sims. Entendi! — Jaya grita de volta.

— É melhor. Qual é o nome de luta dele, afinal?

Ela se vira para mim em questão, e eu dou de ombros.

— Tenho que fazer tudo? — ela sussurra para si mesma. — O desconhecido branco! — diz ela.

Sims cospe.





— Fraco.

— Então qualquer coisa que você quiser Sims.

Ele resmunga e se vira para ir, acenando com dois dedos para ela. Restam apenas dois minutos. Isso é tudo? Nem tenho tempo para ficar nervoso.

— Provavelmente vamos nos arrepender disso mais tarde, — diz Jaya.

— Tire a capa e arregace as mangas.

Abro o manto.

— Por que as mangas?

— Porque isso é tanto um show quanto uma luta. Agora enrole.

Quase comento como ela é mandona, mas paro quando percebo que é liderança, uma maldita liderança natural. Ela deve estar frustrada, com raiva, nervosa e Deuses sabe o que mais, mas por baixo de tudo ela está sob controle. Não é de admirar que papai a tenha empregado. Eu provavelmente deveria fazer anotações.

Ela pega minha capa de mim e a pendura. Quando ela se vira, minhas mangas estão arregaçadas até a dobra dos cotovelos.

— Bons Deuses. — Ela começa e olha para os meus braços. Orgulho vertiginoso flui através de mim. Quero que ela continue olhando. Ela pisca para sair dessa, e o leve movimento é inebriante. — Será que, ah, todos os homens na academia têm tanto... — ela tosse — Poder?

— Tenho que ser o guarda de Raja Jatin por um motivo, certo? — A mentira vem fácil o suficiente.

Ela está pensando em algo; as rodas e engrenagens estão girando em seus olhos. Quero saber o que exatamente. Meu Toque deu meu direito de primogenitura tão rapidamente?

— Você deve ser o quê? Um sete, um oito?





Apenas Rajas e Ranis podem aproveitar todos os nove, então faria sentido que eu fosse mais baixo, muito mais baixo. Kalyan é um seis, mas com minhas marcações..

— Sim, sete. — Jogo fora o número esperando que seja baixo e alto o suficiente para fazer sentido com os intrincados desenhos do meu Toque.

Ela não perde o ritmo.

— O que você não pode fazer?

O que posso dar ao luxo de desistir no ringue e ainda permanecer disfarçado?

— Vermelho e rosa. — Estou surpreso, mesmo enquanto cuspo a meia-verdade, vermelho e rosa sempre foram às mágicas mais complicadas para eu lançar. Mas poções não serão usadas no ringue e não quero queimar alguém vivo como Machado tentou, então acho que a verdade parcial funciona.

Jaya assente.

— Tudo bem. Agora, tire sua kurta.

— Com licença?

— Temos um minuto, — diz ela enquanto se vira de costas para mim. Bufo para que ela saiba como isso é irritante, então puxo o kurta sobre minha cabeça. Ela estende uma mão, ainda de costas para mim. Passo por cima. Sem pensar duas vezes, ela sussurra um feitiço e o tecido se rasga. As mangas compridas rasgam com bastante facilidade, logo abaixo do bíceps. Ela devolve minha kurta sem olhar e espera que eu a vista novamente.

— Você está bem?

— Sim.

Ela me encara e acena com a cabeça. Seus olhos permanecem em meus braços e, apesar da situação, sorrio.





— Você não deveria... — Ela faz uma pausa. — Você não pode usar mangas compridas. E isso vai te dar mais mobilidade de qualquer maneira.

— E você, então? — Aponto para sua roupa. Ambas as mangas obscuras terminam nos pulsos, então tudo que se pode ver é o leve toque que se enrola nas costas de sua mão esquerda.

— Sim, bem, se eu mostrasse minhas armas para esses homens... Para você é um ato de agressão. Para mim, convida ao desafio. Confie em mim.

Vou ter que confiar nela para sair dessa, mas uma parte de mim adora a ideia. Quero confiar nela, conhecê-la. Saber tudo.

— Acabou o tempo! Traga esse seu braço bom! — Sims grita enquanto ele entra na sala.





CAPITULO QUATORZE

VEJO NEVE CAIR

ØDRAA

Enquanto Kalyan marcha para a plataforma que leva ao ringue, eu pego o caminho de volta. Empurrando a multidão, encontro a escada de madeira que sobe para uma plataforma que percorre toda a circunferência do armazém subterrâneo. Apenas lutadores e funcionários podem assistir às lutas daqui. Nós o chamamos de andar superior. Levanto-me e examino para ver quem mais assiste desta passarela semelhante a uma varanda. Parece que todo o grupo veio observar este. Vejo Rakesh imediatamente e me afasto dele. Houve apenas uma vez em que fiquei presa aqui sozinha com ele e isso me assustou em intensa cautela a partir de então.

Do outro lado da passarela elevada, Beckman acena para que eu me junte a ele. Ando em direção a ele com culpa. Beckman é o melhor rodízio aqui e um dos únicos magos que não é Vencrin. O lançamento de gaiolas é o que ele gosta de fazer, é bom nisso e pode ganhar dinheiro fazendo isso. Ele é selvagem no ringue, mas ainda é um dos meus cidadãos, a quem jurei nunca ferir. Mesmo que ele pudesse me quebrar em uma luta na gaiola.

— Ei — digo enquanto sento e balanço meus pés sobre a borda. Agarro o corrimão e deslizo meus braços sobre ele para me segurar. — Obrigada por mais cedo.

— Aquele nada sangue de bruxo está piorando ultimamente — ele rosna. — Ele é um psicopata em formação. Deuses, se eu fosse o pai dele...





Uma bolha dentro do meu peito se expande. Beckman é pai de duas meninas. Vi-as uma vez, no mercado, seguindo seu pai gigante como se ele fosse um dos deuses. É uma das principais razões pelas quais escolhi me aliar a ele e ele me concedeu alguma proteção aqui. O que significa apenas que ele não dá a Rakesh a oportunidade de ficar sozinho comigo. Mas em um mês eu lutaria contra Beckman. O que eu fiz?

— Seu cara é bom? — ele pergunta.

— Ele não é meu cara.

— Ele é importante para você, se você se comprometeu com os Sims e ele quer brigar com Rakesh. — O rosto barbudo e áspero de Beckman se eleva em um visual de “cheguei lá”.

Em vez de responder, encaro Kalyan enquanto ele e Tenson entram no ringue. As duas metades da esfera sobem para se reconectar como asas quebradas. Elas se encaixam no lugar e, em seguida, estalam quando se juntam. Kalyan se contorce para analisar a esfera que o cerca.

É isso. Não posso mais ajudar, não posso intervir. Talvez eu devesse ter deixado Kalyan no beco. As coisas podem ficar sangrentas na cúpula também. O olhar de Kalyan brilha através da multidão. Talvez ele esteja procurando por mim. Aceno, mas então me sinto ridícula. Ele não saberá olhar para cima.

Uma voz ressoa:

— À direita, temos Raio, um veterano do ringue com três anos.

Tenson dispara uma corrente de magia amarela e ela se agrupa acima dele como uma nuvem estrondosa. É impressionante e tudo, mas quando as nuvens são amarelas brilhantes, elas parecem joviais. É como tentar ser feroz com algodão doce colorido fervilhando acima de sua cabeça.

— E à esquerda...





Sento-me mais reta e me inclino para frente.

— Temos O Cavaleiro Branco em sua luta de estreia.

Tenho muito em jogo nessa luta e ainda não posso deixar de rir. Sims pinta todos os seus lutadores em personas exageradas. Sou misteriosa, atraente e inatingível como Fumaça. Beckman é formidável e assustador como o Tsunami. Acho que Kalyan está fazendo o papel de mocinho. Que apropriado.

Kalyan franze a testa ao ouvir o nome e balança a cabeça. Ele está pelo menos confiante lá. Por agora. Ele olha para o enxame de nuvens ainda ondulando acima de Tenson, então ele lança um feitiço também. Bom, esqueci-me de lhe dizer o procedimento inicial. O feitiço de Kalyan sai de sua mão direita e o riacho branco e gelado voa em direção às nuvens de Tenson e passa por elas. Em seguida, rasga-se ao redor da esfera como um pássaro selvagem. Oh Deuses.

— Uau, já... — O resto da frase de Beckman se perde no alvoroço da multidão aplaudindo ou vaiando a demonstração de poder descarada de Kalyan antes da luta. Definitivamente não é muito cavalheirismo dele.

O locutor para antes de gritar:

— *Lutem!*

Tenson pula no ar, gira e lança o vento em um disco afiado como uma navalha. Kalyan se abaixa e desliza para o lado suavemente. Ele rola e constrói um escudo. Bom. E ele também precisa disso, porque Tenson vem voando de volta para ele e golpeia para baixo com um pé. Mas quando o pé de Tenson pousa, o escudo se dispersa e se acumula em torno de sua perna. Em um lampejo de branco, o pé de Tenson congela e cai no chão com o peso extra. Kalyan ainda não terminou. Com o controle da perna de Tenson, ele o chicoteia pela esfera, onde ele se choca contra a parede.





Beckman sussurra.

— Bom elenco inteligente.

Mas está longe de terminar. Tenson já está rolando e quebrando o gelo com sua própria magia branca. O gelo se quebra com uma explosão e Tenson está livre, correndo ao redor da esfera em diferentes direções, procurando por uma abertura. Kalyan fica no meio observando, o que vai me dar um ataque cardíaco.

Mexa-se!

Em uma fração de segundo, os dois magos se encontram. Tenson vem da esquerda e Kalyan abaixa o punho. Ambos fabricam lâminas e de repente a batalha é um turbilhão de movimentos, com os braços jorrando, retraindo e bloqueando.

Não sei dizer quem está ganhando ou se algum deles foi eliminado. Beckman me dá um tapinha nas costas com força suficiente para me lembrar de respirar o ar.

— Não é o seu cara, hein?

— Não é meu cara.

Os dois continuam até Tenson girar o braço e pegar o pulso de Kalyan. O ombro se dobra de maneira não natural. Aplausos clamam em aprovação. A multidão está inconstante hoje, não consegue decidir qual bruxo quer vencer. Então, ainda no impasse, Tenson chuta Kalyan contra a cúpula curva.

— *Nããão.* — Sem pensar lancei um feitiço laranja e rosa para examinar o dano. Meus olhos ficam borrados e então focam nos músculos e ossos dentro do peito de Kalyan. Concentro-me no ombro. Há uma ruptura no músculo e já está inchando. Pisco para cancelar o feitiço. Quando voltei a focar na luta, houve uma mudança. Kalyan lutou para sair de uma chave de braço e está segurando o maxilar.





— O que aconteceu? — Pergunto.

— Seu homem escapou da chave de braço, mas Tenson deu um soco na cara dele.

Aperto o corrimão com força. Se Kalyan se machucar seriamente, será minha culpa. Ele não deveria ter vindo aqui. Lutar em uma bolha de cinco metros é drasticamente diferente de qualquer campo de treinamento ou campo de batalha.

Kalyan e Tenson circulam um ao outro. Pelo menos os movimentos de Kalyan ainda estão calmos. A luta recomeça em um piscar de olhos. Os túneis de vento, os favoritos de Tenson, atacam Kalyan, mas em vez de escudos ele também usa magia amarela. Córregos brancos e amarelos martelam uns contra os outros. O cabelo e as roupas dos magos ondulam como se fossem pegos por uma tempestade. Kalyan recua e abaixa o braço ferido. Posso ver o sorriso de Tenson daqui. Ele acha que ganhou.

Por favor. A palavra bate contra o meu cérebro. Por favor, não estrague isso.

Um dos feitiços se conecta diretamente. Isso é sempre perigoso no ringue. No pequeno espaço da cúpula, muito poder pode se acumular e a magia pode ser incontrolável. Isso poderia matar os dois. Nunca vi um feiticeiro forte branco na cúpula antes, mas a mistura branca e amarela parece sagrada e como se um deus se manifestasse entre os raios de cor. Kalyan e Tenson parecem iguais, mas a energia continua a aumentar. Um deles vai ter que deixar ir, e logo.

Tenson murmura continuamente e cada novo feitiço de vento aumenta com pulsos rítmicos em uma colisão. Mas então percebo que Kalyan, silencioso e com um braço só, lançou apenas um feitiço. Espere isso não pode estar certo. *Um feitiço contra a dúzia que Tenson lançou?*





Volto-me para Beckman.

— Você está vendo o que eu estou vendo?

Ele balança a cabeça lentamente. Acho que ele também não acredita.

— Tenson não tem ideia. Ele não consegue ver.

Num piscar de olhos acabou. Kalyan diz uma palavra, um pequeno aprimoramento em seu feitiço, e Tenson é jogado contra a parede. A magia amarela acumulada salta da esfera e se agrupa em nuvens. Tenson caiu, a partida acabou, mas pela primeira vez ninguém torce. Ninguém pode entender o que aconteceu. A neve cai sobre os dois magos, um desmaiado e o outro pegando flocos de neve na palma da mão estendida.

Beckman assobia baixinho.

— Se ele não é seu cara, você tem certeza que não quer que ele seja?

— O quê?

— Conheço essa expressão. — Ele acena para o meu rosto.

Beckman não sabe nada sobre minha vida real, então não me importo nem ouço quando ele dá conselhos; como quando ele me examinou no vestiário no meu primeiro dia e deixou escapar:

— Se você está aqui para escapar do abuso, veio ao lugar errado com essa cara.

No entanto, pela primeira vez, ele decifrou meus sentimentos e emoções antes que eu pudesse classificá-los adequadamente. Eu *sinto* algo, e é mais do que felicidade que Kalyan esteja seguro e que eu consiga informações de Sims. É algo próximo ao espanto.

Beckman ainda está balançando a cabeça para a cena da neve quando Sims aparece atrás de nós. Ambos parecem tão atordoados quanto eu.

— Onde você o encontrou? — Sims me pergunta.





Não o encontrei tanto quanto ele foi ordenado a me seguir até aqui. Eu não posso dizer isso, no entanto.

— Não importa. Você conseguiu um bom show com isso.

Sims grunhe de acordo.

— Agora, vamos falar do pagamento.





CAPITULO QUINZE

ARRANJANDO UM AMIGO E PAQUERANDO UM ESTRANHO

JASIN

Quinze minutos eu espero no armário solitário de Jaya em uma sala cuidando do meu ombro. Depois disso, sucumbo ao medo de que Jaya não volte. Desisti oficialmente depois de vencer por ela e sua missão? Deuses, isso é difícil. Penso em ir para casa ou vagar por aí como um cachorro perdido para ter certeza de que ela não terá problemas, mas isso soa patético e um pouco demais como o fanático perseguidor que o Sims acredita que sou.

Então ela aparece na porta.

— Ei — Levanto-me, enviando um espasmo doloroso pelas minhas costas.

Jaya senta no banco ao meu lado.

— É tão ruim quanto parece?

Balanço minha perna sobre o banco, então estou de frente para ela.

— Não.

— Sim, tenho certeza. — Ela olha para mim com expectativa, como se de repente eu fosse admitir que doesse que meu maxilar parece que se deslocou e se espatifou no chão ou meu ombro está prestes a quebrar. Mas a presença dela me deixa mais leve, mais feliz. Não fui esquecido ou abandonado.

Jaya suspira.

— Você fez bem.





— Porque não morri ou porque venci?

— Porque você não morreu. — Ela ri e descansa uma mão no meu ombro ferido. Olho para ele, então para ela. O mundo para e minha respiração falha. Ela está muito perto.

— Jaya... — Ela aperta gentilmente meu ombro e eu estremeço com a dor latejante. — O que...

— Você ia apenas sentar-se aqui conversar comigo com uma fratura no manguito rotador?

— Eu... — A verdade é que eu já havia enviado um pouco de magia rosa para conserta-lo no momento em que saí do ringue, mas não posso dizer isso. — Como você sabia?

— Posso fazer magia rosa, lembra? — Ela aponta para si mesma.

— Oh, — digo em silêncio. Mas como ela poderia dizer? Que tipo de feitiço é esse, para me diagnosticar a metros de distância ou através de um leve toque de sua mão?

Ela inclina a cabeça.

— Raja Jatin sabe que você está aqui?

Oh Deuses, ela sabe que eu menti. Ela pode sentir a magia rosa que usei para tentar reduzir a dor em meu ombro.

— Ele, bem, ele... — Respiro fundo. — Sim, ele sabe.

Ela não parece gostar da resposta, mas aceita com um aceno firme. Então ela abre um armário próximo e tira uma esfera de gosma rosa.

— Certo, então não preciso fazer um trabalho de ocultação completo.

— O quê?

— Você não pode fazer magia de cura, certo? Não vou deixar você assim. — Ela gesticula para mim como se eu estivesse quebrado. — Eu tenho que me limpar o tempo todo. — Ela aponta para os lábios. Mais uma vez, ela





me faz focar neles, e eu fico um pouco mais excitado. Quase desejo que ela parasse de fazer isso. Quase...

— Machado arrebentou meu lábio inferior antes e agora está bom. Prova de que sei o que estou fazendo, — esclarece.

— Não duvidei disso.

— Certo. — Ela espera inquieta. — É mais fácil sem o seu kurta.

Levanto minhas sobrancelhas, e o lado direito da minha boca se contrai para cima por conta própria.

Ela revira os olhos, mas por mais que queira esconder seu constrangimento, eu vejo.

— Não estou tentando me atirar em você — diz ela.

Deuses, eu gostaria de não ter ouvido a verdade nessas palavras.

Também gostaria de poder tirar minha kurta sem lutar com meu braço direito. Jaya me ajuda com a última parte e me sinto como um animal ferido. No entanto, consigo apreciar o momento em que seu olhar permanece em meus braços antes que ela coloque as mãos em meu ombro.

— Isso vai aliviar a dor — murmura enquanto limpa a gosma rosa sobre o hematoma e sussurra um feitiço.

Enquanto ela trabalha, ela está fixada em meu ombro, e estou fixado nela. Pela primeira vez é aceitável olhar e eu aproveito ao máximo. Talvez os outros não a achem tão linda quanto eu, porque eles ignoram a bondade em seus olhos penetrantes, ou a maneira como sua boca se contrai quando ela pragueja ou diz algo sarcástico. Brinco com a ideia de provocá-la sobre o vermelho em suas bochechas, mas ela pode contra-atacar com a mesma afirmação sobre mim. Todo o meu corpo está quente, exceto pelo frio que surge em meu ombro. Finalmente a dor recua por trás do frio formigante.





Seus olhos se fixam nos meus. Estamos ainda mais próximos do que antes, perfeito para um beijo.

— Você está em muito melhor forma do que eu pensava — diz ela.

Sento-me um pouco mais alto. Nunca fui o mais musculoso dos homens - não sou nenhum Rakesh - mas nunca precisarei imprimir em um toque falso, então é isso.

— *Acho* que vou levar isso como um elogio.

A confusão gira em seus olhos e então a compreensão a atinge. Ela ri.

— Não, quero dizer a fratura. Seu ferimento é apenas metade do que eu pensava. — Ela volta a lançar magia rosa enquanto balança a cabeça. Talvez seja a proximidade e a vista, mas é a melhor cura que já recebi. Meu ombro relaxa e começa a me agradecer. Jaya trabalha com as mãos firmes, como se estivesse costurando meus músculos. Minha magia rosa, por outro lado, funciona como uma overdose, quase tão dolorosa quanto o ferimento inicial.

— Certo. Ficaré dolorido por alguns dias, mas qual é a sensação? — ela pergunta enquanto limpa as mãos nas calças. Penso em mentir para que ela se incline para mim novamente.

— Perfeito. — Giro o ombro e só fica rígido, como se eu tivesse dormido errado.

— Acho que você também quer que eu faça sua mandíbula.

Inclino para frente.

— Se você insiste.

Ela inclina-se para frente até nossos joelhos baterem e então sussurra:

— *Goghatalaeh*.

Achei que a mão dela no meu ombro era alguma coisa. Mas isso é quase insuportável. Imagino puxá-la para o meu colo... E o tapa na cara que certamente viria a seguir.





Como se ela pudesse ler meus pensamentos, o olhar de Jaya voa para cima e se conecta com o meu. Ela deve sentir a tensão. Quero dizer, é palpável. Nos próximos segundo nós dois caímos em silêncio. Ela parou de lançar e estamos apenas olhando um para o outro.

— Você está me distraindo, — ela murmura.

— Foi você quem quis tirar minha camisa.

— *Goghatalaeh*, — Jaya diz, e uma onda de fumaça vermelha mergulha em minha mandíbula. Estremeço quando a dor se compacta, alivia e então libera. Sim, é assim que me sinto quando me curo, e agora me lembro de como é uma droga. Eu teria estudado mais a magia rosa se soubesse que nem sempre tem que doer assim.

Jaya morde o lábio.

— Desculpe, eu não deveria ter feito isso.

Esfrego minha mandíbula.

— Não, eu mereci. — Não deveria estar pensando em beijá-la. Estou prometido com a garota para quem ela trabalha. E nossos dois países dependem de Adraa e eu nos casarmos e enfrentarmos a ameaça potencial de meu tio. *O que há de errado comigo?*

Jaya me joga meu kurta e eu o pego enquanto ela se levanta. *Não, não vá embora*. Tenho tanto para perguntar a ela. Coloco minha kurta de volta.

— Como você se meteu nisso tudo?

Jaya franze a testa profundamente enquanto vasculha sua bolsa.

— Você leu meus relatórios.

— Não, quero dizer, por que você? Por que meu... Marajá escolheu você como sua espiã?

— Primeiro, ele não me escolheu. Eu fui até ele. Com a bênção de Lady Adraa, é claro.





— O quê?

Ela se vira para mim.

— Alguns meses atrás, o chefe de segurança de Marajá Belwar foi atacado pelos Vencrin, e eles o colocaram em coma. Vi uma família ser despedaçada, a família da minha amiga. — Ela respira fundo. — Também trabalho na clínica real. Há meses venho tratando de magos e bruxas feridos ou viciados nas drogas que os Vencrin vendem. Todo o resto está descrito nos relatórios. E esta noite Sims me deu o que eu preciso. E isso é em parte por sua causa. — Jaya segura meu braço. — Então, obrigada, — diz ela enquanto desliza em torno de mim.

Ela realmente está indo embora. E Adraa aprovou tudo isso? Apenas deixou Jaya vir para o Subterrâneo sozinha e então...

— Você não terminou esta noite, não é? Você está indo para outro lugar, indo atrás de um dos Vencrin.

Ela para de repente.

— Não é da sua conta.

— Deixe-me ajudá-la.

— Você já fez o suficiente, você está ferido.

— E você me consertou, — contesto. Como se isso fosse uma desculpa.

— Sei que atrapalhei você esta noite, mas posso compensar você. — Aproximo-me. — Você precisa de reforços e eu sou um bom lutador.

— Estou sozinha nisso há algum tempo. Viro-me sozinha.

Aquele pedaço de papel vem à minha mente. Jaya Fumaça *estava* fazendo mais do que relatar incidentes Vencrin nas ruas; ela os estava impedindo. Mas Bloodlurst pode ser vendido por apenas um mago. Se ela está atrás da luz de fogo e está sendo roubada e levada para outro lugar, isso vai ser maior do que um ou dois magos em um beco.





— Dois homens traficando drogas é muito diferente de uma operação como esta e você sabe disso.

Ela não hesita, mas posso dizer que ela está deliberando por sua expressão, então continuo falando. Algo que eu diga pode colocar algum sentido nela.

— Marajá Naupure me deu seus relatórios por uma razão. E foi para isso, para te ajudar.

— Como você sabe que tipo de operação estou procurando? Como sei que posso confiar em você?

Ela me pegou aí. Afinal, estou *mentindo* para ela. Talvez ela possa sentir isso. Mas se eu contar agora ela vai pirar e sair sozinha contra sabe-se lá quantos criminosos.

Ela dá um passo em minha direção.

— Prove que foi Marajá Naupure quem lhe deu meu relatório.

Procuro uma explicação. O que seria exclusivo do meu pai? Que sinal ou informação não veio de sua mão escrita? Penso na primeira vez que nos conhecemos.

Já sei.

— Você está tentando provar que a falta de luz de fogo é obra de Marajá Moolek — digo em voz baixa.

Jaya cai de costas. Obviamente a choquei.

— Isso é bom o suficiente? — Pergunto, embora eu saiba que é.

Ela aperta os olhos para mim, um olhar medido em seus olhos.

— Você está errado sobre uma coisa. Não é esta noite. Em três dias, encontre-me na Praça do Vila Leste, dois após o anoitecer.

Agora é a minha vez de partir para a ofensiva.

— Como eu sei que *você* não está mentindo?





— Acho que teremos que confiar um no outro.

— Não vou me atrasar, — digo, meio tranquilizando, meio alertando.

— Não duvido. — Ela faz uma pausa enquanto estende a mão para a porta e se vira. — Mais uma coisa. Como você está com a magia obscura?

Sorrio. Essa é uma coisa sobre a qual não preciso mentir.

— Um natural.





CAPITULO DEZESSEIS

PIER DEZESSEIS

ØDRAA

Kalyan é tão pontual que até Riya ficaria impressionada. Não estou atrasada – as estrelas começaram a piscar – , mas ele chegou antes de mim. Ele encosta-se à parede de um beco, os olhos fixos na praça. Engraçado, é uma lâmpada carregando a luz de fogo que ilumina suas feições, especialmente o queixo. Ele está esperando por mim, eu percebo com um sobressalto. Só vim de outra direção, evitando a abertura da praça como profissional que sou. Mas eu fico para trás em uma cortina de escuridão. Ele é diferente do que eu pensei que seria o chefe de guarda de Jatin. Imaginei que Jatin escolheria alguém, não sei, alguém mau, alguém exatamente como ele e não apenas na aparência. Não deveria me fascinar tanto, que Kalyan é gentil. Ele provavelmente recebeu ordens para ajudar, mas a maneira como ele examina o céu por mim...

– Parece diferente sem um desfile e uma garota se jogando na frente de uma carruagem, hein? – Digo enquanto chego ao lado dele e espelho sua postura de braços cruzados.

Ele se contrai; pode-se até descrevê-lo como vacilar.

Não posso deixar de rir.

– Assustei você?

Kalyan se recompõe bem.

– Por um momento, pensei que você tinha me dado um bolo.





Ele tinha o direito de estar preocupado. Quase passei voando. Provavelmente não deveria dizer-lhe isso, no entanto.

— Pensei sobre isso.

O que há de errado comigo?

Ele sorri independentemente. Ele usa tão bem também, aquele sorriso.

— Acho que devo lhe agradecer, então, por manter sua palavra.

E ainda estou mentindo descaradamente. Pela primeira vez, a culpa sobe através de mim em relação a esse detalhe em particular.

— Nós estamos indo para as docas. Píer dezesseis — respondo, dando vida à arrogância em uma onda de fumaça vermelha. Não posso arriscar a missão, por mais gentil que ele seja.

A lua está grande esta noite, mas tudo bem. A luz cria mais sombras, e essa é a especialidade da magia obscura. Kalyan e eu voamos baixo sob uma película de ocultação. Por razões de segurança, é ilegal pairar abaixo do nível do telhado, mas é muito difícil voar *e* usar magia obscura para cobrir o brilho de um planador. Kalyan parece saber como um vento forte pode facilmente quebrar uma ilusão, porque ele não contradiz nossa manobra ilegal. Ele até aceita meus sinais manuais para curvas e mudanças de velocidade. Apenas Riya poderia ser tão coordenada comigo. Deve ser uma coisa de guarda.

As casas aparecem e colidem umas com as outras por espaço até as docas. Apenas os cheiros de peixe e água salgada sinalizam o oceano que se aproxima e os cais que nele se ramificam. Kalyan e eu nos aproximamos das sombras protetoras de um beco até que a ampla costa nos dê as boas-vindas. Estamos aqui e somos vulneráveis. A partir de agora é melhor ir a pé. Viro-me para contar a Kalyan, mas ele se foi. Olho para baixo, onde ele já pousou, prendendo seu planador no cinto.





— Devemos caminhar a partir daqui — ele grita em um sussurro.

Desço no próximo segundo. Como ele é tão bom nisso e tão rápido? Levei um mês para rastrear adequadamente e atacar traficantes de drogas nas ruas, e isso com rotas de fuga e sombras adequadas.

— O quê? — Kalyan pergunta, percebendo meu olhar.

Prendo Hubris em meu cinto.

— Nada. Vamos.



Corremos para uma parede, a extremidade rochosa da baía de Belwar, onde os penhascos se erguem para formar a costa mais ao sul de Wickery continental. Passamos por quinze docas perfeitas, todas posicionadas e prontas com centenas de navios presos em seus lados ou flutuando. Agora é o vazio, uma parede e a agitação do mar semi-calmo.

— Dezesseis você disse? — Kalyan pergunta.

— Sangue. — Sabia que o número dezesseis soava errado nos lábios de Sims; Achei que Belwar tinha apenas quinze cais de trabalho. Sou uma idiota. Meses de trabalho e sangue no ringue, e Sims mentiu na minha cara. E eu pensei que tinha feito meu ato de viciada em Bloodlurst tão bem também. *Idiota.*

Kalyan aponta de repente.

— As ondas estão baixas.

Giro.

— O quê? — Mas já estou olhando, analisando onde ele gesticula. E eu vejo isso. Uma corrente está trazendo as ondas e elas se enrolam bem no mar.





Mas elas não estão pegando as pedras. Na verdade, se algo está errado é que as ondas são muito calmas.

Kalyan e eu recuamos e reexaminamos o que está à nossa frente.

— Uma ilusão quase perfeita — diz Kalyan. Tenho exatamente o mesmo sentimento. Estou quase maravilhada com a complexidade e a força dessa coisa. O anoitecer ajuda, mas ainda assim. O mero vento não está quebrando isso.

— Exceto pelas emendas. — Olho para ele. Ele realmente é um talento natural em magia obscura. Ele não terá problemas em lançar sua própria máscara, um feitiço que criei para me esconder.

— Exceto pelas emendas, — ele concorda.

Rastejamos pela praia, guiando-nos pela ilusão, sem ousar romper ainda. Melhor encontrar a borda para que nós dois não estejamos andando no meio de sabe-se lá o quê. Logo após o quebra-mar encontramos a fissura de um canto. Agora a parte difícil, porque a coisa mais fácil sobre uma ilusão é quebrá-la. Isso é o oposto do que queremos, no entanto. Os Vencrin são astutos o suficiente para notar dois buracos do tamanho de uma pessoa.

Preparo-me para dar um passo à frente e lançar minha própria pequena ilusão como um remendo ruim, mas Kalyan me impede. Com um feitiço, a fumaça branca engole seus braços, e ele estende a mão e abre o canto. Seu aceno indica que devo ir em frente, como se ele estivesse segurando uma porta aberta para mim. Pode-se até considerar esse gesto cavalheiresco, se o outro lado possivelmente não levasse ao ventre criminoso de Belwar. Mas sua magia ainda é impressionante.

A cena que aparece depois que eu me abaixo do braço de Kalyan? Não muito. Pier Dezesseis reside no lado sujo de esquecido e abandonado, logo após nojento e vivendo ao lado de rochas irregulares, e as ondas tentam





incessantemente amolecê-las. Um capitão médio morreria se partisse deste local. Agora a localização faz sentido. Os Vencrin diminuíram a última seção da praia, um lugar que ninguém pensaria em recuperar devido ao risco e perigo desnecessário.

Vozes se elevam do píer, e Kalyan e eu agachamos atrás da confusão mais próxima de caixotes de vime e redes de pesca. Um cheiro de mar bastante saboroso nos confronta, mas não acho que fomos vistos. De nosso poleiro podemos ver um navio que não parece estar em muito melhor estado do que seu cais. Lama e cracas subiram da água e se agarraram ao costado do navio. Velas com pequenos rasgos em seu tecido laranja se espalham como as escamas de um peixe.

Três magos estão carregando um caixote, um posicionado no cais, um na rampa e outro no convés. Eles usam um feitiço de levitação amarelo, passando a caixa de vime entre os três em uma folha de arco-íris de laranja, obscuro e roxo. Deve ser pesado e frágil para precisar do poder e da concentração dos três magos.

Há algo estranho sobre o usuário Laranja Forte. Não o reconheço do Subterrâneo e, no entanto, suas feições ressoam em minha memória. Onde eu o vi antes? *Foi no Subterrâneo?*

Estou perdendo tempo procurando em minha memória incômoda.

— Preciso ver o que há nessas caixas — sussurro.

Kalyan empurra meu ombro quando começo a me levantar.

— Você vai invadir lá sem nenhum plano?

— Não, eu estava prestes a lhe contar o plano.

— Acho que devemos chamar a Guarda Dome. Envolvê-los. Levará apenas um ataque de magia.





— Não — digo reflexivamente ao pensar em um jato de magia branca zunindo no céu e alertando a todos sobre nossa posição. Mas então eu paro. Guarda? *O guarda!* Basu. O homem com o nariz, que carregou o corpo inconsciente de Basu e ficou olhando para mim. Giro de volta para o homem com uma caixa acima de sua cabeça. É ele.

— Seria melhor se...

Cortei Kalyan.

— Sangue não. Veja o assistente mais próximo de nós. Ele trabalha para a Guarda.

— Como você sabe disso?

— Longa história. Não importa agora, mas tenho certeza disso.

Isso importa, no entanto. Foi por isso que Basu foi lançado tão rapidamente? A traição quando lutei com Basu reúne sua gêmea e enfia a emoção em meu coração. Por quê? Por que tudo está corrompido em Belwar? Então um pensamento terrível permeia minha miséria. É por isso que o melhor espadachim e usuário de magia roxa que conheço está em coma? Talvez não tenha sido apenas um ataque de Vencrin que lançou o pai de Riya em seu estado de morte. Talvez tenha sido uma emboscada, a própria Guarda o apunhalando pelas costas. Sufoco a raiva que quer sair da minha boca.

A expressão atordoada de Kalyan reverte para uma concentração neutra.

— Você tem razão. Se ele for um guarda de Belwar, não podemos chamá-los.

Bom, ele está comigo, porque não posso parar agora. Esqueço minha promessa a Marajá Naupure sobre o retiro, se necessário. Vou fazer esses homens sangrarem.





— Você pega o guarda no cais. Vou levar o do navio. Quem quer que o mago da rampa obscura vá, nós o eliminamos.

Os magos já estão em sua segunda caixa.

— Pronto?

Kalyan assente.

— *Chagnyawodohs* — sussurro, e tufos de vermelho flutuam em meus dedos. A máscara vermelha adere ao meu rosto em pinceladas frias. Então eu lancei um feitiço roxo, e minha magia mergulhou nas fibras de minhas roupas sombrias, costurando grossos redemoinhos vermelhos semelhantes a armaduras no tecido. Rapidamente ensino o feitiço a Kalyan, e uma máscara branca se prende em seu rosto, transformando-o em um fantasma que voltou à vida. Só posso imaginar como devo parecer bizarra, mas é o melhor disfarce que já usei em todas as minhas espionagens e emboscadas. Um feitiço de magia obscura que eu mesma criei.

— Quando você ver vermelho, você sabe quando atacar — digo, então corro e mergulho atrás de mais caixas de transporte. Mais dois saltos atrás da cobertura e um salto do paredão de um metro de altura e estou na praia, a areia subindo a cada passo. Hurbis salta da minha coxa.

— *Sthairya Saritretaw* — falo para o mar. Uma onda escura quebra de forma não natural mais para o interior. Uma espuma espessa de turbilhões agitados. Corro e, sem pensar duas vezes, entro na água. Escadas borbulham em pequenas rachaduras enquanto sobem, e eu subo em uma confusão desequilibrada.

Só tem alguns segundos antes que as escadas desapareçam. Deuses!

Pulo para a corda da âncora enquanto a escada de água brilha e cai em um estrondo plano. As tranças molhadas de fibra queimam minhas palmas enquanto luto para me segurar. Sangue! Eu deslizo. Um metro. Dois metros.





Aperto meu aperto e finalmente paro minha descida, a um braço de distância do oceano. Meu coração bombeia em meus ouvidos. Isso não foi... Gracioso.

O Vencrin pode ter ouvido a onda ou meu desastre, então, assim que estou nivelado com o convés, estendo a mão com um feitiço de nocaute pronto em meus lábios. Mas não há nada. Nenhum mago, nenhum feitiço de levitação carregando caixotes; nada além de um silêncio mortal.

– *Vrnotwodahs*, – digo, para me reconectar com as sombras do navio enquanto subo pela amurada e me agacho.

Então eu ouço o barulho de uma caixa quebrando, o grito de um feitiço e os grunhidos de luta. Corro para a rampa e observo a cena no cais com olhos selvagens e inquisitivos. Kalyan tem um escudo de bolha enrolado em torno dele como uma recriação da esfera no Subterrâneo. O mago roxo forte golpeia-o com magia laranja, arrancando folhas de poeira e fumaça. Dentro da bolha, Kalyan dá um soco no estômago de um mago. O mago narigudo está deitado de lado, imóvel.

E o meu plano?

– *Nizleah*, – envio para o Sr. Bater-Até-Quebrar, então me jogo atrás da amurada do navio. Minhas chamas mágicas vermelhas em direção a seu forte roxo como uma flecha. Ele erra por centímetros e respinga no escudo de Kalyan. Sangue. Eu rastejo rapidamente no convés, esperando um feitiço para atingir o local de onde atirei.

Em vez disso, o mago berra:

– Intrusos!

Em um piscar de olhos, o movimento rasga meus sentidos. O navio parece vivo enquanto o ruído vibra dentro dele. Vencrin, alguns já subindo as escadas para chegar ao convés principal, estão vindos atrás de nós.





— *Agati Drumahtrae*. — Tábuas descascam do convés e eu as jogo em direção à porta. Elas batem de forma cruzada aleatória, mas isso faz pouco para retardar os magos. Em uma forte explosão, os pedaços se desfizeram. Caio e cubro minha cabeça enquanto estilhaços caem sobre mim. A única coisa boa é que todos os escombros, mais minha magia obscura, me escondem dos sete Vencrin que correm para o convés. Esses Vencrin não estão vestidos como rodízios de jaulas. Eles são marinheiros, com kurtas marrons gastos, cabelos oleosos e botas altas feitas para caminhar ou subir na água como eu acabei de fazer.

— Lá! — um Vencrin do outro lado chama e três outros imediatamente correm para a rampa para alcançar Kalyan e seu amigo berrante. Não! Não posso deixar Kalyan ser derrotado. Enquanto os Vencrin descem a rampa, eu canto um feitiço de magia verde. De uma só vez, a rampa se rasga e desliza do convés do navio. Gritos de protesto irrompem quando os três homens caem na água. O mago da frente bate forte no píer e cai com um esguicho nas profundezas escuras da água.

— É a Mulher Vermelha! — um mago grita, e o som está próximo, próximo demais.

Giro, a fumaça vermelha da minha magia já se condensando em um escudo. Uma espada obscura aterrisa com força brutal e atinge minha magia enquanto eu levanto minha defesa. Quero absorver a magia roxa, então deixo que ela se aprofunde. O Vencrin empurra a espada para trás, tentando recuperar sua arma. Aproveito a distração e bato minha palma aberta em seu peito.

— *Shot Pavria*.

Ele é jogado para trás e sobre o convés, deixando a espada obscura presa em minha armadura vermelha. Tarde demais, percebo que ele cantou





algo antes que meu túnel de vento o matasse. A espada sombria se solta, se condensa novamente em magia disforme e voa ao redor do meu escudo. Levanto meu braço em proteção, mas a magia encontra seu alvo. Grito quando uma dor aguda perfura meu braço, rasgando do cotovelo ao meio do antebraço.

Outro homem avança de alegria com o meu grito. Sua boca se move, mas não consigo ouvir o feitiço. Em um movimento, eu envio meu feitiço de rebote. O vermelho encontra o azul em um riacho muito parecido com a luta de Kalyan e Tenson antes. Mas isso não é para mostrar. Canto de novo, e a força adicional derruba o mago em outro corpo, arremessando-se contra mim. Cedo demais, outro bruxo de rosto vermelho chicoteia algo na minha cabeça. Abaixo-me e seguro meu cotovelo automaticamente quando ele se abre com o movimento brusco.

A distração da dor me deixa aberta por um segundo a mais. Um pé me chuta no estômago e eu bato de lado. Antes que eu possa respirar com ânsia de vômito, um fluxo laranja corta em direção à minha cabeça. Viro-me para a direita, mas a laranja não é um fluxo de magia; são os punhos inflamados do mago. Ele cai com força e estilhaça as tábuas com sua força. Se ele tocar minha garganta com esse poder, estou morta. Com um uivo, eu me levanto e chuto com um pé. Ele encontra suas costelas com uma trituração. Mas, em vez de cair para trás, ele avança e nós rolamos para o mastro principal enquanto lutamos. Cada osso do meu corpo se transforma em um ângulo rígido enquanto tento afastá-lo de mim. Ele quer minha garganta.

– *Zaktirenni* – murmuro enquanto dou uma guinada e agarro seus pulsos, que estão a centímetros do meu pescoço. Nós dois resmungamos quando suas mãos descem mais perto. Laranja satura minha visão. Meu aperto escorrega.





Então algo branco se derrama em meus periféricos. Uma corda branca esfumaçada envolve a boca e o peito do mago. Seus olhos se arregalam e seu corpo se contorce em resistência. Um momento depois, seu peso sai de cima de mim e ele voa para trás, então para o lado do navio. Espiando atrás dele enquanto eu convulsiono encontro Kalyan na outra ponta do riacho.

— Desculpe, estou atrasado. Alguém destruiu a rampa.

Minha boca se abre enquanto luto para respirar. Como ele pode estar fazendo piadas agora? Ele nem parece cansado quando estende a mão para me ajudar a ficar de pé.

Roxo pisca atrás de Kalyan. Um Vencrin olha de soslaio, mira fixamente um feitiço pulsando na ponta dos dedos. *Não!*

— Você está...

Agarro a mão de Kalyan e puxo.

Ele tenta não cair em cima de mim, estendendo as mãos para se segurar. Está claro que eu não pensei exatamente em tudo, especialmente quando seu peito bate no meu e nós dois soltamos um suspiro. Por um único momento, Kalyan me encara como se eu fosse louca enquanto cai em cima de mim, seu corpo inteiro pressionando...

O raio roxo flui acima de nós, bem onde Kalyan estava parado. Gritos irrompem quando o feitiço atinge outro Vencrin, que cai. Feitiço de tortura.

A compreensão ilumina os olhos de Kalyan, seu rosto muito próximo do meu.

— Obrigado.

Empurro seu peito com meu antebraço ileso, girando para fora dele.

— Agradeça-me depois. Precisamos de cobertura.

— *Sfuraw!* — ele grita enquanto eu invoco minha magia vermelha. Um escudo nos envolve como uma bolha, e um anel de fogo chicoteiam fora





disso. Estamos ambos enfrentamos os quatro Vencrin restantes. As costas de Kalyan pressionam contra as minhas, e seu calor e volume permitem que eu respire uniformemente pela primeira vez no que parecem horas. Quase posso ignorar o bater das flechas roxas contra o escudo, ou a fúria de vozes gritando obscenidades para nós. Eles gritam principalmente permutações de *sangue*, *vermelho* e *cadela*, trocando as palavras com base na variação e na boa e velha paixão. No geral, parece que posso ser descrita como um ciclo menstrual.

Agarro meu braço latejante.

— Você está prestes a ter um esgotamento? — Kalyan sussurra.

— Não, é só o meu braço.

Os olhos de Kalyan se arregalam enquanto ele avalia a umidade vermelha pingando da minha manga.

— Não posso enfrentar todos sem você.

— Você não vai precisar. Deixe-me passar pelo escudo em três. Vou levar esses dois. — Empurro meu pé em direção ao forte obscuro Vencrin, cuja magia queimou meu braço, e um forte azul. — Você pega a flecha roxa e o molhado.

— Em três, então.

Meu braço lateja.

— Um... — Minhas costas doem. — Dois... — Estou enjoada. — Três! — Corro para o escudo, abafando a dor. Do meu lado, o fogo morre ao meu comando e o escudo evapora. Por outro, a magia branca de Kalyan explode. É o suficiente. Tem que ser. Eu chicoteio o resto do fogo como um chicote e golpeio para baixo, entre meus dois oponentes.

Movo-me em todas as direções, minha mão esquerda lançando feitiço, minha direita protestando contra a dor, mas ainda segurando um escudo. As cores voam ao meu redor como o Festival das Cores. Só que em vez de





respingar no céu, as luzes disparadoras giram verticalmente e com terríveis palavras de morte atrás delas.

Um feitiço atinge uma caixa e ela explode. Orbes de luz de fogo caem, centenas deles rolando pelo campo de batalha improvisado. Encaro depois de algumas danças passando por mim, atordoada por um segundo. É verdade, então. Eles estão pegando a luz de fogo! Com minha raiva recém-descoberta, um de meus feitiços rompe o escudo azul ferido de Vencrin e ele cai.

O mago obscuro forte corre em minha direção, um movimento agressivo em uma luta de tiros de feitiço. Eu chicoteio minha linha de fogo para ele e ele passa por cima dela. *Sangue.*

Preciso de tempo para pensar, para cantar. Mas não tenho tempo. Ele é muito rápido. Ele puxa uma adaga de aço de seu cinto e empurra para frente. Inclino-me para trás quando um lampejo de prata corta meu peito. Reflexivamente, alcanço meu próprio cinto, mas não tenho uma lâmina comigo, apenas Hubris. Com um giro, libero meu planador do cinto e o seguro em defesa. Com outro golpe, a adaga se enterra em Hubris e, com mais um movimento rápido, o Vencrin acerta o cabo de Hubris.

– *Vitahtrae!* – Grito, e Hubris obedece. Seu cabo restante se estende sem a cauda em forma de pipa para que eu possa girar Hubris como um bastão, como costumava fazer quando criança. Bater, cortar, torcer, abaixar, nós dois dançamos enquanto o mago corta e corta Húbris, pedaço por pedaço. Lascas cortam minhas mãos como fios de vime e Hubris é esquartejada.

Eu avanço e finto para a esquerda e, em seguida, esmago a ponta quebrada de Hubris em seu ombro direito.

– *Zalaka Drumahtrae,* – canto, e fragmentos do meu planador quebrado explodem no braço do Forte Preto. Ele grita e cai de joelhos com a





dor, enrolando o braço em si mesmo. Aproveito a distração e dou uma cotovelada no rosto dele, seus dentes batendo no meu cotovelo. Finalmente, ele cai para trás.

E então está feito. Minha linha de fogo chia enquanto devora o convés. Um baque ecoa quando o pomo da espada de Kalyan atinge o peito do último mago. Fico aliviada até Kalyan erguer o pomo para dar um golpe na cabeça.

— Espere! — Grito.

Kalyan fica imóvel enquanto segura o colarinho do Vencrin caído. Eu caio através da luz de fogo, corpos e escombros.

— Por que... Por que você tem a luz de fogo? — Exijo do Vencrin.

Ele me encara, atordoadado. Um olho está inchado e o sangue jorra acima de sua sobrancelha. Mas o outro olho parece assombrado, ou talvez até apavorado.

— Não vou contar nada para a cadela vermelha.

Eu realmente preciso de um nome mais criativo. Quero dizer, eu entendo que a máscara vermelha traz a cor para um jogo descritivo e o top preto justo mostra que eu possuo seios, mas ainda assim, para citar Sims, é fraco. Kalyan empurra o mago. Claramente, ele também não é fã do meu nome de rua.

Inclino-me para mais perto, prendo a respiração e atiro fogo em minhas mãos, como fiz ao interrogar Basu.

— Diga-me o que você está fazendo com a luz de fogo.

Ele se encolhe diante do fogo como todos fazem, como se a temperatura e a altura das chamas não estivessem sob meu controle.

— É você quem vai queimar no final, bruxa.

— Você vai entregá-la ao Moolek? — Grito.





Seu único olho bom se alarga depois se estreita.

– *Kalaleah*, – ele cospe como uma maldição.

– Não! – O fogo desaparece e eu corro para cobrir sua boca, mas a fumaça sobe sobre sua cabeça e ele fica mole, já inconsciente.

– Sangue. – Deslizo pela lateral do navio e começo a aliviar a dor no braço. Kalyan larga o peso morto e examina o navio destruído. Enquanto passo a mão sobre o suor que encharca meu couro cabeludo, ele se senta ao meu lado e apoia os cotovelos nos joelhos.

– Da próxima vez... – ele respira pesadamente... – precisamos de um plano melhor.





CAPITULO DEZESSETE

REVELACAO DA VERDADE E MENTE EXPLODE EM PEDACOS

JATIN

Observo o navio queimar noite adentro, a fumaça se condensando em nuvens raivosas. Então Jaya e eu dispersamos a fuligem e extinguimos as chamas, porque a última coisa de que precisamos é uma audiência. Embora a poderosa ilusão de Vencrin ajude a esconder tudo.

Nunca estive tão mentalmente exausto. Posso ter trabalhado mais minha magia no treinamento algumas vezes, mas nunca antes tive que lançar para salvar minha vida como lutar contra um navio cheio de Vencrin. Quero dizer, eu era um Raja aos olhos dos deuses e, portanto, do meu povo. Riscos desnecessários como esse são praticamente proibidos. No entanto, é bom. Real, como a avalanche de Alkin ou salvar pessoas dos destroços da monção da Baía Sul em Agsa, cinco anos atrás.

Olhando para o navio do cais, a maior parte da minha mente ainda cai com o conhecimento de que Jaya e eu derrubamos dez magos decentemente qualificados, não, criminosos, que não se importam se seus feitiços são letais. Seus corpos estão espalhados diante de nós. E embora eu não queira deixá-los para serem queimados pela pira, não posso estimular nenhuma simpatia por seus ferimentos ou seus rostos respingados de sangue. Ouvi os feitiços que eles estavam lançando. Eu poderia ter sido um espectador inocente no píer quando os três primeiros correram para me atacar. E não saí ileso. Contusões





já florescem sobre meu torso, a ternura e a dor mudando sua cor e circunferência.

Assim que Jaya apaga o fogo, tudo fica quieto novamente. Apenas as ondas roçam a costa. Um rasgo alto rasga o silêncio. Os farrapos da manga direita de Jaya balançam no ar da noite. Sangue bate no píer.

— Quão ruim é isso? Deixe-me ver — digo.

— Eu cuido disso — Ela se afasta, impedindo minha visão. O vermelho brilha ao redor de seu braço enquanto ela recita um feitiço de cura. Uma inspiração de ar sibila por entre seus dentes e a magia se dispersa.

— Jaya, tenho experiência com esse tipo de coisa.

— Sim, eu também. — Isso é verdade. Pela maneira como ela comanda a magia rosa, ela deve ter muito mais experiência em tratar feridas do que eu. E, no entanto, quero verificar por mim mesmo. Verificar se ela está realmente bem. Nunca teria trazido outro mago ou bruxa para o perigo imprevisível daquela luta. Durante a maior parte, eu não tinha ideia se ela estava ferida ou morta. Mas se não fosse por ela me puxando para baixo, eu estaria convulsionando em um ataque de dor até que de bom grado acolheria a escuridão. Foi um momento rápido, mas ainda sinto a respiração dela em meu rosto quando caí em cima dela. Assim como ainda me lembro de meus braços em volta dela quando a carreguei dias atrás. É tarde demais para mim. É mais do que atração e querer ajudar alguém com problemas. Preocupo-me com ela, o suficiente para que ela estremeça e pequenos suspiros agora apunhalem minha preocupação.

Ela levanta o braço direito e arranca a manga obscura. Está escuro lá fora, mas a lua lança uma ampla rede brilhante. E nessa rede estendo meu pescoço e finalmente vislumbro o braço de Jaya. A princípio não consigo





entender o que estou vendo, talvez o sangue cubra os desenhos, mas não, isso está errado. Não há Toque algum. Seu braço está nu.

Hesitante, eu me aproximo.

— Jaya?

Ela não olha para cima de seu braço.

— Sim?

Aproximo-me ainda mais, bem na frente dela. Fios de magia vermelha penetram na ferida e começam a costurar a pele. Ela pressiona a ferida e enxuga o sangue. Agora estou absolutamente certo. Sem Toque.

Ela finalmente olha para cima e cambaleia um pouco para trás com a minha proximidade.

— Sangue, não faça isso.

— Seu braço...

Ela inclina a cabeça e sorri.

— E você disse que tinha experiência com esse tipo de coisa. — Quando ela vê como meu rosto deve estar inexpressivo, ela suspira e aponta para o navio. — Um Vencrin cortou meu escudo. Eu vou consertar isso.

— Nn-não, eu quero dizer... — gaguejo, depois paro. Isso não pode ser.

Então ela se acalma. Seus olhos se fixam nos meus e lentamente ela puxa o braço para trás e para trás, de modo que não está mais à vista. A ação incomoda em uma memória, uma em que uma jovem deslizou o braço atrás das costas quando lhe disse que ela não era uma bruxa.

— Oh, isso, não é nada, — diz ela.

— Deixe-me ver seu braço.

Ela tenta rir.

— Kalyan, eu consertei *você*. Posso curar um pequeno arranhão.





— Por favor — eu digo com a maior ternura possível. A verdade é que preciso esclarecer o que vi mais do que qualquer coisa em todo o maldito mundo, porque cada membro Tocado da sociedade que já conheci teve pelo menos um redemoinho ou dois em ambos os pulsos. Há apenas uma pessoa que tem um Toque de um braço só, tem mais ou menos a minha idade, é uma bruxa forte de magia vermelha e conhece meu pai. Adraa Belwar.

Jaya, ou Adraa, ou quem quer que ela seja, varre os dois braços para frente e com um feitiço rápido sua manga esquerda também arranca. Seu Toque é denso; redemoinhos, linhas arrebatadoras e floreios giram em seu antebraço, e mais alto, tenho certeza. É um braço de poder, mas ainda não a vi tão vulnerável. A cautela permanece em seus olhos enquanto ela me observa.

— Sou um Toque de um braço só, e o que quer que você pense, não é contagioso ou uma fraqueza.

Ela cruza os braços sobre si mesma. O tempo oscila sobre o que será dito a seguir, mas estou cambaleando. Todas as peças se encaixaram, mas o quebra-cabeça em minha mente está explodindo. Acho que meu cérebro se rebelou, porque tudo que consigo ouvir é minha voz gritando *Estúpido!* Uma e outra vez. Minhas mãos voam para minha cabeça para tentar calá-la, mas não conseguem. *Oh meus deuses. Oh, meus malditos deuses!*

Primeiro ela é Jaya, uma bela plebeia, depois Jaya Fumaça, uma espiã que lança em jaulas, e agora! Agora ela é Jaya Fumaça e Adraa, tudo embrulhado em um. Eu ia... vou me casar com essa garota. Esta é minha noiva. O choque desaparece e meu coração bate em triunfo. Meu coração vai disparar para fora do meu peito. Eu *posso* me importar com ela. Posso gostar dela - sangue, eu posso até amá-la. Não preciso esmagar os sentimentos ou os





pensamentos que vêm à tona desde que ela salvou aquele garotinho na rua. O que eu fiz na minha vida para me tornar esta sorte abençoada pelos Deuses?

Olho para ela com admiração. Quem teria pensado que a garotinha de oito anos que me bateu no rosto se tornaria uma lançadora de jaulas? Na verdade, essa parte meio que faz sentido. Ela não mudou muito nesse sentido. Mas ela cresceu e, ah, se desenvolveu.

Então percebo o que fiz. Eu surtei, não pelos motivos que ela pensa, mas não disse nada. *Sangue! Diga alguma coisa, Jatin!* Como deve ser meu rosto. Provavelmente é horrível, porque seu rosto fica branco e seus olhos endurecem. É como se eu pudesse tocar a parede que ela está construindo entre nós.

— Não me olhe assim. Eu não preciso... — Ela faz uma pausa. — É uma marca de nascença, não uma deficiência.

— Eu sei. — *Ok, palavras, palavras estão acontecendo. Bom.* Mas essa era a coisa certa a dizer? Aproximo-me e alcanço seu braço direito. Ela estremece um pouco quando eu o levanto levemente à vista. Meu coração pode desistir só de poder tocá-la. Encaro sua ferida. Não é tão profunda quanto parecia. Vai cicatrizar com certeza porque ela não trabalhou imediatamente, mas a magia rosa já fez um ótimo trabalho costurando a carne. E, finalmente, meu cérebro volta a funcionar e sei como transformar o choque e a euforia em segurança. — Certo, bom. Parecia ruim quando o vi pela primeira vez.

— Ah, ah, sim. — Sua expressão é uma mistura de alívio e confusão. — Disse-lhe que poderia consertá-lo.

Liberto-a.

— Sei sobre Toques de um braço só. As lendas dizem que eles são criados quando os deuses lutam pelas bênçãos de uma bruxa ou mago. As





lutas podem ficar tão ruins que as disputas são realizadas, e o vencedor é o único que pode tocar naquela criança.

Seus olhos mostram admiração e confusão com meu conhecimento religioso. Quantos idiotas zombaram dela ao longo dos anos para que ela fosse tão cautelosa? Oh Deuses, incluindo eu quando eu era um menino de nove anos desatento. Ela deve me odiar, o verdadeiro eu. Aperto minha boca. Por enquanto não direi a ela que sou Jatin. Não posso. Não neste momento em que eu realmente estraguei tudo.

— Sim, Erif deve ter lutado por mim e vencido. — Ela olha para o céu.

— Isto é, se você acredita nas lendas. — Ela abaixa a cabeça e olha para mim.

— Como você sabe disso?

— Leitura. — Dou de ombros. Sei sobre as lendas, mas isso é a última coisa que me preocupa. Meu pai tem me contado há anos como Erif abençoou Adraa com um toque de um braço. Na época eu não me importava. Foi um fato interessante que fez sentido mais tarde, quando soube que ela havia inventado a luz de fogo. Agora, é a chave para tudo. Ela está mentindo para mim desde o início, levando-me a acreditar que ela trabalha para minha futura esposa. Agora... Ela é minha futura esposa.

— E é por isso que você serve a Adraa. — Dou a ela um olhar aguçado.

Ela continuará negando quem ela é?

Ela volta a focar sua atenção em mim.

— Sim. Adraa me ensinou tudo o que sei. Estaria perdida sem os Belwars — Eu espero uma batida para ela dizer mais. Ela não diz. Então ela vai manter a farsa.

Tendo verificado que ela vai continuar mentindo para mim, seu noivo, que está mentindo para ela, não sei o que dizer. Ser Kalyan é sempre mais fácil do que ser Jatin. E ainda pode ser nesta ocasião. Mas estou perdido. Com





minha consciência me dando permissão para gostar dela, estou atado e com a língua presa. Começo a suar.

— Estou abrindo os caixotes — diz ela, sem saber como esse momento mudou minha vida. Pelo menos agora entendo por que ela está tão empenhada em descobrir o que está acontecendo com a luz de fogo. Se centenas de meus feitiços estivessem sendo enviados sabe-se lá para onde, eu também gostaria de descobrir.

Os caixotes são de vime, uma combinação de caules entrelaçados. Ao contrário da madeira, o vime se flexiona contra atos de violência. A melhor maneira de abrir os caixotes é através de um simples feitiço verde que desfia uma espinha e depois abre a coisa. Adraa não deve conhecer a técnica. O som de mil galhos quebrando chega aos meus ouvidos. Eu me aproximo para encontrar o caixote mais próximo destruído, com orbes de luz de fogo vazando.

Ela pega um e o vira.

— Dois dias atrás.

Pego um orbe rolando aos meus pés. Na parte de baixo está uma data que o confirma.

— Não parou em Basu, — ela sussurra.

— *O quê? — Quem é Basu?*

Adraa se vira para mim.

— Esta operação. É muito maior do que eu pensava.



Depois de abrirmos todas as caixas de orbes de fogo, finalmente descobrimos as drogas. Em remendos de pano amarrados com barbante há





um pó fino vermelho. *Sede de sangue!* Grita para mim. Não poderia ser outra coisa.

— Cuidado para não tocá-lo, — diz Adraa. — É absorvido pela pele.

Cautelosamente coloquei o pacote de volta para baixo.

— Outro incêndio? — ela sugere.

— Nós não podemos exatamente despejá-lo na baía, — contesto. — Você os acende, eu disperso a fumaça. Não queremos mais nenhum sinal em potencial...

Antes que eu possa terminar minha frase, os caixotes pegam fogo. Lanço um funil de vento para desviar a fumaça, abafando uma risada enquanto o faço. Ela não perde tempo.

Alguns minutos depois, apenas uma mancha de cinza marca a presença da droga.

— Bem pensado, — Adraa cede.

Nossos olhares deslizam para toda a luz de fogo. Ela suspira.

— Não quero destruí-lo.

Esta é sua magia, sua invenção. Também não quero destruí-lo.

— Então não faça isso. Vamos escondê-lo abaixo do cais. Vamos colocar um pouco de magia obscura em torno dele e levá-lo para o Palácio Belwar mais tarde.

— Certo. — Ela faz uma pausa. — Não esfregue isso, mas você estava certo. Eu precisava de reforços esta noite.

E com isso, as dores em meus músculos e os hematomas que cobrem meu tronco param de latejar. Todo o meu corpo sorri.

— Disse para não esfregá-lo, — Adraa diz enquanto levanta uma caixa e canta uma levitação sob uma cama de magia amarela.

— Eu não disse nada — digo.





— Seu rosto diz o suficiente.

Acho que preciso controlar meu sorriso.

O trabalho está feito antes que eu me lembre de ter começado, sentindo-me perfeitamente bem trabalhando ao lado dela, embora a noite entre em sua hora ameaçadora em que o céu se transforma em uma bainha escura de cola oleosa.

— Devemos sair daqui, — digo depois de terminar de lançar o último feitiço de ocultação obscura sobre quatro caixotes de luz de fogo.

— Ah, sobre isso. Tenho um problema. — Adraa gesticula para seu cinto. — Meio que destruí, não, eu *destruí* o Hubris.

— Hubris?

Ela balança a cabeça um pouco como se estivesse envergonhada.

— Meu planador.

— Você nomeou seu planador...

— Foi uma das ideias do meu professor. Eu meio que era uma aviadora imprudente quando eu... — Ela balança a cabeça novamente, com mais força.

— Deixa para lá. A questão é que meu planador se foi. Não tenho como voar.

— Então... — Acho que nunca me descreveria como tonto... até agora.

— Você está pedindo uma carona?

— Sim.

O que significa que ela tem que estar perto de mim e eu dela. Sorrio e desafivelo meu próprio planador do meu cinto. Poderia muito bem usar isso a meu favor.

— Não sei. Meu planador normalmente não gosta de estranhos. — As palavras saem da minha língua. É tão natural provocá-la.

— Planadores como eu — ela bufa baixinho.

Afasto nosso único meio de transporte e levanto um dedo.





— Uma condição.

Seus olhos se tornam desafiadores.

— Não acredito nem por um segundo que você me deixaria aqui. Eu era uma estranha dez dias atrás e você me puxou para uma carruagem real.

Ela me pegou lá e ela sabe disso. Eu nunca a deixaria.

Ela olha para o meu planador e depois para mim.

— O que na verdade é meio arriscado para um guarda que protege o futuro Marajá. Eu poderia ter sido uma armadilha para ferir Raja Jatin.

Você era uma armadilha. Meu pai não poderia ter planejado melhor. Ele sempre quis que nos encontrássemos novamente, em circunstâncias não oficiais. Mas acho que ele não pode imaginar o que já passamos nos últimos dias, o quanto eu já me importo com ela.

— Você vai sempre insinuar o assassinato dos Naupures?

— Qual é a sua condição? — ela cede, ignorando minha pergunta.

— Tudo bem, não é uma condição. Estou morrendo de fome. Você está com fome?

— Nós batemos em dez caras juntos, quase fomos mortos, e sua condição é comida? — ela pergunta como se eu fosse um absurdo.

Sinto-me ridículo, confiança e incerteza misturada.

— Então, sim, você está com fome?

Adraa toca seu estômago como se tivesse esquecido que parte dela ainda estava funcionando.

— Sim, claro que estou.

Vitória.

— Bem, vou parar para comer em algum lugar antes de ir para casa.

Ela levanta os braços.

— Já passa da meia-noite.





— Ah, bem... — Olho ao redor do píer, esperando que uma resposta venha. Isso é estúpido. Eu deveria tê-la convidado para sair corretamente, quando dez corpos inconscientes não estavam nos cercando na calada da noite. — Você conhece algum lugar?

Ela inclina a cabeça para o lado, pensando.

— Sim, talvez eu conheça





CAPITULO DEZOITO

VOU A UM ENCONTRO (NAO COMO UM ENCONTRO ROMANTICO, MAS TALVEZ, MAIS OU MENOS...)

ADRAA

Kalyan tem agido de forma estranha desde que descobriu meu único braço Tocado. É pena? Praticamente conheço cada reação ao meu membro ímpio e anormalmente nu. Mas sua surpresa, deleite e compreensão sobre as lendas... Sim, é estranho e diferente de todas as minhas outras experiências. Não consigo tirá-lo da cabeça, mesmo depois de começarmos a voar.

O planador estremece no ar e não posso deixar de agarrá-lo.

— Você está bem? — Pergunto. Estou sempre no controle do meu próprio voo. Não dependo de alguém para me carregar desde que eu tinha doze anos. Deuses, eu gostaria que Hubris não tivesse morrido esta noite. Ou melhor, gostaria de não tê-la matado.

— Estou bem — diz ele.

— Posso voar conosco se você quiser. — Meu braço não se moveu de seu corpo, mas me sinto desconfortável presa assim.

— Estou bem — ele repete com uma risada. Ele parece excessivamente feliz. Talvez ele esteja com a adrenalina alta da luta ou talvez ainda esteja sorrindo por eu ter dito que ele estava certo sobre minha necessidade de ajuda. Isso é tudo que um homem precisa para ser feliz? Validação?

O planador vacila novamente e meu estômago revira debaixo de mim. Meu outro braço o envolve instintivamente e agora estou abraçando o cara. Em um momento acabou e nós navegamos como se nada tivesse acontecido.





— Você está fazendo isso de propósito? — Pergunto.

Ele ri.

— Possivelmente.

Então a coisa mais estranha acontece. Ele pega minha mão. Minha mão *direita!* Libero meu aperto, mas em vez de me cutucar para trás para indicar que devo soltar - o que é o que eu esperava - ele pega minha palma, aperta levemente e puxa meus braços juntos para que continuem a envolvê-lo.

— É mais seguro — sussurra ele.

Não sei o que pensar. Ninguém toca meu braço direito por acidente. Meus pais não o evitam intencionalmente. Mesmo assim, me acostumei a usar a mão esquerda para tudo. Qualquer contato com alguém e eu ofereço meu braço divino, não a carne nua e de aparência estranha. Bastante constrangimento e intimidação de outras crianças me ensinaram há muito tempo que é uma monstruosidade. Ainda acho que é uma das principais razões pelas quais não fui enviada para a academia para aprender magia com Jatin e outras crianças reais.

No entanto, Kalyan me toca como se não fosse nada. A primeira vez que ele ajudou a me pegar e a primeira vez que nos despedimos nas escadas de Naupure, ele pegou minha mão direita, mas isso foi um acidente da minha parte e ele ainda não sabia do meu Toque. Mas esta noite, é como se ele visse meu braço, minha insegurança e minha dor, e deixasse claro que...

Deuses, este é a guarda do seu noivo! Ele te carregou e agora você está o deixando apertar sua mão direita? Mas meu corpo pula de alegria como se tivesse escapado do palácio pela primeira vez. Aquele simples gesto parecia seguro, certo e mais íntimo do que eu poderia imaginar. Minha palma ainda formigava com a pressão e o calor de seus dedos apertando os meus.

Não posso deixá-lo saber o que está fazendo comigo, no entanto.





— Mais seguro porque você voa tão mal assim?

O planador dá uma guinada e eu me seguro para salvar minha vida. Deixei escapar um grito também. Não estou orgulhosa.

— Sim, eu não sou muito bom. — Sua voz corta com sarcasmo. Ele está brincando comigo.

— Você sabe, eu posso assumir essa coisa — digo.

— Não sem eu deixar você.

Ele tem razão. É cansativo assumir o controle de um planador, a menos que a magia do voador original falhe ou eles permitam. Mas... Isso é flerte? Ele está flertando comigo? Seu tom é do tipo cheio de sorrisos secretos. Viro-me e me inclino para frente para tentar entender sua expressão.

Pego seus olhos.

— Dá uma passada ali, naquela praça. — Faço um gesto e o planador mergulha. O mundo desmorona debaixo de nós e o vento surge quando despencamos. — Deuses, não literalmente. — Meus dedos se movem sobre seu estômago e o impulso do mergulho desliza todo o meu corpo contra o dele. É quando o estômago de Kalyan se flexiona e não em alguma exibição de seus músculos centrais. Ele se contorce de dor.

Assim que meus pés atingem os paralelepípedos, eu me arrasto para o chão.

Ele está rindo.

— Sinto muito.

Não participo de sua alegria.

— Por que você não me contou?

Seus olhos risonhos se arregalam.

— Como... Como você descobriu?

— Deuses, é óbvio quando você me faz segurar você assim.





Kalyan passa por cima de seu parapente e em um piscar de olhos ele é encurtado e enganchado de volta em seu cinto.

— Olha me desculpe por não ter te contado imediatamente. Bem quando eu descobri, que foi apenas cerca de uma hora atrás, eu...

Ando para frente, interrompendo sua divagação. Ele está tão acostumado a não ter magia rosa que nem sabe quando deve pedir ajuda.

— Tudo bem. Deixe-me ver agora. — Olho para baixo em seu estômago.

Ele dá um passo gigante para trás.

— Espere o quê? O que você quer ver?

— Os hematomas na sua barriga.

— Os hematomas na minha... — Ele engasga com o riso. — Esses estão bem. Não preciso de magia rosa.

— Tem certeza? — Deve ser assim que ele se sentiu, querendo verificar meu braço antes.

— Sim, pare de tentar me despir, Fumaça.

— Eu não estava... Não é isso que... — Fico calada. Estou me apaixonando por suas travessuras novamente. Preciso melhorar em não deixá-lo chegar até mim. — O lugar é por aqui — digo o mais impassível possível, e me viro.



Estou agradavelmente surpresa que os habitantes do bar não queiram arrancar a cabeça de Kalyan e minha. Membros respeitáveis da sociedade se alinham na parede, não marinheiros Vencrin com roupas escuras ou traficantes de drogas. Mas esqueci de levar em conta o fato de que, graças às





nossas roupas escuras rasgadas, Kalyan e eu somos assim. Pelo amor de Deus, Kalyan tem o sangue de outra pessoa respingado em suas calças. Como eu não percebi isso antes?

Acho que diz algo sobre mim que quero colocar minha máscara vermelha e gritar boo quando o terceiro par de olhos suspeitos me observa e depois se afasta. Ou, ainda melhor do que boo, *Olá a todos, um dia poderei governar o país*. Imagine isso.

A saudação mais calorosa vem das lamparinas à luz de velas pingando do teto e dos metros de tecido pendurados entre elas. A segunda saudação mais calorosa vem das mesas reluzentes, oleadas por milhares de mãos.

— Canto — Kalyan e eu dizemos ao mesmo tempo. Trocamos um olhar. Ele é tão paranoico quanto eu, ou ele sabe que suas calças estão sujas de sangue e precisam ser escondidas dessa multidão confusa? Quando me sento no assento do canto, é bom pressionar minhas costas contra a almofada e examinar esse reino brilhante de marshmallow de riso e embriaguez.

— Então, você já esteve aqui antes? — Kalyan pergunta.

— Não, acabei de ver que está aberto depois que eu sair do Subterrâneo. — Inclino-me para frente e ele me espelha. — Normalmente não vou comemorar depois de bater em dez homens.

— Então o que você *faz*?

Um homem caminha até nossa mesa.

— As bebidas estão no bar. Aqui está o que estamos oferecendo a essa hora da noite. — Um cardápio bate na mesa quando ele se vira. Acho que posso contar isso como a terceira saudação mais calorosa, mas as cortinas com painéis, em todo o seu brilho de brocado, chegam bem perto.

— Você acha que eles sabem que nocauteamos dez homens e queimamos o navio deles, ou foi algo que dissemos? — Kalyan pergunta.





— Deve ser a maneira como murmuramos. — Sei que devem ser nossos rostos, mas não quero perguntar-lhe como estou agora. Porque vai acabar sendo estranho “Você está bem” ou até mesmo “Você está linda”, quando não me importo porque sobrevivi a uma batalha de Vencrin e, graças aos deuses, Kalyan não é alguém que preciso impressionar. Apenas alguém que preciso cobrir se um Vencrin entrar agora.

O garçom volta para nós eventualmente e pedimos tudo o que parece comestível. Kalyan vai ao bar comprar Roloc, um licor espumoso que Agsa inventou e que brilha em um arco-íris de cores quando girado. Peço que um fluxo contínuo de água de coco seja trazido para nossa mesa.

— Então me diga o que você acha de Jatin Naupure? — Kalyan pergunta enquanto desliza de volta para o nosso cantinho. Lá está ele, Jatin, o homem que preciso impressionar um dia. O homem para quem terei que ser bonita.

Engasgo com meu primeiro gole de água de coco. Estou começando a me perguntar se existe um feitiço de leitura de mente que a academia ensina secretamente a seus alunos.

— O quê? Por quê? — Gaguejo.

— Quero sua opinião.

— Por que eu teria uma opinião sobre ele? — Deuses, eu realmente não quero falar sobre meu noivo.

— Você parece ser o tipo de pessoa que sempre tem uma opinião.

Isso foi um insulto ou um elogio?

— Quis dizer no bom sentido. Quero saber o que você pensa, — Kalyan continua antes que eu possa dizer qualquer coisa. — E eu sei que você tem *alguma* impressão.





Ele me teve lá. Não posso dizer que não o encontrei na carruagem. Eu não sei exatamente como responder, no entanto. Estou sem palavras.

— Certo. Melhor dizendo, você acha que ele e Adraa vão se dar bem?

— Ele tenta chamar minha atenção. — Ser felizes? — Bem, isso reconfirma oficialmente, então: Kalyan não sabe quem eu realmente sou. Terei que agradecer a Marajá Naupure mais tarde por manter minha identidade em segredo.

Acho que isso significa que posso ser sincera. Finalmente o encaro.

— Resposta honesta?

— Claro — ele insiste. A ânsia ilumina seus olhos.

— Acho que Jatin é arrogante e frio.

Agora é ele quem tosse.

— Uau, então você está dizendo que ela o odeia?

— Não acho que seria ódio entre eles.

Ele se ilumina, levanta uma sobrancelha e sorri. Talvez seja a adrenalina da série compacta de eventos que ocorreram nas últimas horas, mas quero liberar essa verdade, dos milhares de segredos que guardo dentro de mim.

— Acho que seria pior, o desprezo.

Ele faz uma pausa, olha para a bebida e esfrega a condensação do copo com o polegar. Ele pisca de rosa para azul. Jatin é seu Raja! Eu não deveria dizer-lhe essas coisas, não importa o quão honesta ou louca de adrenalina eu seja. Além disso, honestidade não é o meu forte. Ainda não consigo dizer-lhe meu nome verdadeiro. Não quero estourar essa coisa, essa parceria que temos.

— Sinto muito se te ofendi. Como ele realmente é? — Pergunto.

Ele franze a testa como se não conseguisse identificar uma boa qualidade. *Oh sangue.*





— Deuses, você não consegue pensar em uma coisa legal?

— Não, não, só não sei por onde começar.

Bufo, mas engulo minha bebida para disfarçar o barulho.

— Ele é bom em magia.

— Ah, é. Mas você também — eu contesto. E Deuses ele era.

— Não é uma competição entre nós dois. — Ele sorri.

Sorrio e olho pela janela por um segundo. Por que eu estava tentando fazer disso uma competição? Gosto de Kalyan, quase tudo sobre ele. Em alguma parte estranha e distorcida da minha mente, eu queria transmitir que ele era melhor do que Jatin, melhor para mim?

Kalyan não percebe meus problemas.

— Mas, na verdade, ele quer ajudar os outros. A avalanche em Alkin não foi para se exhibir. Ele voou o mais rápido que pôde e depois de salvar todas aquelas pessoas ele ficou... Feliz.

Concordo. A carta de Jatin pisca em minha memória.

— Sim, feliz o suficiente para esfregar isso na cara de Adraa.

— Como você sabe disso? — Ele sorri de novo como se tivesse me pego em alguma coisa.

Sangue. Como Jaya Fumaça saberia dessas cartas?

— Hum. — Poderia muito bem dizer a verdade sobre isso também. — Cerca de um ano atrás, a equipe de Belwar começou a abrir todas as correspondências de fora do país após uma tentativa de envenenamento de um Raja de Belwar. Um membro da equipe leu isso... Bem, esta carta de amor. — Dou de ombros. — Infelizmente, tornou-se uma coisa para Adraa lê-las em voz alta. As outras mulheres acham que é amor verdadeiro ou alguma porcaria.





A cor desaparece do rosto de Kalyan. Acho que ele deve saber sobre as mensagens secretas.

— O quê? — ele diz.

— Mas é tudo uma piada. Ele fez isso, você sabe, provavelmente para provocá-la, para tirar sarro dela. É tudo pura competição entre os dois.

Ele balança a cabeça.

— Deuses, estou envergonhado... Por ele.

Prendo a respiração, me perguntando se devo perguntar algo. Quando terei uma chance como essa novamente?

— O que Jatin pensa de Adraa, então? Quero dizer realmente. — Eu espero como nunca esperei antes.

— Bem, ela é um pouco chata.

— Sim. — Engulo minha bebida para compensar o quão resignada minha voz deve soar.

Eu sabia! Sabia que o rosto sarcástico que brincava sobre nosso relacionamento amoroso só brincava porque eu o repugnava. Lembro-me do meu eu mais jovem, com tanta inveja de onde ele estava, e eu não, que constantemente fazia perguntas. Eu tentaria enganá-lo com alguma forma de magia que eu pudesse fazer melhor do que ele. Acho que também odiaria a jovem Adraa Belwar, com suas inseguranças espalhadas pela página e codificadas em cada linha de texto.

Adraa: Criei água hoje, fiz chover por alguns minutos. Você já fez isso? Não apenas manipular a água, mas a criar?

Jatin: Eu faço isso o tempo todo. A chuva é mais fácil, mas também fiz todos os tipos de precipitação de magia branca: neve, granizo, geada.

Kalyan me puxa para fora das cartas e de volta ao bar.

— O quê? Você vai concordar? Bem desse jeito?





— Ah, isso foi uma piada? Você estava brincando?

— Claro. — Ele ri enquanto balança a cabeça para mim. — Aqui, vamos fazer um acordo. Vou responder a uma pergunta sobre Jatin se você responder a uma sobre Adraa.

— Por que você se importa tanto?

— Porque eles são nossos empregadores. A felicidade deles é praticamente *a nossa* felicidade. — Ele soa como Riya. *Quero um bom Raja para servir*, dissera ela. Meu casamento realmente é importante, afeta milhares de pessoas. Falar sobre isso sem dizer a Kalyan que minha identidade é errado. Mas eu adoraria saber a perspectiva dele sobre Jatin e a perspectiva de Jatin sobre mim. E nunca mais terei uma vantagem como esta.

— Está bem, combinado.

— Então, como é Adraa realmente?

— Bem, ela é boa em magia. — Imito o tom de Kalyan e tento imitar sua voz baixa, mas meio que falho. Estava tentando ser engraçada, mas instantaneamente fiquei desconfortável com a mentira. Não posso dizer que sou boa em magia, porque Jatin já é um Raja, enquanto eu poderia falhar em ser uma rani. Um maremoto emocional cai sobre meu rosto antes que eu possa lavá-lo.

— O que está errado? Isso foi bom. A voz pode precisar de algum trabalho, no entanto. — Ele sorri e eu não posso deixar de sorrir de volta um pouco.

— Está bem. Estou bem. — Engulo os destroços emocionais da minha vida.

Ele coloca o queixo nas mãos.

— Por favor, diga-me.





Ele é gentil. Aqueles olhos querem saber; ele se preocupa comigo independentemente da minha posição. Por que isso tem que ser tão legal? Eu deveria lhe dizer quem eu sou.

— Você treinou com Jatin na academia, certo? — Deixo escapar.

— Sim, bastante.

— Você treinará comigo?

— Você quer treinar comigo? — Ele se levanta e aponta para si mesmo.

Sem aviso, a insegura Adraa surge.

— Não importa, esqueça que perguntei. — Engulo a água de coco.

— Não, eu não quero esquecer isso. Sim.

— Sim?

— Sim, vamos treinar juntos.

Sei que devo estar radiante. Finalmente vou experimentar como as pessoas são ensinadas na academia. Talvez falhar na magia branca na minha cerimônia real não seja iminente.

A comida chega à nossa mesa naquele momento. De uma tigela central de arroz, tigelas menores giram em uma variedade de calor e vapor. Ensopado de cabra, curry de cordeiro, nozes de vime, casca de pimenta, peixe sedoso pescado na baía de Belwar e grossos triângulos de naan são os primeiros a chamar minha atenção.

— Ok, próxima pergunta. Vá você, — Kalyan insiste enquanto coloca comida em seu prato.

Não me importo mais com esse jogo. Primeiro, eu quero comer. Então eu quero contemplar o que acabou de acontecer. Finalmente vou treinar com alguém que estudou na academia. Se não fosse pelo meu braço me atormentando com dor, eu praticaria agora.

— Ah, não sei. A cor favorita de Jatin? — Ofereço.





— Realmente?

Percebo um segundo depois que eu realmente quero saber isso.

— Você pode dizer muito sobre uma pessoa por sua cor favorita. Eu conhecia um garoto no palácio que eu juro que se tornou um laranja forte porque ele amava muito a cor.

O rosto de Kalyan se contorce em ceticismo.

— Quem gosta tanto de laranja?

— Exatamente. E descobri que as pessoas que dizem que sua cor favorita é o seu forte são obcecadas por ela, como aquele garoto, ou simplesmente vaidosas.

— Então, qual é a sua? — pergunta ele.

— Rosa. Mas qual é a de Jatin, hein?

Kalyan franze o rosto enquanto para.

— Por que rosa? — pergunta ele. Ele é ganancioso, não quer que eu saiba que Jatin adora branco. Eu sabia. O Sr. Arrogante deve amar o branco, ser tão obcecado por ele quanto por si mesmo.

— Porque em uma clínica, rosa é a cor dos milagres. — Não perco uma batida. — O favorito de Jatin é o branco, não é?

— Certo, talvez seja uma de suas cores favoritas.

— Isso é pior do que laranja.



Trinta minutos depois, descobri que Jatin foi ignorado ou idealizado mais do que perseguido na escola, escreveu as cartas de amor em uma aposta e não gosta de lugares abertos como o oceano profundo. E mesmo que a informação seja sobre Jatin, por sair da boca de Kalyan, sinto como se





estivesse descobrindo mais sobre ele do que sobre meu noivo. Ele fala sobre os medos e a história de Jatin tão livremente, sem qualquer ansiedade que seu Raja o punirá por isso. Isso fala de um nível de proximidade que nem mesmo Riya e eu poderíamos alcançar.

Então nossa conversa evolui e esquecemos nosso joguinho. Kalyan e eu conversamos sobre o atual projeto de lei de pobreza de Naupure, que espera fornecer empregos aos Intocados. Chegamos ao acordo de que as turmas do décimo terceiro ao décimo quarto ano estão empatadas como as piores da vida. Discutimos a ética dos acordos da verdade, embora ambos concordemos que entoar alguém para dizer a verdade é melhor do que o sistema judicial anterior, onde os Rajas tinham que realizar julgamentos constantemente. Eventualmente, voltamos à questão de Bloodlurst e Vencrin. E o que fizemos esta noite volta para mim. Toda a luz de fogo roubada entra em foco. Ainda não tenho provas de que Moolek tenha algo a ver com isso. Kalyan parece estar pensando a mesma coisa.

— O que você vai contar a Adraa esta noite? — Pergunta ele.

— Que temos um problema. — Olho em seus olhos. — O que você vai dizer a Raja Jatin?

Ele sorri.

— Que eu conheci uma bruxa.





CAPITULO DEZENOVE

CORES NAO COOERDENAM UMA REUNIAO

JATIN

A vida como Raja de Naupure não é muito diferente de estar na academia. Em vez de aulas entorpecentes de história e geografia, participo de reuniões entorpecentes sobre o destino de toda essa geografia e cultura. Ok, é completamente diferente da escola. Tenho que tomar decisões constantemente. Tenho que ler relatórios e cartas incessantemente. Ainda tenho que encontrar tempo para estudar feitiços, sem tempo de treinamento designado para tal memorização.

A vida assim é o que eu sempre imaginei que fosse. Conselheiros estendendo as mãos, mas sem ousar segurar enquanto eu cambaleio ao longo da beira de um penhasco. Andando pelo palácio enquanto bruxos e bruxas sem rosto zumbiam com demandas ou perguntas, principalmente as duas coisas. Uma voz soando como a fusão de meus professores e meu pai gritando:

— Aprenda, treine, você deve porque um dia você vai governar! Bagunçar ou desistir significa não apenas fracasso pessoal, mas também o fim do seu país!

Nunca tinha percebido isso antes, mas treinar era minha libertação. Depois de horas enchendo meu cérebro, deixar meu Toque lançar feitiço após feitiço era minha maneira de gritar de volta para a voz:





— Estou trabalhando! Estou tentando! Não vou falhar! — Então, quando vejo Kalyan e outros guardas suando no calor no longo trecho do pátio de treinamento, levanto-me da cadeira de meu pai.



Tinha passado por todos os tipos de magia além do rosa, e só porque não quebrei os ossos de ninguém. Ao meu lado está uma árvore chamuscada pelo fogo, perfurada por lanças e com todas as folhas arrancadas. O solo está enlameado com água e neve derretida. Levantei pedras e fiquei praticamente invisível. Foi uma manhã de libertação.

Kalyan se joga na terra ao meu lado quando finalmente me sento. Conte-lhe tudo sobre Adraa horas atrás. Ele ficou quieto o tempo todo em que lutei com a natureza. Mas presumo que ele vai dizer alguma coisa agora. É como se ele soubesse quando estou pronto para conversar.

— Deixe-me tentar entender isso novamente. Você está me dizendo que Adraa não sabe quem você realmente é?

— É isso que eu estou dizendo.

— E ela está mentindo para você também?

— Sim.

Kalyan assobia.

— Sangue.

Isto resume tudo.

— E novamente, *por que* você não está contando a ela? — pergunta ele.

— Por que...

Kalyan olha para o céu.





— Ela te odeia, não é? Disse-lhe que todas aquelas cartas iam acabar mal.

Rio morbidamente.

— Ela não me odeia. Ela odeia Jatin, ou pelo menos a ideia dele. Acha que é arrogante e frio.

— De onde ela tirou isso? — ele diz impassível, e levanta uma sobrancelha caso eu ainda não tenha entendido o que ele quis dizer.

Recolho um pouco de terra e deixo escorrer por entre meus dedos.

Kalyan semicerra os olhos para mim, depois se apoia em um braço.

— Deuses, agora eu entendo. Você quer que isso seja como um relacionamento normal. Você está tentando, ah, qual é a palavra... — Ele estala os dedos. — Cortejá-la, fazê-la gostar de você. É por isso que você está mentindo.

— E você acha isso tão terrível?

— Acho que quando ela descobrir vai causar todo tipo de problema. E quanto a mim? A sua futura esposa pensa que sou o noivo dela. Isso é confuso. E se eu topar com ela? — Ele faz uma pausa, então levanta as sobrancelhas como um idiota. — E se ela tentar me beijar?

Chama minha atenção.

— Certo, em primeiro lugar, você não é tão sortudo ou charmoso. Em segundo lugar, não se preocupe, ela odeia você.

— Porque ela pensa que sou Jatin Naupure?

— Sim.

— Se eu for demitido por causa disso, eu juro, — ele resmunga.

Dou-lhe um olhar.

— Você não sabia nada sobre isso.

Ele se deita de costas.





— Você tem razão. Eu não sei de nada.

Também me deito e fico olhando para as nuvens. O verão é bom para as nuvens, torna-as fofas e brancas. E eu gosto disso. Gosto de seu frescor. O que há de tão errado com a cor branca, afinal?

— Ei, Kalyan, qual é a sua cor favorita?

Meu amigo se senta novamente me olha e pergunta

— Preciso me preocupar com você? — Mantenho minha atenção nas nuvens para manter a casualidade.

— Laranja — ele finalmente responde.

— O quê? Realmente? — Tenho que olhar para ele agora.

— Sim, o céu só fica laranja quando está em paz.

Paz. Não é algo que Kalyan tenha visto muito. Minha memória volta para a noite da monção da Baía Sul. Como forcei meu corpo de treze anos e lancei gritos para águas calmas, vento e terra revirada. As equipes de resgate retiraram tantos corpos da água ou debaixo de prédios que era como se os tivéssemos arrancado de um cemitério. Kalyan foi um dos últimos que encontrei - um menino de onze anos espremido entre uma parede de barro e um pilar de madeira empalando sua panturrilha. Quando arranquei a madeira do garoto, foi como se tivesse salvado uma versão mais jovem de mim mesmo. Ele parecia meu irmão gêmeo.

Suas chances de sobrevivência eram baixas, especialmente durante a amputação. Quando os corpos de seus pais foram encontrados, pensei que ele perderia as esperanças e que seria o fim desse garoto que eu matava aula para visitar. Mostrei-lhe minha magia e ele ficou apenas meio impressionado, mas talvez isso fosse o suficiente, eu pensei. Então, fiz uma promessa:

— *Quando você sair da clínica pode ir para a academia comigo.*

Lembro-me da maneira como ele me olhou.





— *Aquela chique ?*

— *Sim, vou até ajudar a treiná-lo, e eu sou o melhor.*

— *Tudo bem* — ele disse. E Deuses, como ele disse, casual, mas tão profundamente cheio de esperança. E ele se recuperou. Escrevi para dizer a meu pai que havia encontrado meu guarda principal perfeito se ele financiasse sua educação. E ele tinha.

Kalyan pode pensar que teve sorte. Talvez pense que ele se tornou meu amigo e meu guarda apenas porque ele se parece e pode se passar por mim. Ele pode até pensar que pode ser demitido. Mas ele entendeu tudo errado. Eu sou o sortudo por ser amigo de um cara que quase morreu por perda de sangue, perdeu os pais e a perna e ainda sabe que o céu laranja ainda existe.

E agora sinto que é meu dever encontrar Adraa e deixá-la esfregar o fato de que a cor favorita de alguém é uma pergunta aceitável e reveladora. Mas talvez isso me apresentasse ainda mais como vaidoso.

— Espera, cor favorita? Isso é coisa de Adraa? — Kalyan pergunta.

Encaro-o e o sol poente.

— Se você está prestes a fazer uma piada...

— Não, sem brincadeira. Espere, já volto. — Kalyan corre até o quartel e desaparece. Viro-me para o palácio e começo a mapear com quantas pessoas tenho que falar e quantos relatórios preciso ler. A curiosidade com a explosão e as instruções de Kalyan me motiva, mas a obrigação me puxa para me levantar e voltar ao trabalho.

Kalyan avança pelo campo.

— Eu acho que isso é seu. — Ele oferece algo frágil e pequeno. É um envelope, um envelope com a caligrafia de Jaya na frente.

Levanto-me de um salto mais rápido do que qualquer animal vivo e rasgo-o.





Ei,

Então, eu tenho aquela remessa que ainda precisa ser transportada de volta ao seu legítimo proprietário.

Encontre-me antes do anoitecer?

Sinceramente,

Uma garota cuja cor favorita é rosa

Examino o sol e sua forma caída zomba de mim.

— Quando você conseguiu isso?

— Cedo, esta manhã.

Resmungo e limpo meu pescoço.

— Por que você não me deu antes?

— Em primeiro lugar, tem *o meu* nome. Em segundo lugar, protejo todas as correspondências recebidas. Mas sabe o quê? Vou começar a entregar todas as propostas malucas ou ameaças de morte que o Palácio Azure receber a partir de agora, já que você está tão interessado.

— Tenho que ir.

— Então é dela?

— Sim.

— Bem, boa sorte em formar um relacionamento normal ou algo assim quando a garota já está falando em código.

— Sim, mas é um código que eu entendo! — Grito por cima do ombro enquanto corro. Acho que o grito de Kalyan de “por enquanto” é para bater nas minhas costas, mas em vez disso me empurra para frente.





CAPITULO VINTE

OUVINDO A FORTURA

ØDRAA

O sol boceja a leste, salpicando o céu com um esmalte laranja, o que significa que Kalyan não recebeu meu bilhete, o ignorou ou não conseguiu fugir do Palácio Azure. Espero que seja o muito ocupado. Olho para toda a luz de fogo, embora eu saiba o quanto resta. Já voei para casa três vezes com alforjes cheios disso. Mas como tenho que entregar mil orbes ao palácio Azure em alguns dias, esperava que Kalyan ainda aparecesse e me ajudasse a transportar. Mas pode ser tarde demais para isso.

Meu coração dispara enquanto recarrego meu alforje. Por que estou tão ansiosa? É porque não quero *apenas* que Kalyan ajude a transportar? Talvez... Eu quero ver seu rosto novamente. Ele tem um sorriso lindo, um sorriso incrível. Olho para a minha mão direita. Provavelmente é minha imaginação, mas a pressão de sua mão apertando a minha persiste.

Pela vigésima vez luto com minha consciência. Kalyan não precisa saber quem eu realmente sou. É mais seguro assim. Mas a verdade vem à tona e pulsa onde ele me tocou. É bom não ser da realeza perto de Kalyan, talvez... Bom demais.

— Ei — uma voz chama.

Dou um pulo, um espasmo que toma conta do meu coração e o vira de lado.

— Sangue! — Murmuro.





Kalyan está parado no píer de madeira com um sorriso culpado. Meu coração martela. Sussurro para acalmá-lo, mas ele continua batendo. É o susto, digo a mim mesma.

Ele levanta os braços em sinal de rendição.

— Sinto muito, isso não foi vingança pela outra noite ou algo assim. Estou feliz por você ainda estar aqui.

— Então você recebeu a carta. — *Deuses, Adraa, que pergunta estúpida. Ele está bem diante de você. Claro que ele recebeu a carta.*

— Um pouco tarde. Mas eu consegui.

— Bom. — Concordo com a cabeça e olho para a luz de fogo sem jeito. De repente, não consigo pensar.

Kalyan se agacha ao meu lado.

— Você já levou alguns?

— Não pude esperar a noite toda, — provoco.

— Não vou me atrasar de novo. — Seu tom é muito sério, o oposto do meu.

Com essas palavras, meu coração martelando e eu... Sorrio. *Sangue. O que há de errado comigo?* Se ele está me provocando de novo, não posso mostrar que isso me incomoda que eu gosto disso. Que eu realmente acredito que ele estará aqui na próxima vez.

O que estou fazendo? Ele. É. Guarda. De Jatin. E eu sou a futura Marani. Meu coração, fazendo o que quer que o sangue esteja fazendo, não muda isso.

Atrapalho-me para uma mudança de tópico.

— O palácio deve estar agitado sem Marajá Naupure por perto. E antes que você pergunte como eu sei que ele se foi, Marajá Naupure enviou uma mensagem ao Palácio de Belwar pedindo apoio caso algo aconteça em sua





ausência. Também para dizer que a entrega à luz de fogo ainda está ativa... Então é assim que eu sei.

Ele balança a cabeça.

— Não acho que você é uma ameaça potencial para os Naupures *até* começar a divagar.

— Só estou apontando como sei das coisas.

Ele ri, mas rapidamente segue com um suspiro.

— A resposta é sim. O palácio está agitado.

Gostaria de ter a chance de me provar por algumas semanas. Receberei uma carta qualquer dia agora com Jatin se gabando? Tenho temido isso, fervendo de ciúmes. Ou talvez nossas cartas tenham acabado, já que ele está a apenas uma cordilheira de distância? Não sei.

— Raja Jatin está lidando bem com isso?

— Não pense que ele teve que lidar com algo muito complicado ainda. Eu diria que faço todo o trabalho pesado. — Kalyan pega uma caixa de vime de outra e a abre com um golpe limpo de magia verde.

— Isso era para me impressionar?

— O que você está falando? — pergunta ele com um sorriso.

Deuses, ele é tão fácil de ler. Sei exatamente que tipo de reação ele quer. Continuo a enfiar a luz de fogo no meu alforje, sem dar a ele.

— Nada.

— Vou deixá-la admitir que me acha impressionante quando estiver pronta. — O comentário escapa em um sussurro sarcástico, mas eu o ouço mesmo assim.

Olho para cima, mas Kalyan está carregando a luz de fogo como se não tivesse dito nada.

— Não faça isso — digo de repente.





— O quê?

— Não deixe a arrogância de Jatin passar para você.

— Oh Deuses, você realmente o odeia. — Kalyan balança a cabeça. —

Há muito trabalho a ser feito. — Ele gesticula para a luz de fogo, insinuando que devemos nos concentrar em nossa tarefa. E, no entanto, há algo em seu tom, algo que ainda não descobri.



Trabalhamos sob o véu da magia obscura enquanto o céu alaranjado se torna azul-marinho. Uma hora depois, quatro alforjes estão prontos e cheios de esferas. Kalyan está prestes a levantar a alça de um por cima do ombro quando ouço algo, algo como passos no topo do píer. A magia obscura nos envolve, mas não por cima. Se os donos daquelas pegadas espiassem por entre as tábuas de madeira, eles nos veriam.

Sem pensar duas vezes, empurro Kalyan contra um pilar e espeto um dedo para cima em advertência. Suas sobrancelhas franzidas se arqueiam em compreensão e ele coloca o alforje de luz do fogo na areia suavemente.

Depois de nossa última visita, ficou claro que o Píer Dezesesseis não existe para os bons cidadãos de Belwar, então algum bruxo ou bruxa aleatório não estará passeando por cima. Deve ser Vencrin.

— Você está verificando também? A Bruxa Vermelha tem um parceiro

— diz uma voz profunda.

Kalyan e eu trocamos olhares. *Com certeza Vencrin.*

— Um mago branco forte. Rasgou e queimou o navio junto com ela.

Voz Profunda suspira.





— Tinha que ver eu mesmo. Trabalho desagradável que ela fez aqui. Ela está se tornando mais confiante, mais um problema. Não podemos deixar isso acontecer.

— O que você sugere? — o outro homem pergunta sua voz cheia de incerteza.

— O que eu sugeri desde o início. Matem-na, e este novo parceiro dela também.

Um tremor percorre meu corpo e sei que Kalyan sentiu. Não tem como ele não conseguir. Estou praticamente grudada nele. Isso é até que ele me puxa ainda mais perto, praticamente queimando.

O outro homem, o subordinado, muda seu peso sobre nós, obviamente refletindo sobre a simplicidade das instruções de Voz Profunda. *Matem-na e a este novo parceiro dela.*

— E quanto aos Belwarianos? A filha mais velha, Adraa, sabe sobre Basu e os carregamentos.

— Não se preocupe com os Belwarianos. Tudo está esquentando bem. Está perfeitamente pressurizado. Você apenas se concentra em parar essa Mulher Vermelha.

Bem, acho que devo ficar feliz por apenas uma das minhas personalidades ser caçada. Kalyan lentamente passa a mão sobre meu ombro em um movimento circular e eu desisto de fingir que não estou agarrada a ele. Seu coração martela tão alto quanto o meu.

— Como?

— A maneira mais fácil seria descobrir quem sangue ela é — rosna Voz Profunda. — Tenha alguém em cada troca pronto para segui-la. Nosso melhor forte obscuro ou um de seus guardas.

— Sobre isso. Há outra coisa que você deveria saber.





— Bem? Desembucha! — Voz Profunda grita.

— Yipton, um dos meus guardas Dome, estava carregando o navio naquela noite.

— E?

— Ele está sob suspeita. Assim como muitos dos meus homens.

Uma sombra cai sobre Kalyan e eu. Até as tábuas do cais estremecem. Ele está *bem* acima de nós.

— Então também fomos comprometidos no Dome?

O guarda recua.

— Não inteiramente. Apenas alguns dos homens que trabalham na cidade comigo.

— E como chefe da minha unidade de guarda, você me disse isso só agora?

— Eu...

— Consegue consertar isso? — A Voz Profunda é forte.

Uma pausa, prolongada.

— Vai levar algum tempo. E não posso garantir...

Ele não chega à próxima palavra. Voz Profunda lança um feitiço e seu “amigo” cai no píer em uma pilha estrondosa. A poeira cai das tábuas acima de nossas cabeças. Meu coração salta.

— Não podemos ser comprometidos— diz Voz Profunda. Então ele lança baixinho.

O píer acima de nós vibra enquanto o bruxo caído tem espasmos. O fundo da minha garganta tem gosto de cinza. Chocalho de madeira, grito perfurante, ilegal e contra a própria natureza da magia rosa, um feitiço de tortura se desenrola acima. *E sem fim!* Meu coração grita. Sem fim até a morte... Desvencilho-me dos braços fortes de Kalyan e caminho em direção





ao véu de magia obscura. Posso acabar com este homem e salvar o mago que se contorce. Kalyan agarra meu braço e me puxa para trás. O olhar angustiado em seu rosto me dá algum sentido. E percebo que também estou tremendo.

Máscara, ele murmura e gesticula para mim.

Nós dois sabemos que não posso usar minha máscara debaixo desse perigoso mago. A fumaça vermelha o alertaria de nossa presença, e então toda aquela luz de fogo, cuidadosamente acondicionada, estaria em perigo.

Mas pelo som da força da convulsão, o homem acima de nós não tem muito tempo; ele já pode estar em coma. Fecho os olhos e aperto, querendo bloquear o barulho e o pânico espumante que se espalha acima de nós. Esse bruxo de voz profunda é o mesmo que colocou o pai de Riya em coma também? Cerro os dentes e fico imóvel. Não sei como consigo controlar a raiva crescendo em meu estômago ou o impulso de lutar contra esse homem. Nunca controlei minha raiva assim antes.

As mãos de Kalyan ainda estão enganchadas no meu braço, meio me abraçando, meio me contendo do meu próprio impulso perigoso de socar primeiro e lidar com as consequências depois. Talvez seja isso que está me mantendo sob controle.

Acima, o tremor termina e os gemidos tomam conta.

— Preciso de garantias. Isso... — Voz Profunda faz uma pausa. Talvez ele esteja apontando para o navio queimado. — Precisa ser consertado agora. — Ele passa por cima do corpo de seu camarada e desce o píer.

Afasto-me de Kalyan. Ele avança para mim, mas eu *tenho* que ver o rosto desse mago. Estar tão perto do líder Vencrin, ou pelo menos um dos líderes, e não obter nenhuma descrição física seria um desperdício desse milagre. Corro até a ponta de nosso véu e estico o pescoço. Tudo o que vejo





são suas costas à distância. Ele veste uma capa escura, misturando-se com a escuridão crescente.

– *Vardrenni*. – Olho para cima e a imagem aumenta. Mas mesmo com a minha ampliação, o mago é um borrão preto enquanto ele afunda entre duas casas e desaparece. Então, só me resta o fato de que ele quer me matar, o que eu já sabia.

O gemido parou. A tensão se quebra e o silêncio volta a existir. Escalo o píer.

– Espere! – Kalyan me chama.

Corro para o corpo caído e procuro uma batida do coração. Sua pele ainda está molhada de sal marinho e suor, e sob ela está a leve vibração de seu pulso. Não morto. Executo alguns feitiços, medindo se algum de seus órgãos internos começou a desligar. Ele nem está em coma. Sortudo? Não, o outro bruxo sabia por quanto tempo insistir na tortura. Finalmente, meus olhos voltam a focar e eu olho para o rosto dele, reconheço a barba grisalha. Cada recurso é muito familiar. Encolho-me e me afasto, saindo do píer e atravessando a fumaça branca do véu de ilusão de Kalyan.

– O que está errado? Como ele está? – Kalyan pergunta enquanto me segue.

– Falei com aquele homem há duas semanas.

– Você o conhece? Deuses, eu...

– Não é ninguém. Nem sei o nome dele. Ele prendeu o distribuidor de luz de fogo do Vila Leste, o homem chamado Basu de quem falei.

Sangue. Isso realmente acabou de acontecer? Kalyan e eu estávamos sob o píer quando o líder Vencrin ameaçou nossas vidas? Ele sabia que estávamos lá e isso é algum tipo de mensagem? Estamos atualmente em perigo? Já varri o cais antes, não foi?





Kalyan invade meus pensamentos turbulentos.

— Mas ele está bem?

— Ele vai sentir muita dor quando acordar, mas nunca vi um feitiço de tortura com tanto controle. Nem sabia que alguém poderia comandar esses feitiços assim. Ele deve ser bom.

— E isso é ruim?

— Não, isso é poder. Isso é prática... Muita prática. Talvez seja por isso que estou tão abalada. — A turbulência que assola dentro de mim vem do medo e da culpa. Coincidência ou não, pela primeira vez eu não estava no controle. Escondi-me e deixei um mago para ser torturado.

Kalyan ainda paira.

— Você não deveria mais estar nas ruas sozinha. Você não será capaz de lidar com os Vencrin e vigiar seus espiões ao mesmo tempo.

— Bem, eu não vou desistir. Depois disso... — aponto para cima — Não consigo parar. — Não vou deixar isso acontecer novamente.

— Não estou lhe dizendo para você parar.

— Então o que você está dizendo? — Exijo.

— Estou dizendo, deixe-me acompanhá-la. Eles já acham que somos parceiros.

Alívio me inunda, mas é mais do que isso. Preciso de alguém para me proteger. E também estou feliz por ser ele, por estar comigo nisso. Não posso deixá-lo saber disso, no entanto.

— Está bem então.

— Realmente? Você não vai brigar comigo sobre isso?

— Você parece quase desapontado.

— Já estava formulando todo um discurso para convencê-la.





— Sim, bem, eu não diria isso agora. Você não quer me convencer do contrário, certo? — Meu sarcasmo é um mecanismo de defesa, mas nunca estive tão evidente. Sou transparente.

Kalyan ri e pega o alforje de luz do fogo mais próximo a ele.

— Em três dias vamos começar a planejar.

— O quê?

— Você quer começar o mais rápido possível, certo? Bem, em três dias você estará entregando o resto da luz de fogo.

— Sim, para Adraa... — Paro. Apenas dizer meu nome verdadeiro corta um pedaço de nossa intimidade compartilhada e o reorienta. O que estamos fazendo? O que estou permitindo que ele faça?

— Claro. — Ele acena com a cabeça, confiante. — Para Adraa.

Em três dias também estarei me apresentando a Jatin. Antes que possamos treinar juntos, ele saberá quem eu sou. E assim que Kalyan descobrir isso, ele ainda vai querer ser meu parceiro? Para arriscar sua vida?

— Vejo-te então. — Espero que ele não consiga ouvir o desânimo em minha voz. Mas eu posso e isso banha minha mente em confusão.



Nos três dias seguintes, procuro por Basu. Em parte para ter certeza de que ele está bem, em parte para arrancar dele quaisquer outros detalhes. Mas ele se foi. O único relatório deixado com seu nome confirma que ele se dirigiu para Agsa e foi escoltado até a fronteira. O que faz sentido foi o que meu pai me disse também. O guarda de cabelos grisalhos, por outro lado? Ele desapareceu. Quando solicito um relatório sobre todos os funcionários atualmente empregados, o pai de Hiren, um dos cinco rajás de Belwar que





ajudam a administrar a Guarda Dome, me diz que nenhum perfil corresponde a essa descrição. Mesmo o relatório com a infração de Basu e o caso de soletração da verdade não contém o nome do comandante da guarda que o acolheu. Poupa-lhe muita papelada, meu sangue.

Então, só me restaram ameaças na cabeça, Marajá Naupure ainda desaparecido e Jatin Naupure esperando por mim na porta de gelo em algumas horas.

O pior é que não tenho conseguido dormir bem. Os sonhos gostam de vir ao amanhecer, não na calada da noite, mas quando minha mente vagueia em ansiedade semiconsciente. Alguém poderia culpar o que aconteceu naquele píer, mas o sonho do quarto vermelho me assombra há semanas. Os sonhos não são o que alguém chamaria de normal. Não estou correndo, caindo ou sendo caçada pelo Vencrin. Não, estou sentada em uma sala vermelha embaçada onde tudo ao meu redor sangra. Está sempre quieto até que sou chamada para fazer uma coisa: Realizar a cerimônia real. Tornar-me Adraa Belwar.

Quando tento argumentar que já sou Adraa Belwar, a voz se repete, até que as palavras rodopiam como as paredes.

— Só há uma maneira. Só tenho uma maneira. Realize a cerimônia.

Acordo de duas maneiras, gritando ou com a garganta doendo como já estivesse gritado.

Vinte e nove dias até minha cerimônia real.



Entro na enfermaria e viro à esquerda por instinto. Ofereço um aceno para alguns de nossos pacientes de longo prazo. Alguns estão aqui por causa





de Bloodlurst. É estranho que apenas essas pessoas conectem meu rosto à minha posição na vida, pelo menos pelos próximos 29 dias. Então todos em Belwar saberão exatamente como é Adraa Belwar.

À esquerda está uma sala privada, e atrás de sua porta encontrarei Riya. Abro a porta, para não assustá-la. Ela está toda vestida de azul claro hoje. Pergunto-me se ela faz isso inconscientemente quando está passando por dias ruins.

Em seu casulo está o pai de Riya, o Sr. Burman, meu velho guarda e o melhor professor que já tive. A magia rosa de minha mãe nada sobre sua cabeça, mergulhando em sua boca e nariz para fornecer oxigênio e, com sorte, retomar a atividade.

— Estava procurando por você — sussurro para Riya.

Ela olha para cima.

— Desculpe, eu estava... — Ela gesticula para o pai.

— Eu sei. Está bem. — Hoje é o primeiro da semana. Ela sempre fica assim no início da semana. O Sr. Burman tinha um ditado que diz que coisas boas acontecem mesmo no começo, se alguém abraçar o começo de algo novo. Ele tinha ditados para tudo.

Puxo uma cadeira para frente, arregaço a manga e lanço.

— *Pravleah*. — Por um momento, a magia rosa de minha mãe brilha um pouco mais com o vermelho. Então tudo volta ao normal. Lancei esse feitiço cerca de 200 vezes, não que eu esteja contando.

Riya aperta a mão do pai e me olha nos olhos. Um olhar de agradecimento muda para confusão de alerta em dois segundos.

— O que em Wickery é isso?

— O que é o quê?





— Isso. — Riya enfia o resto da minha manga no meu braço, expondo a cicatriz do ataque do navio Vencrin. — Oh Deuses, Adraa!

A cicatriz irregular parece menos feia agora, apenas uma linha estóica de luz na minha pele escura, mas para Riya é nova e certamente perturbadora.

— Eu... Minha faca escorregou quando eu estava estripando um porco para a clínica.

Riya cambaleia para trás em sua cadeira e franze a testa tão profundamente que sua boca se abre.

— Por que você está mentindo?

— Mentindo?

— Sim. Mentindo. Você *está* mentindo. A menos que você esteja dizendo que seu próprio feitiço roxo cortou você por cinquenta centímetros antes de você recuar e pensar “Ai, isso dói”.

Sangue, assim como sua mãe. Uma pequena parte de mim está impressionada e orgulhosa de ter Riya como minha guarda e amiga por suas habilidades de raciocínio. Mas essa pequena parte não elimina minha hesitação enquanto procuro uma razão para a cicatriz e por que mentiria sobre isso.

— Só soa como mentira porque estou envergonhada com isso. Eu deveria ser melhor do que isso.

— Adraa, o que está acontecendo? — Ela faz uma pausa. Sangue, posso dizer que sua mente está corroendo. Suas próximas palavras são calmas, comedidas. — Diga-me que você não está sangrando para Dloc.

— Não! — Faço uma pausa também, procurando uma maneira de despistá-la. — Por quê? Você acha que isso funcionaria? Estou brincando. Faz anos que não ouço esse termo. Sangria. Embora ainda possa acontecer em





Moolek, aqui é considerado uma prática bárbara ganhar o favor de um deus. Mamãe não gosta nem de abrir mão das cabras para eventos tradicionais. “Um corpo salvo de uma doença é melhor aproveitamento daquela cabra do que vê-la sangrar no chão do templo” ela sempre diz. Essa mentalidade da Ilha do Pire.

Riya me olha com cautela.

— Então foi um erro?

— Não queria que isso acontecesse — digo, sabendo que ela vai ouvir a verdade nisso, pelo menos.

— E você não se curou imediatamente por que...?

Abro a manga e limpo as mãos na saia rosa.

— Não achei que fosse ruim o suficiente. Eu estava errada. — Levanto-me para sair, buscando escapar. Só posso mentir para Riya antes que ela arranque a verdade de mim. Sua mãe a ensinou como lançar a verdade depois que os acordos se tornaram lei. Mesmo eu não conheço o feitiço, por razões éticas e equilíbrios de poder. E isso me assusta quando guardo dela um segredo tão horrendo. Segredos. Plural, agora.

Ela grita quando coloco minha mão na maçaneta.

— Onde você está indo? Você veio me procurar, lembra?

— Oh, certo. — Viro-me para ela. — Tenho que entregar a luz do fogo no Palácio Azure hoje. Perguntei-me quando você estava livre.

Os olhos de Riya se arregalam enquanto ela se levanta da cadeira. Acho que deveria ter usado isso antes para distraí-la.

— Você vai se encontrar com Raja Jatin hoje?

Dou de ombros, mas por dentro estou torcida de preocupação.

— E... E é isso que você está vestindo? Calças voadoras?

Sorrio em vingança.





— Fiquei longe das cabras hoje. Você não pode forçar Zara a esconder isso agora. — Bato nas minhas coxas. — Mas Zara me ajudou com meu cabelo e maquiagem. — Viro minha cabeça para que Riya possa ver a trança intrincada descendo pelas minhas costas.

— Sua mãe aceitou isso?

— Meu pai fez. — Obtive sua aprovação esta manhã quando a papelada ameaçou tomar conta de sua mesa. Não que eu precisasse *da* aprovação dele. Minha saia rosa envolvente e calças voadoras são trajes padrão de Belwar. Além disso, Marajá Naupure respeita a tradição Belwariana de anonimato herdeiro e, mais importante, o sigilo do Projeto Fumaça. Usar um lehenga tradicional e exagerado da última vez foi absurdo em vários níveis e provavelmente confundiu a equipe, que presumiu que eu sou apenas uma bruxa de entrega por anos. Embora hoje eu não esteja vendo Marajá Naupure.

— Certo. Vamos então. — Riya arqueia uma sobrancelha grossa. — De qualquer forma, mamãe queria que eu fizesse algumas perguntas a Logen sobre segurança na ausência de Marajá Naupure.

— Oh, então você não está ocupada? — *Por favor, diga que sim. Lembre-se de qualquer coisa importante.*

Ela me perfura até os ossos com uma única palavra. Ela também pode brincar de vingança.

— Não.





CAPITULO VINTE E UM

ENCENANDO UMA DECEPCAO

JATIN

Adraa está vindo ao palácio. O que significa que primeiro devo convencer Kalyan a se passar por mim novamente e, segundo, dizer a todas as pessoas no palácio para não me chamarem pelo meu nome. Com Adraa fora da sociedade porque ela não fez o teste da cerimônia real, apenas Hughes realmente a conhece e a chama de Lady. Algumas empregadas domésticas e alguns soldados a viram entregando a luz de fogo, mas é só isso. Isso não é um palpite. Passo meu inexistente tempo livre questionando todos em todo o palácio sobre como Adraa pode ser e, em seguida, analiso suas respostas para saber se eles podem reconhecê-la. Chara deu um sorriso tímido e me disse que ela era muito bonita. De alguma forma, minha velha babá me dando um aceno de encorajamento não foi o ponto alto da minha investigação. As risadinhas de uma empregada doméstica em particular ou o sorriso malicioso daquele guarda do portão mal-humorado também não eram. Deuses, alguém pensaria que, assim que nos víssemos, iríamos nos casar na porta e cair na cama antes de subirmos as escadas. Minha mente se desfaz com o pensamento.

Hughes não gosta de Adraa, o que foi uma mudança no ritmo de todas as insinuações e garantias de sua beleza. Algo sobre:

— como ela não obedece ao código social da vida do Marajá — Então ele suspirou. — Mas ela é bonita, então... — e ele deixou a última palavra





vagar. Alguém poderia pensar que esse é o único atributo que me interessa. Realmente pareço tão superficial?

— Sim, sim, você parece. Especialmente quando você sai por aí perguntando a todo o palácio como ela é — Kalyan disse com uma camada tão espessa de humor seco que não fiquei por perto para falar com ele sobre o papel que ele deveria desempenhar.

Quando fui ao quartel mais tarde para explicar que ele deve ser eu se chegar a esse ponto, recebi mais uma reação dele.

— Absolutamente não.

Não quero mandá-lo fazer isso. Não sei se já dei ordens a ele antes, mais como pedir favores. Eu me recuso que isso seja o começo.

— Vou tentar garantir que ela não veja você, mas só por precaução.

Ele deixa cair à espada que está afiando. Na verdade, Kalyan adora trabalhar com metal e consertar equipamentos, então ele o abaixa a contragosto.

— Você precisa lhe dizer a verdade.

— Preciso de mais tempo. Faz apenas três semanas desde que a conheci.

— Mais ou menos nove anos, Jatin.

— Exatamente! Nove anos sendo um pirralho com saudades de casa — Deslizo em uma cadeira. — Esse tempo todo eu nunca entendi porque ela me bateu. Quero dizer, eu sei que disse a coisa errada, é claro, coisas ruins. Mas eu não entendi a perspectiva dela, o quão profundamente eu a havia ferido.

— Passo minhas mãos pelo meu cabelo.

— Por favor, pare de parecer tão patético. Não combina com você.

Uma risada irrompe da minha garganta como uma mordada, inesperada e dura.





— Então você vai fazer isso?

Kalyan olha para mim com determinação, calculando. *Oh Deuses, ele está mastigando alguma coisa.*

— E se ela se apaixonar por mim?

Bati com força no encosto da cadeira. É em momentos como esse que percebo que dei muita confiança a Kalyan, ou pelo menos o suficiente para me superar.

— O quê?

— E se, digamos, eu elaborasse um humilde pedido de desculpas, fosse legal com ela, ela me perdoasse, pensasse que sou seu *noivo* e simplesmente... Desse certo.

— Você é cruel. — Isso também é um monte de hipóteses. Ele não viu o rosto dela naquela noite no Píer Dezesesseis ou no restaurante depois.

Kalyan pega a espada novamente.

— Achei que ela fosse bonita desde o começo, lembre-se.

— Deuses, como você é tão manipulador?

Ele sorri para a arma enquanto esfrega o cabo.

— Você me ensinou muito, Jatin.

Saio do quarto, mas não estou a três passos de distância quando ele grita:

— Você sabe que se for o caso, eu farei isso. Só não deixe isso acontecer.



Espero na porta de gelo como um perseguidor, sentindo como se aquele gerente desprezível do Subterrâneo me amaldiçoasse a ser um. Minutos se





transformam em uma hora até que o tédio e os nervos tomam conta e eu pego um pouco de tinta e pergaminho. Com um toque de magia roxa, uma laje flutuante funciona como uma mesa para que eu possa responder à carta mais recente de meu pai.

Recebi apenas dois relatórios dele. Um, ele escreveu para dizer que chegou ao território de Warwick com segurança. Dois, eu reli:

Caro Jatin,

Vou direto ao assunto porque não tenho muito tempo. Mais vinte cidadãos morreram antes que seu tio concordasse em se encontrar comigo. As cabras naupurianas vagavam pela fronteira de Moolek e eram massacradas (algumas para derramamento de sangue para os deuses - Retaw em particular). A escaramuça se transformou em uma discussão sobre a terra mais uma vez. E, claro, como e quais animais devem ser proibidos de derramamento de sangue.

Moolek passou por uma seca tremenda e ainda não pediu ajuda. Acho que ele planejava deixar as pessoas morrerem de fome (o tolo). Marajá Moolek deseja ir ao palácio para redigir uma nova emenda ao tratado. O que realmente deveria ser nós assinando e aplicando o vigésimo primeiro tratado novamente. Ainda não entendi por que ele abriria mão da vantagem de jogar em casa quando eu já estou aqui. Você deve reler os vinte e um tratados antes de enviar uma resposta. Deixe-me ouvir sua opinião sobre o assunto. Claro, como sempre, se algo urgente ocorrer, informe-me imediatamente.

PS: Boa sorte com Adraa.

Hughes balança a cabeça para mim de onde estou sentado no chão.

— Ela não é tão bonita, senhor.

Acho que pareço lamentável, mas não é como se eu não estivesse trabalhando no chão duro e frio no meio da grande entrada de ladrilhos.





— Não sei do que você está falando, Hughes, — digo, porque é tudo o que consigo pensar. Volto à minha carta.

Reli todos os tratados, todos os documentos iniciais que tentaram solidificar nossa liberdade de Moolek, todo o puxão violento e puxões ao longo dos anos até que finalmente nos libertamos. Tudo faz sentido: o desespero dos cidadãos de Moolek com a seca, o derramamento de sangue, a disputa pela terra renovada. Tudo menos o fato de meu tio querer falar de paz aqui, a centenas de quilômetros de suas terras. Depois de articular o que acho que precisa ser corrigido ou esclarecido no vigésimo primeiro tratado, tropeço em minhas palavras. *Por quê? Por que vir aqui?* Ele evita me encontrar a dezoito anos. *Então, por que agora?*

Passos soam do lado de fora da porta de gelo e eu me levanto. Enfio a carta inacabada no bolso. Com um movimento da minha mão, o tampo da mesa evapora e eu estou de pé, andando, me movendo. Eu não posso ficar parado.

Abro a porta, observando a fratura do gelo. Cacos caem e se estilhaçam como vidro.

Então Adraa passa. Sua expressão muda entre confusão e talvez, esperançosamente, surpresa agradável.

— Oi.

— Oi — respondo. Estive aqui o dia todo e isso é tudo que eu tenho. Exatamente com que rapidez alguém pode se tornar patético?

Adraa levanta a alça do alforje.

— Estou aqui para entregar a luz de fogo.

— Jatin está ocupado agora, então você pode entregá-la a mim.

— Provavelmente deveria dar-lhe eu mesma.





Ela vai fazer isso então, apresentar-se a mim, o verdadeiro eu. Mas eu não quero que isso aconteça.

— Achei que isso também seria mais fácil, então poderíamos treinar juntos depois.

Os olhos de Adraa brilham com isso, e depois se apagam com a mesma rapidez.

— Devo lhe dizer algo...

Sangue. Ela vai dizer isso. Mas não estou pronto para lhe dizer. Minha mente percorre todas as interações que tivemos desde que cheguei aqui. Certeza que ela ainda me odiaria. Tenho que distraí-la.

— Tudo bem. Vou dizer a Jatin que essas luzes de fogos não vão durar dois meses inteiros. Não pense que ele vai notar.

— Ele está tão ocupado, hein? — Ela olha para as escadas e depois suspira. — Ainda assim, eu deveria conhecê-lo adequadamente.

Deuses, ela não quer me conhecer tanto quanto eu não a quero também. Meu peito aperta. Isso solidifica ainda mais meu pavor. *Acho que seria pior – desprezo.* Isso é o que ela disse. A palavra *desprezo* saltita em minha cabeça.

— Arco-íris.

Adraa gira sua atenção de volta para mim e para longe daquelas escadas sangrentas.

— O quê?

— Você quer arco-íris? É algo que fizemos na academia. Duelo através de todos os nove tipos de magia. Ignore as cores que seu oponente não pode fazer.

— Sei o que é arco-íris.

Sorrio amplamente.

— Bom. Aceita o desafio, então?





— Então começaríamos com laranja em vez de vermelho?

— Sim.

— Está bem então. Um. — Ela aponta para si mesma enquanto deixa cair o alforje. — Zero. — E ela aponta para mim como se tivesse ganhado alguma coisa. Teria que implorar para diferir. Alívio e felicidade voam através de mim e parece vitória.



Apesar de todo o meu planejamento, não pedi ao guarda do palácio para interromper o treinamento do dia. Meus atos de engano não devem afetar negativamente todos ao meu redor. Mas agora Adraa e eu caminhamos para o campo de treinamento com uma centena de homens e mulheres lutando ou desenvolvendo sua magia. Kalyan não está entre eles, embora devesse estar. Acho que o afetei negativamente com meu emaranhado de mentiras.

Cabeças já estão virando, uma após a outra. Os homens mais próximos de nós baixaram completamente as armas. Adraa não se incomoda.

— Oh, aquele homem vai queimar um prédio um dia se continuar a se sacudir assim quando lançar magia vermelha. — Ela acena com a cabeça em indicação.

Sigo o gesto dela para um estagiário sacudindo o braço para cima toda vez que ele lança uma pequena bola de fogo. Bela avaliação.

— Ele deve se concentrar em uma mão de cada vez, segurá-la com a outra se precisar e se concentrar em lançar fogo apenas o suficiente para acender uma vela. — Ela olha para mim com expectativa. — Será melhor se lhe disser.





— Não acha que ele vai ouvir você? — Não sei por que a desafio assim o tempo todo. Não consigo desligar essa parte de mim quando estou perto dela.

Algo faísca em seus olhos.

— Não, pensei que seria mais bem vindo de um colega guarda. — Ela passa por mim e entra no pátio de treinamento. — Mas acho que veremos.

Fico olhando para ela, uma risada borbulhando no fundo da minha garganta. Como eu pensei que ela era outra pessoa além de Adraa?

— Raja Jatin? — Uma voz pergunta.

Viro para a esquerda para encontrar um dos treinadores líderes.

— Não me chame assim hoje.

— Oh, certo. — Ele franze a testa. — Ah, senhor, precisa de alguma coisa?

— Comece a limpar o campo, por favor. Nós estamos indo para o arco-íris. — Aceno para Adraa.

Sua boca se abre.

— Ela está indo para o arco-íris com... Certo, o que você disser senhor.

— Ele chama seus colegas guardas e treinadores e eles saem do campo. Uma grande parte deles fica ao redor, obstruindo o perímetro. Oh Deuses. Acho que eles querem ver o show.

Olho para Adraa, não querendo interromper sua aula. O garoto acena freneticamente depois de vê-la demonstrar um pequeno lampejo de chama intensa. Ela sorri para algo que ele diz e meu estômago se contrai. *Não é nada*, digo a mim mesmo. Ela tem o direito de sorrir para quem quiser. Então ela toca seu braço e segura seu pulso. Respiro fundo. *É uma maldita lição, Jatin. Controle-se.*





Meus guardas olham do lado de fora, apontando, questionando. Eles realmente não sabem quem ela é. Belwar sempre teve o costume da privacidade, de não permitir que a realeza fosse apresentada ao público até depois da cerimônia. É assim que deve ser para garantir o consentimento dos deuses para a nova geração de Rajas e Ranis antes de serem nomeados herdeiros. Mas os deuses não negaram um herdeiro em potencial em centenas de anos. Ninguém morreu em décadas. No início da escola, meu nome transcendia minha habilidade porque com minha linhagem eu certamente acumularia poder. Fui identificado imediatamente, exposto. Mas eu tinha o talento que todos esperavam.

Viver uma vida um tanto normal, sem que todos saibam quem você é o tempo todo, é o que eu ansiava por toda a minha vida, o que falsamente criei com Kalyan em todas as oportunidades. É por isso que é tão fácil para Adraa mentir e construir essa identidade de Jaya Fumaça? Ela tem prática em obscuridade.

Rio quando o guarda se contorce e se encolhe de vergonha com o súbito vazio ao seu redor. Ele se curva para Adraa e sai correndo do campo.

Adraa corre de volta para mim.

— Ele ouviu. Você pode me agradecer por salvar o quartel de pegar fogo um dia.

— Bom, um problema a menos para lidar no futuro.

Ela observa a multidão de guardas esperando nosso torneio.

— Não sabia que teríamos uma audiência.

Dou de ombros.

— Arco-íris não são muito comuns. A maioria deles são apenas quatro ou cinco. — Eu paro. — Então, corrida pelo laranja?





— Tudo bem. — Adraa coloca seu obviamente novo planador para o lado. Então, inesperadamente, ela desabotoa a saia rosa, dobra o tecido ao meio e a amarra novamente na cintura. Agora, em vez de cair um pouco abaixo dos joelhos, uma brisa roça a seda em suas coxas. Ela ainda está usando calças voadoras, mas sangue, é como se ela soubesse exatamente o que fazer para me distrair.

Forço-me a desviar o olhar e me inclino para uma postura de corrida.

Ela joga a trança por cima do ombro e olha para mim.

— Espero que você não seja um mau perdedor.

Antes que eu possa responder, um dos guardas grita e partimos.

— *Tvarenni!* — Ambos gritamos. Minhas pernas bombeiam com força enquanto a magia laranja se espalha em meus músculos. A sujeira escorrega sob meus sapatos e o campo de treinamento passa por mim. Adraa surge à frente e incito minha magia a trabalhar mais. Mas em segundos acabou e eu perdi. Adraa já se virou para mim além da linha de chegada. Sintonizo devidamente o rugido de minha Guarda me provocando.

— Dois. — Ela aponta para si mesma. — Zero. — Ela gesticula para mim, sorrindo. Deuses, por que esse sorriso é tão irritante e inebriante ao mesmo tempo?

— É apenas o começo, — bufo.

— Sim, mas estou abrindo um precedente.

Lembro-me agora do quanto eu adorava competir com Adraa. Às vezes eu corria pelo campus para chegar à minha mesa e lhe escrever. Nós nunca fomos exatamente amigos, mas ela era a primeira pessoa a quem eu quis contar sobre minhas realizações. Outros colegas me ignoravam ou me provocavam. Papai dizia coisas como “que legal” ou “bom trabalho”, mas Adraa ficava irritada. Quanto mais irritada ela ficava, mais eu sabia que tinha





me saído bem. Era imponderado. Mas realmente estar ao lado dela, sentindo meus músculos ansiarem por lançar feitiços mais complicados? É como a personificação física de todas aquelas letras e meu corpo adora isso, vibra com uma genuína energia competitiva. Ela também não está se segurando. Nunca antes alguém se levantou contra mim e não se conteve nem um pouco. Na academia, eu podia imaginar as advertências a portas fechadas:

— Não se atreva a ferir o futuro Marajá de Naupure. Ele é o *único* herdeiro.

Mas tudo que eu sinto de Adraa é puro fogo atrás de seus olhos enquanto ela pega o ar e o sopra por cem metros no pátio de treinamento e derruba um alvo. Odeio admitir que quase não ganho magia amarela, mas é a verdade - quase não.

Retiro minha dignidade com razão quando chegarmos ao verde. Agsa é conhecida por sua agricultura e Adraa é uma bruxa da cidade, nascida e criada. Cultivar árvores, com frutas e tudo, sempre foi uma especialidade minha. Eu também ganho magia azul com bastante facilidade, mas talvez isso seja esperado conhecendo meu pai. Dou-lhe um grande sorriso, não muito diferente do que ela abriu para mim.

— O que você disse antes? Precedente, não é?

Névoa vermelha gira em torno de sua mão até que uma espada se manifeste e brilhe como sangue.

— Para o roxo, vamos realmente duelar. — Ela não fala muito alto, mas os guardas que assistem podem farejar o sussurro de uma luta. Eles gritam em aprovação.

Engulo. Não sei se posso fazer isso.

— Não quero te machucar.

— Apenas para o primeiro sangue, nada como o Subterrâneo.





Suspiro no que espero transmitir aborrecimento e, em seguida, gero minha própria espada branca.

— Apenas espadas. — Deuses sabem que eu não queria atirar-lhe punhais ou lançar um machado.

— Tudo bem, apenas *espadas*. — Fumaça vermelha floresce em uma segunda espada em sua mão direita.

Sangue.

Ela avança e corta, mirando no meu braço. Mal consigo desviar e uso a curta distância para golpear seu braço estendido. Ela bloqueia com sua outra espada e empurra para trás ao mesmo tempo. Lutar contra canhotos é o pior. Adraa golpeia novamente com uma estocada para a direita. Pelo menos eu acho que ela é canhota.

Vi-a lutar contra os marinheiros Vencrin com o canto do olho, mas lutar contra ela é diferente. Ela se move como fogo, chicoteando, fluida, consumindo. Juntos, tecemos e torcemos um ao outro. Golpe. Desviar-se. Torção. Deslizar. Abaixar. Mais esquivo do que eu já fiz em qualquer luta.

Os guardas nas laterais estão se divertindo, embora, às minhas custas, é claro. Eles gritam alegremente enquanto eu me afasto da espada de Adraa, tento travar a outra e por pouco escapo com um braço ileso. Respiro pesadamente. Sangue, ela se move rápido. Na verdade, esquivamos tanto que uma nuvem de poeira roça nossas pernas e se aninha em feixes que coçam em minha garganta. Tusso.

Adraa faz outro corte no meu peito.

Recuo para recuperar a distância.

— Tem certeza de que não está tentando me matar?

— Nunca. — Ela sorri. — Não na frente de todas essas testemunhas.

— Tranquilizador.





Girar. Mover-se. Cortar. Desviar-se. Responder. Desviar-se. Adraa e eu somos muito ágeis para esse tipo de luta. Nós dois apontamos para os alvos fáceis e não letais para tirar sangue. Mas ela é muito rápida. Tenho que quebrar esse padrão que criamos. Com um movimento rápido da minha mão, abaixo minha lâmina e golpeio seu estômago em vez de cortar. Ela salta para trás e tenta varrer sua lâmina em defesa. Nossas espadas deslizam uma na outra, branco sobre vermelho se misturando com rosa, e nossos guardas se travam. Adraa chicoteia sua outra lâmina para frente, cortando meu rosto. Contra-ataco e inclino a espada vermelha para longe, outro golpe. Por um momento, somos como estátuas, unidas como gelo. A multidão zomba.

— Quer dar o empate? — Pergunto seu rosto a poucos centímetros do meu.

— Não — ela sussurra. Ela se afasta e eu torço meu pulso em um ângulo, destravando nossas guardas e cortando sua panturrilha. Adraa faz uma careta e sua perna se dobra. Um rugido irrompe do lado de fora.

Afasto-me e largo as duas espadas. Elas desaparecem em uma nuvem de fumaça branca antes de tocar a terra.

— Você está bem?

— Estou bem — Adraa cede. Ela agarra a panturrilha, se levanta e mostra à multidão de guardas o sangue em sua mão. — Para apaziguar as massas sedentas de sangue — ela explica revirando os olhos.

Eles comemoram minha pequena vitória. Adraa acena para eles.

— Acho que a maioria aposta em você.

Viro-me para ver alguns homens e mulheres trocando moedas.

— Não acredito que alguém apostou contra mim.

— Sim, bem, não é como se você fosse o Raja deles.

— Sim, claro. Isso seria embaraçoso...





Adraa se senta no chão e começa a curar o corte na perna.

Agacho-me ao lado dela, tentando esquecer a ironia mordaz em suas palavras.

— Sabe o que isto significa?

Adraa continua a lançar, me ignorando, então olha para cima.

— Isso para alguém que uma vez me disse que os guardas tentam lutar com honra, você não fez.

— Não. — Paro. Meu movimento foi astuto? Eu *há* avisei um pouco. Sacudo o pensamento da minha cabeça. — Quatro. — Sorrio e faço um gesto para mim mesmo, depois para ela. — Dois.

— Não, quatro, três. — Ela torce a perna para que eu possa ver a pele dourada lisa através do rasgo em sua calça voadora laranja. Não há sinal de sequer um arranhão. — Não me esqueci de suas limitações.

Estendo a mão para ajudá-la a se levantar.

— Sim, e quais são os seus?

— Você vai ter que encontrar... — Adraa para, encarando nosso público. Viro-me viro para ver o que, ou quem, ela está olhando. Por um instante, imagino Kalyan no meio da multidão, mas ele obedeceu ao meu pedido.

— O que é?

— Acabei de perceber uma coisa.

— Sim?

Ela se vira para mim, seu rosto brilhante.

— Você tem um mapa de Belwar e uma cópia do meu relatório?





Conduzo-nos a um dos salões de chá do palácio. Este está ao lado do palácio de minha mãe e, portanto, raramente é usado. Anos depois de sua morte, muitas dessas salas foram mantidas limpas, mas intocadas, como um artefato polido e depois encaixotado para estudo. Eu costumava esgueirar-me aqui e descobrir o que podia. Mexer na variedade de casas de pássaros penduradas do lado de fora de cada janela (a maioria está vazia agora), examinar as prateleiras em busca dos livros mais usados e tocar a sedosidade de suas vestes amarelas. Eu era permitido em qualquer lugar do palácio quando criança, exceto no berçário.

— Não sabia se esse lado da casa ainda era usado — sussurra Adraa, como se um fantasma morasse aqui.

— É por isso que é bom para nossas reuniões. Também isso. — Aponto para a pintura no chão, o enorme mapa de Wickery feito por minha mãe brilhando ao sol.

— Agora eu entendo quando Marajá Naupure disse que ela criava estratégias como um pássaro.

Ouvi meu pai dizer isso sobre minha mãe uma vez. Uma vez.

— Você sabe muito sobre os Naupures, não é?

— Marajá Naupure e eu conversamos quando trago a luz de fogo, então sim, eu acho — ela concorda enquanto afasta uma mesa de jogo para revelar o mapa inteiro.

Não forço mais a questão.

— Você não precisa mover os móveis. — Coloco minhas mãos no chão, sussurro um pouco de magia obscura na pintura e empurro para fora. A névoa branca da minha magia penetra no chão e o mapa se move abaixo de nós. Com outro golpe, ele amplia Belwar como se estivéssemos mergulhando de nariz em planadores. Sempre adorei esta sala.





— É como voar com você de novo — brinca Adraa.

Dou-lhe um sorriso provocador.

Ela se joga, sentando-se bem na ilustração de seu palácio.

— Meu relatório?

Entrego-lhe o pacote de papelada. Com alguns olhares em seu próprio mapa e feitiços roxos simples, ela joga as mãos para o lado e pequenos pontos caem sobre o Vila Leste. Examino a confusão de marcas, tentando ver o que ela faz.

— O que você descobriu?

— Limitações — ela responde com um sorriso.

Sento-me lentamente ao lado dela.

— O que você quer dizer?

— Luz de fogo. Ela não chega magicamente ao Píer Dezesesseis. Com as drogas, qualquer loja ou casa poderia ser usada para produzi-la ou abrigá-la. Localizei um antro de drogas. — Ela acende um marcador. — Deve haver mais. Simplesmente não consigo encontrá-los. Isso é o que é tão difícil sobre tudo isso. Mas apenas uma pessoa faz a luz de fogo.

— Adraa Belwar — sussurro, o som de seu nome bom para finalmente dizer em voz alta.

Ela nem se mexe.

— Sim, e com Basu fora de cena e não entregando todo o seu carregamento, Vencrin terá que comprá-lo lentamente ou roubá-lo. O que significa... — Ela sorri amplamente, desenhando um grande círculo que envolve cada tráfico de drogas relatado. Então, lentamente, esboça triângulos, conectando pontos até que o mapa sangre. — Limitações.





Manifesto minha própria magia, iluminando os postos-chave e delineando meu próprio triângulo - Píer Dezesseis, o Subterrâneo e a loja de Basu.

— Você tem razão. Orbes de luz brilhantes com datas de validade são difíceis de mover pela cidade sem serem notadas. Eles têm que ter um...

— Um armazém ou algo assim. — Ela sorri para mim, iluminada como eu nunca vi antes. Isso me derrete.

Aproximo ainda mais o zoom e nossa imagem passa por templos, ruas de casas destruídas e praças de mercado. Não há muitas estruturas grandes o suficiente para abrigar tal operação. O tempo evapora enquanto separamos as possibilidades. Adraa tem uma resposta para cada construção, provando que conhece Belwar como o pergaminho de seu Toque. Finalmente, chego a uma estrutura retangular alta perto da fronteira leste e norte da vila. Pela primeira vez ela faz uma pausa.

— Aquele costumava ser um bazar comercial, mas uma vez que alguns grandes bazares abriram, ele foi convertido para os sem-teto e intocados — diz ela.

Portanto, o lugar perfeito para Vencrin aproveitar.

— Nós encontramos — ela sussurra. Alívio libera sua risada. É um som tão maravilhoso.

Então planejamos, discutindo possíveis emboscadas e suas táticas anteriores. Inclino-me para frente para apontar o prédio ao lado do antigo bazar comercial que será o melhor ponto de observação, e minha mão roça na dela, por acidente. Paro de falar e, por um segundo, ficamos congelados assim, meus dedos cobrindo os dela.

Adraa olha para cima e nossos olhos se conectam.

— Você realmente não se importa, não é? — pergunta ela.





Deuses, mesmo o simples contato com ela e eu ficamos desfeitos, sem foco nos fatos e na missão diante de nós.

— O quê? Não, estou com você nisso. — Aponto para o mapa, forçando-me a olhar para nossos pontos vermelhos e brancos. *O que eu estava dizendo, de novo?*

— Não, quero dizer meu braço. Não te incomoda nem um pouco, não é? — Ela acena para nossas mãos, fazendo com que meus lábios se enrolem de felicidade.

Inclino-me para ela.

— Você tem razão. Não me incomoda em nada. — Meu olhar voa entre seus olhos e seus lábios. Deuses, eu quero beijá-la, para imitar nossas mãos. Acho que talvez, apenas talvez, ela queira a mesma coisa. Mas ela não estaria me beijando. Ela pensaria que está beijando um guarda, e isso seria mentira. Um tremor frio me atinge direto no peito. Uma mentira que ela quer?

Um sino toca e, *whoosh*, a cortina do outro lado da sala revela uma de nossas criadas. Ela grita.

— Deuses, minhas desculpas, eu não esperava que alguém estivesse aqui.

A mão de Adraa desliza de volta para o lado dela e, com um aceno, as pontas vermelhas no mapa explodem em fumaça.

— Tenho que ir. — Ela voa para seus pés.

Lanço fora minhas próprias pontas e mando o mapa saindo da ilusão e voltando a ser uma mera pintura.

— Espere! — Grito quando Adraa sai correndo e seus passos ecoam no corredor.

— Raja Jatin, eu...

Aceno com a mão em direção à empregada.





— Está bem. Finja que isso nunca aconteceu. — E eu corro atrás de Adraa.

— Jaya, espere! — Grito novamente.

À frente, Adraa diminui a velocidade e finalmente se vira o pânico ainda estampado em seu rosto.

— Está bem. Ela é uma empregada. Ela não viu o suficiente para entender o que estávamos planejando — tento tranquilizá-la.

Adraa olha para a mão direita e a aperta em um punho fechado.

— Eu... Talvez eu devesse fazer isso sozinha.

O quê? Portanto, isso é mais do que embaraço. Meu cérebro vasculha todas as maneiras possíveis que uma única empregada poderia ter me jogado em território de guarda inútil novamente. Não importa o que levou Adraa a tomar essa decisão, não posso deixar isso de lado. Não posso deixá-la sair sozinha, sabendo que todos os traficantes estão procurando emboscá-la, matá-la.

— Depois de todo esse planejamento, tudo o que ouvimos no Píer Dezesseis, você faria isso sozinha?

— É mais complicado do que isso. Kalyan, você e eu... Não quero que mais ninguém se machuque.

— E comigo lá, haverá uma chance menos provável de isso acontecer. Por favor, diga-me que ainda somos parceiros nisso. Não posso deixar de implorar neste momento.

Ela afasta-se.

— Sim, tudo bem. Parceiros. Mas nada mais.

Nada mais. Não é rejeição. Não é nem má notícia. Eu ganhei, realmente. Ela ouvirá a razão e não sairá à rua sem mim. Mas enquanto a vejo se virar e sair, ainda sinto que perdi. E nunca doeu tanto assim.





CAPITULO VINTE E DOIS

ADQUIRO UM NOME PARA MIM MESMA

ØDRAA

Nas duas semanas seguintes, noite sim, noite não, perseguimos a casca vazia do que costumava ser o grande bazar comercial. Já viu dias melhores. Uma teia de rachaduras se estende por seu telhado arredondado e janelas em arco. A pedra cor de areia, com a qual a maioria dos edifícios de Belwar são construídos, desbotou no topo e escureceu na base.

No quinto dia, tenho certeza de que este é o lugar. Pode não gritar Vencrin, mas cheira a ruína e fervilha de atividade, uma combinação que só pode significar uma coisa. E se isso não fosse claro o suficiente, pedi ao meu distribuidor de Vila Norte que colocasse a luz de fogo nas lamparinas públicas que costumavam abrigar velas pegajosas e cera pingando. Ao cair da noite, Kalyan e eu testemunhamos cada luz brilhante de conforto e calor arrancada de seus recipientes. Então agora nós assistimos na escuridão pesada.

O que normalmente não seria um problema. Não tenho medo do escuro. Kalyan e eu somos talentosos o suficiente em magia laranja para ampliar e ver através da escuridão. Não, o problema é Kalyan. Nas últimas duas semanas, estabeleci limites. Não nos aproximarmos fisicamente. Não nos tocarmos, ou Deuses me livrem, deitar juntos no chão. A escuridão espalha minhas regras pelo telhado como se fosse uma piada.





Achei que meu “nada mais” poderia deter *meus* sentimentos de parceria. Não.

Duas noites atrás, Kalyan sugeriu que, se fôssemos pegos, poderíamos fingir sermos dois adolescentes brincando em um telhado. Eu normalmente não me envolvo em chamadas, figurativamente, mas minhas bochechas queimaram enquanto eu tentava jogar como se fosse um plano sólido.

Então ele engasgou com o riso e disse:

— Não quis dizer isso. — O que significava que não só eu estava envergonhada, mas minha mente é que foi lá, que pulou. Posso não ter expressado minhas regras no telhado, mas sou o indivíduo que as empurra para o precipício.

Antes de tudo isso, escondi minha identidade para fazer uma coisa: coletar informações. Agora, é outra coisa. A mentira também vive uma fantasia. Kalyan e Jaya podem ficar juntos, *podem* se apaixonar. Meu aniversário, cada vez mais próximo, traz um nível totalmente diferente de ansiedade.

Mas eu não deveria pensar nisso. Tenho um trabalho. Assistir. Plano. Então vamos invadir este armazém improvisado. Uma vez lá dentro, poderei encontrar a luz do meu fogo. Eu terei uma prova.

A ameaça de emboscada e a ordem do líder Vencrin para nos destruir ainda paira no ar. Duas vezes fomos atacados em nosso caminho para cá. Uma vez, fluxos de magia caíram do céu. O outro ataque estava a dois quarteirões de distância, encharcado de magia obscura. Onze corpos caíram.

No meio da luta, Kalyan e eu desenvolvemos uma tática para vigiar as costas um do outro, uma que chamamos de anéis: deixar um ou dois Vencrin chegarem perto, mandá-los para o chão e expandir em incrementos pequenos e constantes. Também começamos a trabalhar em níveis, um de nós no





telhado, outro no chão. Assassinos não apenas adoram pular das sombras, mas também descer delas.

Parei de usar meu uniforme de Mulher Vermelha. Hoje à noite, optei por calças voadoras roxas, blusa rosa e saia envolvente lilás, que é longa o suficiente para eu prender e pregar sobre um ombro como um sári. Sem máscaras. Nenhuma fantasia sombria da qual o Deus dos Wodahs ficaria orgulhoso. Apenas dois adolescentes... Brincando.

Kalyan bate no meu ombro com o dele. Cada partícula do meu ser se concentra na torneira como se eu fosse um laranja forte e meus nervos estivessem enriquecidos. A princípio, foi apenas minha mão que ficou mais quente quando ele me tocou. Agora esse sentimento subiu pelo meu braço e por todo o meu corpo nas últimas semanas. É além de irritante, para não mencionar pouco profissional.

— Alguém está virando à nossa esquerda — Kalyan sussurra.

Giro minha atenção, arrastando meus sentidos sangrentos para longe do contato mínimo. Kalyan está certo. A forma desajeitada de um homem passa sob uma lamparina vazia e se arrasta pela estrada. Algo na caminhada e na estrutura tem um ar de familiaridade que não consigo...

Não! Meu estômago afunda. Um nó se forma na minha garganta e eu engasgo de surpresa.

— Não o reconheço. Você pode ver o rosto dele? — Kalyan diz.

Viro-me e me agacho para que nada apareça acima da borda do telhado. Meus pulmões trabalham horas extras.

— Fumaça?

Não posso responder.

Kalyan se aproxima.

— Quem é esse?





Olho em seus olhos sinceros.

— Beckman.

Depois de deixar a verdade no ar, eu me viro porque tenho que ter certeza. Talvez ele esteja apenas de passagem. Isso não significa que ele faz parte do Vencrin. Ele é bom demais. Ele não é um viciado e nem uma vez lamentou sobre questões de dinheiro. Talvez ele não tenha nada a ver com a destruição de tudo o que eu defendo.

Um olhar extra e eu sei que é Beckman. Eu identificaria um dos homens mais altos e sólidos que existem. Mas não quero vê-lo aqui. Qualquer lugar exceto aqui. Meus dedos doem de tanto apertar contra a beirada do telhado. *Continue caminhando. Vá para casa com suas garotas.*

Ele não. Ao se aproximar do armazém que estamos vigiando há dias, aquele em que vi o próprio Nightcaster entrar ontem, Beckman desliza para baixo de uma cortina e desaparece. Algo em mim se esvazia.

— Sinto muito — Kalyan sussurra.

O termo amigo é usado livremente para criar aliados. As palavras de meu pai soam em meus ouvidos. Acho que foi isso que Beckman e eu fizemos. Para Beckman, eu não passava de uma jovem lançadora de gaiolas em cima de sua cabeça. Naquela noite com Rakesh, o convés superior, a vergonha e o terror, tudo sem sentido para ele. Ainda assim, pensei que éramos amigos. Errado. Sempre errado. Não consigo aprender minha lição.

Mas é mais do que isso se eu realmente analisar meus sentimentos. Beckman não é apenas um amigo, mas também o mago ligado ao pior e mais terrível momento da minha vida. E ele me salvou disso. Como alguém assim poderia estar trabalhando para o Vencrin?

— Nunca posso confiar em ninguém? — Olho para Kalyan e ele parece tão devastado quanto eu. — O quê?





Ele olha para o beco.

— Devo te dizer uma coisa — ele finalmente fala.

— Você suspeitou dele?

— Não, eu... — Os olhos de Kalyan se arregalam ao ver algo por cima do meu ombro. — Ele está fora.

Giro minha cabeça tão rápido que meu pescoço tem espasmos. Mas ignoro a dor porque Beckman está andando de novo. Ele para na esquina, amassa algo nas mãos e joga no lixo.

— Você vê isso? — Pergunto, sintonizado com cada movimento, cada passo. Então ele desapareceu nas sombras.

— Pelo menos ele não é um lixo. — Kalyan se levanta lentamente. — Vou dar uma olhada.

Agarro seu pulso. Ele me encara até eu soltar.

— Tome cuidado.

Então ele diz às palavras que desejo mais do que qualquer coisa agora.

— Confio em você. Anéis?

— Anéis — afirmo.

Observo Kalyan pousar em um manto de magia obscura, pegar o item e então, com a mesma rapidez, subir para nosso esconderijo.

— O que foi isso?

Kalyan estende uma folha de pergaminho.

— Somos famosos.

Pego o papel fino. Demora um segundo para processar a imagem que é nossa, ou pelo menos nossa persona vigilante. Um desenho sem detalhes, apenas magia vermelha que enxameia um rosto feminino. Eles tornaram minhas feições mais triangulares e femininas do que realmente são. O que deve significar que ninguém sabe muito sobre mim além do fato de que sou





uma Tocada e mulher. Acho que meu nome nada original me fez bem. Não dá nada além do óbvio.

A silhueta de Kalyan, bem ao lado da minha, é ainda mais obscura. A nuvem de fumaça branca confundiu o ilustrador a ponto de a pele morena de Kalyan poder ser mal interpretada como três tons mais pálidos do que é, como se ele fosse um nativo de Agsa. Meu feitiço de ilusão obscuro acabou sendo melhor do que eu jamais poderia imaginar para nós dois.

No topo, uma inscrição diz NOITE E A MULHER VERMELHA. Parece que Kalyan finalmente foi denominado com seu próprio apelido nada original. Mas por que Beckman tinha isso? E por que ele jogou fora?

— O que você está pensando? — Kalyan pergunta.

— Quero saber por que você conseguiu o primeiro faturamento — brinco, mentindo porque a dor é demais para suportar.

Ele sorri aquele sorriso dele.

— É obviamente mais cativante assim.

— Sim, mas eles me querem morta mais do que você.

Ele abre a boca para retrucar, provavelmente para dizer que a ameaça de morte é igual neste ponto, mas a fecha rapidamente. Em vez disso, ele me olha nos olhos.

— Não vamos mais brigar sobre quem os Vencrin querem morto.

Ele tem razão. Tenho coisas mais importantes com que me preocupar. Como se Beckman também quisesse me matar. Porque se ele fizer isso, nosso confronto de elenco de gaiolas está a apenas alguns dias de distância e eu lhe dei a oportunidade perfeita.





Cometi um dos piores erros que um agente infiltrado pode cometer: subestimei meu alvo. Os cartazes são um novo nível de brilho, que eu não achava que os Vencrin fossem capazes. Em um dia, os pedaços de papel estão espalhados pelas ruas. Eles ficam pendurados nas bancas do mercado, nas vitrines da maioria dos restaurantes, até mesmo nas estações de voo. Agora, todos que virem Noite ou a Mulher Vermelha podem alertar Vencrin. Estamos sendo caçados através de papel e tinta manchada.

Em poucas horas, a Mulher Vermelha se torna um nome familiar. Sei por que ela é discutida em minha própria casa na tarde seguinte. Revisados nos corredores, debatidos entre os leitos dos pacientes, cochichados entre os funcionários do palácio enquanto eles cumprem seus deveres. Riya, com crescente desconfiança, quer falar sobre ela durante qualquer momento livre em que tomamos fôlego do treinamento. Eventualmente, a notícia se torna importante o suficiente para chegar à mesa de meu pai.

O pergaminho que meu pai tem virado para baixo e enfiado sob outra papelada deve ser um dos cartazes. Ele se enrola nas bordas como se o vento o tivesse batido contra a lateral de um prédio por muito tempo. Fico tensa por reflexo, mas sabia que *esse* momento estava chegando. Desde que o lixo de Beckman se abriu na minha frente, eu esperava que ela, ou melhor, eu chamasse a atenção de meu pai.

Ele levanta o cartaz e pigarreia.

— Minha reunião diária hoje foi sobre a Mulher Vermelha. Terei que fazer uma declaração em breve sobre como os vemos e quais ações planejamos tomar. Tenho certeza de que todos ouviram os rumores.

— O que seus conselheiros e os Rajas de Belwar dizem? — Entro em cena. Estive esperando impacientemente por este momento. Com uma discussão aberta, posso obter informações sem que minha curiosidade aberta





suspeito. Só espero que minha família fique do lado da minha outra identidade quando se trata do que será feito.

— A maioria recomenda que ela seja detida.

Solto minha colher e tento desesperadamente firmar minha voz para a próxima pergunta que precisa ser feita.

— Eles pretendem matá-la?

— Não, acho que a Guarda deseja entender seus motivos, então usá-la. Eles dizem que ela é um vermelho forte. — Ele faz uma pausa e seus olhos brilham.

Sangue, ele sabe? Ele pode sentir isso? Ele pode ver minhas mãos enrolando e enrolando meu guardanapo debaixo da mesa?

— Adraa. Você trabalhou com muitos usuários de magia vermelha depois de criar a luz de fogo. Você consegue imaginar algumas delas sendo a Mulher Vermelha?

Sufoco o pânico, grata desta vez por ter desistido de comer. Ainda assim, brinco com o prato de curry, para apresentar uma falsa descontração.

— Ah, não tenho certeza, testei-as apenas em um feitiço, então realmente não sei do que qualquer um delas é totalmente capaz.

Sinto os olhos de Prisha.

— Mas você poderia ajudar a diminuir os suspeitos — meu pai continua.

— Nem *todo* vermelho forte veio para ser testado — tento raciocinar.

— Ainda. Fale com a nossa Guarda. Veja se pode ajudar na investigação.

Mamãe se inclina para frente.

— Não sei. A Sra. Burman diz que essa Mulher Vermelha só vai atrás de Vencrin. Estou tão cansada de todos esses viciados em Bloodlurst na





clínica, meras crianças tentando aumentar seus toques e queimando para sempre. Em Pire, aqueles com poder devem enfrentar aqueles que abusam do Toque dos deuses. Esse é todo o propósito de nossa liderança.

Minha boca se abre, e parece que meu cérebro também. Depois de todos esses anos de “faça isso”, “use aquilo”, “fique em pé”, minha mãe finalmente aprovou minhas ações. Claro, ela não sabe que elas são minhas, mas ainda assim. Ela apoia Jaya Fumaça, que de certa forma é o oposto de como minha mãe tentou me criar.

Prisha dá uma mordida em seu dolo e acena com a cabeça.

— Concordo com a mamãe. Eles são criminosos.

Isso da minha irmã mais nova! Agora, se ela *soubesse* que sou eu sob aquela mascarada vermelha, sua opinião não seria de admiração.

A voz do meu pai se eleva.

— Mesmo assim, a Mulher Vermelha desonra os acordos de verdade. Não temos como saber qual é o objetivo dela. Ela pode estar tentando minar nosso direito de liderar.

Por que eu tentaria tirar meu próprio destino? Meu coração bate forte e rápido. Meu pai realmente pensa que ela é uma plebeia, buscando violência ou golpe. Pela milionésima vez penso em contar a eles sobre o Subterrâneo, sobre o lançamento de gaiolas, sobre Jaya. As palavras grudam na minha boca. Minha língua parece pesada.

— Gostaria de ouvir a opinião de Marajá Naupure sobre isso — diz minha mãe.

Papai concorda com a cabeça.

— Ele deve retornar de Moolek em breve.

Prisha inclina-se para mim.





— Você sabe o que isso significa. Você não conseguirá mais sair de uma reunião formal de noivado.

Dou a Prisha um olhar sujo, mas ela está certa. Esperava-se que Jatin e eu nos encontrássemos oficialmente e nossos pais fizessem os últimos arranjos para o contrato de sangue e a cerimônia de casamento. Eles podem até acelerá-lo para gerar um senso de unidade e estabilidade. Duas semanas atrás, eu menti e disse a todos que Jatin e eu nos conhecemos na minha entrega de luz de fogo. Mas comparado com minhas outras mentiras e o fato de meu pai segurar um cartaz de procurado para que os bandidos da cidade possam me matar, meu casamento arranjado parece trivial. *Tenho problemas mais importantes do que Jatin Naupure!*

Interrompo as hipóteses de meus pais.

— Acho que sei como Naupure vai reagir.

Os olhos do pai se enrugam quando ele pega um punhado de arroz.

— Sim, senhorita feita para ser uma Naupure?

Reviro os olhos, mas continuo.

— Em um nível pessoal, ele não gostaria que uma bruxa fosse ferida ou morta, mas a ideia dela... Bem, esta Mulher Vermelha pode investigar o Vencrin como ninguém mais pode.

Papai arqueia uma sobrancelha.

— Investigar o Vencrin? Como você sabe que é isso que ela está fazendo?

Estou suando, pingando de ansiedade. É imperativo que eu expresse tudo de forma clara e fluida.

— É óbvio que ela é contra eles. Como mamãe disse apenas membros do Vencrin foram derrubados.





— Mesmo assim, preciso ter certeza. A Guarda Dome irá testá-la com um feitiço da verdade.

Balanço a cabeça, com força.

— Por que essa é a única maneira?

— Porque é a lei.

— Uma lei ruim. Para ter apenas a Guarda Dome capaz... — paro-me, percebendo o que eu disse, o quanto minha voz se elevou. É o pai que se separou do tribunal e do julgamento, dando à Guarda Dome o poder de lançar feitiços da verdade e julgar.

Sua expressão cai.

— É um equilíbrio de poder, Adraa. Olhe para Moolek para ver o que acontece sem ele. Sem o nosso poder verificado. Com acreditar, o sistema forte define o valor de alguém. Logo a pessoa começa a acreditar que é divina. — Ele segura o cartaz. — Esta mulher não é nobre porque é poderosa. Na verdade, na maioria das vezes, na vida é exatamente o oposto. Ela deve ser examinada.

Seus olhos verdes transmitem apenas severidade. O fato de que ele deve usá-los em mim agora dói. Mas eu o machuquei também. *Lei ruim*. O calor sobe ao meu rosto, o guardanapo se rasga no meu colo, mas não digo nada. Concordei com os acordos de verdade, elogiei-o por isso na época. Então descobri minha própria verdade: mesmo aqueles que deveriam nos salvar podem ser corrompidos. Até os Beckmans do mundo podem escorregar.

Meu pai compara a Mulher Vermelha à desigualdade sedenta de poder de Moolek? Não. Sangue não. Vi as ruas; Vi os corpos na clínica. Meu segredo é o único caminho, assim como meu silêncio.

Porque sei que sob minha máscara sempre protegerei nosso povo.





A voz de papai se equilibra, tentando infundir a paz de volta no jantar.

— Por enquanto, Adraa vai ajudar na investigação preliminar e eliminar suspeitos com a Guarda. Farei com que a Guarda interrogue a Mulher Vermelha na primeira oportunidade. Melhor cenário, ela é levada ao palácio. Talvez você também queira interrogá-la, Adraa? — Ele sorri encorajando a oportunidade que concedeu, tentando consertar nosso desacordo, sem entender como isso me condena.

Posso imaginar a cena: eu sendo arrastada para a sala do trono e Riya ou Zara vasculhando o palácio. Estremeço.

— Claro.

Deuses, eu tinha muito que responder.



O plano de meu pai falha é claro, e não porque eu não coopere com a Guarda Belwar. Ou até mesmo pelo simples fato de estarem procurando alguém bem na sua frente. Não, fracassa porque, como meu pai, eles desconfiam da Mulher Vermelha. Assim que termino a reunião voo para o Palácio Azure, precisando desabafar e atualizar Kalyan. Naturalmente, acabamos no campo de treinamento, como fazemos na maioria dos dias.

— Então eu acho que o que você está me dizendo é que estamos ferrados. Agora não temos apenas o Vencrin, mas também a Guarda de Belwar atrás de nós — diz Kalyan.

— Bastante. A Guarda de Belwar não vai nos matar, espero. Isto é, se os certos chegarem até nós. Então, tem isso.

— *Pavria*. — Kalyan atira uma rajada de ar no meu peito. Deslizo para a esquerda, lançando minha própria magia amarela para interceptar sua rajada.





Não sei como o Kalyan consegue falar e lutar/treinar comigo ao mesmo tempo, mas ele consegue.

Levo um momento para recuperar o fôlego enquanto me ajoelho na terra quente do campo de treinamento de Naupure. Meu lado direito tem câibras, me apertando e puxando.

— Precisamos avançar em nossa linha do tempo.

Kalyan inclina a cabeça e eu sei o que ele está pensando. Assistir. Plano. É o que está decidido desta vez.

Mas ele só pode me controlar até certo ponto. Meu aniversário ainda permanece como um aviso como um grito agudo. Doze dias. Ou talvez eu devesse me preocupar com a luta que se aproxima com Beckman. Três dias.

— Já levamos muito tempo assim.

Ele finalmente acena com a cabeça.

— Ok. Amanhã à noite, então.

Concordo. Pausa.

— *Hilloretaw!* — Grito e tento pegar Kalyan de surpresa com uma corrente de água.

— *Vicalayati. Vikara. Himadloc* — ele diz calmamente, e a água gira na direção oposta, vira gelo e cai no chão, quebrando na terra.

Ele ignora o choque e o aborrecimento claramente escritos em meu rosto.

— E você tem certeza de que não pode colocar a Guarda do nosso lado? Nenhum deles parece acreditar em você?

— O que eu deveria ter dito? “Ei, acreditem em mim que a Mulher Vermelha só pretende ajudar Belwar. Eu sei disso porque sou ela”. Eu deveria ter dado a eles todo o meu arquivo de missão também? — Aproximo-





me para praticar o combate corpo a corpo, dando dois socos que Kalyan bloqueia facilmente.

— Não — ele murmura. Ele lança um contra-ataque e eu me abaixo. — Mas precisamos deles do nosso lado, caso contrário nunca saberemos quem e quantos são corrompidos pelos Vencrin.

Viro-me ao redor dele e me afasto.

— Esse é o problema. Não sei em quem confiar. Entrei, tentei convencê-los. Não deu certo.

Lanço os mesmos socos novamente e imito um chute em sua virilha. Ele recua reflexivamente e ergue as sobrancelhas, dando-me uma expressão de falsa consternação.

— O quê? Só porque você provavelmente estará lutando contra um homem, não significa que ele não usará isso.

— Sim, mas *ele* não pareceria tão satisfeito consigo mesmo.

Seguro meu lado, desejando que a dor se disperse.

— Aposto que ele pareceria ainda mais satisfeito. Nem sequer lhe toquei.

Ele ri.

— Você faz parecer que ele está satisfeito porque ele conseguiu me tocar.

— Deuses, você sabe o que eu quis dizer.

— Claro que sim, Fumaça. — E ele pisca.

Lanço outro ataque. Nossos braços batem um contra o outro enquanto bloqueamos, atacamos, abaixamos, giramos, bloqueamos. A dor no meu lado se intensifica, gritando para eu parar. Quando entro novamente, posso dizer que estou telegrafando.

Kalyan segura meu braço.





— Você está lenta hoje.

— Sim, bem. — Afasto-me. — Estou sempre mais lenta no meu período.

O rosto de Kalyan cai. Acho que ele não esperava isso.

— Ok, então entramos nesse estágio do nosso relacionamento.

Agarro meu lado direito e tento não rir. Rir faz doer ainda mais.

— Devo ter sentido que era hora, ou meu útero sentiu. — Aproveito o momento para cair no chão e me esparramar de costas. Preciso de um tempo. Quanto mais eu lanço e gasto minha energia, mais minhas cãibras parecem abrir caminho através de meu abdômen. Pelo menos não estarei menstruada durante minha cerimônia real. Algum deus está cuidando de mim.

— Existe alguma magia rosa que possa ajudar?

— Sim, mas é uma poção para esse tipo de dor e deixei em casa.

Kalyan chuta a terra.

— Certo, claro. — A estranheza se instala sobre ele. Talvez eu não devesse ter dito nada. Ele se senta ao meu lado na terra. — Acho que preciso aprender isso quando me casar.

Inesperadamente, essa última palavra morde e mastiga meu peito. Kalyan se casaria um dia. Isso não deveria me incomodar. Mas um pensamento borbulha e cresce na minha garganta e então estoura. Ele não se casaria... Comigo. Uma imagem aparece em minha mente: Kalyan combinando as ervas e infundindo a poção com magia e amor por sua mulher que sangra e um dia lhe daria filhos. Então a lógica evapora a cena.

— Espere, como? — Pergunto, sentando e pressionando meu lado direito, como se a menstruação pudesse ser interrompida como uma ferida jorrando. — Você precisaria ser capaz de fazer magia rosa.

— Ah, hum. Venho estudando.

— E você consegue? Isso é incrível.





Ele sorri.

– Isso significa que você está impressionada?

Aceno negativamente, mas um novo nervosismo puxa meu estômago. Nossos olhos se fixam. Isso é perigoso. Estamos pertos e no chão. A dor acabou com os limites que eu tenho mantido tão bem.

Seus olhos disparam para minhas mãos segurando meu lado.

– Posso te mostrar uma coisa? – pergunta ele.

– Agora mesmo?

Kalyan pula de pé e oferece uma mão. O pego e me levanto. É melhor que a dor valha a pena.

Seguimos em direção à guarnição, mas em vez de virar à direita para a entrada, vamos para a esquerda. Esquerda, que leva a lugar nenhum, exceto a parte de trás do prédio. O tipo de lugar que imagino que os membros da Guarda vão para brincar.

– Uh, para onde estamos indo?

– É muito perto.

Quando chegamos ao final da guarnição, uma pequena escada de pedra nos recebe. Nunca soube que havia um caminho aqui. As árvores luz de geadas convergem atrás do prédio, seus galhos curvando-se sobre o caminho oculto, derramando e cobrindo o chão com flores. Com a luz do sol entrando e a brisa da montanha jogando os cachos de flores brancas, parece... Mágico.

O caminho vira à esquerda e lá está um prédio, um prédio estranho com paredes de madeira e um...

– Isso é um telhado de gelo?

– Você esperaria algo diferente de Marajá Naupure?

Rio.

– Não.





Entramos em um centro médico totalmente equipado. À direita, um conjunto de plantas brota do solo e colide umas com as outras em uma torrente de folhas e flores. O teto pinga água nas plantas em um tamborilar suave. À esquerda estão prateleiras e mais prateleiras de ingredientes. Pernas de besouro, esqueletos de peixe, pelo de cabra, pétalas de rosa esmagadas, cominho, açafraão, tulsi, hortelã-pimenta, sálvia - está tudo aqui.

— Nunca soube que isso existia.

— Depois que Maharani Naupure morreu, Marajá Naupure criou isso para as tropas e a equipe. Ele queria uma clínica completa para ficar mais perto do palácio.

— Claro — sussurro. Uma pontada de tristeza desperta em meus olhos e pisco com força para tentar bloquear as lágrimas. Posso sentir a dor que Marajá Naupure sentiu ao fazer este lugar. As prateleiras são lisas e macias, meticulosamente esculpidas. Cada erva, tempero e flor são marcados e espaçados com precisão das outras. A clínica está tão cheia de todo tipo de ingrediente imaginável e, no entanto, tão vazia de pessoas. Criada tarde demais. Não que este lugar pudesse ter salvado Maharani Naupure; o parto quando difícil pode dar errado muito rapidamente para uma poção ajudar. Mas poderia ter salvado sua filha.

Kalyan arregança as mangas, mostrando o toque que sobe por seus braços. Não posso deixar de olhar. Deuses estou sempre olhando para ele hoje em dia.

— Então, o que precisamos primeiro? — pergunta ele.

— Para quê? Você está querendo fazer um feitiço de explosão ou algo assim para a missão?

Ele me dá um olhar confuso.





— Não, mas acho que deveria estar preocupado que você pareça saber como fazer feitiços de explosão. Estou falando da poção para você. — Ele acena para a minha mão, ainda pressionada ao meu lado.

— Oh...

Ele está falando sério? Ele vai criar o devaneio que acabei de ter. Não é como se ele soubesse o que eu estava pensando antes, mas sangue, a própria ideia de que ele poderia ler minha mente. Olho em volta para evitar me entregar ainda mais.

— A raiz de valeriana primeiro como base e aquela garrafa de óleo ali. Ah, e pegue o gengibre. E aquele grande buquê de flores ashoka. — Arranco um cacho de folhas de hortelã de um galho e procuro o tipo certo de sangue.

Depois de acender o fogo sob um grande caldeirão, Kalyan me incita a sair do caminho e sentar em um banquinho de vime.

— Apenas sente-se lá. Diga-me o que fazer.

— Não, está tudo bem — protesto.

— Você vai me dizer o que fazer Fumaça. Você ama isso.

Reviro os olhos.

— Tudo bem, mas não me envenene.

Ele arregaça as mangas e pega um almofariz e pilão.

— Acho que isso depende de quão boa professora você é.

De todas as poções para iniciar um iniciante, esta seria uma das últimas da lista. Está além do complexo, chegando ao complicado e às vezes viajando para a terra da tortura. Mas se ele realmente quiser aprender, não vou impedi-lo de tentar. Explico o processo desta poção em particular, especialmente o que precisa acontecer com o sangue. Ele não pode estragar essa parte.





E então, além das minhas expectativas, ele se sai razoavelmente bem, ouvindo cada vez que me levanto do banquinho para corrigir sua técnica. Ele só tem que reiniciar duas vezes. Prisha teve que recomeçar dezoito vezes antes de mamãe ficar satisfeita. O que levanta a questão: como Kalyan é tão bom em tudo?

Vinte minutos depois, a poção espuma, vapor quente flutua no ar, um pássaro canta enquanto se banha no telhado, e Kalyan e eu estamos trabalhando juntos como de costume. E, no entanto, é de uma maneira totalmente diferente de lutar no Subterrâneo ou nas ruas do Vila Leste. Estamos em nosso próprio mundinho separado. É como se não houvesse traição, questões políticas ou meu casamento predestinado para se preocupar. Só eu, com cólicas, e Kalyan tentando consertar.

— Como você se lembra de tudo isso? — Kalyan pergunta enquanto corta o pedaço de raiz de gengibre com uma faca branca.

— Prática mensal.

— Ah, claro. E as outras poções?

— Prática diária. — Estendo a mão e paro sua mão. — Você quer que cada fatia tenha a mesma espessura, exatamente a mesma.

Ele corta mais devagar, mais uniformemente, minha mão guiando a dele por algumas fatias antes de voltar para o banquinho ao lado dele.

— Também é preciso um grande mentor — digo.

— Acho que estou sem sorte, então — ele diz enquanto ele se destaca no gengibre. Ele faz isso às vezes quando me provoca; ele desvia o olhar e sorri para sua própria piada como se eu não tivesse percebido.

Solto um sussurro. Deuses, aquele sorriso atrevido.

— E eu estava prestes a dizer o quão bem você está indo.

— Tarde demais, Fumaça, tarde demais. Aceito o elogio.





— Bem, estamos na parte difícil, então você pode realmente provar a si mesmo. Este é o feitiço. — Pego um pedaço de papel e escrevo. — É melhor dizer com calma e mexer as mãos assim. — Com o dedo indicador pressionado contra o polegar, aceno e viro a mão.

— Devo observar uma mudança de cor? — Kalyan pergunta.

— Não com esta poção. Sei que isso é péssimo, mas esta só borbulha mais, se você tiver sorte.

Kalyan respira fundo algumas vezes. Não posso dizer se ele está falando sério ou me provocando, mas eu o observo atentamente independentemente.

— *Alpaya Pidaleah Zantahileah* — ele lança, e a magia branca escorre de suas mãos como água enquanto ele as torce. Perfeito.

Uma grande bolha verde se expande e estoura. Kalyan se vira para mim com expectativa e esperança.

— Funcionou?

Levanto-me e mexo o líquido verde. Ele borbulha grotescamente.

— Não. Falhou.

— Você está falando sério? — Ele pergunta atrás de mim, *bem* atrás de mim.

Uso a colher de pau para cheirar a poção. Hortelã-pimenta domina meu nariz. Perfeito. Então é verdade. Kalyan pode fazer magia rosa. Ele é um oito.

— Não, só estou brincando com você. É bom. — Quando vou tomar um gole da poção, Kalyan segura minha mão, o que significa que está meio que me abraçando. — Espera, você tem certeza? Não quero envenenar você.

Seu calor é como uma febre. Desembaraço-me, me afastando de nosso confuso espaço pessoal.





— Deuses, eu não sou uma professora *tão* ruim — respondo, rezando para que ele não perceba como meu corpo reage ao dele. Como eu, como pessoa, reajo a ele. Mesmo assim, eu deveria ser mais legal. Deixá-lo saber como ele é um bom mago. Mas nunca fui do tipo tranquilizador. Jatin, com sua arrogância avassaladora, e nossa competição ao longo dos anos meio que me superou.

Kalyan, por outro lado, não parece ter problema em elogiar os outros.

— Não, você é uma grande bruxa.

Sirvo-me de um copo da lama verde, com cuidado para manter minha distância enquanto olho para ele e sua sinceridade esmagadora. Quero dizer, ele é sempre sincero, suas expressões faciais tão abertas, seu sorriso brilhante, mas hoje... Até Prisha resmunga quando peço a ela para me fazer esta poção. E estremeço ao imaginar o desdém de Jatin se alguma vez eu perguntasse. Tomo um gole, observando Kalyan me observar. Isso parece tão normal, tão relaxado.

Meu estômago se contrai com um pensamento repentino. Não quero que ele faça isso para a esposa. Não quero pensar em como eu o ajudei a cortejá-la, assim... Balanço a cabeça. *Não afetou você, Adraa. De forma alguma.*

— Parece que é bem nojento — ele diz enquanto se inclina contra a bancada.

Tento me recuperar.

— Com a prática, tenho certeza de que você pode consertar isso. — Deuses, não consigo desligar minha língua. Mesmo que eu quisesse ser mais gentil e flertar, não posso.

— Bem, eu estava pensando. Você poderia substituir o óleo por algo? — Ele examina a clínica, examinando os frascos e recipientes. — Ou talvez adicionar algo. Açúcar ou, ou, algo para dar gosto...





— Kalyan?

— Sim?

— Obrigada por isso. Você é uma pessoa gentil. — Pretendia apenas agradecê-lo. Essa última parte acabou de vazar. Isto...

Kalyan me lança um olhar estranho, como se tivesse me pegado mentindo. Ele se inclina para mim.

— Gentil você diz? Então *não é* um idiota arrogante?

— Não sei. Acho que você pode ser os dois.

Ele ri.

— Sim, suponho que sim. Suponho que todos nós podemos ser diferentes dependendo da situação ou com quem estamos. — Seus olhos encontram os meus novamente. Desta vez, não quero desviar o olhar.





CAPITULO VINTE E TRES

CAPTURADO E PEGANDO BOLAS DE FOGO

JATIN

Adraa e eu somos amigos agora. Sei disso com certeza. Todos os dias eu me esforço para dizer a ela a verdade e então a vida fica no caminho. Há uma nova missão, precisamos explorar o bazar comercial, ou terei que ler relatórios e fazer reuniões com Rajas de Naupure o dia todo. Então Beckman a traiu e eu não pude fazer isso, não pude suportar sua aversão.

Ingenuamente, pensei que saberia quando ou se ela gostava de mim mais do que como amigo. Como se eu apenas soubesse? Há! O que eu estava pensando? Como se eu tivesse uma infinidade de conhecimentos sobre esse tipo de coisa. Às vezes não consigo ver por trás de sua parede de sarcasmo e sua determinação de derrotar Vencrin.

Mas ser amigo dela? É tudo, uma conexão que eu nunca soube que poderia experimentar. É diferente de Kalyan e de mim, porque de vez em quando ele me lembra de como somos desiguais, mesmo que eu não queira que sejamos. Adraa e eu éramos iguais desde o início, iguais em mentir um para o outro, iguais em camuflar nossas identidades, iguais em sentir que o mundo é nossa responsabilidade consertar. Acho que finalmente a entendo. Ela se afastou da terra do suposto, para a realidade. Mas então ela descobriu como dormir no meu coração, de graça mesmo assim. Não sei como ela fez isso, mas tenho certeza que ela não tinha intenção de fazê-lo. Mesmo que





tivesse, teria sido uma decisão impulsiva, como todas as decisões que ela toma.

Poderíamos ser apenas parceiros e nada mais pelo resto de nossas vidas. Não posso forçá-la a gostar de mim assim e odiaríamos nós dois se não fosse escolha dela. Só preciso ser observador o suficiente para saber quando ela fez sua escolha.

É difícil, porém, especialmente quando a maior parte do tempo que passo com ela, observamos o armazém que pode abrigar a luz de fogo. Hoje à noite, porém, estamos finalmente invadindo.

Adraa e eu nos sentamos na beirada do telhado vizinho, olhando para baixo, para a enorme construção em arco que memorizamos de cor. O suor escorre por trás da minha máscara enquanto um vento úmido nos envolve.

Ao norte, sobre as montanhas, raios brilham no céu. O trovão resmunga à distância como um animal selvagem. Mas aqui está quente e orvalhado e não consigo sentir o cheiro de nada além de sal marinho. Estas não são as condições de que falamos.

— Você ainda quer fazer isso hoje à noite? — Sei qual será a resposta dela, mas quero ter certeza, para o bem da posteridade.

— *Temos* que fazer isso.

— Ok, então, vamos...

Algo afiado apunhala entre minhas omoplatas.

— Nenhuma palavra. Não é um feitiço — uma voz áspera sussurra.

Ao meu lado, outro mago aponta uma adaga para a garganta de Adraa. Todo o meu corpo fica tenso.

Endireito-me lentamente, mas a adaga do meu próprio agressor cava mais fundo. Após semanas reunindo informações e observando o bazar vazio deste mesmo local e *agora* fomos descobertos? *De todas as noites!*





— Mãos ao alto — diz a voz. — Devagar.

Obedeço, alternando entre a posição de Adraa e o quão rápido eu poderia lançar. Não parece bom. Muito arriscado. Por um minuto inteiro, nós quatro ficamos parados, em silêncio.

Nós apenas ficamos lá.

Adraa murmura.

— Isso está ficando estranho.

O mago que a segura pressiona sua adaga vermelha na garganta de Adraa e ela sibila de dor.

— Ei! Não...

A adaga me corta e eu estremeço.

— Eu disse , Nem uma palavra.

— Acho que é o protocolo para você dar suas demandas, você sabe, eventualmente — diz Adraa.

Do jeito que Adraa está falando, esses não são Vencrin.

— Fui enviado para levar vocês dois para o interrogatório. Então nós...

— Isso não vai acontecer, — Adraa diz calmamente.

E se não for Vencrin, isso deixa apenas outra opção. Só espero que sejam os bons.

— São ordens do próprio Marajá Belwar — diz o homem atrás de mim.

Adraa zomba.

— Não vamos a lugar nenhum.

— Então você vai ter que responder às nossas perguntas aqui.

— Não.

— Ei! — Grito.

— O quê? — nossos agressores gritam.

— Posso pelo menos me virar durante esta conversa? — Pergunto.





— Uh, claro. Devagar. — A pressão da adaga diminui.

Viro-me, com as mãos ainda levantadas, para encontrar um garoto da minha idade, cabelo liso, mandíbula forte, um kurta laranja com o brasão de Belwar que parece um pouco grande demais para ele. Não é de admirar que Adraa não esteja preocupada.

— Primeiro vocês dois vão tirar essas máscaras — exige o menino.

Olho para Adraa, que está gesticulando com os olhos em direção à adaga na mão do guarda. É uma adaga de verdade, com aço e tudo, o que significa...

Ainda muito arriscado com a magia roxa em sua garganta. Aceno a cabeça ligeiramente.

Ela revira os olhos e gesticula novamente. Como se gritar comigo com os olhos fosse me fazer arriscar a vida dela.

— Ei. Máscaras. Fora. Agora.

O movimento quebra a quietude. O guarda segurando Adraa grunhe. Um baque alto ecoa. *Sangue*.

Com um golpe certo, esmago o pulso do guarda e o brilho prateado se transforma em fumaça obscura. Uma ilusão. Deuses, eu odeio obscuros fortes. Um chicote de fumaça obscura avança e eu chamo o vento, abrindo espaço entre nós e rasgando sua magia roxa. Por um segundo ele olha para mim, então seus braços ardem e a escuridão cobre sua pele.

Adraa dá um passo à frente e espelha sua postura, com chamas vermelhas e tudo. Um raio racha o céu e nós três brilhamos. Mexo-me, deixando a magia subir pelos meus braços para atrair sua atenção para mim na esperança de que ainda possamos sair dessa.

— Escute, não somos seus inimigos. Estamos tentando ajudar.

— Não precisamos da sua ajuda — diz o guarda.





Murmuro.

— Acho que vocês precisam. Há guardas trabalhando para os Vencrin.

O guarda tenta esconder sua surpresa. Ele falha, sua dor visível.

— Isso não é... Eles não fariam isso. Como você sabe disso?

Faço uma pausa longa os suficientes para o homem perceber exatamente como podem saber.

— Foi você, não foi naquela noite no navio? Isso começou toda essa bagunça?

— Sim. Nós dois — Adraa responde. — E alguns desses homens eram guardas.

— Podemos lidar com isso internamente — o homem se apressa ainda esperançoso. — Vamos encontrá-los e interrogá-los. Então parem com isso. Ou melhor, ainda, juntem-se à Guarda quando tiver idade suficiente.

— Você já tem idade suficiente? — Pergunto.

Ele olha para mim.

— Não podemos fazer isso — Adraa responde com uma voz rígida. — Isso é mais pessoal do que uma luta por justiça ou limpar a Guarda para você.

Ele dá um passo em direção a ela e a magia em meus braços queima em alerta.

Ele suspira.

— Vingança, então? Que típico. Se o Vencrin fez algo com você, então denuncie e nós podemos...

Interrompo, não gostando do jeito que ele está olhando para Adraa. Como se ela fosse o alvo mais fácil nessa troca. Ele está tentando se matar?





— Sinto muito, você parece um dos bons, mas acho que o problema pode ser maior que o Vencrin e, se estivermos certos, a Guarda não pode fazer nada.

— Maior que o Vencrin? Há outro jogador envolvido?

Posso dizer que Adraa acabou com esta conversa e eu também.

— Isso é o que estamos tentando descobrir — digo — Estamos tentando obter provas.

— Provas?

Aponto para o prédio.

— Esse é um dos armazéns onde eles armazenam as drogas. Como dissemos, prova.

O menino olha para nós dois e depois para a toca abaixo.

— Vocês estão aqui com máscaras tentando *acabar* com as drogas? Vocês dois são apenas benfeitores sedentos de sangue?

Franzo a testa.

— Não somos exatamente sedentos de sangue.

— Sim, — Adraa diz ao mesmo tempo.

— Ah, não acredito que estou fazendo isso. — Ele suspira e esfrega o pescoço. — Vocês têm quinze minutos e então vamos entrar. E se nós pegarmos vocês...

— Nós sabemos — digo enquanto desabotoo meu planador. — Este não será o fim do nosso interrogatório.



— Seu pescoço está bem? — Pergunto a Adraa uma vez que estamos fora do alcance da voz.





— Conheço aquele guarda — ela sussurra enquanto descemos para o antro de drogas.

— Quem era ele?

— O chefe de guarda de Lady Prisha. O nome dele é Hiren.

O nome ecoa em meus ouvidos. Guarda de sua irmã.

— Então ele é um dos bons?

— Deuses, espero que sim. Porque se ele não for e eu descobrir...

— Ele parecia genuíno — tento tranquilizá-la. Embora me irrite como eles estavam dispostos a machucá-la. É bom sob a máscara, mas é um lembrete chocante saber que sem meu nome ou título eu sou... Vulnerável. Ambos somos.

— Sim, e chateado com os traidores.

Descemos para o telhado e nossa conversa se transfere para sinais manuais enquanto apontamos para a janela em arco que estivemos observando por dias.

— *Vrnotwodahs* — lanço, e esperamos pelo próximo raio. Depois que ele se estilhaça no céu, deslizo até a borda do telhado, completo um movimento de balançar e pouso no parapeito de pedra grossa da janela. Adraa segue logo depois, e eu agarro sua cintura para firmar sua aterrissagem. Sorrio para ela em meus braços, mas ela revira os olhos e se agacha nas sombras que criei. Concentro-me novamente, tentando não pensar no calor em minhas mãos.

Abaixo de nós tudo parece abandonado. Barracas vazias, caixotes quebrados e caixas de vime preenchem o abismo do espaço. Bazares comerciais desertos não recebem reformas bonitas. Alguns magos andam embaixo de nós e nos inclinamos para trás.

— Ok, eles passaram. Faça o que quiser — sussurro.





— *Vindati Agni Dipika* — ela lança. Pequenos riachos vermelhos caem de seus dedos e descem sobre o armazém aberto. Então ela espera, cabeça inclinada. Não quero distraí-la, mas depois de dois minutos sólidos estou curioso. — Você pode sentir isso?

— Sim, mas é fraco. Eu... Eu não sei.

— Então partimos para o plano B.

Com um aceno de cabeça, descemos a parede, encontrando apoios para as mãos nos intrincados desenhos esculpidos na pedra. Descemos no topo de antigas barracas de comércio, eu à direita, Adraa à esquerda.

Um Vencrin está à nossa frente e eu me esgueiro atrás dele. Com minha mão sobre sua boca, lanço um feitiço de sono e minha magia sai de meus dedos. A sacudida da luta diminui instantaneamente e eu o seguro antes de cair no chão. Ao longo da outra parede, mais dois Vencrin caminham pelo corredor - meus próximos alvos.

Em todos os poucos momentos eu vejo a sombra de Adraa deslizando ao longo das paredes, derrubando silenciosamente qualquer um que pudesse alertar o outro Vencrin. Um a um, os retardatários caem. Jogo uma cortina descartada sobre um dos últimos magos quando um *baque* ecoa atrás de mim e um feitiço passa por cima do meu ombro. A madeira acima racha e cai. Viro-me para encontrar Adraa de pé sobre o corpo de uma bruxa.

— Você precisa tomar cuidado!

— Mas você está fazendo um trabalho tão bom.

— Vamos. Eles provavelmente ouviram isso.

Corremos em direção aos caixotes de vime. Enquanto Adraa abre o primeiro, vozes abafadas se aglomeram ao virar do corredor. Cinco magos aparecem. Adraa e eu giramos para encontrá-los.

— Anéis — sussurro.





Adraa assente.

— Anéis.

Com um grito, nossos dois grupos colidem. Um jato azul de água dispara primeiro e eu caio para trás, derrubando-o com meio escudo, e ele encharca o chão. Adraa rompe a linha e acerta o rosto de um mago. Sangue voa. É o caos, mas desta vez não estamos nos esquivando pelas ruas. Feitiços atingem paredes, barracas de madeira caem no chão e tecidos cobertos pegam fogo.

Inclino-me e torço enquanto umas séries de lanças obscuras voam em minha direção. Uma prende minha kurta. Adraa mudou para seu segundo Vencrin e eles estão duelando com chicotadas de vento. Meu próximo feitiço atinge o lançador de lança e eu corro para frente. Um mago leva um soco no estômago com um feitiço de força e o tecelão do vento cai. O pé de Adraa pressiona sua garganta enquanto ela grita perguntas.

Agarro o bruxo mais próximo pelo colarinho.

— Conte-me sobre a luz de fogo! — Grito na cara dele. — Onde você está guardando isso?

O mago entra em pânico e eu observo seus olhos para ver se ele desistirá de um local com uma pontada de nervosismo. Em vez disso, ele sorri o sorriso estampado em seu rosto de uma forma tão perturbadora que minha nuca se arrepia. Então eu coloco a estranheza da expressão. Ele está sorrindo não para *mim*, mas para algo atrás de mim...

É quando eu me viro.

— Vermelha!

Uma bola de fogo se lança em direção a Adraa. Largo o mago e lanço, chamando a água já no chão. Não sou rápido o suficiente.





Adraa se vira e, com as mãos estendidas e vermelhas flamejantes, agarra o projétil. É muito. Ela voa para trás e para uma baia em ruínas. A madeira se quebra e o fogo ruge. *Não!*

Corro pelo buraco aberto, pulando sobre vigas estilhaçadas e chapinhando na água que mandei atrás dela. Três corredores adiante, nos escombros de madeira e seda, a fumaça se esgueira pelo ar. Nenhum fogo.

— Vermelha? Vermelha!

Arrastando a madeira para fora de si mesma, Adraa sai das nuvens de poeira. O brilho de sua magia ainda dança através de seu Toque, sua manga queimada. Cinza limpa sua máscara vermelha; seu cabelo espiralado solto de sua trança. Mas ela está de pé.

— Ninguém mais respeita o fogo. É tudo, jogue o mais forte que puder sem pensar nas consequências — diz ela, empurrando mais tábuas de madeira para longe.

Agarro-a em um abraço, rindo. *Graças a Deus!*

Ela empurra meu peito.

— Noite.

Viro. Conforme a fumaça se dispersa para revelar a fina barreira que ergui, um bando de magos nos cumprimenta do outro lado. Calculamos mal quantos Vencrin existem aqui, porque estamos cercados. Todos eles usam pesadas kurtas obscuras ou cinzas, botas grossas e sorrisos arrogantes. Algumas estocadas falsas e criam grandes armas mágicas roxas para nos intimidar. Um mago na frente até deixa sua espada crescer a ponto de cair no chão, e ele tenta freneticamente pegá-la.

— Diga-nos onde vocês estão vendendo a luz de fogo e ninguém se machuca! — Adraa grita. Os magos cacarejam enquanto fazem as contas.





Quarenta, talvez cinquenta, contra dois. Não importa se alguns são densos. As chances são horríveis e todos nós sabemos disso.

Os braços de Adraa ardem.

— Você tem um plano? — sussurra ela.

Acomodo-me em uma posição de luta.

— Não deixamos que eles se aproximem.

Colidir!

Todos se encolhem quando o vidro cai em torno de nós, cada janela quebrando quando um voador entra, vestindo o sol de nove pontas de Belwar em seu peito. Nunca fiquei tão agradecido por ver um mago que minutos atrás segurava uma adaga nas minhas costas.





CAPITULO VINTE E QUATRO

A QUEDA

ADRAA

Acho que nossos quinze minutos devem ter acabado, e ainda bem. Enquanto uma floresta de redes e feitiços de amarração chove sobre a horrível horda diante de nós, Kalyan e eu abrimos caminho através do que momentos antes era um círculo impenetrável.

— Cubra-me! — Grito enquanto corro para as caixas de vime fechadas. Os braços de Kalyan ficam brancos e sua voz profunda grita enquanto ele enfrenta os Vencrin que não estão correndo ou presos ao chão. Rasgo as fibras de vime de duas caixas e elas se desfiam em minhas mãos. Pacotes de Bloodlurst encaram meu rosto. Mas sem luz de fogo.

— É apenas Bloodlurst, caixote após caixote de Bloodlurst.

— Não temos muito tempo, vermelha! — Kalyan grita enquanto levanta um Vencrin por cima do ombro e o deixa cair no chão.

— Sangue. Deve estar aqui. Posso sentir isso. — Mas talvez o desmaio pulsante que eu havia sentido antes apenas significasse que ele esteve aqui uma vez, uma vez colocado nesses caixotes até ser enviado para Moolek ou Deuses sabem onde. Preciso questionar alguém. Quase quebrei aquele cara antes da bola de fogo disparar.





Olho ao redor para o caos que me cerca. Bolas de luz e fumaça fluem pelo ar. Os corpos estão espalhados pelo chão. Ninguém falava conosco antes, quando eles tinham os números do lado deles. Mas talvez agora...

Com o canto do olho, uma capa obscura esvoaça em direção a uma janela. E eu conheço esse manto. Memorizei isso. *Aqui? Ele está aqui?*

— Noite!

Kalyan se levanta em direção ao som do meu chamado, os braços brancos em chamas.

— O líder. — aponto.

Os olhos de Kalyan se arregalam com a compreensão.

— Ele está fugindo. Vamos deixar o resto para a Guarda. *Tvarenni!* — grito, correndo em direção à escada. Kalyan segue.

Quando chego ao patamar, está vazio. Aproximo-me da janela, infundindo magia em Húbris, o Segundo, e então me viro para trás. Não há varanda, apenas cacos de vidro quebrado e uma sensação de pavor se acumulando em minhas entranhas. O estalo de um raio ilumina o aviador encapuzado à distância. Ele deve ter apenas... Caído.

Kalyan se espreguiça para espiar os restos rachados do prédio enquanto eu ganho alguma distância.

Sem dúvidas. Se aquele mago fez isso desta altura, eu também posso.

— O que são...? Não! Vermelha, não. — Kalyan estende a mão para mim, mas eu já o empurrei. Já estou caindo. Segue-se uma maldição baixa.

— *Makria!* — Grito para Hubris. O vermelho brota de minhas mãos no planador, mas mesmo quando empurro o Hubris para baixo de mim, não sinto a almofada da leveza. Tudo o que resta é o medo, a gravidade e o bater louco da minha kurta contra a minha pele. Vento bate em meus ouvidos. Em espiral. *Não. Eu... Eu não posso.*





O medo da queda te aproxima do chão! A voz do Sr. Burman ressoa na minha cabeça. Devo nivelar. Whoosh. O telhado de uma casa térrea passa zunindo. Sangue. Sangue. Sangue.

Medo da queda...

Tenho uma chance. Com um grito, aperto Hubris com minhas coxas e empurro minhas mãos para baixo, jogando vento no chão. Rajadas de ar ondulam e a sujeira bate no meu rosto, e eu estou... Voando. A almofada da levitação nunca foi tão mágica. Tusso aliviada e engasgo com medo ao mesmo tempo.

Acima de mim, um planador infundido de magia brilha em branco. Kalyan me seguiu. *E ele assumiu o controle de seu planador muito mais rápido do que...*

Ele derrapa até parar ao meu lado.

— Você tem um desejo de morte?

Engulo em seco por alguns segundos, olhando para o chão ondeado pelo vento.

— Pensei que estava prestes a vê-la morrer — diz ele.

Permito-me olhar e me arrependo assim que leio sua expressão. Raiva, preocupação, alarme, cada um encontra sua própria característica para tecer a dor que causei. E isso com a máscara dele.

— Estou bem — gaguejo.

Ele se encaixa em uma emoção. Tristeza.

— Fumaça...

— Ele voou naquela direção. — Atiro com velocidade em Hubris e disparo para frente. Já perdemos tempo suficiente. E é por isso que o meu





“nada mais” deve ser sustentado. Não podemos nos importar um com o outro assim. Confiar. Anéis. Nada mais.

Kalyan e eu passamos pelos telhados, pairando entre a cobertura e a visibilidade necessária para encontrar nosso alvo. Ele me lança olhares em todos os poucos segundos. Sinto seus olhos, sua preocupação. Mas eu estou bem. Tinha tudo sob controle. Talvez.

Por alguns minutos, acho que perdemos nosso alvo, mesmo com ambos lançando feitiços sensoriais para aumentar nossa visão e olfato, mesmo com nossa velocidade aumentada.

De repente, uma chama de magia roxa vem em nossa direção. Kalyan e eu seguimos em direções opostas. Mas não é uma flecha ou outro projétil; é um silvo de fumaça que se transforma em letras e escreve uma mensagem clara no espaço entre nós.

Parem ou ambos morrerão.

Minha garganta apertada. As caixas de vime sobre as caixas de drogas naquele armazém martelam na superfície da minha mente a cada batida do coração.

— Ele está tentando manter sua identidade escondida — Kalyan sussurra.

— O quê?

— Ele está com medo.

Antes que qualquer um de nós possa se mover, as flechas encharcam o céu noturno de cores. Kalyan grita um aviso, mas eu já estou desviando. Gritos e gritos de luta nos cercam. O líder de capa obscura não está mais





sozinho. Vencrin, um bando inteiro, surge das ruas do Vila Leste. Deuses, de onde vieram esses magos?

Feitiços correm pelo ar. Estou reduzida a um feixe de instintos. Qualquer lampejo de cor e eu empurro, esquivo e me protejo. Lanças laranja espiralam em minha direção, e eu me abaixo. Uma corrente vermelha tenta prender Hubris, e eu mergulho e torço. Quarteirão após quarteirão, os intrincados becos da Vila Leste se transformam em pilares pontiagudos, telhados planos e portas com cortinas esvoaçantes.

Todo e qualquer ajuda possível ainda está lutando no bazar comercial. Momento conveniente da parte dos Vencrins ou estupidez minha?

Estou lançando feitiços atrás de mim erraticamente, quando um Vencrin dispara da rua à frente. Giro em uma nova direção. Não consigo nem contar quantos são. Outro Vencrin cai na gargalhada enquanto atira uma pedra de magia roxa em meu rosto. Sangue. Abaixo-me, e em uma explosão alta o feitiço atinge o prédio por cima do meu ombro esquerdo. Um arco desmorona, ladrilhos de mosaico quebram e nuvens de poeira.

Kalyan voa na minha frente com um escudo e um feitiço direcionado ao lançador de pedras.

— Temos que sair daqui! — Ele grita enquanto nós dois nos esquivamos de correntes de maldições verdes e amarelas. Nós avançamos um protegendo enquanto o outro atira. Esqueça nossa estratégia de anel. Isso é velocidade, poder e reflexo quebrando meu coração em pedaços. E eu preciso de Kalyan ao meu lado. Hubris está escorregadia de suor e estou tremendo. Finalmente, um feitiço atinge um Vencrin no peito e ele cai com um grito silencioso.





— Suficiente! — Uma voz rugue. A horda para e lentamente a figura encapuzada cai de cima, o capuz bem apertado. Kalyan estava certo. Ele está escondendo sua identidade.

Recupero o fôlego, pairando em nossa paralisação, e conto. Quatorze.

— Diga-nos onde está a luz de fogo! — Grito.

Ele ri e a capa preta se move de maneira não natural.

— Está tudo ao nosso redor, garota. — Com o canto do olho, minha luz brilha em uma janela próxima.

— Por que você roubou? O que você quer?

— Talvez eu queira rebelião. Talvez eu queira obter lucro. Talvez você não tenha ideia do que está falando. — Ele murmura. — Não tenho que responder por crianças mascaradas, especialmente aquelas que eu avisei devidamente.

Seu planador oscila e finalmente percebo porque sua capa não cai direito. Por que mais da metade desses magos estão encapuzados e envoltos em preto. Por que aquele bruxo não gritou.

— E eu não respondo a ilusões. — Antes que eu possa lançar um feitiço, a figura encapuzada vira fumaça. — *Agnierif!* — Chamo a minha deusa. Sem hesitar, uma erupção de chamas irrompe no ar. Os Vencrin de carne e osso gritam e recuam enquanto o fogo vermelho-sangue rugue pelo beco. As outras, as ilusões, mergulham e, quando tocadas pela chama, transformam-se em fumaça. Magia obscura séria e complexa.

Com um silvo, picos de magia roxa cortam o fogo. *Sangue*. Estremeço, mas Kalyan reage mais rápido. Ele empurra meu ombro e eu me viro para a esquerda. Enquanto me endireito, os raios da brisa roxa passam seu perigo potencial chiando ao longo do meu braço. Olho para Kalyan para trocar um suspiro de alívio. Mas sou recebida com mais flechas roxas. Impossivelmente





mais, vindo de outro beco. É uma armadilha. Essa coisa toda era uma armadilha. Kalyan tenta se mover, para evitar a rede em que eles nos pegaram. Um, dois, três raios cortam o rastro de magia brilhando na ponta do planador de Kalyan. O número quatro atinge seu lado. Ele se encolhe e cai.

Vejo sangue.

E Kalyan cai.

— Não! — Meu corpo responde antes mesmo de pensar em girar ou mergulhar. Mas estou fazendo as duas coisas, o vento gritando contra meu rosto enquanto despenco. Arrogância cava em meu peito. Meu coração martela contra a madeira. Os olhos arregalados de Kalyan encontram os meus. Nós dois estendemos a mão, nossos dedos se estendendo, os ombros tensos. Nossos dedos batem um contra o outro, mas não consigo segurar os dele. *Vamos! Vamos!*

Um toque de contato. Sua mão agarra meu pulso. Grito enquanto puxo contra o impulso e a gravidade. Fios de magia vermelha deslizam pelo meu braço e envolvem o dele. Reforço. Apoiando.

Tarde demais.

Nós caímos contra um telhado um segundo depois. Seu planador se estilhaça e se parte. O som de cerâmica quebrando e madeira quebrando irrompe em uma lavareda de ruído. Dobro-me naturalmente, mas o teto me abre. Cada ladrilho de casca de barro morde meus braços, meus ombros, minhas pernas. Rolo três, quatro vezes e então, finalmente, imobilidade.

Um raio fratura o céu mais uma vez e brilha contra minhas pálpebras.





Gemendo, eu me levanto e procuro por Kalyan em meio aos relâmpagos. Um: uma cratera de telhas. Dois: os fragmentos de nossos planadores. Três: seu corpo caído.

Abro a boca para chamá-lo, mas o barulho e a cauda laranja de um planador me distraem. *Ele vai continuar nos caçando.* Por instinto, lanço uma folha de magia obscura, girando minhas mãos em movimentos largos e desajeitados. Uma tela vermelha filtra meus dedos, pintando uma imagem de nossas formas mutiladas. Uma ilusão se aproxima. Agora, não tendo que convencer ninguém de sua falsa humanidade, a criatura das sombras usa um rosto vazio, fumaça se desenrolando nas bordas. Parece que saiu de um cadáver.

Ele desliza ainda mais perto. Congelo. Se um rolo de fumaça, uma mecha tocar a parede vermelha, isso quebrará minha ilusão. A coisa fareja.

– *Mrtywodahsssss* – sussurro, alongando o feitiço para a morte até que minha ilusão se levante, borbulhe. Estou adicionando uma camada extra, espirrando o cheiro de sangue e decomposição no rosto nodoso da criatura antes que ela quebre minha tela original. A coisa estremece e em um assobio, ela voa. Isso mesmo: vá contar ao seu chefe sobre nossa morte.

Caio para trás, raspando em pânico. *Kalyan!* Todo o meu corpo dói e choraminga, mas rastejo na direção dele.

– Kalyan? Kalyan?

Ele não está se movendo.

Sinto o pulso.

– Kalyan!

– Ah, isso foi péssimo – ele ofega.

Gorgolejo entre o riso e um soluço enquanto jogo meus braços ao redor dele. Estamos vivos. Estamos vivos.





— Ai!

Voltando, eu me concentro na mão segurando seu lado, e o sangue bombeando entre seus dedos.

— Deuses, deixe-me ver.

Kalyan puxa a mão para revelar um corte ao longo de suas costelas, do esterno ao estômago.

— Parece tão ruim quanto parece? — pergunta ele.

— Não. Provavelmente parece pior.

Kalyan se encolhe com uma careta.

— Sim, vou concordar com você sobre isso.

— Apenas espere. — Rasgo sua kurta, rasgando o pano e expondo a ferida.

— Nós conversamos sobre me despir assim, Fumaça.

Continuo rasgando.

— Já lhe disse que você é um dos meus piores pacientes?

— Mas o melhor parceiro?

Sorrio com sua brincadeira. É um bom sinal. Procuro no meu cinto, abro um pequeno frasco de orbe e passo a loção anestésica rosa no meio do sangue.

— *Ksatleah. Suuptaleah.* — Minha magia ganha vida e mergulha na pele de Kalyan. — Isso vai levar algum tempo.

— Não estou indo a lugar nenhum. — Kalyan cai para trás e eu paio sobre ele, lançando, entorpecendo, tentando. Há tanto sangue. Muito sangue. Mas já vi pior.

Depois de vinte minutos de trabalho tedioso, o céu se abre sobre nós e despeja a chuva que saboreia. Cada gota abre meu feitiço de ilusão enfraquecido enquanto me concentro apenas na cura. Meu corpo inteiro arde





com o contato da água, cada corte ansiando por atenção. Meu ombro lateja. O lado da minha cabeça lateja. Há dois rasgos enormes em minhas calças voadoras. Em segundos, minhas roupas estão esfarrapadas e aderidas à minha pele.

— Sangue.

Kalyan lança baixinho e um halo branco nos envolve instantaneamente. Gotas de chuva desviam.

— Precisa poupar suas energias — digo.

— Você precisa ver.

Não posso discutir lá.

Kalyan olha para longe.

— Você deveria ter continuado a segui-lo. Será impossível localizá-lo agora.

— Como se eu pudesse vê-lo morrer.

Ele olha para mim, outra compreensão revestindo minhas palavras.

— Cuidado, Fumaça, ou vou começar a pensar que você gosta de mim.

— Você não facilita, com certeza. — *Poderia haver uma mentira mais gritante?*

Ele estende a mão e toca o lado da minha cabeça e eu congelo.

— Você está sangrando — sussurra ele, preocupação em sua voz.

Levantando minha mão, sinto a umidade, a picada, o latejar que finalmente percebi. Deuses, eu me sinto horrível. Mas ter alguém na minha frente que precisa da minha ajuda diminui a dor.

— Estou bem.

Ele franze a testa.

— Isso é o que você disse antes.





— Estou bem — reitero. É um protocolo ruim para os pacientes pensarem que o curador está perdendo o controle ou duvidando de si mesmo.

— Você pode me dizer — sussurra. — Somos uma equipe.

— Nós somos um time. O melhor time. — Com isso, sua mão se afasta e seus olhos se fecham. Passam-se apenas alguns minutos, mas termino de costurar o corte. Vai deixar uma cicatriz brutal, mas limpa, cercada por cortes menores e hematomas fluorescentes. Aperto minha mão, uma sensação de formigamento me alertando do meu esgotamento iminente. Pelo menos eu fechei sua ferida.

— Kalyan?

Ele geme em resposta e depois fica em silêncio. A parede de água diminui, mas a chuva parou na maior parte, apenas gotas de última hora, lentas para a festa, caindo sobre nós.

— Kalyan?

Nenhuma resposta. Verifico seu pulso e me inclino sobre sua boca. Depois de um choque de terror, sua respiração roça minha bochecha. Inconsciente, então, muito choque para seu corpo ou muitos feitiços entorpecentes de mim. Graças aos Deuses. Se ele tivesse morrido...

Empurro seu cabelo molhado de sua testa. Ele parece gentil, mesmo dormindo, mesmo com dor. Ao me pegar sorrindo, puxo minha mão de volta. Queridos Deuses, é tarde demais para mim. Estou apaixonada por ele.





CAPITULO VINTE E CINCO

o CONSTRANGIMENTO TEM SEU DIA

o DRAA

Acordo molhada, dolorida e com o sol batendo em meu rosto. Ajusto-me, buscando calor e me enrolando nele. Então os eventos da noite passada vêm à minha memória. Meus olhos se abrem para encontrar Kalyan: seminu, um braço em volta da minha cintura, me abraçando ao seu lado. Salto e recuo e começo tudo ao mesmo tempo. Donos de lojas e outras pessoas com fome de começar o dia inundam a rua abaixo. Carroças chacoalham, cabras e ovelhas balem logo abaixo do telhado um cliente pechinha o preço do açafraão. *Oh meus Deuses...*

— Ei, ei, ei, não se preocupe. Lancei um feitiço de ilusão. As pessoas estão vendo um telhado vazio e não destruído — diz ele.

A mancha de fumaça branca brilha à nossa frente.

— Oh, — eu consigo dizer.

Kalyan tenta se levantar, mas se encolhe e sibila entre os dentes.

— Oh sangue. Sim, isso dói.

— Cuidado ou você vai rasgar. — Minhas mãos imediatamente vão para o lado dele e então percebo o quão íntimo... Quero dizer, eu rasguei sua kurta ontem à noite. E as outras percepções da noite passada enevoam meu cérebro. Sinto como se estivesse encharcada de calor e constrangimento. Ou talvez seja o esgotamento.

Chicoteio minhas mãos para trás.





— Você se importa se eu...

— Verificar as saturas que salvaram minha vida? Por todos os meios.

Olho para a cicatriz, que é apenas uma linha costurada desagradável agora. É tão bom quanto, se não melhor, o trabalho de minha mãe. Deuses, quanta magia eu derramei nisso?

— Não está infectado.

Ele olha para mim e eu limpo meu rosto e puxo meu cabelo para trás. Provavelmente estou além de uma bagunça. Gostaria que ele desviasse o olhar e me imaginasse sem os cortes, hematomas e privação de sono.

— O quê? — Finalmente pergunto.

— Alguém já lhe disse que você ronca?

Minha boca se abre e meu rosto se inflama.

— Eu?

Seus olhos enrugam enquanto ele ri.

— Só um pouco.

— Há quanto tempo você está acordado?

— Um tempo.

— E você me deixou dormir em você?

Ele dá de ombros.

— Você esgotou-se.

— Você é o único que... Espere como você sabe que me esgotei?

— Você fica muito quente quando está esgotada.

Isso significa que ele sentiu meu corpo, pressionado contra o dele. Desvio o olhar, meu rosto em chamas.

— Como se sente? — ele insiste como se isso não fosse embaraçoso.

Como se nosso ato de desmaiar um contra o outro não fosse incomum. Como se eu não estivesse noiva de seu Raja... *Oh Deuses.*





Encaro meu Toque para evitar seu olhar. Fumaça vermelha ilumina meus dedos.

— Sou capaz de lançar, mas ainda estou fora disso.

— Sim, e amanhã você tem que lutar. — Ele esfrega os olhos.

— Sangue. — A luta de Beckman. Vinte e nove dias se passaram enquanto eu o empurrava para o fundo da minha mente. Agora, amanhã, estarei enfrentando ele.

— Nunca mais quero ver outro lançamento de jaulas.

— Acabamos de passar a noite juntos e você não quer me ver de novo? Isso é duro, Fumaça.

— Nós não passamos a noite juntos — murmuro. Mas parece que o ar está preso no meu peito – estranho, leve, confuso.

Ele aponta para os escombros de telhas e galhos de nossos planadores. Húbris II não teve vida longa.

— Cale-se.

Ele ri. Seu lado não deve estar tão dolorido.

Levanto-me e limpo a poeira.

— Vamos ter que consertar esse telhado.

— E eu preciso consertar minha kurta.



Depois de consertar o telhado e costurar sua kurta com um floreio de magia verde, descemos para a rua. Preciso chegar a casa, mas preciso de outra coisa primeiro. Não posso exatamente entrar no meu quarto sem um planador. E não estou entrando pelas portas do palácio assim ou sem Hubris. Meus pais não estão *tão* ocupados.





É um dia normal de mercado, o que significa que em segundos um enxame de cores e pessoas nos emboscam. A geração mais jovem de belwarianos usa calças voadoras, com kurtas brilhantes para os homens, e blusas e saias envolventes para as mulheres. Saris e coletes ainda estão em abundância entre as multidões mais velhas e tradicionais. Depois disso, é uma confusão, com as capas mais pesadas e os casacos mais opacos da Ilha do Pire, a paleta pastel de Agsa e as linhas limpas e sedas de Naupure.

Meu esgotamento desativou os redemoinhos de magia de barreira roxa infundidos em meu uniforme de Mulher Vermelha. Agora, Kalyan e eu parecemos obscuros fortes apaixonados por sua própria cor. Não estou dizendo que nos destacamos como polegares doloridos, mas devemos sair daqui o mais rápido possível. Cartazes de procurado se alinham nas barracas das lojas.

— Vamos precisar de planadores — diz Kalyan.

— Conheço um cara.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Você *conhece* um cara?

— O quê? Você não? Ter um bom planador é uma das razões pelas quais ainda estou viva. Quero dizer, Hubris morreu porque eu o quebrei em mil pedaços e esfaqueei um Vencrin. Hubris II criou resistência suficiente para sobrevivermos à queda da noite passada.

— Tive apenas três planadores em toda a minha vida — diz Kalyan.

Paro, realmente paro no lugar. As ruas continuam agitadas com as pessoas ao meu lado, mas estou parado. Leva um segundo para Kalyan perceber e girar.

— O quê?





— Três planadores? *Três*. — Talvez eu tenha ouvido mal. Ele poderia ter dito treze ou mesmo trinta.

— Sim, três. Quanto você já teve?

Tropeço, mas recupero um pouco de compostura e me envolvo novamente com o fluxo do tráfego de pedestres.

— Ah, mais alguns.

Ele me olha. Cometi um erro fatal, sei por que ele começa a sorrir.

— Fumaça? — Ele alonga a vogal.

— Temos coisas realmente importantes para conversar. Como o que deveríamos fazer a seguir.

— Sim, e podemos discutir isso assim que você responder a esta pergunta. — Ele me guia até parar em frente a uma barraca de peixes sedosos. Um vendedor intocado com uma voz estrondosa nos chama, empurrando escamas e a carne branca perolada para fora. — Uma libra uma prata — ele diz.

Kalyan como qualquer comprador experiente, o ignora.

— Quantos?

— O que você está disposto a fazer por esta informação?

Sua cabeça se inclina como se eu me envergonhar funcionasse como uma moeda adequada em seu livro.

— O que você quer?

Tantas coisas. Para não termos falhado ontem à noite. Para minha luta com Beckman não ser amanhã. Para que o mundo nos dê mais tempo. Dê-me mais tempo.

Não posso expressar um único.

— A loja de planadores que eu gosto fica a apenas um quarteirão de distância.





Mittal e Muni's é a sua típica extravagância de planador. Skygliders, condensados em sua forma de toco, pendurados em pinos de madeira. No canto esquerdo, as paredes se dobram e disparam para cima por três andares, como um tronco de árvore oco, para que os clientes possam testar diferentes designs de parapentes.

Venho aqui há anos. Mas a memória puxa para um ano atrás, quando o Sr. Burman me comprou meu primeiro Hubris. Antes disso, eu corria pelos planadores de forma imprudente, a um ponto que me recuso a admitir para Kalyan. O Sr. Burman segurou o planador no alto e disse:

— Vamos dar um nome a este. — Ele tinha feito o truque. Isto é, até que o mundo de Riya e o meu desmoronaram. Então, quando os sinos tocaram em nossa entrada, o cheiro de madeira recém-trabalhada e as pontadas de nostalgia me atingiram com força total.

— Diga se não for minha melhor cliente — anuncia o Sr. Mittal. Ele me chama assim “melhor cliente” porque esquece meu nome, esquece o nome de todo mundo. Ele provavelmente esqueceria o nome de seu parceiro Muni, se não estivesse pintado na placa ao lado dele. Às vezes me pergunto se é uma encenação ou se foi por isso que o Sr. Burman me trouxe aqui. Hoje, porém, vou apenas agradecer e, pela primeira vez, não questionar seu esquecimento ou fazer uma observação sarcástica. Ele voa em nossa direção, pairando no planador que usa para poder ver por cima das bancadas e deslizar até o teto abobadado e a torre voadora.

— Ei, Sr. Mittal. — Inclino-me e pressiono meu antebraço contra o dele.
— Preciso de outro. Na verdade, faça dois. — Empurro o polegar para incluir Kalyan.

— Já? — Seus olhos se arregalam. Claro que *disso* ele se lembra de muito bem.





Espio seus dedos, três deles de madeira. Como um mago pode me criticar por ter derrubado um planador quando três semanas atrás ele tinha apenas *dois* apêndices de madeira infundidos com magia?

— Huh, o que aconteceu aí? — Gesticulo.

— Ah, sim. — Ele flexiona a mão e a enfia no bolso. — Todos nós podemos ser desajeitados às vezes. É por isso que você é minha melhor cliente.

Finjo rir

— Aprecio a atitude de não julgamento.

Ele dá um tapa no balcão em aprovação.

— Certo então qual é a sua arma de escolha?

— A melhor que você tiver.

Ele franze a testa, pula de volta em seu planador e voa três andares acima da torre.

— Que vago. Não te ensinei nada?

— Vamos, Mittal! — Grito no túnel. — Você vai me fazer passar por toda a lista de verificação elementar?

— Se isso ajuda você a não perder outro dos meus bebês. — Ele faz beicinho, girando entre as seleções e inspecionando diferentes parapentes.

Suspiro e reviro os olhos. Ele é um homenzinho mal-humorado de sete dedos. Mas pelos deuses como eu amo este lugar.

Finalmente percebo Kalyan examinando a vitrine frontal, uma mão pressionada contra seu torso.

Estou ao seu lado em dois segundos.

— Você está bem? Reabriu?

— Estou bem. Apenas dolorido. — Ele olha para mim. — E sim, tenho certeza.





Acho que meu desejo de inspecionar permanece aparente. Kalyan até solta a mão como se isso fosse uma prova. Para o registro, isso nunca é prova. A memória dele se afastando pisca. Ele caindo. O sangue.

Como seria escolher meu próprio noivo? Sei que isso não pode acontecer. E ainda não consigo contar a verdade a ele também. No momento em que ele descobre quem eu sou, perco minha melhor chance de descobrir o que está acontecendo com a minha luz de fogo e destruir o Vencrin.

Mas eu já desisti do plano e da maneira infalível de descobrir essas respostas para ele, não é?

— O que você faria se não fosse um guarda? — Sussurro.

Ele lentamente abaixa a mão do planador mais próximo.

— Ninguém nunca me perguntou isso antes.

— Realmente? — Um guarda tem a capacidade de escolher seu destino.

Riya fala sobre guarda desde os dez anos, e alguns Tocados colocam toda a sua energia em um tipo de magia para garantir seu forte. É uma ocupação valiosa e, devido à sua reputação e estabilidade, ninguém é forçado a trabalhar. Acho que Kalyan tem mais facilidade do que eu, que está se agarrando a mentiras como se fossem plataformas de segurança.

— Sim, ninguém. Era esperado a minha vida inteira. Negócios de família. — Ele me encara. — O que você faria se não servisse aos Belwarianos?

Fico em silêncio por tanto tempo que tenho certeza de que ele pensa que ignorei a pergunta. E quase o faço, mas então as palavras saem.

— Não lancei até depois do meu nono aniversário. E demorei mais um ano para conseguir gerar magia também no braço direito. Então voar era um grande negócio. Mas mesmo agora eu não diria que amo voar. Amo planadores. — Escovo a cauda de tecido de seda da primeira criação de





Mittal e Muni, um parapente muito simples, sem alças curvas ou extensão aerodinâmica, mas ainda com muito artesanato. — Em uma vida mais simples, eu seria uma inventora como Mittal, e talvez um dia criasse algo que pudesse voar por conta própria para os Intocados, para aqueles presos no chão.

Kalyan parece absorver minhas palavras, para pesá-las.

— Talvez um dia, depois de tudo isso, eu possa te ajudar com isso.

Meu aniversário é daqui a dez dias. Então, embora meu coração doa em admitir, duvido que isso aconteça. No entanto, estamos nesta loja como se o futuro estivesse em aberto e os e-ses pudessem ser comprados nas paredes. Mittal e Muni's fazem isso, fazem você se sentir como se, com o parapente certo, você pudesse voar e fazer qualquer coisa.

— Certo! — Mittal grita, voando pelo ar. — Extensão dupla simplificada, curvatura do vento, seda da mais alta qualidade da Naupure e locais porosos trançados para infusão rápida. — Ele brande o planador. — Ou como eu gosto de dizer, o melhor que tenho.

É uma beleza. Vime vermelho manchado. Linhas elegantes. Gravados nas fibras trançadas estão os designs de Toques que aprendi a espelhar os dos próprios pulsos de Mittal. Entrego a Kalyan seu planador.

— Gostou disso?

— Vou deixar o especialista decidir — ele admite.

Mittal arrulha com essa proclamação e bate o punho contra a bancada, pensando que Kalyan se refere a ele.

— Gosto deste.

E assim, minha pechincha voa pela janela, mas pelo menos eu faço Mittal jogar limpador de madeira e dois conjuntos de máscaras de bolhas de ar para voar alto. Mas o homenzinho sabe que nos pegou bem; Eu nunca vou





superar isso. O Sr. Mittal até acena quando saímos, dedos de madeira batendo uns contra os outros.

Kalyan prende o parapente ao cinto.

— Não pense que você se livrou disso.

Olho-o.

— O quê?

Ele sorri, na verdade sorri.

— Quantos Fumaça?

Continuo, abrindo caminho pela multidão.

— Deuses, você é persistente.

— Vamos. — Ele dá um passo na minha frente, os braços abertos em um encolher de ombros. — Quase morri por você ontem à noite.

— Ah, eu nunca vou ouvir o fim disso, vou? — Esquivo-me dele. — Que tal isso, eu digo a você e não tocamos nisso nunca mais?

Suas botas rangem na terra atrás de mim.

— Só para esclarecer, você quer dizer a parte em que me joguei na frente daquela flecha ou a parte em que dormimos juntos?

Meu pulso salta. Me seguro para não colocar a mão sobre sua boca, em vez disso dou uma volta casual para ter certeza de que ninguém ouviu.

— Nós não dormimos juntos, — sussurro-grito. — E ambos. Nunca mencionamos nenhuma dessas coisas! — Ele me levou ao pânico.

Kalyan assobia.

— Deve ser ainda pior do que eu pensava. — Ele finge ponderar antes — Aceito.

Paro o mercado borbulhando com trocas e fofocas. Um bando de macacos contorna os telhados, aumentando a conversa.

— Trinta e sete — murmuro.





Ele se inclina, invadindo meu espaço.

— O que é que foi isso?

Cruzo meus braços. Não há como escapar disso.

— Contando hoje. — Aceno para Hubris III pendurado em meu cinto.

— São trinta e sete — anuncio. — Feliz?

Ele não precisa responder. Ele sorri e é tão incrivelmente alegre. Há algo de errado com ele se essa informação insignificante o deixa tão satisfeito. E talvez eu mesma por deixar isso me infectar também.

— Você nunca decepciona — diz ele através de seu sorriso.

Vinte minutos depois, estou entrando no meu quarto e caindo na cama.

E eu não consigo dormir.

Você nunca decepciona. Não acredito totalmente nele, é claro, mas ainda assim - não decepiono. As mulheres que povoavam a cozinha diriam que as falsas cartas de amor de Jatin que tagarelavam sobre o destino seriam consideradas mais românticas do que essa declaração. Mas para alguém que se sente uma decepção e está lutando para nunca mais fazê-lo? As palavras de Kalyan produzem... Conforto.

Pego um travesseiro e grito nele. Isto está errado. Tudo errado. Meu aniversário se aproxima como uma tempestade selvagem. Luto com Beckman amanhã. E estou apaixonada por um homem por quem não tenho o direito de estar apaixonada. Tudo parece estar oscilando no limite e prestes a me esmagar. No entanto, ainda adormeço imaginando que o calor do meu cobertor vem de uma fonte diferente.





CAPITULO VINTE E SEIS

III CONFRONTO DOS CAMPEOES

ØDRAA

Sims pode ser um cúmplice Vencrin desprezível, mas ele com certeza sabe como promover uma briga. Slogans como FOGO CRESCENTE CONTRA A MONÇÃO INTRANSPONÍVEL salpicam as paredes com respingos de sangue falso. As ilusões de magia obscura de Beckman e eu tentando nos separar artisticamente deslumbram a multidão em antecipação. Isso me sacode até os ossos, mas é impressionante do mesmo jeito.

Um pé se acomodou no fedor do Subterrâneo, e Kalyan e eu já estamos cercados. Vozes questionam meu estado mental, como pretendo vencer o maior lutador da história de lançamento de jaulas. Kalyan, depois daquela *luta*, subiu na hierarquia do Subterrâneo, um favorito pessoal dos telespectadores de bruxas. Ou pelo menos com os poucos que temos. Várias figuras femininas lançam seu apoio ao Cavaleiro Branco. Kalyan apenas franze a testa e aponta para o quadro, mostrando que obviamente não está na lista. É bom identificar o ciúme no enxame de outras emoções que me engolem. Mas uma vez que eu dou de ombros, três outras emoções causando estragos em meu corpo exigem atenção. Nuvens de medo. Redemoinhos de ansiedade. A raiva morde.

Não aguento mais. Com um aceno da minha mão, desvio da alegria e me retiro para o vestiário. Normalmente, eu ficaria feliz em ter uma base de fãs porque isso significa que sou mais valiosa para Sims. E mais valiosa para





Sims significa que posso obter mais informações. Mas esta noite? Esta noite, a irritação e o medo me agarram como uma segunda pele. A maioria desses bruxos e bruxas não tem ideia de que tipo de operação eles financiam quando jogam aqui. Essas mesmas pessoas compram a luz do meu fogo e pagam impostos. Além disso, como eu, eles não têm ideia de que tipo de homem Beckman realmente é.

Abro a porta do meu quarto e ela bate contra a parede. Sonna, uma companheira lutadora, senta-se no banco, meditando. Um olho se abre quando entro.

— Ei, Fumaça. Ainda lidando com esses problemas de raiva, pelo que vejo.

— Ei, Névoa. — Sigo seu olhar para o amassado na porta. — Não fui eu. Desta vez...

Ela ri levemente e fecha os olhos novamente. Fumaça azul sobe e desce de seus braços como se estivessem respirando.

A porta se abre novamente e Kalyan entra. Ele acena para Sonna, depois se vira para mim.

— Ei. Por que você saiu?

— Só queria ficar... Calma.

Ele balança a cabeça.

— Desculpe. Você não deveria ter que fazer isso. Não é tarde demais para recuar. Talvez você deva.

Olhamos um para o outro.

— Não posso. — Sinto falta dessa luta e Sims vai me caçar pessoalmente. Só tenho que passar por isso e não morrer.

— Vocês dois poderiam olhar um para o outro em outro lugar? E você sabe que este é o vestiário feminino, certo? — Sonna estala.





Kalyan olha para a esquerda e para a direita por um segundo, posicionando-se.

— Oh, certo. Estarei no convés superior. — Ele aperta minha mão e sai.

Viro-me para encontrar Sonna me observando.

— Vocês realmente são o casal perfeito. Ele é poderoso e você é bonita — ela diz.

— O quê? — Encaro-a. — Primeiro não somos um casal. E segundo, eu também sou poderosa. Não deveria ser por isso que somos bons juntos? Quero dizer, não somos nem um casal, mas se fôssemos eu contribuiria mais do que apenas ser bonita...

— Jaya, eu estava falando sobre sua persona. A fumaça é sedutora e sexy; Cavaleiro Branco é o herói poderoso. O Sims configura assim, certo? Toda essa porcaria heteronormativa.

— Ah... Sim, claro. Fumaça e Cavaleiro Branco funcionam... Para o público.

— Huh, então você tem uma queda por ele, então.

— Não, eu, ah, não entendi o que você quis dizer quando...

Sonna ri uma risada leve e agradável se não fosse dirigida a mim.

— Tão ruim, hein? Bem, desejo-lhe sorte. Os rodízios de gaiolas têm os piores egos.

— Tenho que ir.

— Boa sorte lá fora, garota. — A expressão dela diz o não dito: *você vai precisar*.

— Obrigada, você também. — Parece errado endossar o violento de Sonna Navin, mas para rodízios de jaulas isso constitui união.





Quando passo pela segunda cortina, o rugido da multidão me atinge. Felicidade, suor, a embriaguez desleixada, tudo vibra pelas tábuas do assoalho.

— Fumaça, Fumaça, Fumaça, Fumaça.

Enquanto caminho em direção ao ringue, minha memória pisca para Rakesh na doca superior. Suas palavras pegajosas e feias. As mãos dele. Sua implicação de que eu não poderia vencer que não poderia dominá-lo. O aperto em meu braço até que Beckman ajudou a derrubá-lo. Beckman esteve lá desde então. E então eu coloquei uma máscara, me pinte em uma ilusão de confiança até que ela penetrou em meus ossos.

Beckman espera no domo e eu entro para encontrá-lo. Por que eu deixei isso acontecer? Por que ele tinha que trabalhar para eles?

— Não quero fazer isso, Fumaça — Beckman geme enquanto dobra os joelhos em uma posição de luta.

— Sim, eu também. — A cúpula trava acima com um baque. Pela primeira vez no ringue não estou com raiva. Medo forra meu estômago e aperta. A confiança me abandona a cada expiração. Antes, eu sempre conseguia imaginar meu oponente como um dos homens que feriram o pai de Riya. Agora tudo o que vejo é um pai e meu amigo. Quem cuida dos ferimentos de Beckman depois de uma luta? Certamente nenhuma de suas filhas...

Vi a família dele. Sua filha mais nova é obcecada por tranças e fitas de arco-íris que saltam em suas costas. A maioria das meninas gosta de materiais coloridos antes que seu toque ou forte se apresente. Riya adorava envolvê-las em seus pulsos e fingir que podia lançar todas as nove cores comigo. E devo rotular um homem como Beckman de traidor.





Estou pensando muito em Riya porque de repente a vejo, a imagino no meio da multidão. Ela franze a testa como eu sei que faria se me visse no Subterrâneo, sangrando e sofrendo para divertir os criminosos. Olho com mais atenção e os rostos ficam borrados.

— Vocês estão prontos para o confronto dos campeões? — o locutor ruge. A multidão responde na mesma moeda.

Uma nuvem de fumaça azul paira sobre Beckman como uma onda. *Foco, Adraa! Riya não está aqui.* Conjuro minha própria magia e ela enxameia e chicoteia para se parecer com fogo.

A multidão aplaude enquanto os fluxos azuis e vermelhos se misturam ao roxo no meio do ringue. O locutor angaria material de marketing de Sims. Entendo uma piada sobre minha altura e estatura, embora eu seja alta para uma bruxa. Outra sobre este ser o show de uma vida, sobre o Tsunami apagar minhas chamas. E sim, ele se apoia fortemente em insinuações sexuais. Desligo tudo, esperando uma palavra, um som.

— Lutem! — Grita o locutor.

Beckman salta para frente, um longo cajado na mão, uma de suas marcas registradas. Abaixo-me sob seu balanço. Sangue, sério? Trazer o cajado primeiro? Bem, é melhor lutar contra a magia roxa com magia roxa. Crio meu próprio cajado. Mas não sou muito boa em luta de cajado, nunca fui muito treinada. Então, quando a vara bate no meu estômago, não consigo respirar, mas não fico surpresa. Quando caio no chão, Beckman reúne a multidão e eles respondem.

— O que você está fazendo? Levante-se — Beckman sussurra enquanto se vira para mim.

— Não quero... — *Não sei como lutar contra ele.* Nem sei como pensar além da confusão e traição.





— Aqui, você não pode dizer o que quer. — Beckman se inclina sobre mim e o cajado pressiona minha garganta. Chuto em alarme, lançando um feitiço de força. Mas então percebo que não preciso disso. Para o público deve parecer que ele está me matando, mas a pressão não é total. Ele se inclina para mais perto. — Lute comigo ou nossos disfarces serão destruídos.

— Você...

— Fui contratado para proteger você e não vou prejudicar minha futura Rani, mas você tem que fazer isso parecer bom.

Por um segundo, solto seu cajado e ele pressiona minha garganta. Sinto que todo o ar dentro de mim se foi. Sinto que vou desmaiar.

Não quer prejudicar sua futura...

— Fumaça — ele sussurra com urgência.

Primeiro Kalyan e agora isso. Maharaja Naupure contratou Beckman para me proteger.

— Adraa.

Olho para ele e a verdade está embutida lá. A verdade e as mentiras.

— *Puti Pavria!* — Grito tão alto e com tanta intenção quanto posso. Minha magia explode sob o cajado e um túnel de vento se projeta para cima e para fora. Beckman vai junto para o passeio, direto para o topo da cúpula, onde eu o mantenho engessado. *Vou fingir. Vou mais do que fingir!* Com um giro da minha mão, libero o ar e Beckman cai no chão. Corro para ele.

— Vi você no armazém da Vencrin. Por que você estava lá? — Grito quando chego perto.

— Para te proteger.

O quê?

— Não preciso da sua proteção.

Ele bate o cotovelo no meu lado e eu caio para trás.





— Sim. Você precisa.

Giro e soco. Ele bloqueia.

— Por que eu deveria confiar em qualquer coisa que você diz?

Ele desliza ao meu redor, puxando meu braço em uma fechadura.

— Por quê. Sei de tudo e você ainda está viva.

Balanço a cabeça.

— Pense, Fumaça — ele sussurra em meu ouvido. — De que outra forma você acha que enganou Sims todo esse tempo? Por que você acha que os guardas de Belwar estavam lá na mesma noite em que você decidiu atacar? — Ele me empurra e eu tropeço.

Torço para trás.

— E os cartazes? — Pergunto enquanto nós circulamos um ao outro. — Você foi o primeiro que vi com eles.

— Tentando ficar à frente deles, parar a produção. Cheguei tarde demais.

Acredito nisso? Meu instinto diz que sim, mas a raiva ferve.

— Eu poderia ter feito isso sozinha. Não precisava...

Uma saraivada de água atinge meu pé e o empurra para cima. Com um baque ecoando ao som da multidão gritando

— Tsunami! — Caio de costas.

— Sim. Você precisava — ele diz.

Salto, voando com fúria. O momento na doca superior bate em mim novamente. O forte aperto de Rakesh em meu braço. Beckman arrancando-o de mim. O medo. Não, o terror. E agora, não sei o que é pior, pensar que só fui salva por causa do meu título ou por saber que sou uma garota que não conquistou nada. Vencrin ainda enchem as ruas. As drogas ainda fluem fora





desta arena. E eu não tenho nenhuma pista de onde minha luz de fogo está sendo levada.

A raiva aumenta. Algo estala. Eles pensaram que eu precisava de proteção. Eles pensaram que eu não conseguiria.

— Se você realmente estava aqui para ajudar, por que não o fez? — Pergunto a dor sufocando as sílabas. Espadas se materializam em um redemoinho ardente de vermelho. Dou um tapa na minha fúria e as cores convergem em faíscas roxas entre nós.

— Eu tinha uma missão — resmunga Beckman.

— Assim como eu...

Então, um grito de velocidade. Um estrondo. Recuando, pés rápidos chutando para fora. Beckman se esquivando, socando. A multidão absorvendo meu medo e violência. Fingir. Um show. Toda a nossa amizade se desfazendo em uma explosão de fumaça roxa. Com uma torção, eu corto, e ele acerta o alvo, bem no peito de Beckman. Uma mancha de sangue respinga na parede da cúpula.

Não. Ele deveria desviar isso, se proteger. Ele deveria...

Pois ele é melhor do que eu. Eu, que não conseguia pensar nos segundos cruciais quando Rakesh agarrou e me empurrou para o chão. Eu, que falhei por semanas. Vítima. Atacante. Salvador. Vencrin. Os papéis se misturam, sangrando juntos enquanto me concentro no sangue.

Eu paro lançado em pedra, enquanto Beckman se atrapalha. *Não!* Estendo a mão, sem perceber o riacho azul correndo em minha direção até que *um baque surdo* bate em meu peito. Por um segundo, o tempo para enquanto a dor irrompe através de mim. Então eu voou contra a parede e minha cabeça vira para trás, batendo nela. Minha visão fica turva e pontos





pretos flutuam na frente de Beckman enquanto ele avança o medo emoldurando seu rosto. Tento me levantar, mas a escuridão assume.



Pela segunda vez no último dia, desperto para o calor de Kalyan. Desta vez, ele está sobre mim e, com um sobressalto, percebo que o calor vem de sua magia rosa, suas mãos brancas fumegantes segurando minha cabeça. Ele canta. Um feitiço estabilizador. Kalyan está realizando um feitiço estabilizador.

— Hey — sussurro, segurando seu pulso.

— Ah, graças aos Deuses.

Alcançando a dor na parte de trás da minha cabeça, subo para os bancos familiares, poeira e odor corporal do vestiário. Estou leve e pesada com a névoa ao mesmo tempo.

— Beckman é...

— Ele está bem. Já foi. Mas ele explicou tudo. Ele não é...

— Eu sei. Eu... — paro, vendo que não estamos sozinhos. Atrás de Kalyan está minha melhor amiga. Então, eu a vi no meio da multidão; aquela carranca era real. — Riya? — Grito um pouco alto demais.

Ela suspira.

— Deuses, estou feliz que você esteja acordada.

— Como... Como você me encontrou?

Ela encara Kalyan.

— Preciso falar com ela. Sozinha.





Kalyan me dá um olhar preocupado. Ele não quer ir tanto quanto eu não quero que ele vá. Mas quando eu aceno, ele levanta a cortina e eu tenho que me explicar.

Riya não perde tempo.

— Você é a Mulher Vermelha, não é?

O ar na sala muda. O trovão do barulho das lutas desaparece. Considero mentir por apenas um segundo.

— Sim.

Ela exala lentamente.

— Como... Como você pôde fazer isso, mentir para mim, sair sozinha?

— Não estou fazendo isso sozinha. — Não há necessidade lhe dizer que por meses que estive sozinha no Subterrâneo, espancando Vencrin e espionando como eles trabalhavam, antes de Kalyan entrar. Embora eu ache que Beckman estava cuidando de mim o tempo todo também.

— Ah, não está sozinha? Esqueci. A Mulher Vermelha e Noite. O que você sabe sobre ele? — Riya cospe enquanto gesticula para a cortina.

— O que você quer dizer, o que eu sei? Ele me ajudou. — Ajudou-me mais do que ela pode imaginar. E não porque sou Adraa Belwar, e definitivamente não porque alguém deu a ele uma missão como a de Beckman.

— Ele está *mentindo* para você. Ele não é quem diz ser.

— *O quê? — De onde saiu esse sangue?*

— Você viu seus braços ou a maneira como ele joga? Não acho que ele seja o que diz.

Não. Não posso deixá-la rebaixar a única pessoa que lutou ao meu lado sem uma agenda ou missão oculta.

— O que você está...





— Porque se você me deixar por um maldito minuto, eu *seria* boa no meu trabalho. Eu poderia protegê-la. Mas não, você tem que fugir e salvar o mundo atrás de fumaça e máscaras.

— Fiz isso por sua causa, por você.

— Por minha causa? — Uma nova dose de raiva flui em sua voz. — Ah, isso vai ser bom.

— Estou tentando encontrar os homens, aqueles que machucaram seu pai, Riya.

Sua expressão cai. O que quer que ela pense que minha explicação seria, não é isso.

— Então quem era? Quais são os nomes deles?

— Depois que comecei a investigar, percebi o quão grande era tudo isso. Concentrei-me nas drogas e então a luz de fogo estava sendo retirada do mercado e...

Ela zomba.

— Não finja que fez isso pelo meu pai, então. Não se atreva a fazer isso!

— Desculpe. Sinto muito. Mas tudo isso é maior do que você, eu ou seu pai. É sobre todo o futuro de Belwar. — Quando ela se afasta, eu puxo seu braço. — Riya, acho que é Marajá Moolek. Tenho motivos para acreditar que ele corrompeu nossos guardas e está tirando minha luz do fogo. Acho que seu pai, nosso professor, foi um dos primeiros que silenciaram.

Ela estremece como se eu tivesse sugado todo o ar da sala.

— Marajá Moolek? Adraa é por isso que estou aqui.

— O quê?

— Você foi convocada para a sala do trono. Zara e eu procuramos e procuramos e não conseguimos encontrar você, e então... — Suas palavras giram mais rápido até que eu acho que até ela percebe que estão fora de





controle. E minha melhor amiga nunca está fora de controle. Ela faz uma pausa e eu finalmente observo as mechas de cabelo preto caindo de seu coque, sua saia enrolada torta.

Inclino-me para frente, o medo me enchendo.

— Riya, diga-me, o que Marajá Moolek fez?

— Nada — murmura. — Mas ele quer falar com você. Pessoalmente.



Invadi o palácio. Deixei Kalyan com um pedido de desculpas desajeitado e apenas uma frase de informação, que mais parecia uma desculpa do que uma explicação. Deuses, como eu gostaria que ele pudesse estar ao meu lado abrindo esta porta, no entanto. No caminho, limpei-me e vesti roupas dignas do nome Belwar, mas não se pode limpar o choque como se limpa uma mancha de sangue. Ele domina meu rosto. Eu também posso entrar lá com minha máscara vermelha com o máximo que meus pais conseguirem juntar.

Mas isso não importa tanto quanto o que em Wickery eu vou dizer a Moolek? Ou, mais importante, o que ele tem a me dizer?

Quando entro na sala do trono, três cabeças se voltam em minha direção. Meus pais parecem preocupados e irritados. O terceiro é um homem volumoso encharcado em roupas com joias verdes. Sua pele é marrom clara, mais clara até do que a de alguns Rajas Moolek que conheci. Ele é incrivelmente bonito. Construído como um palácio, com uma coluna alta e reta, camadas de músculos e adornado com decorações. Mas seus olhos - eles são vigilantes, predatórios, gritam e causam arrepios em meus braços. Ele é quase exatamente como eu imaginei. E acho que nunca estive tão apavorada.





Uma mesa verde-escura foi trabalhada no meio da sala, com cadeiras e uma toalha de mesa que brilha com os intrincados desenhos de um toque, redemoinhos sobrepostos, linhas cruzadas ramificadas e pontos de seixos. Ele literalmente mapeou sua bênção na magia roxa para que possamos testemunhá-la brilhar na luz de fogo que queima ao nosso redor.

— Estou feliz que você finalmente conseguiu se juntar a nós, Lady Adraa. — Ele cria outra cadeira e gesticula para que eu a pegue.

Curvo-me, colocando dois dedos no meu pescoço. Nunca antes me senti enjoada dando meus respeitos.

— É um prazer — digo a mentira pingando com fingida sinceridade. Então eu sento, empoleirada na magia do meu inimigo, sabendo que a qualquer momento ele pode quebrar o feitiço. Como se eu já não tivesse sentido que estava entrando em uma armadilha.

— Sim, um prazer. Você é tão deslumbrante quanto todo mundo diz. — Seus olhos se alternam entre meus pais e eu, e um sorriso que tenho certeza que muitos rotulariam como sorrisos encantadores para nós três.

A réplica que *conheço* vem à mente, assim como a risada de Marajá Naupure naquela época. Mas eu não tenho mais oito anos e não quero que este homem conheça minha verdadeira natureza, a veia rebelde que evoca perguntas e suspeitas.

— Obrigada — eu digo meu rosto certamente coberto de desdém.

— Agora que estamos todos aqui, vou direto ao ponto. Quero falar com você sobre uma aliança.

Todos nós paramos nesta palavra como se Marajá Moolek tivesse dito algo repugnante. Mas, bem...

— Que tipo de aliança? — minha mãe diz lentamente.





— Acho que as melhores alianças são aquelas feitas de sangue, através do casamento.

Meu coração bate forte no peito, como se tivesse acabado de acordar e tivesse que escalar o Monte Gandhak de uma só vez.

— Não entendo Marajá Moolek. Você não tem um filho, então não tenho certeza do que você está propondo.

Mas eu entendo. Entendo *muito* bem. Recuo, querendo estar errada. As próximas palavras vêm, porém, imparáveis.

— Estou falando entre Adraa e eu, é claro.

Ele acabou de dizer isso. Levanto-me da cadeira e dou um grande passo para trás, esperando que com isso eu possa sair da sala, voltar no tempo, qualquer coisa para retirar a ideia de que me casaria com Marajá Moolek, uma criatura manipuladora de um bruxo de quarenta anos. O mesmo homem que pode estar alimentando ou financiando o desaparecimento da luz de fogo.

— Mas você está correto, — ele continua enquanto também se levanta.

— Eu *não* tenho filhos... — Ele sorri para mim, seus dentes com a palavra *ainda* em seus caninos.

Sangue! Isso não pode estar acontecendo. Olho para o meu pai, tentando gritar a palavra *anoitecer* apenas com meus olhos. Meus pais se levantam.

— Nossa filha foi arranjada para seu sobrinho, Jatin Naupure, por muitos anos, — diz meu pai.

— E ainda não houve nenhum contrato de sangue, nem mesmo uma reunião formal de noivado.

— Marajá Naupure tem estado fora, como você bem sabe, e Adraa ainda não completou dezoito anos.





— Claro. Claro. — Os olhos de Maharaja Moolek me perfuram. — Mas acho que devemos dar a Adraa uma escolha no assunto, não é?

Isso é o que eu fiz de errado quando tinha oito anos e fui forçada a escalar uma montanha. Meus pais querem me dar liberdade, lutar por ela. Nunca foram contratos de sangue, casar com Jatin ou então. Foi casar bem e Jatin Naupure parecia ser o melhor candidato. Mas agora, meu pai me *deixaria* escolher com tão boas perspectivas na frente de sua filha. Porque como eu poderia errar? Dois homens poderosos estão dispostos a se casar comigo. Já sei o que meu pai vai dizer também. Então, quando ele abre a boca, posso praticamente pronunciar as palavras.

— Vamos deixar Adraa escolher.

Os olhos de todos caem sobre mim. As palavras de Marajá Moolek e de meu pai são uma gaiola, prendendo-me. A escolha nunca foi tão dolorosa. Não consigo respirar, muito menos falar.

— Claro você não precisa responder esta noite. Vou te dar tempo para pensar sobre isso, Adraa. Vamos nos conhecer, certo?





CAPITULO VINTE E SETE

RETORNO DO LEGITIMO GOVERNANTE

JATIN

Enquanto entro no Palácio Azure, meus pensamentos voltam para Adraa. Ela correu tão rápido com sua guarda. E depois daquele ferimento na cabeça...

Acho que mereço saber o que está acontecendo. Mas não. Algo no rosto de Riya me disse que não sou mais confiável. Ela deve saber que somos a Noite e a Mulher Vermelha, mas não parece que ela saiba quem eu realmente sou. Se tivesse, eu teria conseguido mais do que o olhar preocupado de Adraa e as palavras suaves: *Tenho que voltar para o Palácio Belwar.*

Preciso lhe dizer por que não posso continuar fazendo isso. A mentira, antes um muro para me proteger, tornou-se uma barreira que nos distancia.

Abro a porta do escritório com um suspiro. Uma figura está nas sombras, passando pela mesa. Vencrin. Sem hesitar, lanço uma adaga e ela avança. Um escudo azul afasta a magia roxa e a arma bate em um armário de madeira. Meus braços queimam em preparação, os ingredientes de um feitiço pronto em meus lábios. Então o intruso fala.

— Planejando me matar? — A luz de fogo no corredor ilumina o rosto de meu pai enquanto ele olha para cima com um sorriso confuso. — Não esperava uma festa de boas-vindas, mas a traição da minha própria carne e sangue é um pouco demais.

Minha magia explode em névoa.





— Você está... Você está em casa.

— Há algumas horas atrás. — Ele dá um passo em minha direção.

Realizamos uma dança trôpega de ‘como devemos cumprimentar?’ antes de colocar meus dedos em meu pulso e me curvar. É ainda mais desconfortável do que quando cheguei a casa, como se nosso relacionamento tivesse regredido. Então, novamente, eu quase o matei. Descobri que isso sempre mata o clima e endurece o ar. A tristeza toca seus olhos quando me levanto de meus respeitos e anseio por retirar os últimos cinco minutos e de alguma forma consertar nosso embaralhamento disfuncional.

Talvez seja eu. Talvez quando você deseja conexão tão desesperadamente, as pessoas possam vê-la.

Ele caminha de volta para a mesa e acena para a montanha de papelada.

— Esqueci como você é bagunceiro.

— Procurando por algo?

— Na verdade, o vigésimo primeiro tratado.

— Tenho-o aqui. — Puxo o pacote. — E nestas gavetas estão os planos para a nova escola e atualizações sobre o sistema de água. E aqui está a conta sobre os Intocados. Vai ser horrível passar, mas precisa acontecer. — Pego meu pai sorrindo. — Existe alguma ordem no caos, — tento dizer sem parecer defensivo e ressentido. Eu posso fazer isso. Durante semanas fui o Rajá de Naupure e a Noite de Belwar.

— Esperava que sim. — Ele cruza os braços e se inclina sobre a mesa. — Você escreveu sobre todas as contas e planos. Mas diga-me, como você está se saindo com Adraa?

É a última coisa sobre a qual quero falar.

— É um desenvolvimento lento.





— Mas nada de violência doméstica, certo?

Rio grosseiramente.

— Ela não me bateu. — Mas ela partiu meu coração, quase morreu na minha frente algumas vezes, me deixou sozinho no Subterrâneo imaginando o que estava acontecendo. Pensando bem “desenvolvimento lento” não soa bem. Talvez eu tenha recuado.

— Já que estamos cobrindo todas as grandes coisas que aconteceram na minha ausência, quer explicar isso? — Ele segura o cartaz com meu rosto mascarado colado nele. Não se parece nada comigo graças ao feitiço de magia obscura de Adraa, mas é claro que não há como negar-lhe isso.

— Você queria que eu fizesse parte disso.

— Vocês dois foram muito além de coletar informações.

— Sim, isso é principalmente Adraa. Na noite em que a conheci, ela tinha a intenção de emboscar uma dúzia de Vencrin sozinha.

Ele suspira.

— Estou supondo que você não vai parar, mesmo se eu pedir.

— Você quer que eu *não* a ajude?

Ele balança a cabeça e passa as mãos pelo cabelo ralo. Eu faço isso? Às vezes me pego tentando definir nossas semelhanças ou hábitos. E na maioria das vezes eu saio sem nada.

— Você é meu único herdeiro, Jatin. Três vezes, meu irmão me lembrou de que seu filho, seu primo, assumiu a cerimônia há mais de um ano. Eles encontrarão qualquer maneira de destroná-lo. Sua morte tornaria mais fácil perturbar todo o futuro de Naupure.

— Pode ter começado ajudando Adraa, mas agora é ajudar a todos. Você percebe do que esses Vencrin são capazes? Eu quero isso. Pela primeira





vez na minha vida me sinto como um bruxo normal que pode fazer a diferença.

Ele me encara por um longo momento.

— Você é muito parecida com ela.

— Adraa?

— Não, sua mãe. — Ele examina o grande mapa na parede e agarra sua pulseira de casamento. — Ela também não queria o trono. Todas as pessoas sedentas de poder neste mundo e minha família simplesmente querem uma vida normal. — Seus olhos se movem para mim. — Mas isso fará de você um grande Marajá, acho.

A menção de minha mãe não apenas dói, como queima. É como se meu pai só trouxesse minha mãe para me desvendar. Ele não fala dela. Aprendi a não perguntar. E agora ele acha que pode me elogiar até a submissão. Para o sangue com isso.

— Não vou parar.

Ele vê algo em meus olhos. Nós nos encaramos em silêncio. Quem quebrar primeiro...

— Pelo menos me diga o que você descobriu — ele diz finalmente.

Suspiro, a tensão do nosso silêncio diminuindo ligeiramente.

— Nós o rastreamos. Vai dos armazéns do Distrito Leste até o Píer Dezesesseis. Mas não encontramos nenhuma evidência de que seja Moolek roubando a luz de fogo. E, mais importante, não descobrimos por que está sendo roubado. Adraa e eu achamos que pode ser apenas para manchar o nome Belwar. Provar o quão instável é no mercado para que os Intocados recorram às velas e, portanto, a Moolek.

— Talvez. — Meu pai esfrega o queixo. — Mas você ainda não tem uma prova concreta?





— Não. Nenhuma.

Ele suspira, um som pesado que o faz parecer ainda mais baixo, ainda mais velho.

— A viagem foi tão horrível quanto você poderia esperar. Seu tio nunca foi um bom homem. Mas desde que ele assumiu o poder, ele se tornou pior do que eu poderia imaginar.

— Onde está Marajá Moolek agora? Achei que ele estava vindo para Naupure para assinar novamente o tratado.

— Ele veio. Ele está no Palácio Belwar. Ele insistiu em ficar lá. Isso me deixa nervoso, claro, mas não pude recusar.

Meu corpo se transforma em pedra. Marajá Moolek está no Palacio Belwar. O que significa... Ele está sob o mesmo teto que Adraa.

— O que ele quer em Belwar? — Exijo.

A angústia toma conta do rosto de meu pai.

— O que eu temo que ele sempre quis...Adraa.





CAPITULO VINTE E OITO

FENDO UMA CONVERSA COM O INIMIGO

ØDRAA

Nas últimas semanas, meus sonhos aumentaram com força total. É estresse. Tem que ser e, no entanto, em meus sonhos, vivo em um mundo vermelho. E neste lugar o medo penetra cada parte do meu corpo como uma espada me estripando. Algo está vindo. Algo ruim está por vir.

— Você deve se apresentar para os nove deuses. Você deve completar a cerimônia — uma voz feminina sussurra para mim. Ela repete isso várias vezes. — É a única maneira. Às vezes é preciso morrer para que outros possam viver — diz ela.

Ouvir a voz faz o medo desaparecer. Tento me conter no começo, tento explicar como preciso de mais tempo para determinar a ameaça Vencrin.

— Tenho que ser a Mulher Vermelha! — Grito com a voz. No final, toda vez, eu desisto enquanto o medo me engole.

Na noite em que Maraja Moolek propôs casamento, o sonho piorou. O medo me pressionou como fogo.

Como não consigo dormir, treino. Mas depois que feitiço de magia branca sobre o feitiço de magia branca falha, eu paro. Não faço minhas orações matinais há semanas. Acho que em tempos como esses a maioria das pessoas consultaria os deuses. Também poderia tentar.

Ando para o templo lentamente, não querendo rastejar para Dloc tão cedo. O pavor enche meu estômago como se eu fosse um orbe prestes a





estourar. O estresse faz isso, parece que é interminável e ilimitado, como se continuasse comendo você até não sobrar nada.

Enquanto subo os degraus, fico surpresa ao ver Prisha rezando.

Em vez de gritar, ajoelho-me ao lado dela. Ela começa.

— Normalmente você está dormindo tão cedo pela manhã — ela diz.

Acho que ela está mais atenta às minhas idas e vindas do que eu pensava.

— Sim, acho que estou. Você vem aqui todas as manhãs?

— Maioria dos dias.

Nunca soube que ela era tão devota. O que ela poderia estar pedindo tanto? Eu a vi na clínica e no campo de treinamento com Hiren. Aos quinze ela tem um bom domínio de todos os nove tipos de magia, melhor do que eu na idade dela. Naquela época, eu estava falhando com a magia branca de forma consistente. Quem eu estou enganando? Ainda estou falhando na magia branca.

— Você já teve medo? — Prisha sussurra.

Encaro-a. Ela não olha para mim; ela ainda está em posição de meditação, com os olhos arregalados, olhando para o pilar de Laeh.

— Medo de quê? — Há tantas coisas agora.

— Seu forte. — Finalmente, ela se vira para mim. — Quero dizer, você queria ser Tocada por Erif?

— Não rezei por isso se é isso que você está se perguntando. Mas eu estava com medo. Não, na verdade eu estava apavorada. Achei que não seria escolhida. Desde que eu era pequena, mamãe, papai e Maraja Naupure me disseram que eles... — aceno em direção aos pilares — ... Estavam brigando por mim. Eu estava com tanto medo de que os deuses desistissem da luta e eu fosse deixada intocada.





Ela acena com a cabeça, mas posso dizer que não é a resposta que ela estava procurando. Minha irmã é normal; ela nunca teve que lidar com a perspectiva de ter um braço nu.

— Você está assustada?

Ela brinca com um pouco de areia no chão, formando pequenos montes, dispersando-os e depois reconstruindo.

— Não quero ser de Laeh. É por isso que rezo todos os dias.

Cambaleio para trás.

— Você odeia tanto assim a clínica?

— Não, não é exatamente a clínica. Eu só... Eu só não quero ser como a mamãe. Ela está tão presa lá.

— Não diria isso. Ela adora a clínica.

— Talvez. Mas, quero dizer, você já viu como algumas pessoas a tratam? Como se ela fosse sua escrava, esperando distribuir poções todos os dias. Isso porque ela é uma mulher, esse é o seu único uso. E acho que mamãe espera que eu seja Tocada por Laeh para que eu possa substituí-la. Mas eu quero ser forte, mais forte.

— A magia de cura rosa não é estritamente feminina e não é fraca. Isso salva a vida das pessoas. Mamãe. Você. Eu. Todos os usuários rosa. Nós salvamos a vida das pessoas. Não há *nada* de fraco nisso.

Ela não me olha nos olhos enquanto brinca com a areia.

— Quero ser desejada por mim, não pelo que posso fazer. Não é o que Belwar pensa que devo fazer.

Mas o que alguém pode fazer como bruxo ou bruxa está inerentemente ligado aos seus talentos, ao seu desejo de se dedicar a tipos específicos de magia. Rosa forte é sempre uma habilidade bem-vinda, especialmente quando treinados por nossa mãe. Prisha sempre terá um lugar na sociedade.





Mas acho que é isso que a incomoda. Ela não *quer* se encaixar. Ela acredita que o rosa forte é inerentemente menor, mais fraco, feminino. Deuses, nunca imaginei como somos diferentes. Ela é tão mimada por sua normalidade que não consegue ver o quão boa ela é ou o quão importante a magia rosa é para salvar Belwar, salvar a todos. Uma vez que as drogas estejam fora das ruas, ainda precisaremos ajudar os bruxos e bruxas que estão em abstinência ou com Toques danificados.

— Prisha, é apenas uma chance em nove de você se tornar um rosa forte.

— Eu sei, mas...

— E você seria mais do que um forte rosa de qualquer maneira. Você é uma Belwar.

Prisha puxa seu choli.

— Não se preocupe. Você vai... Espera, esse é o meu sári?

Ela teve a decência de olhar culpada para o tecido laranja.

— Ah, talvez.

Um nó aperta no meu estômago. Prisha conhece meus hábitos de sono; ela entra no meu quarto sem avisar e no meu armário. O que mais ela poderia ter visto lá?

— Zara deu para você?

— Não exatamente.

Deuses, eu pensei que ela tinha parado de roubar minhas roupas alguns anos atrás.

— Então você acabou de pegar?

— Sempre devolvo antes de você acordar.

Antes de eu acordar? Com que frequência ela faz isso?

— Essa não é a questão...





— Você só está preocupada que eu saiba aonde você vai à noite. Mas eu já sei sobre o anel de lançamento da gaiola.

Um arrepio percorre meu corpo. *Ela sabe sobre o Subterrâneo? Todo mundo sabe? Espere.*

— Foi você. Você disse a Riya que eu escapei.

Ela me olha de frente.

— Zara e Riya estavam frenéticas tentando encontrar você quando Maraja Moolek apareceu. Eu tinha que contar-lhes.

— Como você...

— Segui você até a porta da janela uma vez.

— Você nunca disse nada.

Ela dá de ombros.

— Não era da minha conta até ontem à noite. Na verdade, tenho acobertado você nas noites em que Zara quer sua opinião ou Riya quer conversar.

Nem sei o que dizer.

— Obrigada, Prisha. Eu...

Passos ecoa nas escadas do templo atrás de nós. Prisha se vira primeiro e vejo curiosidade, depois medo crescer em seus olhos. Viro-me. Marajá Moolek está ao lado do pilar de Wodahs, um sorriso brilhante em seus lábios.

— Esperava que pudéssemos conversar a sós — Moolek me diz.

— Prisha, volte para o palácio.

— Adraa...

— Prisha, vá. Agora.

Com alguns olhares por cima do ombro, Prisha desce as escadas do templo e desaparece de minha vista e, mais importante, de Marajá Moolek.





Ele entra no templo e eu circulo naturalmente. *Não deixe que ele se aproxime. Não demonstre medo.*

— Você não precisa se preocupar tanto com sua irmãzinha.

Mas eu sim. Sei exatamente com quem estou lidando. E se ele realmente quer se casar com alguém da nossa família e eu me recuso, Prisha é apenas três anos mais nova do que eu. Não quero que Moolek pense na ideia de segurar a mão de Prisha.

— Ela é inocente em tudo isso, sim? Ela não sabe sobre você.

Ainda.

Ele inclina a cabeça para o lado como se estivesse avaliando minhas emoções, lendo-me. Tento não revelar nada, mas ele deve ter percebido o brilho de medo em meus olhos. Tenho segredos e agora ele sabe que eu tenho.

Marajá Moolek sacode as mãos para frente e grita um feitiço.

O que o sangue?

— *Simaraw!* — Grito, as mãos cruzadas e levantadas diante de mim. Uma fumaça verde exuberante sai das mãos de Moolek e forma uma parede de um metro entre nós. Meu escudo vermelho não faz nada para me salvar. A parede verde passa por ela como um fantasma e me lava. E então, nada – nenhuma dor, nenhuma ameaça física – se materializa. Não conheço o feitiço. A fumaça verde sobe e desaparece.

— Interessante — sussurra ele com um sorriso.

Meu escudo evapora.

— O que você fez? — Gaguejo incapaz de compreender completamente Maraja Moolek lançando contra mim em meu próprio templo. — Como você ousa, em um templo diante dos deuses...

— Existem tantos segredos dentro de você.





Aquele feitiço era...? Engasgo e tento me recuperar o melhor que posso.

— Tanto quanto qualquer adolescente supõe.

Ele zomba.

— Naupure conte-me tudo.

Ele não poderia. Ele *não* teria.

— Por que eu deveria acreditar em qualquer coisa que você diz? Você está roubando minha luz de fogo.

— Roubando a luz de fogo? Eu não deixaria essa abominação entrar em meu país, mesmo que você me pagasse. Pessoalmente, acho que é uma pequena invenção única, embora meu povo se revoltasse. Rajas estariam na minha garganta com o próprio conceito. Mas estou feliz que você o criou, minha querida. Isso me levou até você, ilustrou seu poder.

Dou um passo para trás, incapaz de entender o que ele está dizendo.

— Então você realmente está apenas roubando para arruinar Belwar?

— Você não está ouvindo? Não estou roubando. Você foi mal informada. Quem foi que te disse que eu era o responsável? Marajá Naupure tem certeza. O homem me odeia. — Marajá Moolek desvia o olhar e observa um monal bicando a grama. — É como se ele tivesse esquecido que Savi era minha irmã mais velha. Como se a morte dela não tivesse me destruído também.

Esqueço sempre a conexão de Marajá Naupure e Marajá Moolek. Mas independentemente disso, não pode ser de onde vem toda a animosidade. Dezenas de tratados e escaramuças ao longo dos anos. Magos mortos, assassinados. Não pode ser só por causa da mãe de Jatin. Isso é um estratagema. Este é o homem que está roubando minha luz de fogo. Eu não deveria confiar em nada do que ele diz. E, no entanto, uma vizinha sussurra:





Você não encontrou nenhuma prova de que a luz de fogo está sendo levada para Moolek.

Não, não, Marajá Moolek é praticamente mau. Marajá Naupure sempre disse...

Espere Marajá Naupure *sempre* dizia. Foi ele quem me indicou a direção de Moolek desde o início. Ele tinha todas as respostas. E ele tinha Beckman me observando. Mas Marajá Naupure é um amigo há mais de uma década. Não consigo pensar... Ele não poderia.

— Vejo que você está juntando as peças — diz Moolek.

— Não, não. *Você* está com medo da minha luz de fogo. Ninguém mais iria querer isso.

— Mas eu não. Não agora de qualquer maneira. Ainda tenho que convencer meu povo a parar de desperdiçar animais em derramamento de sangue ou parar de destruir nossos campos limitados. — Ele dá um passo à frente. — Mas com você me ajudando a liderar meu povo, prevejo um futuro próspero para Moolek, que desenvolve novos feitiços e abraça uma mudança há muito necessária.

Ele soa genuíno. Ele poderia ser tão magistral na manipulação? Nunca em minha vida desejei lançar um feitiço da verdade e prendê-lo nele.

— Por que você não enviaria vermelhos fortes para eu ensinar, então?

Ele suspira.

— Você sabe quantas centenas de magos e bruxas estão fugindo para Agsa e Naupure a cada ano? Estou perdendo membros talentosos da sociedade constantemente. Eu não tinha dinheiro para enviá-los. Além disso, os quatro fortes primários são homenageados em Moolek. Fazer com que um quarto deles partisse, mesmo para uma visita, seria visto como fraqueza. Quero mudar isso, no entanto. Acredite em mim, eu quero mudar isso acima de tudo.





Ele quer mudar a discriminação, o preconceito e a dor que aqueles que não são tocados pelos quatro deuses enfrentam todos os dias em sua terra? Eu quero tanto que isso seja verdade. Mas Marajá Moolek sabe disso?

Não consigo pensar em nenhuma resposta que doeria tanto quanto as dúvidas que fervilham na minha cabeça, correndo e martelando atrás dos meus olhos.

— Vou deixar você pensar sobre minha proposta, é claro...

— Não preciso de mais tempo. Não vou me casar com você.

— Porque você ama o menino Naupure?

Paro.

— Sim.

— Você hesitou Adraa. Você hesitou.

— Eu...

— Você ama outro alguém?

O rosto de Kalyan vem à mente.

— Não — voa da minha boca.

Moolek inclina a cabeça.

— Provavelmente é um guarda. Sempre parece ser um guarda. — Ele se aproxima ainda mais, mãos para cima em sinal de rendição. — Não tocaria em você, Adraa. Não até que você estivesse pronta. Mas como Rani Naupure você seria uma esposa, não uma líder. Uma família com tanta arrogância não deixaria uma mulher liderar. *Eu poderia.* Como Rani Moolek, você pode mudar o mundo. Toques com um braço são mais comuns lá do que você imagina. Minhas terras são o lar dos primeiros Tocados, os originais, e é comum que os deuses lutem por magos e bruxas lá. — Ele arregaça as duas mangas.





O que ele é...? Então o tecido escorrega. Suspiro e balanço para trás com a visão diante de mim. Marajá Moolek, seus braços... Ele é um Toque de um braço só. Seu braço direito está coberto de finos desenhos obscuros, enquanto o esquerdo está nu, um reflexo do meu.

— Htrae e Retaw, se você estiver interessada. É por isso que minhas terras enfrentam secas. Não sou cruel, Adraa. Sou como você.

— Nunca... Ninguém nunca me disse.

— Não é de conhecimento público nesta parte do mundo.

Mil perguntas zumbiam na minha cabeça. O pânico aumenta, mas o rosto de Kalyan ressurgue na lama do meu cérebro.

— Isso não muda minha decisão.

Moolek sussurra.

— Acredito que você vai se arrepender de ter rejeitado minha oferta.

Meu corpo fica tenso.

— Isso é uma ameaça?

— Apenas a verdade.

Ele acha que uma tática de intimidação como essa vai me fazer mudar de ideia? Vai me fazer querer casar com ele? Ele tem que estar fora de si. Ele se vira para ir embora, abaixando as mangas e caminhando em direção ao monal, que ainda procura uma refeição matinal.

— Está desperdiçada como marionete de Marajá Naupure.

— Não sou marionete de ninguém! — Grito atrás dele. E certamente nunca serei dele.

Ele para e meio que vira a cabeça.

— Você tem certeza sobre isso?

Caio no chão assim que ele sai ofegante. O que em Wickery era isso? A verdade? Mentiras bem ensaiadas e racionais? A necessidade desesperada de





falar com Kalyan me atinge como uma flecha. Apenas para falar adequadamente sobre isso, tenho que dizer a ele quem eu sou quem eu realmente sou.

Mas com Moolek aqui, propondo, ameaçando... Preciso contar a verdade a Kalyan e Jatin agora.

Quem primeiro? Kalyan. Definitivamente Kalyan. Ele é o único para quem eu tenho mentido esse tempo todo. Oh Deuses, ele vai me odiar. Não me importo tanto com Jatin, embora devesse. Tudo o que posso imaginar é a expressão nos olhos de Kalyan. Sangue é como se eu fosse transformá-lo em Jatin, tornando-o insensível e frio.

Antes mesmo que eu perceba, as lágrimas rolam pelo meu rosto e eu estou chorando.





CAPITULO VINTE E NOVE

DESCOBRINDO A VERDADE

ADRAA

— Com licença?

O jovem olha para cima de limpar seus sapatos e seus olhos se arregalam quando ele me observa.

— Ei, você é aquela garota, aquela que fez arco-íris semanas atrás! Ganhei uma moeda de ouro naquele dia, então obrigado por, você sabe perder.

Não tenho tempo para isso.

— Ótimo para você. Estou procurando Kalyan. Você sabe onde ele está?

— O guarda de Raja Jatin?

— Sim.

— Ah, acho que ele está consertando algumas espadas. — Ele aponta para um corredor. — Primeira à direita.

— Obrigada.

— Sim, hum, a qualquer hora. Ei, me diga da próxima vez que você vai lutar... — Sua voz desaparece enquanto eu me afasto e não me importo o suficiente para tentar ouvir.

A primeira porta à direita está fechada, mas é melhor me meter em encrenca do que vagar por este lugar para sempre. Abro a porta e quatro





homens torcem. Todos os ruídos e sorrisos caem. Antecipo as palavras antes de ouvi-las. Isso vai ser horrível.

— O que você está fazendo aqui, garota?

Suspiro. Como alguma das guardas aqui não estrangula alguns desses homens?

— Estou procurando por Kalyan.

— Kalyan? — o guarda diz o nome surpreso, soando como se nunca soubesse que aquelas cartas poderiam ser organizadas dessa maneira.

— Sim. — Enquanto ele luta com seu interrogatório, o homem mais jovem ao lado dele chama para a área adjacente.

Um mago alto levanta a cortina e irrompe na sala.

— Já consegui — diz ele, apontando para uma espada na mão. Fico rígida. É Jatin, ficar parado assim não tem nada de peculiar. Como afiar uma espada ou alinhar um punho não é grande coisa. *Escapar!* Eu procuro por isso.

O sujeito mais jovem, que chamou por Kalyan, acena para indicar minha presença.

— Você tem...

Jatin se vira para mim e com um olhar seu rosto cai.

— Oh, Deuses.

Não é um feliz *Oh Deuses*. Não, esse *Oh Deuses* é uma derrota resignada. Ele não pode saber quem eu sou, pode? E ele ficaria tão chateado por finalmente me conhecer? Eu o tinha identificado o tempo todo: arrogante e frio.

— Estou procurando por Kalyan. — Talvez eu possa salvar isso e depois escapar.





— Este é Kalyan. — O jovem gesticula, tão ansioso para ajudar, mas sentindo falta do calafrio de tensão tomando conta da sala.

A cabeça de Jatin cai e ele a sacode.

— Oh, Deuses.

— Kal, que é... — Sem erguer os olhos, Jatin levanta a mão para o jovem. — Apenas pare de falar, Mulm.

Sim, pare. Pare tudo. Preciso entender. Mas está tudo muito claro, não é? Minha cabeça gira. *Não acho que ele seja o que diz*, dissera Riya. Dois homens em uma carruagem real, um usando o emblema de Naupure, e o outro... O outro um simples guarda. Ele me carregou nos braços, fez nevar no ringue de luta subterrâneo e é meu parceiro há semanas. O homem diante de mim não é Jatin Naupure.

Nunca fui tão pega de surpresa na minha vida. Meu corpo não gosta disso. Meus pulmões se expandem, mas não conseguem segurar o ar. Meus joelhos se travam de maneira indelicada. É como uma explosão de esgotamento subindo pela minha espinha. Espadas se alinham na parede em fileiras perfeitas. Pedacos de metal retorcido estão espalhados em uma mesa de trabalho. Sei com qual dos dois me pareço.

— O que há de *errado* com ela? — um dos homens sussurra.

Não posso ficar aqui. Marajá Naupure. Raja Jatin. Eles estavam nisso juntos o tempo todo? Não consigo olhar para ele; qualquer lugar menos ele. Preciso pensar reorganizar... Tudo. Tropeço para trás, meu pé pegando um banquinho de vime, que bate no chão. Estremeço com o som e então me viro.

— Espere! — Kalyan, ou qualquer que seja o nome dele, grita atrás de mim.

Corro pelo corredor. Não sei se estou lançando velocidade em meus músculos até que esteja na metade do campo de treinamento. A luz do sol me





envolve, um leve vento de outono empurra meu cabelo do meu rosto, e ainda assim estou entorpecida. Minha realidade, a verdade, tudo está oscilando diante de mim. Primeiro Marajá Naupure pode ter me traído, e agora isso. Paro no meio do caminho, olhando para o palácio. Deuses estou com oito anos de novo, com medo dessa estrutura enorme e do menino que mora aqui. Onde diabos eu estou correndo de qualquer maneira? Preciso...

Zás! Algo bate forte no meu ombro e eu giro e caio na terra. Tento me segurar. Em vez disso, a dor me cumprimenta, cortando meu braço. O perpetrador volumoso cai em cima de mim, enterrando ainda mais meu pulso na terra. Um momento depois, ele rola, gemendo.

— Não esperava que você parasse.

Giro e encontro Kalyan no chão ao meu lado.

— Que sangue? — Grito enquanto aperto meu pulso e sufoco a dor. Deus dói. De todas as minhas quedas e pancadas, foi aí que eu posso ter quebrado alguma coisa? Pelo amor de sangue.

— Você está bem? — Kalyan pergunta, sua respiração ainda trêmula como se ele ainda não tivesse se recuperado.

Luto para me levantar. Não posso fazer isso. Eu não quero falar com ele. Meu corpo, mesmo com dor, ainda quer fugir.

— Você está falando sério? — ele rosna enquanto estende a mão para mim. — Você vai continuar correndo?

Ele tenta agarrar meu braço enquanto eu saio do caminho. Ele consegue capturar meu sari. Com um puxão eu caio de lado e contra seu peito. Sangue, ele é forte. Instintivamente, empurro meu cotovelo para trás. Ele se conecta com suas costelas com força; mais forte do que eu pretendia.





Respira fundo, mas não solta. Em vez disso, seu aperto se intensifica e ele usa o impulso para rolar para trás, torcer e me puxar com ele. Um momento depois, ele está em cima de mim, me segurando.

— Apenas me ouça. Não vou ser demitido por causa desse ridículo.

Continuo. O que diabos ele pensa que está fazendo? Ele sabe quem eu sou? Ele deve perseguir-me como ele fez. Jatin e Kalyan devem ter planejado isso desde o início. A troca deles foi um truque.

Ele está em cima de mim. Em cima de mim no meio do campo de treinamento de Naupure.

Seu peito sobe e desce conforme a adrenalina diminui. Faço uma pausa no feitiço que tenho pronto para explodi-lo, esperando para ver quando ele percebe a posição precária em que nos colocou. Mas então meu pulso lateja por atenção.

— Você está me machucando.

Meu sussurro coloca lhe dá algum sentido. Ele balança, solta seu aperto e cai para o lado. Posso dizer que ele está chocado. É como se meu golpe em seu estômago estimulasse o sistema de defesa primitivo nele - uma ameaça calma. Só agora ele percebe a “ameaça” sobre a qual usou sua força física. Pelo olhar arregalado que ele está me dando, acho que o quebrei.

Rolo meu pulso, flexionando contra a dor. Com base na falta de inchaço, acho que é apenas uma entorse.

— *Mahlæh*, — lanço quando finalmente me levanto.

Olho para as paredes do palácio. Pelo menos a dor parou meu cérebro tempo suficiente para eu pensar. Tropeço dez passos antes de olhar para o guarda. Deuses, eles são tão parecidos. Viro-me.

— Suas costelas estão bem?





Seus olhos se erguem para mim; ele provavelmente está surpreso por eu ter decidido ficar por aqui. Ei, também estou surpresa. Mas se eu não obtiver minhas respostas agora, quem sabe quando as receberei. E acho que não conseguiria enfrentar Jatin, o verdadeiro Jatin, de qualquer maneira. Deuses é difícil entender isso. O verdadeiro Jatin, meu noivo, e o homem que está mentindo para mim há semanas.

— *Você está bem?* — ele pergunta.

— Meu pulso está bem, se é isso que você está perguntando.

— Apenas... Parcialmente. Desculpe-me por... — Ele cora. Bom, eu o perturbei. Talvez ele me dê às respostas de que preciso tão desesperadamente.

— Se quiser falar, fale. *Seu* nome é Kalyan, certo?

— Sim, minha Rani.

— Não me chame de “Minha Rani”. Alguns minutos atrás pensei que estava noiva de você! — Encaro-o de frente. Sim, eles são muito parecidos, mas esse menino parece mais novo que Jatin, talvez até mais novo que eu. — Quantos anos você tem?

— Dezesseis.

Dezesseis? E ele é o guarda de Raja Jatin? Teria Marajá Naupure revelado seu plano a alguém tão jovem e inexperiente ou Jatin e seu pai teriam ordenado a este guarda que cumprisse suas ordens? Apenas uma maneira de saber com certeza.

— Por que você trocaria de lugar com ele? O que você tem a ganhar?

Seus olhos se movem.

— Provavelmente deveríamos conversar em outro lugar. — Bom ponto. Afinal, ainda estamos no meio do campo de treinamento.





Caminhamos para o quartel porque tenho certeza de que não entraremos no palácio. Mas o quartel está cheio de guardas, na verdade transbordando.

— O único lugar que sei que está vazio é meu quarto — diz Kalyan.

— Está bem então. — Gesticulo.

— Não deveríamos estar lá sozinhos. As pessoas vão pensar...

— Depois de tudo isso, você está *tão* preocupado com a minha reputação?

Ele concorda.

— Minha também. Você percebe quem você é certo?

Isso está ficando irritante.

— Sim, eu sei, então não me faça dar o discurso — um dia eu estarei no comando.

Relutantemente, ele me conduz pelo corredor, abaixando a cabeça cada vez que passamos por outro guarda. Quase ninguém sequer olha em nossa direção, no entanto. Ele superestima seriamente a frequência com que as pessoas prestam atenção. Esconder-se à vista de todos é estratégico por um motivo.

Ele me leva para o quarto mais simples da história. Uma cama arrumada e uma escrivaninha limpa ficam em um quarto em forma de caixa, que mal pode ser descrito como um espaço de convivência. É um armário. Cortinas azuis vibrantes com o brasão Naupure sopram em nossa direção quando entramos. Certo é um armário com uma janela.

É tão diferente da minha memória do quarto de Jatin aos oito anos.

— Está muito limpo.

— Não preciso de muito.





Vejo Kalyan esfregando as costelas novamente enquanto ele se senta no chão.

— Tem certeza que não quer que eu conserte isso? — Pergunto.

Levanta a mão de suas costelas.

— É só um arranhão. — Ele me encara. — Sempre achei que Jatin estava exagerando quando disse que você deu um soco na cara dele na primeira vez que se encontraram.

— Ele *estava* exagerando. Na melhor das hipóteses, foi um tapa.

— Uh-huh, claro.

— Foi Marajá Naupure quem elaborou o plano para vocês dois trocarem de lugar?

Ele dá de ombros.

— Está na descrição do meu trabalho. Quando viajamos, me visto como um Rajá de Naupure para proteger Jatin. Mas esta situação com você... Bem, esta situação está confusa, se você me perguntar.

Entendo. Ele personifica Jatin. Se Belwarianos idolatravam seus herdeiros, meu pai provavelmente teria desejado o mesmo para mim também, embora fosse difícil igualar meu tom de pele escura por causa da Ilha Pire em mim.

— Então Naupure não sabe de nada disso?

— Não, nada — diz Kalyan.

Isso não significa que Marajá Naupure não contou a Moolek sobre a Mulher Vermelha ou tentou me fazer investigar Moolek o tempo todo em vez de... Ele.

— Então, na carruagem, você estava... — Aponto para suas roupas.





— Eu estava fazendo meu trabalho, protegendo Jatin. Ambos pensamos que você era uma plebeia, como um quatro, no máximo, esgotada em um ato de heroísmo.

— Um quatro? Pshh, eu deveria estar ofendida. Isso foi uma intensa magia laranja. Então Jatin não sabia?

— Não, nenhum de nós sequer adivinhou.

— Então, quando ele descobriu?

— Acredito que foi na noite em que vocês lutaram contra aquele navio cheio de Vencrin. Tentei lhe dizer que isso era ridículo. Acredite-me nisso.

Jatin conhecia minha identidade há semanas. *Por semanas.* Tento entender Jatin como o conheço agora em comparação com aquela época e em suas cartas. Sangue, ele mudou. E, no entanto, de certa forma, ele não mudou nada. Deveria ter imaginado que seu sorriso arrogante e seu elenco magistral só poderiam pertencer a um Raja. Mas ele era tão... Gentil. O completo oposto de insensibilidade. O Jatin que eu conhecia não teria feito parceria comigo, não teria seguido minha liderança nas lutas e definitivamente não teria preparado uma poção para minhas cólicas a menos que houvesse uma maneira de me provocar ou humilhar no final. Ele sempre quis ser melhor do que eu, certo? Ele nunca poderia nos considerar iguais. E, no entanto, ele considerou o que significa que eu entendi meu noivo de forma totalmente errada.

Mesmo este guarda, Kalyan, não me trata como igual. E não foi isso que achei mais atraente no homem por quem me apaixonei? Ele me via apenas como igual, sua parceira.

— Mas por que Jatin não me contou?

— A verdade?





— Não, eu quero que você não minta para mim de novo, pelo menos por alguns meses.

— Desculpe, quis dizer se você tem certeza de que quer ouvir isso de mim.

Isso me faz parar. Era um jogo, então, um truque?

— Preciso ouvi-lo.

— Bem, Jatin. Bem, você sabe que ele... — Kalyan olha para mim e franze a testa. — Jatin sabia que você o odiava. Vocês dois estão competindo há anos. Vi algumas das cartas. — Ele dá de ombros. — Por mais inacreditável que pareça, ele estava tentando mudar isso. Tentando fazer com que você fosse... Amiga dele.

— Ele estava tentando ser meu amigo? — *Isso foi tudo?*

Vou até a cadeira da escrivaninha e desabo nela. Agora estou brava porque essa explicação meio que fazia sentido. Se eu tivesse conhecido o verdadeiro Jatin no começo, poderia tê-lo odiado, apenas por despeito.

Tentáculos vermelhos de magia flutuam de meus braços, flutuando no ar sem nenhuma diretriz enquanto minhas emoções fervilham. Volto ao mais simples dos absolutos para tentar reordenar tudo o que sei. Este homem alto é um guarda; o homem que amo, que me quer apenas como amiga, é Jatin. Senti-me péssima nas últimas semanas. Jatin me fazia pensar que estava traindo cada vez que me apaixonava um pouco mais por ele. Mas ele me queria apenas como amiga, uma parceira. E fui eu que disse o tempo todo parceiros, nada mais. *Deuses, eu sou tão ignorante.*

— Posso te perguntar uma coisa que eu estava pensando? — Kalyan pergunta, quebrando meus pensamentos furiosos.

— O quê?





— Por que tanto segredo de sua parte? Por que você não nos disse na carruagem que você era Adraa?

Por instinto, quero dizer que não é da conta dele, mas as palavras param na minha garganta. Suspiro, tentando processar todas as minhas horríveis decisões desde então. Houve tantas.

— Na carruagem, fiquei envergonhada. Depois, bom, depois eu quis manter nossa parceria. Pensei que ele era apenas um guarda. E uma vez que ele soubesse a verdade, pensei que ele iria olhar para mim como... — Tento encontrar uma descrição adequada. — Mais ou menos como você olhou para mim desde que entrei no quartel.

Kalyan se vira desajeitadamente. Isso é exatamente o que eu quis dizer. Deuses sou mais do que um braço danificado, um rosto bonito ou a herdeira do trono. Sou ainda mais do que a inventora da luz de fogo, a Mulher Vermelha ou Jaya Fumaça.

— Nunca odiei profundamente Jatin, você sabe. Só não queria me casar com ele. Ele era tão... Irritante.

— Ainda é — Kalyan diz um pequeno sorriso brincando em seus lábios.

— Onde ele está? — Ele e eu precisamos conversar. Sobre Moolek. Sobre tudo.

— Provavelmente no escritório de seu pai.

O escritório de seu pai. Essas palavras me atingiram. Vou para a porta.

— Adraa?

Viro-me, mas estou ansiosa para correr.

— Ele é a melhor pessoa que conheço. Eu faria qualquer coisa por ele, até mesmo ajudá-lo em sua estranha missão de ser normal. — Kalyan levanta uma perna da calça para revelar a magia branco-acinzentada presa ao joelho e lentamente se agitando na forma de um bezerro. — Devo-lhe minha vida.





Por um momento, tudo o que compreendo é o quão intrincado e precisa é a magia roxa. Então algo clica em meu cérebro. Lembro-me da carta, Jatin falando sem parar sobre como ajudou a procurar pessoas depois de uma monção, como encontrou um menino preso em uma casa, como tiveram que amputar sua perna. Havia esquecido o nome do garoto ao longo dos anos porque estava muito focada em quanto Jatin havia se provado em Agsa, o quanto ele estava me derrotando naquela época.

— A monção da Baía Sul, — eu sussurro.

Kalyan assente.

— Você tem o direito de estar brava. Apenas... Apenas ouça-o, está bem?

Volto para o quarto. Aqui estou eu, querendo ser vista como mais do que uma Rani, e ainda não me desculpei por ver Jatin como nada mais do que um homem insensível. Claro que eu estaria errada sobre isso também.

— Julguei-o mal, peço desculpas.

Ele ri levemente.

— Porque você pensou que eu era Jatin, certo?

— Parcialmente. Bem, principalmente.

— Pelo menos no final posso dizer que estava certo.



Como na maioria das vezes que entrei no palácio, encontrei Hughes me dando um olhar desanimador.

— Vou falar com meu noivo. Não me anuncie.

Os olhos de Hughes se estreitam, mas ele não se mexe enquanto eu subo a escada e corro pelo corredor.





Abro a porta sem pensar. Pelo que parece ser a vigésima vez hoje, estou assustada. Lá dentro, Marajá Naupure e Jatin estão sentados lado a lado, absortos na papelada. Ambos param imediatamente na minha entrada, cadeiras rangendo, papéis caindo no chão. Não esperava encontrar Marajá Naupure aqui. Mas claro, *claro*, ele está em casa se Maraja Moolek está nos agraciando com sua horrível presença no Palácio Belwar.

Pura surpresa espirra no rosto de Jatin, enquanto um sorriso ardente surge nos lábios de Marajá Naupure. Normalmente eu retribuiria seu sorriso. Mas não sei se posso mais confiar nele. Todas as minhas dúvidas vêm à tona. Ele poderia estar roubando minha luz do fogo? Uma voz sussurra que *sim*.

— Nem bate mais à porta, — diz Marajá Naupure, com um olhar compreensivo para Jatin. Ele *acha* que estou familiarizado com seu filho. Ah, se ele soubesse.

— Desculpe, espero não estar interrompendo um momento pai-filho.

Jatin suspira forte o suficiente para eu ouvir.

— Kalyan me disse onde posso encontrá-lo — acrescento.

Jatin dá um passo à frente, mas eu o detenho com a mão.

Marajá Naupure olha entre nós.

— Vocês *ainda estão* brigando depois de todos esses anos?

— Você poderia dizer isso.





CAPITULO TRINTA

LUTANDO PELO PERDAO

JATIN

A princípio, fiquei surpreso ao ouvir a porta se abrir. Não houve uma batida e nenhum dos criados ousaria entrar sem avisar. Então Adraa intervém e meu coração sorri e desmorona em um período de dois segundos. Como isso aconteceu? Como tudo deu tão errado tão rápido?

Esperava contar-lhe a qualquer momento, mas em todos os cenários que passei pela minha cabeça, nunca a imaginei tão brava. Não quando me expliquei, não quando compartilhamos tanto nas últimas semanas.

Tenho que dizer algo. Depois de todas essas semanas mentindo, preciso dizer uma coisa.

Como sempre, meu pai chega antes de mim.

— Vocês *ainda estão* brigando depois de todos esses anos?

— Você poderia dizer isso — responde Adraa. — E eu poderia te contar sobre isso. Ou você pode me dizer por que não encontrei nenhuma prova de que Marajá Moolek tenha roubado minha luz de fogo.

Ela está falando sério? Vamos falar sobre o Projeto Fumaça agora, em vez do fato de que ela sabe quem eu sou?

Aproximo-me dela.

— Adraa, precisamos conversar.

Seus olhos cortam em mim.

— Agora não.





Meu pai interrompe nosso impasse.

— Jatin me disse que vocês dois ainda não encontraram provas. Existe a possibilidade de não ser Moolek fazendo com que o Vencrin roube a luz de fogo. Talvez seja apenas o Vencrin.

— Só o Vencrin? — Adraa diz sua voz dura. O que está acontecendo com ela? Ela está usando sua voz de interrogatório.

— Adraa, o que há de errado? — meu pai pergunta. Acho que ele pode sentir isso também.

— Tive uma conversa com Marajá Moolek esta manhã.

Sangue. Adraa teve que lidar com Maharaja Moolek e descobrir que eu estava mentindo no mesmo dia. Agora acho que entendo a raiva dela.

— Você está bem? — Pergunto.

Ela olha entre meu pai e eu.

— Não, eu não estou bem. Marajá Moolek, ele... Ele argumentou fortemente que não era responsável por roubar a luz do meu fogo.

— Ele pode estar mentindo — eu protesto.

Seus olhos perfuraram os meus.

— Sim, você nunca sabe quando alguém está mentindo.

Minha garganta fica seca.

Adraa se aproxima de meu pai.

— Você... Você criou o Projeto Fumaça comigo. Você suspeitou de Moolek desde o início. Você me ajudou a garantir Basu como distribuidor. Você plantou Beckman no Subterrâneo. Você estava me manipulando o tempo todo?

— Beckman? Adraa, claro que não.

— Então, para onde está indo a luz do meu fogo? — ela grita.





Não suporto vê-la tão magoada. Estendo a mão para ela e coloco a mão em seu ombro.

— Nós o encontraremos. Nós vamos descobrir isso.

Ela dá de ombros para tirar minha mão.

— Não me toque.

Estremeço.

— Adraa, por favor. Deixe-me explicar.

— Marajá Moolek também propôs. Ele quer que eu ajude a tornar Moolek um lugar melhor, — Adraa diz apressadamente.

Não sei se ouvi direito. Moolek... propôs que quer se casar com a garota por quem estou loucamente apaixonado. Meu estômago cai. Sinto que estou sendo esfaqueado. *O que diabos está acontecendo?*

— O quê? — meu pai pergunta. — Ele fez o quê?

— Ele me pediu em casamento. Você sabe o que é um casamento. Até consultei meus pais sobre isso.

— Ele tem quase o dobro da sua idade.

Descongelou, pisando perto dela. Preciso consertar isso, imediatamente.

— *Precisamos* conversar.

— Isto é mais importante. — Adraa gira de volta para meu pai. — Quero saber por que você teria contado a Moolek. Por que você contaria a ele sobre o Projeto Fumaça quando ele era nosso principal suspeito?

— Não lhe disse nada.

Acredito no meu pai. Nada em suas cartas sugeria que ele teria mencionado o Projeto Fumaça.

A raiva de Adraa cai.

— Então... Oh Deuses, é minha culpa? Ele lançou esse feitiço sobre mim e...





Os olhos do meu pai brilham.

— Que tipo de feitiço? Isso te machucou?

— É... Eu não sei qual era o feitiço. Achei que poderia ter sido para ler minha mente ou revelar meus segredos, mas... — Ela olha entre nós dois. — Oh meus deuses. Há uma pequena voz dentro da minha cabeça me dizendo que não posso confiar em vocês. Que Moolek está certo.

— Vai desaparecer logo — meu pai a tranquiliza.

Viro-me para ele.

— O que foi isso? O que ele fez com ela?

— É um complexo feitiço de magia obscura. Isso torna a pessoa suscetível à manipulação. Ele costumava usar isso contra sua mãe o tempo todo quando eles eram mais jovens. Nesse caso, Adraa pode ser convencida a acreditar que Moolek não é o responsável pela falta de luz de fogo e começar a suspeitar de mim. — Ele faz uma pausa. — E convencê-la a aceitar sua proposta de casamento também.

Adraa agarra sua cabeça.

— Deuses, eu não sei mais o que pensar.

Mais facilmente convencida a aceitar seu...

— Você fez? Adraa, você concordou em se casar com ele?

— Eu... Eu recusei. Ele ficou chateado com isso, mas eu fui capaz de dizer não.

Todo o meu corpo relaxa. Eu sabia. Graças aos deuses. Ela é mais forte que ele.

— Bem, o feitiço não controla as pessoas, — meu pai esclarece. — Entender e saber que foi colocado em você tornará isso mais fácil.

Adraa finalmente se vira para mim.

— Nós deveríamos conversar.





Uma mistura de alívio e pavor revira meu estômago. Acho que os próximos cinco minutos definirão minha vida e minha felicidade.



Levo Adraa ao meu quarto. Assim que a porta se fecha, estendo minhas mãos em sinal de rendição.

— Escute...

Ela interrompe antes que eu possa dizer mais.

— Só quero saber uma coisa. Você estava tentando ser meu amigo esse tempo todo? Ou tudo isso foi outra maneira de você mexer comigo?

— Sim. Quero dizer, não, claro que não. — As palavras torcem na minha língua. Por dizer que ela só queria saber uma coisa com certeza soava como duas perguntas com respostas muito diferentes. Sangue, não era assim que minha confissão deveria ser. — *Nunca* estive brincando com você.

As perguntas que fiz após minha descoberta voltam à minha memória. Sempre que brincávamos um com o outro. *Então me diga o que você acha de Jatin Naupure?* Isso conta?

Ela não acredita em mim. Posso ver isso em seu rosto. Talvez essas perguntas contem. Sou um completo idiota. Abro minha boca para lhe dizer isso.

— Você deveria estar feliz sabendo que ganhou — ela zomba, e então se dirige para a porta.

Entro em pânico, meu corpo correndo com energia. Deuses, ela está tão errada. Se ela não estiver na minha vida, estarei perdendo, perdendo tudo. Ela não pode fugir sem que eu pelo menos explique meus motivos e por que menti.





— *Bhitti Himadloc!* — Grito em pânico. Conforme o feitiço se solta de minhas mãos, eu já sei que é um erro. O branco se condensa em gelo na frente de Adraa e estala quando surge e envolve minha porta. É errado prendê-la assim, mas uma pequena parte de mim grita com a vitória. Eu a fiz parar; talvez ela ouça agora.

— Você está falando sério? — ela pergunta, girando ao redor.

— Por favor, fale comigo.

— Não vou enquanto estiver presa. *Gharmaerif!* — Ela grita. Uma barra de luz vermelha dança na minha parede de gelo. Por um momento eu estou assustado em diversão. Ela realmente vai tentar derretê-lo?

— Por que você é um idiota tão sangrento? — ela grita.

— Acho que não devo responder a isso.

Ela responde com outro feitiço de fogo. O gelo derretido pinga no chão.

— Você só está dizendo isso depois de saber quem eu sou não é? — Seu *Não me toque* ainda soa em meus ouvidos. Depois de todo esse tempo, não mudei a percepção que ela tinha de mim. Ainda sou o insensato garoto de nove anos que era muito competitivo e cheio de si. Fui um tolo em pensar que Adraa Belwar poderia me amar. — É por isso que eu menti. Queria que você conhecesse o meu verdadeiro eu, assim como eu queria conhecer o seu verdadeiro eu. Pelo menos antes de um de nós socar o outro na cara.

Ela para, baixando o olhar, parando de lançar. Ela não se vira.

— Por favor, lembre-se de que você mentiu também. Quando nos conhecemos, você era Jaya Fumaça, não Adraa Belwar.

Isso chama a atenção dela.

— Sou ambas — diz ela, seus olhos encontrando os meus. — E se você não pode ver isso...





— Sim, você é ambas e ainda convenientemente você nunca me disse que era da realeza. Você me levou a acreditar que era apenas outra cidadã de Belwar, *serva de Adraa*, na verdade.

— E você me levou a acreditar que você era um guarda, o guarda de Jatin.

Paramos, olhando um para o outro.

— Acho que somos iguais, então, — cedi.

As duras linhas de sua raiva se dissolvem um pouco.

— O que você disse?

— Que somos iguais. Nós dois...

Ela olha além de mim para as prateleiras de livros esfarrapados e meus orbes de magia, sua luz refletindo na nova porta de gelo reflexiva.

— Você realmente acredita nisso? Você, que no primeiro dia alegou que eu nem era uma bruxa?

Claro, ela iria trazer isso à tona. Tudo se resume a isso.

— Adraa, eu tinha nove anos. Lamento isso mais do que você pode imaginar. Você acha que eu não sei o quão poderosa você é?

Não consigo ler a expressão dela. Confusão talvez?

— *Gharmaerif!* — ela grita, e o vermelho ilumina todo o quarto.

Estendo a mão e paro seu braço antes que ela banhe meu quarto com água.

— Adraa, pare. Você precisa quebrar o gelo com magia branca. Você não pode simplesmente aquecê-lo. Ou, bem, eu acho que você pode. Mas vai levar o dia todo.

Ela puxa o braço e bate na parede mais uma vez antes de se virar para mim.

— Eu... Eu não posso fazer isso.





Ela não pode fazer o quê? Suporta a ideia de se casar comigo?

— Sou realmente tão horrível? — Sussurro.

Ela aponta para a porta.

— Quero dizer, não posso quebrá-lo.

— Oh.

Cuidadosamente, eu me aproximo. Quando ela não protesta, dou outro passo. Eu coloco uma mão na placa de gelo.

— Sinto muito — digo — *Hima Diavadloc*, — lancei. O gelo racha lentamente em torno de meus dedos e depois se estilhaça para fora. O gelo cai no chão, estilhaçando-se e rachando como uma pequena réplica da porta de gelo do andar de baixo. Não olho para ela, porém, porque Adraa está olhando para mim e eu para ela. Ela está especialmente bonita agora: rosto corado, fios de cabelo caindo de sua trança, força e teimosia irradiando dela enquanto ela respira pesadamente.

— Se você quiser sair, você pode — digo.

Ela não se move.

— Você não é horrível.

— Mas você está...? — Não posso nem dizer isso. — Você consideraria a oferta de Moolek?

— Não.

— Então você não...

— Claro que não. Deuses, Jatin, eu gosto de *você*!

O mundo para, o maldito mundo inteiro. Adraa olha para as mãos, esfregando-as.

— Compreendo que você não sente o mesmo. Mas em algum lugar disso tudo, mesmo em meio a todas as nossas mentiras, eu me apaixonei por você.





Tudo se eleva, gira, rodopia. Meu coração bate tão alto que martela em meus ouvidos. Ela me ama?

— O que você quer dizer com eu não sinto o mesmo? Adraa...

— Kalyan me disse que você mentiu para acabar com nossas discussões e competitividade para que pudéssemos nos tornar amigos.

Pelo amor de sangue. Kalyan é um homem morto. Nunca vou deixá-lo viver isso. Só amigos?

— Adraa, eu te amo desde... Não consigo nem identificar, talvez desde que te conheci.

— O quê?

— Eu te amo.

Não sei por quanto tempo nos encaramos em silêncio. Num momento nossos olhos estão fixos, e no próximo são nossos lábios. Não consigo nem dizer quem se mexeu primeiro, mas assim que começo a beijá-la, não quero mais parar. Empurro-a contra a porta, uma mão alcançando seu cabelo, a outra em sua cintura, puxando-a para mais perto de mim. Deuses, como eu esperei por isso, para senti-la pressionada contra mim. E sangue, como ela se sente. Seus braços envolvem minha cintura e suas mãos puxam minha kurta. Gemo. Adraa geme baixinho de volta. É o som mais atraente que já ouvi. E pensar que ela está tão desfeita quanto eu.

Ela cheira a ar da montanha. Como cada carta que corri para abrir. Sua pele é macia, seu cabelo é grosso e eu posso beijá-la.

— É assim que devemos terminar todas as discussões que temos a partir de agora, — sussurro, recuperando o fôlego.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— É melhor não termos outra discussão como esta.





— Você tem razão. Vamos recomeçar. Sem mentiras. — Coloco algumas mechas de seu cabelo ondulado atrás das orelhas. — Sou Jatin Naupure e não sou um assassino ou um amante.

— Você está tentando me lembrar de todas as coisas embaraçosas que já lhe disse?

— Bem, elas me fizeram conhecer seu problema de divagar e suas constantes implicações de como você poderia me matar. — Sorrio.

— É para sua segurança. Você é mais descuidado e sujeito a acidentes do que eu.

— Isso não é verdade.

Ela toca meu ombro, bem onde o rasguei, minha mandíbula, a cicatriz ao longo do meu torso daquela noite no telhado.

— Pensei que não íamos mencionar isso? — Sussurro.

Ela sorri enquanto coloca a mão em concha na minha bochecha e eu a puxo para mim, beijando-a novamente. E ela me beija de volta. Ela me beija de volta.





CAPITULO TRINTA E UM

PRESOS ENTRE A VERDADE E A MENTIRA

ØDRAA

Não acho que eu poderia voltar aos meus sentidos. Beijar Jatin... É como tentar descrever a pura felicidade ou a sensação de calor. Seu peito é leve e pesado ao mesmo tempo. Você pode sentir cada lufada de ar e ela é rica e envolvente. Soou mais alto de alguma forma, mais forte.

Mas então um nome nos joga de volta à realidade. Marajá Moolek.

É como se Jatin pudesse ler minha mente, porque nós dois alcançamos nossos planadores ao mesmo tempo.

— Você tem um plano? Ou estamos apenas invadindo o palácio? —
Pergunta enquanto descemos as escadas.

Olho para ele.

— É o meu palácio.

— É justo, mas é de Moolek que estamos falando.

— Nós o questionamos sem sermos manipulados ou mortos.

Jatin desembainha seu planador e ele brilha em branco.

— Esse é o pior plano que você já teve.

Franzo a testa.

— Eu sei. Talvez pensemos em algo melhor enquanto voamos.





Não pensamos em nada melhor. Mas não invadimos exatamente o palácio. Abri as portas da sala do trono apenas para encontrá-la deserta.

Jatin olha para as paredes de pedra laranja adornadas com o sol de nove pontas de Belwar brilhando com a luz da tarde. Com a sala vazia, aquele sol parece agouroento. Como o semicírculo ascendente também pode estar se pondo.

— Esta é uma recepção calorosa.

Uma cortina do outro lado do corredor se move, revelando Prisha.

— Adraa! Aí está você. Estava preocupada e não sabia o que dizer... — Prisha para quando vê Jatin.

— Prisha, aqui é Jatin Naupure. — Avanço apressadamente pela introdução.

— Jatin Naupure! — Seus olhos se arregalam enquanto ela o olha de cima a baixo. Sua boca faz aquela torção travessa. — Pensei que você fosse mais alto.

— E, Jatin, esta é minha rude irmãzinha, Prisha Belwar.

— Vejo a semelhança — diz ele enquanto lhe dá seus respeitos.

— Ei — Prisha e eu dizemos ao mesmo tempo. Depois de trocarmos um olhar eu rio. Ela me examina como se eu tivesse perdido. Mas é Jatin me provocando, o menino que cheira a geada e tem gosto de felicidade.

— Prisha, você sabe onde Maraja Moolek está? — Pergunto quando finalmente me acalmo.

— Ele se foi. Ele saiu logo depois de falar com você no templo.

— Foi para onde? — Jatin pergunta.

Prisha dá de ombros.

— Não sei. Não sou estúpida o suficiente para segui-lo.





Acho que não precisávamos de um plano melhor. Não há plano agora. Dirijo-me a Jatin.

— Você acha que ele veio aqui para me manipular? Tive certeza de que havia segundas intenções, como levar o carregamento da luz de fogo ou algo assim. Não sou importante o suficiente para merecer uma visita inteira como esta.

— Você é a criadora da luz de fogo, a única criadora. Se ele está roubando, você é importante o suficiente. Você é mais importante.

— Mas como vamos encontrá-lo?

Prisha dá um passo à frente.

— O que está acontecendo?

Praticamente tinha me esquecido dela. E quando abro a boca para mentir, algo surge nos olhos de Prisha e ela pula, acenando com as mãos.

— Espere, Oh meus Deuses. Hiren me disse que a Mulher Vermelha estava atrás de Bloodlurst e achei que isso parecia errado, mas... Vocês... Vocês dois são... *Você é a Vermelha...*

Enquanto eu avanço em direção à minha irmã e coloco minha mão sobre sua boca, nossa mãe vira a esquina.

— Prisha! Eu precisava daquela ovelha kemp três minutos atrás.

— Vou explicar mais tarde. *Não* diga nada — sussurro antes de liberar Prisha.

Minha mãe para de repente. O cheiro de vegetais cozidos no vapor nos atinge antes que ela se afaste. Imagino a poção na qual ela está trabalhando retroativamente.

— Adraa, aí está você. Preciso que você... — Minha mãe finalmente percebe Jatin.

— Olá.





Tudo em que consigo pensar enquanto minha mãe fala é em Prisha, que guarda na garganta o maior segredo da minha vida.

— Oh, hum, bem, este é...

— Jatin Naupure! — Jatin exclama com dois dedos no pescoço e uma reverência.

Os olhos de minha mãe giram e depois se iluminam.

— Jatin. É tão bom te encontrar de novo. — Ela estende o antebraço e ele pressiona o dele contra ele.

— É muito bom encontrá-la — diz Jatin com um sorriso.

— Desculpe, mas eu preciso voltar para a clínica. Prisha pegue o kemp. Adraa, eu realmente preciso de você.

— Estou meio ocupada.

Ela me dá uma olhada. Examina-nos. Por um segundo registrei o medo em seu rosto. Então desaparece.

— Tenho dois pacientes com envenenamento por Bloodlurst. Duas crianças que faziam entregas aéreas o dia todo. É ruim, Adraa.

Fico tensa, a raiva tomando conta de mim. Preciso parar Vencrin. Preciso chegar a Moolek. Preciso falar com Prisha. Preciso de...

— Que grau de esgotamento eles estão experimentando? — Pergunto, puxando minhas mangas.



Nas duas horas seguintes, lancei feitiço rosa após feitiço rosa para estabilizar um viciado em drogas. Mamãe estava certa. É o pior que a clínica já viu. Um está tão vermelho por causa do vento que parece uma erupção





cutânea. Ele continua resmungando também, algo sobre não ser capaz de aguentar mais.

Jatin se oferece para ajudar como sempre. Enquanto trabalho no envenenamento de Bloodlurst, ele ajuda a preparar algumas das outras poções que mamãe deixou para trás. Quando nos cruzamos na confusão de pacientes, poções e magia, ele sempre me chama a atenção e sorri. Derreto e solidifico ao mesmo tempo.

Minha felicidade é apenas perfurada por Prisha, que eletriza meus nervos a cada olhar. Observo-a juntar a maior parte da minha história como a Mulher Vermelha. Claro, Hiren contou-lhe tudo de algumas noites atrás. Mas eu tinha esquecido o quão observadora minha irmã é. Seus olhos gritam perguntas e os meus brilham com o que espero comunicar *Espere, não diga nada*. Mas quando foi a última vez que minha irmã me ouviu? Jatin e eu estamos condenados.

Minha chance de falar com ela finalmente chega à sala de poções enquanto mamãe grita encantamentos a uma parede de distância. Agito uma pomada pegajosa, com Prisha colocando-a em kemp para criar uma bandagem. Jatin está ao meu lado, olhando entre nós, esperando.

- Prisha, deixe-me explicar — sussurro.
- Não se preocupe. Eu quero entrar.
- O quê? — Devo ter-la ouvido mal. Não tem como...
- Quero entrar. Quero me juntar-me a vocês.

Viro-me para encará-la completamente. Ela me espelha.

- Não. Você não pode, — digo.

Jatin ri.

Viro-me para ele.

- Por que você está rindo?





Ele se inclina para mim.

— Porque literalmente tivemos essa mesma conversa no Subterrâneo há um mês e você continua tão teimosa como sempre.

— Prisha, você nem entende o que está acontecendo ou contra o que estamos lutando.

Ela cruza os braços.

— Você acha que Moolek roubou sua luz de fogo e quer descobrir o porquê e depois recuperá-la.

— Sim, mas... Sim, acho que é a maior parte. Mas também tem Vencrin e...

— Você acha que Vencrin é o líder por trás dos planos de Moolek. É por isso que você luta no Subterrâneo, para chegar perto deles, certo? Tudo faz sentido agora. — Não há dúvida em seu rosto ou em sua voz. Ela espera que eu confirme.

— Uau — Jatin sussurra. — Ela é muito boa.

— Não a encoraje.

Ele levanta as mãos, mas um sorriso persiste.

— Estou certa, certo? — Prisha pergunta com seu sorriso característico.

— Sim, bastante.

— Sabia que a Mulher Vermelha não era ruim. Estou pesquisando sobre ela há semanas. Mas pensar que era você esse tempo todo. — Orgulho brilha através das palavras. Orgulho. Como depois das minhas mentiras eu posso ser perdoada. Como se ela realmente respeitasse o que estou tentando fazer.

— Não vou contar para mamãe e ao papai — ela diz calmamente.

— Eu...

Mamãe desliza para dentro da sala.

— Quero essa pomada nos pacientes Bloodlurst imediatamente.





Prisha e eu nos viramos e espalhamos a pomada nas bandagens. Jatin se junta a nós, apertando minha mão e amarrando a lã com a gosma marrom.

Minha mãe sorri conscientemente.

— Sabia que vocês gostavam um do outro. Sabe, nunca dissemos a Adraa para escrever-lhe, Jatin. Ela fez isso sozinha. Ela fugia assim que recebesse uma de suas cartas quando era mais jovem.

Dou a Jatin um olhar de soslaio.

— Tive que corrigir sua arrogância ou provar que você estava errado, só isso.

— Sim, eu também. — E ele pisca.

— Bem, eu pessoalmente sempre gostei de suas cartas — interrompe Prisha.

Bons Deuses. Prisha está tornando muito difícil para mim não estrangulá-la. Empurro seu ombro, mas seu sorriso só cresce.

— Estou feliz que você gostou delas — diz Jatin, rindo.

Mamãe sorri.

— Nós só temos que passar por sua cerimônia agora.

Tento um sorriso tranquilizador. Só Jatin percebe que é mais como uma careta.



Jatin e eu saímos para o campo de treinamento, escapando do caos da clínica e de minha esperta irmãzinha por alguns minutos. É claro que qualquer um dos funcionários poderia estar espiando pela janela. Mas eles não podem ouvir o que estamos dizendo.





— Se possível, sinto que te conheço ainda melhor — diz Jatin enquanto o ar fresco bate em nós.

— Estava me observando derramar sangue em um caldeirão ou surtar toda vez que minha irmã se movia na direção de nossa mãe?

— Ambos. Você sabe, sua irmã *poderia* ajudar — Jatin diz.

— Não sei se posso cuidar de vocês dois.

— Isso machuca. — Então ele fica sério. — Quando você fizer dezoito anos, disfarçar-se de Jaya não será tão fácil. Precisamos pensar em outra maneira de obter informações. Sua irmã...

— Minha irmã não foi treinada da mesma maneira. Ela é talentosa, nunca teve que se preocupar com a cerimônia ou lutar por sua vida.

Jatin me dá uma olhada.

— Você está com medo de sua cerimônia real, Adraa?

Subo na fonte, me seguro na mão de pedra de Retaw e balanço para o outro lado. Jatin pula na borda também, circulando comigo. Começamos um jogo de perseguição, minha missão é evitar, a dele é capturar. Ele tenta vencer, me olhar nos olhos, mas falar dos meus defeitos na frente dele? É mais fácil não enfrentá-lo.

— É estranho ouvir você me chamar de Adraa.

— Você prefere Fumaça? — provoca.

— Você prefere Jatin?

Viro para a esquerda e de repente ele está na minha frente. Adivinhei errado.

— Sim. — Ele sorri.

— Bom saber — murmuro.

— Não dissemos mais mentiras.





Respiro fundo enquanto conto a ele a verdade sobre a última mentira que tenho guardado.

— Estou aterrorizada.

— Espero que você esteja se referindo à cerimônia.

Rio inesperadamente.

— Não diria que você é aterrorizante.

— Bom, não quero levar um soco na cara de novo.

Empurro levemente seu ombro.

— Foi mais como um tapa e você sabe disso.

Ele pega minha mão e entrelaça seus dedos nos meus. É muito perturbador.

— Por que você está apavorada?

— Eu-eu não quero falhar.

Ele franze a testa.

— Você não vai falhar. Sangue, você é a melhor bruxa que eu...

— *Himadloc* — sussurro, e o vermelho pinga das minhas mãos e cai na água abaixo. Com cada respingo de fumaça vermelha, meu feitiço corre pela água. Ele diminui a velocidade, fica um pouco mais frio e nós dois esperamos enquanto uma leve geada brilha na superfície. Nem mesmo congelada. Minhas bochechas coram. Nunca pensei que admitiria isso para Jatin Naupure. Nunca pensei que mostraria minha maior fraqueza assim.

— É água em movimento. É difícil congelar em movimento...

— Não.

— Bem, eu poderia ajudar. É meio que o meu forte. — Ele sorri. — Só precisaria de pagamento, é claro.

— Pagamento? — murmuro. — O futuro Marajá de Naupure precisa pechinar algumas moedas de ouro de mim?





— Quem falou em dinheiro?

Estreito meus olhos.

— O que exatamente você quer?

— Você...

Encaro-o.

E então ele continua com um sorriso.

— Admitir que sou o melhor mago de Wick...

Ele não consegue terminar a frase porque eu me inclino para frente e o beijo. Ele agradece a interrupção, puxando-me para mais perto para que nossos corpos se pressionem. Afasto-me apenas um centímetro de seus lábios, tonta de felicidade.

— Acho que não posso concordar com esses termos. Não dissemos mais mentiras, Jatin.





CAPITULO TRINTA E DOIS

UMA PERFORMANCE AOS DEUSES

ØDRAA

Moolek desapareceu. Todos os relatórios dizem que ele deixou o país. Eu não acredito por um segundo e o fato de que podemos encontrar pouca ou nenhuma informação me prova que ele ainda está aqui, à espreita. Mas sem pistas e com os cartazes de procurado colados em todos os cantos, concentro-me na minha cerimônia real. Jaya Fumaça pode nunca mais ser, mas ainda tenho minha máscara. Vou encontrar uma maneira. Já tenho planos de falar com Beckman, desta vez como Rani.

Jatin é fiel à sua palavra. Na próxima semana ele me treina. E pela primeira vez na minha vida, sob sua orientação, não me sinto um fracasso em magia branca. Não posso congelar água em movimento, mas posso congelar líquidos. Não posso criar neve, mas posso controlar como ela cai. Jatin sorri e me garante que isso basta. Que eu sou um nove. Que eu não vou decepcionar. É tudo que eu sempre quis ser e ouvir. E em nossa bolha de treinamento, foco e estudo, quase acredito nele.

No entanto, a dúvida ainda ecoa dentro da minha cabeça.

Como todos os eventos que alguém teme e para os quais não está preparado, meu teste real chega cedo demais. Na noite anterior, eu me viro, me viro e sonho com a terra vermelha. Desperto todas às vezes, querendo pensar em qualquer coisa, menos na cerimônia, mas isso me puxa de volta para baixo.





— Você deve continuar com isso — a voz do quarto vermelho comanda, soando com intensidade, até que o amanhecer atinja meu quarto em faixas desconcertadas e eu desperte totalmente.

Zara se joga na minha cama.

— Não consegui dormir. Tudo o que eu conseguia pensar era como poderia arrumar seu cabelo e quais fitas poderíamos usar. — Depois disso, ela começa a trabalhar, pintando, trançando e prendendo-me para parecer uma verdadeira Lady de Belwar. Leva horas. Mas eu realmente não me importo e em pouco tempo estou girando na frente do espelho.

— Devo dizer que você se superou — digo-lhe. Zara pegou nove fitas coloridas e as amarrou em meu cabelo, criando um efeito de arco-íris em cascata que nem consigo compreender.

— Combina perfeitamente com suas roupas de cerimônia — ela diz.

Ela está certa. Meu lehenga é vermelho com bordas douradas. Redemoinho e frisado no tecido são todas as nove cores dos deuses. O dupatta é transparente e exibe um arco-íris de cores toda vez que me movo.

Ela prende meus olhos no espelho.

— Tudo bem se você estiver nervosa, mas hoje você não vai se preocupar com sua aparência. — Sorrio. É em momentos como este que a Zara é mais cativante. Mesmo que ela seja a favor de cartas de amor, romance e roupas, ela ainda entende como eu poderia me sentir no dia em que devo me comprometer com os deuses. E eu a amo por isso.

Riya entra enquanto estou me encarando, desejando que os nervos cessem sua guerra dentro de mim.

— Uau. Adraa, você parece...

— Sei certo? Fiz um bom trabalho, não foi? — Zara jorra, dançando enquanto recupera as sobras de fitas e grampos de cabelo.





Paro, então viro lentamente.

— Está na hora?

Riya acena com a cabeça.

— Sim.

Engulo em seco quando saio dos portões do palácio. Belwar brilha em vermelho. Bandeiras vermelhas, enfeites vermelhos, tinta vermelha espalhada em cada soleira. Eles estão me desejando felicidades, comemorando meu forte como a próxima geração a assumir o manto de Belwar. Mas eles não deveriam ter esperado até depois da cerimônia? O fracasso paira, como os estandartes no alto. Isso me lembra do quarto vermelho dos meus sonhos. Talvez fosse isso que minha mente estava fazendo enquanto eu dormia, me preparando para este momento.

— É aqui que eu deixo você. — Riya desafivela seu planador do cinto.

— Vejo-te lá.

— Riya. — Puxo seu braço. Na última semana, mal conversamos, mas não posso mais deixar isso passar. — Sei que você ainda está brava, eu menti...

Ela zomba.

— Você fez mais do que mentir. Você se pôs em risco e pôs em risco o futuro de Belwar e de Naupure. Se papai... — Ela engasga. — Se meu pai soubesse disso, ficaria envergonhado. Ele teria parado você.

— É por isso que você está tão chateada? Você acha que falhou em proteger-me e ele teria feito isso? — Ela não vai me olhar nos olhos. Engancho minhas mãos em torno de seus ombros. — Riya, eu me tornei a Mulher Vermelha não por alguma emoção. Fiz isso por que... Porque quando eu tinha oito anos e estava com medo de ser intocada, seu pai me puxou de lado e disse que uma verdadeira Rani não precisa ter magia ou uma bênção





dos Deuses. — Lágrimas brotam dos meus olhos. — Uma verdadeira Rani apenas ajuda as pessoas.

Riya finalmente olha para mim.

— Meu pai tinha muitos ditados. Ele nem sempre estava certo. — Ela se afasta e alcança seu planador. — E você não é uma intocada, você é uma das bruxas mais poderosas que conheço. Boa sorte hoje, mas acho que não precisa. Você não tem mais oito anos. — Em uma explosão de ar e sujeira ela se foi.

Limpo meu rosto enquanto a poeira baixa. Não vou me arrepender de minhas decisões porque elas me colocam em perigo. É a minha luz de fogo. Sou responsável por como as pessoas a usam. Com o tempo, Riya verá.

É tradição que um membro da realeza faça a viagem a pé e sozinho para a cerimônia. Então minha família e amigos voltarão comigo para o palácio, seguindo atrás para mostrar que acreditam em minha liderança. Mas por enquanto estou sozinha. E enquanto o templo fica ao lado do palácio, tenho que pegar o caminho mais longo, pela cidade, pela rua com bandeira vermelha. Nunca vi Belwar vazia assim antes. É fantasmagórico.

É isso. Este é o momento em que devo ser madura, sofisticada, poderosa. Uma adulta. Nunca pareceu tão falso. Tudo isso é apenas uma fantasia. Só eu que me sinto uma fraude? Ou outros membros da realeza trilharam esse caminho e duvidaram? Duvidaram de tudo?

Parece que leva dias até eu chegar à base da pequena colina e começar a subir até o topo. O sol queima em mim como se estivesse focalizando um holofote. Posso entrar em combustão espontânea enquanto a bile borbulha na minha garganta.

O templo surge à vista. Deuses, todo o palácio saiu para isso. Estive aqui centenas de vezes. Isso não é diferente. Meus pés arrastam minha





lehenga na grama quente e seca. Quem eu estou enganando? Isso é completamente diferente. *Respire. Apenas Respire.*

Vejo Jatin no meio da multidão. Seus olhos se arregalam quando ele olha para mim. Ele sorri. Tento sorrir de volta, mas ele desmorona. Meus pais estão mais próximos dos degraus do templo. Ando até eles.

— Você não precisa ficar nervosa. Você vai ficar bem — meu pai me garante.

Apenas aceno. Não sei o que dizer de qualquer maneira. Os nervos roem as palavras.

Ele toca meu queixo.

— Aurora brilhante, Adraa. Amanhecer brilhante.

Desta vez eu sorrio. Sou a única pirando aqui. Meus pais estão tentando me tranquilizar, e ninguém mais parece assustado. Os sonhos ganham vida em minha memória, mas eu os empurro de volta. Eles não são um presságio, mas uma bênção. Este é meu dia, meu amanhecer e meu destino.

No entanto, por que ainda parece uma mentira? Pare! Pare de pensar demais nisso. Faça isso, prove a si mesma e você terá tudo o que deseja. Seu título, Jatin, felicidade...

Aproximo-me do templo, subo as três escadas simples e encontro-me no centro, rodeada pelas nove colunas dos deuses. Nunca me senti tão vazia.

— Pelo sangue do meu sangue eu me ofereço para ser testada pelos deuses! — Grito.

Nada se mexe, nem mesmo o vento. Talvez os deuses não estejam ouvindo. Continuo de qualquer maneira.

— Juro proteger todos aqueles tocados com sua bênção. — Essas últimas palavras parecem estranhas saindo dos meus lábios. Este discurso é antigo, quando os Intocados eram jogados fora pela sociedade. Mas hoje em





dia? Ajudar os Intocados é importante para o futuro de Belwar e não me importo exatamente com todos os poderosos e Tocados.

Tento limpar minha cabeça.

— Permitam-me servir através de vocês. Permitam-me oferecer meu sangue se eu não provar que estou apta. — Um arrepio percorre meu corpo. Odeio essa linha.

De o primeiro pilar à minha direita, uma onda de calor cai sobre mim. Magia vermelha.

Começou.





CAPITULO TRINTA E TRES

UMA DANÇA E SUA DESTRUICAO

JATIN

É bom assistir à cerimônia em vez de realizá-la. Ondas de fogo rolam do primeiro pilar e colidem com Adraa. Mas ela está pronta. Seu braço brilha vermelho-sangue e ela gira em torno da chama, cotovelos e pulsos dobrados. É um movimento de puxar e empurrar, uma dança.

Hoje, magos e bruxas são muito preguiçosos, usando apenas a fala para evocar seu Toque. Mas nos tempos originais, o elenco era de corpo inteiro. Também atuei dessa forma para os deuses há um ano, e observar o movimento de Adraa desperta as velhas tradições que aprendi. Lembra-me o quanto eu inerentemente movo meus braços ao lançar.

Em seguida vem uma montanha de névoa laranja que desaba sobre ela. Ela grita feitiço após feitiço enquanto é forçada a suportar o peso das provações de Renni.

— Ela está indo bem — Marajá Belwar sussurra para sua esposa. Ele aperta o braço dela. — Confie nela.

Ele tem razão. Adraa está indo bem. Ela varre a magia amarela ao seu redor, girando e se movendo como o vento. Então seus passos endurecem quando uma fumaça verde sobe do fundo do pilar de Htrae, a magia tecendo e subindo como vinhas. O vermelho se desenrola das mãos de Adraa e balança com os galhos, desembaraçando-os. Para este feitiço ela não grita, espelhando o julgamento mais pacífico da Deusa Htrae.





Retaw: Adraa se move com a onda azul jorrando, tentando virá-la.

Raw: Centenas de flechas roxas se materializam do próximo pilar e Adraa as redireciona de volta para a pedra de onde vieram. Rápido. Preciso. Perfeito.

O sol bate forte em nós. Já faz mais de uma hora. Ela está tão perto agora.

— Laeh é a próxima. Não temos nada com que nos preocupar aqui — diz Marani Belwar.

Ela está certa. O rosa acontece tão rápido que não o percebo totalmente. Em um momento, a fumaça rosa envolve Adraa e no seguinte ela se foi. Finalizado. Orgulho infla meu peito. Essa é a minha Fumaça.

— Você a ensinou bem — diz papai a Marani Belwar.

A magia obscura engole rapidamente a cena, deslizando de seu pilar em forma de sombra. Adraa se move baixo e com fluidez, tecendo o teste de Deus com sua própria sombra. Ela se transforma em escuridão e por minutos não consigo vê-la dançar. Meu coração dispara. Seus pais não parecem preocupados, no entanto. Num piscar de olhos ela está de volta e o templo se ilumina.

— Bom trabalho. Quase lá!

Só restou branco. No entanto, nada acontece. Todos nós observamos o pilar, aguardando o teste final, mas não há nada. Sussurros começam a tomar conta da multidão. Adraa se vira e, pela primeira vez em horas, nossos olhos se encontram. E em seus olhos, vejo terror.

Em uma explosão violenta, a magia branca surge do pilar.

— Adraa! — Grito, mas é tarde demais. Ela se move para realizar o primeiro passo de um feitiço, mas então é derrubada.

Marani Belwar suspira ao meu lado.





Um feitiço se prepara em meus lábios. Meu pai, sentindo minha linguagem corporal, agarra meu braço.

— Isso iria machucá-la — diz ele.

Mesmo derrubada, com uma fúria branca crescendo contra ela, Adraa revida. Ela se levanta, bate um pé e começa a dançar. E, no entanto, parece errado. Seu corpo oscila no elenco. Há muita magia branca. Certamente Dloc nunca lançou tanta magia contra mim em minhas provações. Um rugido de vento rasga o templo. Muitas pessoas recuam com medo.

— Nós temos que fazer alguma coisa! — Grito.

Meu pai balança a cabeça.

— Ela deve resolver isso sozinha. Caso intervirmos, ela falhará.

Meu corpo inteiro se contrai, todos os músculos envolvidos e ainda imóveis. Não posso fazer nada. Sou inútil.

Adraa é uma explosão de cores dentro de uma torrente de neve e vento. É como quando a vi pela primeira vez semanas atrás, deitada no chão na frente da minha carruagem em meio a um mar de caos. Mas naquela época, ela levantou a mão para avisar a todos que ela e o menino estavam seguros. Agora, não há segurança, nenhum sinal, apenas o lampejo de vermelho no meio da vasta brancura.

— O que está acontecendo? — alguém grita quando a perdemos completamente de vista.

Isto está errado. Tenho de fazer alguma coisa. Dou um passo à frente, sentindo o hálito gelado de Dloc até meus ossos.

— Adraa?

Um lampejo de fogo vermelho atinge o teto do templo e a pedra racha. O gelo engole a abertura e a rocha se estilhaça. Alguém grita e os servos de Belwar recuam.





— Oh, Deuses — acho que meu pai diz.

Marajá Belwar e eu olhamos nos olhos um do outro e, sem uma palavra, corremos para frente. Mas assim que entro na névoa branca e gelada, ela desaparece. Um som alto de sorver ecoa e, com um uivo, a magia branca voa de volta para o pilar de Dloc. Acabei de arruinar tudo?

Vejo Adraa a alguns metros de distância, as fitas de arco-íris em seu cabelo desfeitas e escorregando por suas costas. O momento seguinte é tranquilo. Ninguém ousa falar. Ela conseguiu! Ela deve ter. O alívio cresce dentro de mim. Estávamos preocupados por nada. Ela passou nos testes.

— Adraa? — Chamo.

Por que ela não se vira?

Outro segundo ofegante passa. Algo está errado. O pavor enxameia minha garganta e, com um gole, se espalha por mim. Por que ela não se vira? Por que ela não se move? Mas ela está se movendo, seu corpo vibrando, tremendo incontrolavelmente.

Antes que alguém dê outro passo, Adraa cai no chão como se suas cordas tivessem sido cortadas. É uma queda mortal. Riya grita e Marani Belwar grita assassinato sangrento.

Meu corpo entorpece. Não sei se estou correndo até parar derrapando e cair ao lado dela, o primeiro ao seu lado. Com dedos trêmulos eu toco seus ombros e gentilmente a puxo de costas.

— Não, não, *não*. Por favor, não. — Levanto sua forma sem vida em meu colo e me atrapalho em sua garganta para encontrar um pulso.

Os Belwars caem no chão ao meu lado. Meu pai está acima de nós com olhos líquidos e uma mão na boca.

— Dê-a para mim — exige uma voz feminina trêmula.





Esperança me dá um soco no estômago. Marani Belwar, a melhor rosa forte de Wickery. Ela pode trazer Adraa de volta. Ela pode salvá-la.

— O que posso fazer Ira? — Marajá Belwar arregaça as mangas.

Marani Belwar nem sequer olha para nós.

— *Laeh!* — ela grita, empurrando as mãos no peito de Adraa. Adraa salta para cima, mas nada mais acontece. Sua cabeça pende para o lado em um giro mortal.

Deuses, não. Não!

— Fique comigo, amor. *Laeh.* — Ela atira novamente. A magia rosa se dissolve em Adraa, levanta seu corpo em um solavanco e... E nada acontece.

Marani Belwar se volta para Maraja Belwar e gagueja:

— Vivaan, ela não está respondendo. Na clínica, na clínica lá...

Em um movimento fluido, Marajá Belwar pega Adraa em seus braços. E em um lampejo de laranja ele se foi, com Marani Belwar logo depois.

Eu tropeço para me levantar. Meu pai e o que restou dos outros espectadores da cerimônia estão sentados nos degraus, atordoados. A irmã de Adraa está congelada. Riya, no entanto, já está correndo em direção à clínica.

— *Tvarenni!* — Grito e atiro atrás dela.

Quando Riya para na frente de uma porta, eu paro e fico boquiaberto com a cena diante de mim. Adraa está na mesa médica, onde há uma semana estivemos juntos ajudando os pacientes. Tudo mudou. O chão coberto de sangue e garrafas quebradas me dá vontade de vomitar. Sou empurrado de volta para um tempo em que eu estava no limiar do quarto da minha mãe, olhando horrorizado enquanto os gritos saíam de sua garganta irregular. Agora é só o grito de feitiços e uma chama de fumaça laranja e rosa flutuando





sobre o corpo da garota que eu amo. O sangue pinga no chão em um tamborilar enlouquecedoramente consistente.

Não havia ferida. Adraa não estava sangrando pelos poucos segundos que eu a segurei.

— Não é dela, — uma voz murmura.

O que aconteceu? Não havia ferida antes!

— Jatin! — Riya me sacode. — Não é dela.

Olhando para o chão novamente, eu entendo. Garrafas, poções, sangue, tudo foi empurrado para fora da mesa para Adraa.

Quando dou um passo à frente para fazer alguma coisa, qualquer coisa, Marajá Belwar se vira e fecha a porta com um golpe de magia amarela. Acho que ouvi um pedido de desculpas suave, mas a batida mascara qualquer outro ruído. Estou separado dela. Eu sou inútil.

Riya cai contra a parede oposta, com lágrimas brilhando em suas bochechas.

— Ela ainda achava que eu estava com raiva dela. Essa é a última coisa que ela vai...

— Não! — grito. — Não!

— Você vai esperar comigo? — ela sussurra entre soluços.

— Nunca vou deixá-la.



Em minutos, Prisha, Kalyan, meu pai e vários servos encontram o caminho para nosso corredor de tortura, onde o tempo nos corrói até devorar algo vital. Uma criada cai nos braços de Riya, o que renova as lágrimas de Riya. Hiren, aquele guarda do telhado que queria me prender, segura Prisha





perto. Kalyan se senta ao meu lado, silencioso e forte. Meu pai anda, querendo entrar na sala tanto quanto eu tenho certeza.

Meu cérebro percorre todas as minhas memórias de Adraa e tenta se apegar a cada detalhe. Claro, eu falho. Falho uma e outra vez até que, mesmo em minhas memórias, posso senti-la se esvaindo.

Quando a porta finalmente se abre, é Marajá Belwar.

— Ela tem pulso. Ira ainda está nisso, mas mesmo se ela acordasse... Não há muita esperança — diz ele, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Viro-me e bato meu punho contra a parede mais próxima.

Isto é minha culpa. Adraa reconheceu o perigo quando ninguém mais o fez. Que realeza já morreu durante sua cerimônia? Já se passou um século, talvez até séculos, no plural. Mas ela sabia e eu a empurrei para cá, para se apresentar para os deuses e eles a espancaram. Não, eles a *mataram*.

— Filho?

Arranco as mãos de meu pai de cima de mim e corro. Chego ao pátio de treinamento antes de cair no chão. As flores do Frostlight tremulam com a minha queda e depois ficam imóveis. Esmago algumas em minhas mãos. Amaldiçoe a cor branca. Ao sangue com tudo!

— Maldito! Malditos sejam todos vocês. Eu a amava, seus desgraçados. Eu a amava! — Grito para o ar. Nem sei se eu disse o feitiço, mas uma explosão congelante de gelo dispara para o céu e meus braços ficam dormentes com o frio que explode do meu corpo. Todo o meu corpo está dormente, exceto meu peito, que range como se eu estivesse sendo estraçalhado por um ferro quente. Uma onda de pura magia branca continua disparando de minhas mãos. Parece que estou explodindo por horas, lançando minha magia para o céu e esperando que os deuses morram comigo. Então eu caio no chão e soluço.





Meu pai me encontra um pouco depois. Sem dizer uma palavra, ele cai no chão também. Antes que eu possa processar qualquer coisa, ele avança e me agarra em um abraço.

Tenho experiência com perdas. Conheço a dor, a tortura. Mas quando minha mãe morreu eu tinha apenas quatro anos, jovem demais para que a dor me rasgasse da mesma forma. Conforme eu crescia, sua morte lentamente afundou suas garras em mim.

Mas isso. Isso marca. Meu mundo está desmoronando diante dos meus olhos e não posso fazer nada para impedir.

Deuses, é com isso que meu pai lidou, têm lidado por anos. Um olhar em seus olhos e posso dizer que a dor está rasgando-o novamente. Tenho apenas outra lembrança dele chorando.

Tomo uma respiração trêmula. Não sei se consigo viver o dia de hoje, muito menos os momentos vazios que preencherão o resto da minha vida. Nunca mais vou falar com ela. Nunca mais vou tocá-la. Nunca colocar a caneta no papel sabendo que ela vai ler minhas palavras.

Bang! O chão ruge. *Isso é por minha causa.* Criei uma tempestade com toda a magia branca que esmaguei nas nuvens. Ou pior, os deuses estão respondendo à minha fúria e decidiram gritar de volta, sacudir Wickery em resposta.

Bang! Bang! Novamente. Explosões e o som do trovão martelam o ar.

Procuro no céu a origem do ruído e a encontro instantaneamente. Uma nuvem cinza-sombria sai das montanhas a oeste, em direção a Naupure.

A terra treme e meu pai e eu trememos com ela.

Bang!





Levanto-me para ter uma visão mais clara das nuvens e de onde elas estão vindo. Não, isso não é por minha causa. É o Monte Gandhak. O Monte Gandhak está em erupção.





CAPITULO TRINTA E QUATRO

A PERDA DE UM ENTE QUERIDO

JATIN

— Vamos, Jatin, — ordena meu pai. Corremos de volta para dentro, pelo corredor. O grupo reunido ao redor da sala médica olha em nossa direção em busca de respostas. Mais pessoas se reuniram, incluindo uma guarda feminina mais velha que fica ao lado de Riya e usa o brasão de sol de Belwar.

— O que é? — Riya e Kalyan perguntam, e então se olham.

— O monte Gandhak está em erupção, — digo enquanto meu pai entra na sala médica. Eu sigo logo atrás. O sangue e as ervas no chão perfumam o ar com um cheiro de ferro. A princípio, não consigo olhar para Adraa, mas quando o faço, meus olhos grudam. Ela parece pacífica. Seu cabelo parece uma teia de aranha, solto, emaranhado e sem fita. Engulo um soluço.

Meu pai dá um passo à frente.

— O Monte Gandhak está em erupção. Não sei quanto tempo temos. Vou precisar da sua ajuda para isso. Marani Belwar, acho que não podemos fazer isso sem você.

— Em erupção? Não entra em erupção há séculos. É um vulcão adormecido — diz o guarda-chefe.

— Não mais — meu pai diz sombriamente.





Maraja Belwar olha entre a pequena janela em arco e nós. O céu já ficou vermelho escuro nos últimos cinco minutos.

— Vou ajudar claro, mas...

— Não posso deixá-la! — Marani Belwar grita. — Se eu deixá-la agora...

— Em seu grito, isso me ocorre. Ele está pedindo a ela para abandonar Adraa. Meu pai tiraria a pouca esperança que nos resta na vida de Adraa?

— Marani Belwar tem que ficar com Adraa. Ela é a única que poderia...

— Ela se foi, Jatin, e não temos tempo, — diz meu pai, com a voz quase embargada.

Um pequeno corpo avança e todos olham. Prisha lentamente puxa as mãos de Marani Belwar do corpo de Adraa.

— Mãe, vá. Vou salvá-la.

— Prisha, você... É muito difícil e você precisa sair.

— *Sansria!* — Prisha grita, e uma chama de fumaça rosa claro consome o rosa escuro de sua mãe. Ele enxameia e então mergulha na boca de Adraa. — Posso fazer isso e não vou embora.

— Eu também ajudo — uma jovem vestida com um uniforme de curandeira sussurra enquanto dá um passo à frente.

— Assim como eu. Diga-me o que você precisa Prisha — diz Riya, arregaçando as mangas.

A guarda feminina, que eu acho que é a mãe de Riya, com base em suas características semelhantes, puxa o braço de Riya, segurando-a de volta.

— Você será necessária no solo, ajudando na evacuação.

— Não mãe. Este é meu dever, protegê-la, não importa o que aconteça — diz Riya.

— Mas ela está...

Riya solta seu braço.





— Ela não desistiu do papai. Não vou desistir dela. Nunca.

Meu pai assente.

— Marajá Belwar, Marani Belwar, vamos ter que conter a fumaça.

Acredito que serão necessários nós três.

Marajá Belwar sussurra em suas mãos e tufos de fumaça laranja disparam em várias direções.

— Estou chamando todos os meus guardas. Se o Monte Gandhak explodir, precisaremos de magos fortes verdes para redirecionar qualquer deslizamento de terra.

Sem Riya, Prisha e aquela outra curandeira, o resto de nós corre para o campo de treinamento.

— Marajá Moolek ainda está aqui? — meu pai pergunta quando viramos o corredor.

— Ele partiu há alguns dias, — responde Marani Belwar.

— Tudo faz sentido agora — cuspo.

— O quê?

— É muito conveniente. Moolek se foi, Adraa, o forte vermelho mais poderoso de Belwar, se... foi. — Uma protuberância de raiva se forma em minha garganta. — Não está certo.

— Você *acusaria* nosso aliado mais poderoso? — A mãe de Riya sibila.

Não me incomode em responder. Eu não ligo. Isto é Moolek. Posso sentir isso.

A mãe de Riya também não responde, avançando com os planos. As atribuições são gritadas e jogadas como arroz derramado. A mãe de Riya levará aqueles que não podem voar para as docas. Hiren é enviado direto para lá para garantir que os navios não saiam do porto sem o número máximo de passageiros. Kalyan tem a tarefa de evacuar o Palácio Azure. Ele e





eu acenamos um para o outro antes de ele irromper no ar em direção à nossa casa.

E enquanto ouço, não ouço uma palavra de como vamos realmente parar com isso. Meu coração dá um salto. Sem Adraa...

Sou só eu. Nossa dupla reduziu para um.

— Estou indo para o Monte Gandhak, — digo quando saímos na última curva em direção ao pátio de treinamento e aos portões da frente.

Meu pai chicoteia em minha direção.

— Jatin.

— Vou congelar por dentro. Vou parar a lava. — Minha voz endurece para que eu não quebre ao meio. — Ninguém mais morre hoje. — Agora que disse isso, estou calmo, talvez ainda entorpecido. Mas parece que é a coisa certa. Os Belwars acenam com a cabeça e Marani Belwar até sorri através das lágrimas que ainda escorrem de seus olhos.

— Não. — A voz do meu pai se altera — Não posso perder você também. — A parte triste é que não sei se ele está se referindo a minha mãe, minha irmã ou Adraa neste momento. Mas agora não é hora de discutir ou elaborar sobre anos de protecionismo e contenção.

O chão treme. Os arcos e balcões de pedra mantêm sua forma, mas a poeira e a dispersão de escombros sugerem o colapso total.

— Sou o único que pode fazer isso. Por favor, deixe-me ser o Raja de Naupure pela primeira vez.

Meu pai olha para mim como se estivesse tentando memorizar meu rosto. Finalmente ele acena com a cabeça.

— Você sempre foi.

As pessoas saem do palácio e entram no pátio de treinamento ao mesmo tempo em que o alcançamos. Guardas irromperam do outro lado do





pátio. Todo mundo está falando ou gritando. Não consigo ouvir nada além do rugido dividindo o céu em dois.

Quando paramos no pátio de treinamento, Marajá Belwar levou as mãos à boca e milhares de pequenos focos de luz laranja dispararam para o céu. Alguns brilham sobre seu ombro e ouço partes de sua mensagem.

Monte Gandhak...

Evacuar para as docas. Voe se puder.

Tenha certeza que iremos...

Mas a mensagem não está saindo rápido o suficiente. Já posso ver fluxos coloridos voando ao redor de Belwar. Parece o Festival das Cores. Mas não, isso está errado. Estes são sinais, todos eles significando apenas uma coisa: ajuda.

Os Belwars e meu pai embarcam em seus planadores e voam para o telhado. Levo um segundo para processar, mas então estou lá com eles, saltando para cima e aterrissando nos ladrilhos grossos atrás deles.

— Escute pessoal! — A voz de Marajá Belwar ressoa.

A conversa caótica ainda consome o ar. Muitas pessoas já estão saindo dos portões e indo para a rua. Olho para trás. O céu está cheio de planadores. Mais aviadores do que eu já vi na minha vida.

Guardas e criados abaixo de nós gritam perguntas.

— A Deusa Erif está nos amaldiçoando?

— Lady Adraa falhou na cerimônia? É por isso que o Monte Gandhak está em erupção?

— Ela está morta?





— *Tar Vazrenni*, — lança Maharaja Belwar, e sua voz aumenta. —
Ouçam!

Todos param e olham para nós.

— Minha filha e sua cerimônia não têm nada a ver com o que estamos enfrentando. Escutem-me. — Ele grita instrução após instrução sobre onde os magos precisam ir. Mas eu já tenho meus deveres. Olho para o Monte Gandhak. A nuvem cinza emergindo de seu topo cresce, mergulhando em camada após camada de bicos em forma de cogumelo. A magnitude do que estamos prestes a enfrentar é indescritível. E não temos muito tempo.

Somente quando Marajá Belwar faz uma pausa no final, eu realmente ouço.

— Peço a todos que salvem nosso país. Não posso forçá-los a ficarem, mas devemos trabalhar juntos. Confiem em seus Rajas como os deuses confiaram em nós e nossa casa ainda estará de pé no final deste dia. Não falharemos. — Ele se curva; sua voz diminui, e o último de nós no telhado ouve seu apelo final. — Nós não podemos.





CAPITULO TRINTA E CINCO

VAO AO ENCONTRO DA MORTE

ADRAA

Perigo

Amor

Paixão

Sangue

Morte

Vermelho, ao meu redor, saturando, pingando, cobrindo cada partícula que posso ver. Levanto minhas mãos. Apenas o tom dourado da minha pele manteve sua cor natural.

Estou em uma sala de nove lados muito parecida com uma sala de oração, uma sala de oração demente. Espere. É mais visceral e real, mas esta... Este é o quarto, a terra dos meus pesadelos.

— Adraa?

Viro-me para encontrar uma mulher brilhando em vermelho. Pele vermelha, sári vermelho e cabelos ainda mais ruivos, caindo como fogo em volta dos ombros. A única cor não impregnada de sangue são seus olhos, seus olhos pretos como carvão. E eles estão olhando para mim. Antes que eu possa pronunciar as palavras, meu cérebro me diz que esta é Erif, Deusa do fogo. Caio para trás e caio duro de bunda. *O que no sangue?*





— Não acredito que fiz isso — diz ela com um sorriso brilhante.

O pânico cresce em meu peito. Não posso respirar. Não há ar nesta sala. Vou desmaiar. As paredes sangrentas ficam borradas. Elas parecem estar derretendo, jorrando, escorrendo.

— Oh! — a mulher grita. Uma rajada de fumaça vermelha atinge meu rosto. Eungulo de volta a vida. Depois de alguns momentos de silêncio, a calma me envolve como um cobertor fresco.

— Desculpe por isso. Esqueci, seu corpo pensa que você ainda está morrendo.

Ainda morrendo? Ainda morrendo!

— Eu estou.... *Estou morta?*

— Não, ainda não. Mas eu tive que tirar você de lá. Dloc ia matar você.

A cerimônia nada de volta à memória. Sim, eu estava tentando conter a nevasca, mas era demais para mim. Frio congelante. Havia tanta dor, e então, nada além da cor vermelha.

— Eu não estou morta, então?

— O que acabei de dizer? Você não está morta. Você parecia mais esperta lá em Wickery.

Bem, isso é ótimo. Eu realmente espero que isso seja um sonho, porque eu não quero passar o resto da eternidade sendo ridicularizada por uma mulher cujo cabelo está literalmente fumegando.

— Isso é um sonho, certo?

— Você não está fisicamente aqui, apenas sua alma.

— E você me *trouxe* aqui? — Examino a sala. Uma lareira gigante fica no centro do palco na sangrenta sala. Um conjunto de ferramentas de lareira de ferro forjado se alinha na lareira de pedra. Algumas cadeiras e uma mesa





coberta de cetim parecem inutilizadas. — O pesadelo, quero dizer, os sonhos que tenho tido, eram você?

— Só posso abrir este portal em determinados momentos. E vários caminhos possíveis te levaram a nunca realizar a cerimônia. Então, sim, eu chamei você em seus sonhos. Mas mesmo depois de toda a minha preparação, não pensei que poderia fazer isso com Dloc atacando você. Ele é tão melodramático. — Erif se afasta de mim e vai até a lareira, cutucando as brasas e o pequeno tufo de chamas.

Não consigo nem entender o que ela está dizendo. Dloc melodramático? *Melodramático?*

— Somos apenas ferramentas para todos vocês? Todo o meu destino é baseado em sua discussão com Dloc?

Ao meu tom, seus olhos sobrios como carvão se fixam em mim.

— Olha você não tem um destino porque eu escolhi você para abençoar. Não tenho esse tipo de controle.

— Você não tem esse tipo de controle? Mas você me escolheu. Você decidiu me abençoar. Você não lutou por isso? — Puxo minha manga, mostrando meu braço nu. — É por isso que sou deformada assim?

— Sim, Dloc era teimoso e brigamos por sua bênção. Sim, ele ainda tem isso contra mim e, portanto, por extensão, contra você. Mas você não é deformada; você é apenas um pouco diferente. Você é quem se vê deformada e é a única que pode consertar isso — zomba. — Além disso, não há destino. Existem apenas vários caminhos e resultados baseados em uma coleção de escolhas das pessoas.

Sem destino? Eu *não tenho* destino?

Erif volta a cuidar da pequena fogueira. Não a aguento cutucando, cutucando. Não valho nem o tempo dela? Por que em Wickery ela me trouxe





aqui se não para falar comigo? Para apenas me dizer que toda a minha mentalidade estava errada?

Empurro para frente e pego o atizador da lareira.

— Minha vida vale mais do que isso. Por favor, diga-me o que está acontecendo. Se não estou morta, então por que estou aqui? Posso voltar?

Ela me empurra com a mão quente. Eu voo pela sala e bato contra a parede.

— Este fogo é a sua vida, Adraa. Se você deseja que ele morra, interrompa-me novamente.

Fico em silêncio, olhando para o fogo. Minha vida? *Essa* é a minha vida? O fogo é pequeno agora. Pode-se até chamá-lo de fraco.

A próxima vez que a deusa fala é em um sussurro.

— Vou lhe contar por que você está aqui, mas precisamos dar ao seu corpo e à sua mente um pouco de tempo para se adaptar. Quanto a abençoar você, é tão político e complicado aqui em cima quanto lá embaixo. Vi sua força, sua posição e queria que você estivesse sob o meu nome.

— Mais como queria me usar. — digo baixinho.

Ela ouve, no entanto.

— Como eu te usei? Não te dei a luz de fogo. Você inventou aquele feitiço sozinha. Você mudou seu mundo. Eu poderia ter previsto que você *poderia* mudá-lo, mas não sabia como, quando ou *se* você o faria. Ninguém o fez.

— E, no entanto, morri na minha cerimônia real.

Seus olhos ficam vermelhos. Recuo por instinto.

— *Quase* morreu. Quase! Eu decidi salvá-la. Portanto, mostre algum apreço. E cresça, porque não temos tempo para todos os seus problemas. Preciso avisá-la antes que seja tarde demais.





— Sobre o quê? — Praquejo, se os pesadelos fossem um aviso de que Dloc iria me matar quando eu tentasse realizar a Cerimônia Real, eu iria gritar.

— Acho que você ainda não está pronta para ouvir. Quase morrer e vir aqui é extenuante para o corpo. E esta é a minha primeira vez fazendo algo assim. Você quer... Chá?

Algo está errado com ela.

— Não. — Sento-me em um dos sofás acolchoados de cetim. Talvez ela esteja certa; talvez meu corpo ainda *esteja* confuso. A dor da nevasca é apenas uma lembrança, mas me atravessa de qualquer maneira, como se tivesse encharcado minha medula.

Erif verifica o fogo mais uma vez.

— Sua mãe é talentosa. Sabia que ela poderia fazer isso. Sua irmã também.

— Minha mãe? Prisha? O que você está falando?

— Elas estão mantendo seu corpo físico vivo. Do outro lado da lareira.

Encaro as brasas. Na fumaça e nas cinzas, acho que posso ver minha mãe pairando sobre meu corpo. Por um instante, a expressão oca de Jatin pisca na chama. Eu pisco e tento olhar com mais atenção, mas a imagem se foi.

— Eles acham que estou morrendo?

— Sim.

Levanto-me, empurrando a mesa para fora do caminho.

— Por favor, coloque-me de volta! Você não pode fazer isso com eles.

— Preciso de você aqui. Preciso avisá-la.

— Então me diga. Pelo amor dos Deuses, diga-me.

Seus olhos se voltam para o fogo. Iluminando-se ligeiramente.





— Preciso ter certeza de que você pode sobreviver ou nada disso valerá alguma coisa. Você será inútil.

Ela quer dizer que estarei morta, realmente morta. Observo meu fogo também; tentando respirar uniformemente, tentando encher meus pulmões de vida. Sigo os movimentos, mas não é natural, como um peixe fora d'água. Pois não há ar neste mundo e eu não preciso respirar.

O fogo pulsa. Em meio às chamas, meu corpo arqueia em um solavanco. Vejo a borda da mesa da clínica e a mancha de sangue. Eu quero viver.

— Bom. Promissor. Muito promissor. — Erif gira de volta para mim, seu pescoço girando além da torção possível. Eu quero vomitar.

— O Monte Gandhak está prestes a entrar em erupção e é por causa da sua magia.

Encolho-me.

— O quê?

— A luz de fogo, sua luz de fogo, foi usada para fazer o Monte Gandhak entrar em erupção. Nas próximas horas, a capital de Naupure morrerá e toda Belwar será derretida.

Meu cérebro tenta processar o que ela está me dizendo. O Monte Gandhak não é um vulcão ativo. Mas Erif saberia. Ela é uma maldita deusa. E ela reina sobre uma coisa.

— Está acontecendo *agora*?

— Sim, está começando. Foi isso que me ajudou a abrir o portal para trazê-la aqui pela primeira vez.

E ela me deixou gritar nos últimos minutos? Ela me deixou observar o meu fogo? Ela é demente.

— Então me mande de volta. Mande-me de volta agora!





— É isso que espero que possamos fazer. Eu quero que você salve seu país. Mas ouça isso não é uma erupção normal. É alimentada pela luz de fogo. Fumaça, cinzas e lava serão expelidas enquanto a luz de fogo continuar a alimentar o magma. Você entende?

— O quê? Como... — Pensamentos e medos explodem em minha mente. *Minha luz de fogo? Alimentada por tanto tempo quanto... São dois meses!* — Como faço para pará-lo?

— Posso ter abençoado você, mas foi você quem criou a luz de fogo. Nunca presenteei meu Tocado com esse tipo de feitiço. Você terá que descobrir isso, e rápido. Vou tentar ajudá-la se puder.

Erif levanta o atizador.

— Não devemos esperar muito mais. Isso vai doer um pouco — ela diz, olhando para a chama na ponta do atizador.

Antes que eu possa fazer um som de protesto, ela enfia o atizador em meu peito. Resmungo um suspiro. É fogo e dor e... E...

Desmorono, o choque enrijece e paralisa todas as minhas células. Por que, por que ela me mataria novamente dessa maneira? Tenho que ajudar Belwar. A sala gira. Estou dando um zoom para trás, para longe da sala vermelha. A dor diminui um pouco. Sinto meu coração bater mais uma vez e percebo que nos últimos minutos meu corpo ficou em silêncio.

— Na guerra que está por vir, estarei do seu lado! — Erif grita.

— Guerra? Espere, que guerra?

— Apenas se preocupe com a tarefa à sua frente. Se você não parar, a guerra terminará antes mesmo de começar. — Ela puxa o atizador, arrancando-o do meu peito. Agarrando meus ombros, ela me puxa para ela.

— Boa sorte. — E com um empurrão estou caindo para trás, dentro da lareira. Grito quando minha pele puxa e sou sugada.





Meu intestino aperta. Vou vomitar. Uma mancha no meu estômago se transforma novamente no arco-íris de cores das minhas roupas de cerimônia real. Estou girando, espiralando para trás até que outras cores se transformem em realidade.





CAPITULO TRINTA E SEIS

DESPERTO EM OUTRO PESADELO

ADRAA

Volto à vida ofegante, meus pulmões famintos e incapazes de respirar ar suficiente.

Vários gritos de surpresa vibram em meus ouvidos.

— Adraa?

— Ela está mesmo...?

— Conseguimos, — alguém sussurra.

Pisco para conter as lágrimas, meu corpo inteiro grogue, exceto por uma dor surda que pulsa uma melodia vigorosa: *estou viva. Estou viva. Estou viva.* Cor e luz brilham ao meu redor e, no entanto, é escuro, sombrio. Apenas a luz de fogo ilumina as três mulheres reunidas ao meu redor. Finalmente percebo seus rostos. Zara, Riya e minha irmã.

Riya passa um braço pelas minhas costas para me ajudar a sentar.

— Você está bem. Você está segura.

— Estou de volta — eu sufoco.

— Isto é impossível. Você está... Como você se sente? — Zara pergunta.

Ela está praticamente ansiosa para fazer anotações.

Começo a lhe dizer quando Prisha pula em meus braços, chorando.

— Nunca mais faça isso.

A terra estremece. Um estrondo como um trovão rasga o ar. Frascos de ervas caem no chão.





— Que sangue era isso? — Pergunto, mas eu já sei. Não foi um sonho de morte ou alucinação. Erif era real; seu aviso era real.

— Não se preocupe com isso. Precisamos nos concentrar na evacuação — comanda Riya.

Prisha ainda chora em meu abraço. Zara está calma o suficiente para anunciar a verdade, para me dizer o quanto preciso me preocupar com isso.

— É o Monte Gandhak. Está em erupção, — ela sussurra com medo.



— Você não pode ir. Não vou perder você de novo — Riya me empurra para longe de Hubris III.

Ela não vai me ouvir. Mesmo quando vesti calças voadoras e tentei explicar o aviso de Erif, ela não quis ouvir.

— Eu tenho que ir — digo-lhe.

— Você acabou de acordar. Seus pais e Maraja Naupure estão cuidando do ar. Jatin já está lá. Precisamos avaliar e ajudar a orientar os sobreviventes para a segurança.

Jatin já está lá? Sobreviventes? Congelo, meu estômago revirando.

— Você está dizendo que Jatin está *no* Monte Gandhak?

A terra ruge novamente. Nós quatro tropeçamos, estendendo os braços para nos equilibrar. Zara agarra o arco mais próximo, rezando silenciosamente, com a cabeça inclinada.

— Ninguém o obrigou a ir. Eles tentaram detê-lo — diz Riya, parecendo desesperada.

Não ouço nada além da confirmação. Jatin está no vulcão. Ele tentará parar o Monte Gandhak como se fosse um desastre natural normal, como se





fosse uma mera avalanche. Ele não saberá que é alimentado pela luz do meu fogo. Oh Deuses.

— Riya, explicarei-lhe tudo para você mais tarde. Mas agora, me dê meu planador ou eu o tirarei de você.

Ela se afasta de mim, balançando a cabeça e deslizando o planador atrás dela.

— Como você está tão disposta a morrer? Se você voar para o Monte Gandhak, provavelmente não voltará. Você percebe isso, certo?

Ela está certa. Claro que ela está certa. Mas Erif também está certa. Eu sou a única que pode pará-lo. É o meu feitiço. É a minha magia. Morri para aprender essa verdade. Não posso admitir.

— Eu sei.

— Você sabe — ela sussurra quase para si mesma. — Talvez meu pai estivesse certo sobre você ajudar as pessoas, sobre o que é uma verdadeira Rani. — Lentamente, ela traz o Hubris de volta e o estende para mim. — Tenho que levá-lo, e o resto da clínica, para um lugar seguro.

Agarro Húbris III com força.

— Obrigada.

Prisha corre para os meus braços.

— Por favor, venha conosco.

— Tenho que fazer isso. — Aperto-a com força. — Eu te amo. — A terra balança novamente e eu seguro com mais força.

Meus olhos encontram os de Riya por cima do ombro de Prisha.

— Você vai tirá-la com segurança?

— Sim. — Riya pressiona dois dedos em sua garganta, a mensagem clara.

Agarro os ombros de Prisha, tirando-a de cima de mim.





— Ei, acabei de voltar dos mortos. Eu posso fazer isso de novo.

— É melhor — Riya sussurra.

— Fique segura — Zara chama. — E pegue isso. — Ela estende as duas máscaras de bolhas para voar em alta altitude e ventilação que eu negocieei com Mittal. Provavelmente não vou precisar delas. Se a magia dos meus pais falhar, estaremos todos mortos. Mas eu as pego e agradeço a ela do mesmo jeito.

— Não, por favor, Adraa, — Prisha choraminga.

— Eu tenho que fazer isso. — E gentilmente me afasto de minha irmã.

— Adeus.

Com um aceno de cabeça para as três, eu monto meu planador. Pela primeira vez, pétalas de luz gelada parecem ter abandonado o campo de treinamento e apenas terra brota quando eu me lanço no ar.



Equilibro-me no meu planador, incapaz de processar totalmente a destruição que estou testemunhando. Meu mundo é lançado à luz de fogo. O céu é uma grande bola de escuridão pintada de vermelho vivo. O Monte Gandhak está se desintegrando, a lava escorrendo por suas encostas como cicatrizes raivosas. Seu topo emana uma massa cinzenta de nuvens do tamanho de toda a minha cidade. Em vez de para cima e para os lados, as nuvens estão girando como um tornado lento. Em volta das cinzas e da fumaça estão espirais de cores: rosa, laranja e azul fervilhando e mudando juntas. Maraja Naupure e meus pais estão controlando o gás, mantendo seu calor e veneno longe de ambas as cidades. Eles estão nos salvando da morte, mas não podem segurá-los para sempre.





Voo através das cinzas, serpenteando e balançando em torno de outras bruxas e bruxos fugindo desesperadamente. Eles gritam comigo quando passo. Estou perdida, estou confusa, sou estúpida? Eles provavelmente estão bem.

Logo não é outro Tocado que estou evitando, mas pedras voadoras. Eu desvio e desvio, Hubris tremendo com a quantidade de magia que estou bombeando em sua madeira. As cinzas caem como uma chuva grossa. Então ouço: uma pedra caiu em uma das estações voadoras suspensas acima da cidade. A magia amarela girando sob um bloco de terra elevada se desfaz. Rochas e pedras gemem quando a coisa se parte ao meio e cai na cidade abaixo. *Oh meus deuses*. Aperto meus olhos fechados. Se isso continuar por mais uma hora, quanto mais dois meses, seremos todos destruídos. Eu tenho que parar isso.

– *Simaraw!* – Grito. O escudo é de pouca ajuda. Desço mais baixo, explodindo para cima e para o lado do vulcão. Deste lado, parte da serra cedeu, uma avalanche de árvores e terra arrastou-se para o mar. *Oh meus deuses...*

Jatin está lá embaixo... Em algum lugar. Continuo voando, procurando. Ao longo do lado mais próximo de Naupure, percebo uma longa faixa branca.

– *Vardrenni!* – Grito. Meus olhos se aproximam da parede cinza e finalmente consigo ver o que é. Gelo, uma corrente de gelo. *Sim! Graças aos Deuses*.

– *Pavria,* – lanço, e me lanço pelo ar.

Meus pés escorregam na lama coberta de cinzas quando eu pouso e prendo o Hubris no meu cinto. Jatin fica à frente, congelando a lava que flui e vomita perto dele. O chão muda de vermelho quente para sombrio resfriado





e para branco congelado. Ele está tentando chegar ao topo, infundir a coisa com gelo gelado. Se eu executar meu próprio feitiço de extinção, talvez possamos fazer isso.

— Jatin! — Grito.

Ele não me ouve. Eu mal consigo me ouvir.

Uma explosão de calor e pressão sobe à direita de Jatin.

— *Chiduraerif!* — Grito. Minha magia envolve a lava emergente e mergulha na rocha. A terra explode com um arroteio em vez de um vômito de fogo.

Jatin olha para a terra borbulhante, depois se vira e me vê. O olhar em seu rosto me faz querer chorar. Aqueles olhos carregam tanto a tortura da minha morte quanto a euforia do meu renascimento. Sem sombra de dúvida, neste momento sei que ele me ama tanto quanto eu o amo. Não consigo ouvi-lo por causa do rugido da destruição, mas sei o que ele está dizendo. Ele está gritando meu nome.





CAPITULO TRINTA E SETE

SACRIFICIO PARA SALVAR ALGUÉM

JATIN

Resignei-me a morrer neste vulcão, se for preciso. Pela primeira vez em minha vida, nenhuma voz me detém, dizendo: *Cuidado, você é o futuro Raja*. Talvez porque neste momento eu seja um Raja, e é isso que eu deveria fazer - proteger meu país.

Sei que também é a dor, me consumindo, me empurrando. *Adraa... Está... Se foi*, minha mente chacoalha, inaceitável e inconsolável. Mas não vou morrer antes de saber que isso acabou, que impedi o Monte Gandhak de matar Adraa de qualquer outra pessoa. Isso significa encarar essa coisa, subir até a boca e lançar dentro da barriga.

Grito feitiços de congelamento como nunca antes. Libero minha raiva, minha dor, nesta força da natureza. É como eu, explodindo, sangrando até o coração. Mas algo está errado. Esta erupção é diferente da de um vulcão normal, ou pelo menos do que suponho ser um vulcão normal. Pontos de pressão surgem por toda a paisagem, como se o poder dessa coisa procurasse qualquer rachadura na terra para explodir. Pelo que posso dizer o verdadeiro monstro ainda não explodiu, e ainda assim as explosões e montes de lava continuam vindo em gêiseres vermelho-sangue, e continuo lançando.

Um brilho de fumaça vermelha penetra no chão, e eu me viro. A terra sufoca uma explosão que poderia ter me matado. Cascata de cinzas, calor absorvendo, trovão rugindo, dentro de tudo o fantasma de Adraa emerge





através da tempestade de fogo. Ela fica a metros de distância com a mão levantada como se tivesse acabado de terminar um feitiço.

Um soluço balança meu corpo em um suspiro. *Eu fiquei completamente louco? Sim, sim, eu fiquei.* E, no entanto, esta é uma loucura feliz se ela estiver aqui. Estou bem com qualquer reino para onde minha mente escapou se isso significar que Adraa e eu podemos ficar juntos novamente. Nunca quis tanto na minha vida que ela fosse real, que isso não fosse uma miragem criada pela minha dor e vapores vulcânicos.

— Adraa? — Grito. — Adraa!

Corremos um para o outro o melhor que podemos através do campo minado de pedregulhos, gás e lava.

E então seu corpo bate no meu. Ela está em meus braços. Ela parece real, tão real. Não consigo parar de tocá-la, de apertá-la, de senti-la me abraçando de volta.

— Você é real? — Murmuro.

— Que tipo de pergunta é essa? Claro que sou real.

— Eu pensei, eu pensei... — A agonia e a alegria de saber que não a perdi sufocam e alimentam meus pulmões ao mesmo tempo.

Seguro seu rosto e olho em seus olhos ardentes.

— Não vou me atrasar de novo — diz ela com um sorriso.

— Como? Como você está aqui?

— Direi-lhe mais tarde. Precisamos parar isso.

Uma explosão de calor sobe pelas minhas costas, o que significa apenas uma coisa. Lava. Sem pensar, lanço um escudo de gelo e coloco Adraa atrás de mim. Ela tem um pensamento semelhante, e nuvens de fumaça explodem em torno de nós dois, protegendo-nos ainda mais.

— É a minha luz de fogo! — ela grita.





— O que você quer dizer?

Ela aponta para o topo do Monte Gandhak.

— Vencrin ou Moolek ou ambos, quem quer que seja, eles colocaram minha luz de fogo *no* Monte Gandhak. É por isso que eles estavam roubando. É por isso que o Monte Gandhak está em erupção.

Esses bastardos! Eles estavam dispostos a destruir a todos? Quero perguntar como ela sabe disso, mas isso não importa agora. Depois de semanas trabalhando nas ruas, ainda não tínhamos descoberto esse plano, e agora ele está explodindo na nossa cara. Havia lhe prometido que descobriríamos o que estava acontecendo com a luz de fogo. Falhamos.

Com Adraa ao meu lado, segura e bem, uma parte de mim quer agarrá-la e correr. Ainda podemos escapar disso. Ambas as nossas cidades morreriam, mas ela e eu viveríamos. Eu a teria.

Adraa olha para mim e sei que ela pode ler minha hesitação.

— Jatin, nós somos os únicos que podemos fazer isso.

Ela está certa. Deuses, ela está certa.

— *Tuhinadloc!* — Grito, e uma fria magia branca se libera de meus braços, criando uma grande camada de gelo aos nossos pés.

Subimos. Abro o caminho em uma camada de gelo e neve. Adraa extingue o calor em ambos os lados de nós. O último mês de luta juntos nos ensinou bem. Se eu varrer baixo, ela cobre o céu. Trabalhamos em anéis como em uma luta. A nossa missão é arrefecer o terreno à nossa frente e depois prosseguir, passo a passo.

— Como exatamente a luz de fogo torna isso diferente de uma erupção normal? — Grito.

— Se não pararmos, o Monte Gandhak continuará soprando por dois meses.





Meu estômago cai debaixo de mim. Dois malditos meses.

– Como paramos isso?

– Não sei. Vamos chegar ao topo e tentar forçá-lo. Se você esfriar por dentro e eu trabalhar para liberar todo o gás, pode funcionar.

Concordo. À medida que avançamos, Adraa levanta os braços e chama as raízes próximas para escavar a terra. Ela constrói uma trincheira no lado esquerdo e eu sigo seu exemplo e crio uma à direita. De repente, sei que podemos fazer isso. Somos Adraa e eu. Entendemos como cada um de nós vai se mover. Somos poderosos o suficiente.

Então continuamos subindo, aumentando nossa velocidade a cada passo que damos. Finalmente o ar fica pesado com o calor.

– *Tuhinadloc*. – Explodo a terra. Ele crepita contra o fogo, formando uma placa de gelo. Metros acima de nós, a borda de um fole de caldeirão fermentando. Não consigo ver nada através do lençol sombrio e cinza, mas o cheiro de enxofre bate forte em meu nariz.

– Acho que isso pode ser o mais alto que podemos chegar – Adraa grita, a mão estendida como se para bloquear as folhas de cinzas tentando nos consumir.

– É o suficiente? – Pergunto.

– Deuses, espero que sim.

Cavando nossos pés no chão, Adraa e eu nos olhamos e concordamos. Nós nos movemos em sincronia, tecendo o ar tóxico para fora deste poço. Ria, Htrae, Erif, Retaw. Nós cantamos para os quatro principais. Qualquer coisa para liberar gás, acalmar a terra, apagar o fogo e dar as boas-vindas à água. Nada parece ajudar.

– Não consigo pensar em mais nenhum feitiço de extinção! – Adraa grita.





— Você se lembra do feitiço que lançou contra Machado naquela noite em que te vi pela primeira vez, no Subterrâneo?

— Qual feitiço?

— Ele estava jogando chamas roxas em você e você as conteve, como se as colocasse em uma jarra.

— Oh sim! Sim, claro.

— Bem, se você...

— Se você colocar gelo e eu... Sim! Entendi.

— Em três, então. — Não temos muito tempo. Esta é a nossa última chance. Um último grande feitiço de nós dois. Olho para ela. Ela está me observando, esperando a contagem.

— Jatin? Está pronto?

— Eu te amo.

Ela salta de sua posição.

— Você está falando sério agora? Jatin, o vulcão.

— Só precisava te contar.

— Bem, eu também te amo!

Sorrio. *Se eu tiver Adraa, podemos fazer isso.*

— Em três. Um... — Inspiro.

— Dois... — Adraa exala.

— Três.

— *Himadloc!* — grito. O feitiço de gelo mais simples que tenho. Então eu construo sobre ele, adicionando todas as camadas de geada, lama e neve que posso imaginar. Uma explosão de branco irrompe de minhas mãos. Pela minha visão periférica, uma labareda vermelha jorra de Adraa, e eu ouço seu feitiço de contenção tentando conter o calor que me atinge no rosto.





Lentamente, uma folha de magia vermelha floresce sobre o pico do Monte Gandhak, sufocando as cinzas e envolvendo o terror.

Sim!

Grito cada vez mais alto, até minhas cordas vocais doerem e minha garganta virar cinzas. Meus membros estão dormentes, meu corpo envolto em gelo enquanto minha magia branca corre não apenas pelos meus braços, mas também pelo meu torso. Meu suor se transforma em gelo. Não consigo mais me mover com minha magia.

— Jatin, acho que não está funcionando! — Adraa grita.

Abro minha boca para concordar, para jorrar uma última gota de encorajamento, quando *bum!* O Monte Gandhak rejeita nossa magia. Adraa grita. Com uma explosão de calor, todo o gelo derretido em meu corpo se estilhaça e sou jogado para trás.



O mundo desperta. Meus ouvidos zumbiam. As cinzas flutuam do céu em montes pesados.

Luto para me endireitar, para recapturar a realidade. *Onde diabos estou?*

Ah, sangue. Agarro meu lado. Mesmo a menor das respirações apunhala meu estômago. Acho que algumas das minhas costelas estão quebradas.

— *Suptaleah* — digo ao meu corpo enquanto procuro Adraa em meio às cinzas. Ela se foi novamente. — Adraa? — Grito. Meus pulmões parecem prestes a explodir no meu peito, como se fragmentos de ossos estivessem perfurando meu suprimento de ar. — *Cyavateleah*, — lancei novamente, com





mais força. A dor diminui um pouco, enquanto meu corpo é instruído a esquecer da agonia.

— Adraa? — Chamo enquanto me levanto. A escuridão cinzenta gira.

— Jatin? Jatin! Onde você está?

Finalmente.

— Adraa! — Movo-me ao som de sua voz. Então lá está ela, a apenas alguns metros de distância. Corremos um para o outro. Assim que a alcanço, o chão treme. Acho que Adraa e eu pioramos as coisas. É isso. O Monte Gandhak está farto de nossas travessuras. Vai continuar.

— Você está bem? — gritamos ao mesmo tempo.

Ela acena com a cabeça. É o suficiente.

— Não podemos consertá-lo com força física.

— Eu sei! — Grito por cima do rugido.

Estrondo! Fogo vermelho ardente e não natural explode e interrompe o mar de cinza. Adraa e eu protegemos nossos rostos porque com esta luz podemos ver tudo. Fluxos de magia laranja, rosa e azul lutam com as nuvens, mas não podem parar a lava. *Jorra* ou *explode* é uma palavra muito mansa para a fúria diante de nós. Encaro o fogo puro e inflexível, um inferno de dois meses que destruirá nossas duas cidades. Antes era minha vida desmoronando na minha frente com a perda de Adraa. Agora é o mundo, o mundo físico em erupção. E ainda não conseguimos fazer nada para impedir isso.

— Temos que ir.

Isso é tudo que Adraa precisa para se motivar. Corremos. Meus pulmões respondem com uma pontada penetrante.

— Você tem alguma ideia? — Adraa grita.





Quebro meu cérebro. Poderíamos tentar recomeçar na base e escalar, circundando a montanha em uma casca de gelo. Poderíamos criar trincheiras profundas. Mas tenho a sensação de que nenhuma das ideias funcionará. Uma parede ou uma trincheira só nos daria tempo, algumas horas no máximo. Precisamos pará-lo completamente.

— Podemos corromper a luz de fogo? Fazer com que não durem meses. Meu braço direito está dormente com picos de formigamento. — Eu agito. Pretendia anestesiá-las apenas minhas costelas. *Eu devo ter...*

— Não, eu me certifiquei de que a longevidade da luz de fogo nunca pudesse ser adulterada, — diz Adraa.

— Temos que descobrir alguma coisa. Uma desvantagem que nem *você* poderia imaginar. — Meu pé escorrega e eu tropeço. Invoco minha magia laranja para obter força ou precisão. Mas nada - meu toque parece monótono e a dormência em meu braço só aumenta. *O que...*

A dor engole minha cabeça. Eu o agarro com um suspiro. Minha visão embaça. *O que há de errado comigo?*

— Jatin?

— Estou bem.

Mas então eu processo o que está acontecendo e o medo dispara através de mim. Então é assim que se sente o esgotamento, a sua magia desmoronando dentro de você. Deuses é pior do que eu poderia ter imaginado. Estou me dissolvendo.

Encontro à terra dura com um baque. Pontos pretos ondulantes fluem na frente dos meus olhos. A dor engole minha caixa torácica e aperta, sem vontade de esquecer por mais tempo.





Adraa grita e me puxa para ela. Meus braços estão inertes ao lado do corpo, imóveis. Meus nervos parecem ter liquefeito. Vou falhar com ela, deixá-la aqui em meio a essa destruição. Vou morrer. Sua voz soa distante.

— Jatin! Apenas espere. Apenas...

— Adraa, me desculpe. Estou tão... — Antes que eu possa terminar minha frase, o mundo escurece.





CAPITULO TRINTA E OITO

MONTE GANDHAK

ADRAA

Eu deveria saber como salvar meu mundo e Jatin, mas não sei. Seguro o corpo inconsciente de Jatin em meus braços, tremendo enquanto o calor atinge meu rosto. Ele está bem por enquanto, apenas um esgotamento ruim, eu acho, eu espero. Não importa o que aconteça, não posso deixá-lo no chão para morrer sem proteção. Tenho que escolher - lutar contra o vulcão ou salvar a vida de Jatin.

Vou tentar ajudá-la, dissera Erif.

– Socorro! Erif ajude-me! Não sei como pará-lo.

Nada acontece. Lava surge em nossa direção à distância. Ao meu redor, a terra se abre e o vapor dispara no ar. O enxofre invade minhas narinas e as queima. Nossos pais... Deve estar se tornando demais para eles.

– *Zaktirenni!* – Grito para carregar o peso de Jatin. Agarrando-o por baixo dos braços, eu o puxo pela encosta lamacenta que ele criou para nos trazer até aqui. Com alguns feitiços verdes crus, cavo um fosso que se conecta as trincheiras que Jatin e eu construímos. Isso pode nos dar alguns minutos. Mas eu não sei o que isso pode fazer de bom, realmente. Estou sozinha, sem planos. O pânico floresce em minha cabeça com desculpas raivosas. *Claro que eu não poderia fazer isso. Falhei na minha cerimônia. Não sou Rani. O que Erif esperava? Ela deveria saber que eu não era boa o suficiente.*

Toco Hubris III no meu cinto, então afasto minha mão com o pensamento. Mordo meu lábio e deixo meus gritos tomarem conta. O Monte





Gandhak não é o único que pode explodir. Quando abro os olhos, com um olhar para Jatin e os gritos ecoantes da terra queimando meus ouvidos, fica claro. Eu não vou deixá-lo. E não vou deixar meu país para ser destruído.

Gostaria de poder reverter isso, desfazer todas as decisões que levaram a esse ponto. Mas não sei se teria sido melhor. Sem o aviso de Erif, eu poderia ter atacado este vulcão como se fosse uma erupção comum. Minha cabeça gira. Isso é o que Jatin e eu estávamos fazendo, não estávamos? No entanto, o céu manchado de sangue, exatamente da mesma cor do meu Toque, exige atenção, uiva meus fracassos.

Posso ter abençoado você, mas foi você quem criou a luz de fogo.

Sim, eu criei. Eu! Ela me responde. E é isso que tem feito. Atirei a luz do meu fogo com mais da minha magia e isso alimentou o Monte Gandhak, ele respondeu.

Mas como parar um incêndio? Você o priva de sua energia. *Minha* energia.

É isso! Preciso recuperá-la. Essa é a única maneira de se livrar dele. E eu já fiz isso uma vez antes. É insano tentar algo assim de novo e nessa escala, mas é a única maneira que vejo disso.

Tomo algumas respirações profundas. Mas, se for fazer isso, preciso fazer direito. Primeiro, lancei um escudo de bolhas ao redor de Jatin. Pensando melhor, eu me abaixo e pego uma das máscaras do Sr. Mittal para alta elevação e lanço um feitiço de circulação. No caso... No caso de eu não conseguir, Jatin ainda terá a chance de respirar através das cinzas.

Então eu me levanto, tentando desesperadamente clarear minha cabeça. O que eu disse na loja de Basu? Procuro as palavras. Tudo veio por impulso, com raiva. Pânico.





– *Dadti Erif* – tento, apontando meus braços em direção ao topo do Monte Gandhak e então gesticulando em minha direção. O feitiço parece errado em meus lábios, mas está perto.

– *Pratidadti Erif. Yatana Agnierif.*

E assim vai, sem nada acontecer, eu experimentando cada sílaba e torcendo para que venham as certas. Abaixo de mim, o gelo duro se transformou em lama marrom, a neve se misturando com a terra. O calor da terra encharca meu corpo. O suor escorre de mim como se eu estivesse derretendo.

Metros de distância, a lava desce a montanha e atravessa nossas trincheiras. Ao encontrar o gelo de Jatin, ele chia e solta vapor e então o chão desaparece, devorado pelo meu fogo. Jatin e eu estaremos cercados em breve, flutuando em um iceberg lamacento em meio a um mar de chamas.

Cavo meus pés na neve lamacenta e me movo com meu elenco, à dança da cerimônia real fluindo através de mim. Essa é minha mágica, minha mágica! E vai me ouvir agora, não mais ninguém. Não vou permitir que seja usada assim.

– *Yatana Agni Tviserif!*

É isso. Era isso que me faltava, a direção. Não preciso apenas remover a luz de fogo. Preciso que ela *volte* para mim. Estendo meus braços e os coloco no meu corpo continuamente, empurrando e puxando em cada nova direção que posso.

– *Yatana Agni Tviserif!* – Grito, sacudindo com a intensidade.

Então acontece. Um pequeno borrão de luz vermelha brilha à distância e a esperança floresce dentro de mim. Eu canto, chamando e gesticulando.

A luz gira cada vez mais perto, cada vez mais perto, até *wham!* Ela conecta. A luz vermelha atinge meu pulso, fazendo-me cambalear para o





lado. Tropeço para trás e engasgo com as palavras do feitiço. O ponto no meu pulso, bem na primeira marca do meu Toque, brilha em vermelho e depois sobe pelo meu braço até desaparecer. Cerro meu punho. Sangue doeu, mas funcionou... Funcionou!

Olho para Jatin. *Espere um pouco mais. Eu tenho um plano.*

– YATANA AGNI TVISERIF!

Três feixes de luz do fogo brilham em minha direção. Dou-lhes as boas-vindas com um sorriso até que se juntam ao meu braço. Eles picam e me forçam a recuar, mas não paro de lançar. Não penso nas implicações do que estou prestes a fazer. *Devo fazer isso.*

Enquanto continuo a lançar o feitiço, explodo minha magia e minha energia, mas conforme cada um de meus feitiços retorna para mim, recupero a magia que usei uma vez. Sou como uma balança pesada, oscilando entre a fraqueza e a força.

Em pouco tempo, centenas de jatos vermelhos de fogo voam em minha direção e atingem meu corpo, socando, chutando, cada um me derrubando e me fortalecendo ao mesmo tempo. Impossivelmente, eles ficam ainda mais violentos. E eu caio.

Com cada feitiço lançado, minhas luzes de fogo parecem menos com luz e fumaça e mais com flechas físicas perfurando meu corpo. Um me acerta na canela e meu joelho se dobra. Tropeço para me endireitar. Dois me acertam no ombro e eu giro. Tenho que me levantar novamente. Três me socam no estômago e eu desmorono. Tenho que continuar.

Logo não estou apenas me endireitando, mas também lutando para me levantar, para reafirmar minha posição e lançar novamente.

– *Yatana Agni Tviserif.*





Uma massa gigante de fogo bate em mim e sou arremessada no ar. Sou uma boneca para este poder agora. Não consigo nem controlar o pouso. Minha perna direita escorrega da lama e torce no ângulo errado. Agulhas, milhares de agulhas perfuram meu joelho. Agarro a lama enquanto grito no chão. Cada um dos meus músculos treme incontrolavelmente em tumulto. Eu... Eu não consigo me levantar.

Por alguma razão, as palavras de Naupure de muito tempo atrás surgem em mim. *Força é mais do que ficar de pé.* Ele obviamente não quis dizer isso dessa maneira e ainda assim - eu não preciso me levantar para salvar o mundo. Só preciso lançar.

– *Yatana Erif Agni Erif Tvis Erif!* – Grito, incorporando Erif em cada palavra.

Como eu pensei, mesmo sem os movimentos ou eu em pé, a luz do fogo continua vindo enquanto lanço na terra. Deve haver milhares.

Pop! O escudo em torno de Jatin se estilhaça. Cheguei ao limite. Com meu corpo além de sentar, minha magia só pode se concentrar neste único feitiço, sem espaço para mais nada. Enfrento Jatin, mas não consigo ver nada por trás do véu vermelho que consome minha visão. É como se eu estivesse com Erif, cercada pela cor de sangue e destruição.

– Jatin! – Grito.

A luz de fogo não para, porém, e é assim que sei que ainda estou viva e no Monte Gandhak. Elas me batem, jogando meu corpo de um lado para o outro como um navio perdido no mar. Cada vez que minha perna é empurrada, uma dor intensa brota e estilhaça através de mim.

As luzes se acumulam em uma grande bola de fogo. Não estou perdida no mar. Estou afundando. O vermelho brilha sobre meu braço, mergulhando em cada veia, cada veia que sai como se fossem rastros de lava descendo por





este vulcão. Uma variação pútrida de vermelhos incha e ataca. Minha pele incha em tons fluorescentes. Eu... Meu braço não aguenta mais. Meu próprio sangue está muito cheio de magia.

Crack. Meu braço esquerdo quebra no que parece uma dúzia de lugares. Da pele ao músculo ao osso, estou sendo dilacerada. Meus gritos engolem todos os outros ruídos, todos os outros estalos que soam como gravetos.

Adraa. Você deve continuar! A voz de Erif grita dentro da minha cabeça.

O calor aumenta e não é mais só meu braço. Meu ombro arde. Rasgo meu pescoço, que parece que alguém está me cortando, me marcando. Quando a dor atinge meu rosto, não sou nada além de gritos. É muito. *Faça parar. Não posso respirar.*

Adraa! Estou fazendo o que posso, mas você tem que continuar lançando. Você tem que continuar lançando.

Levanto meu braço. Tento dizer o feitiço. Ele cai de meus lábios em uma gagueira choramingando. *Não.*

Se você já teve um destino, é este. Então seja uma bruxa e lance.

— Ajude-os! Ajude Jatin. Se você é uma Deusa, ajude-nos.

Às vezes é preciso morrer para que outros possam viver. É você e ele ou milhões de vidas. Lute contra isso.

— *Erif Yatana Agni...* — Minha voz falha.

Adraa.

Eu canto. Canto através das lâminas de barbear rasgando minha garganta. Movimento a terra no que precisa acontecer. Tenho que continuar absorvendo minha magia mesmo que minha alma fuja de volta para a sala vermelha com Erif. Pelo que parecem horas, o vermelho me cobre de dor enquanto canto. Morrer pela primeira vez foi muito mais fácil. Mas acho que





é sempre mais fácil morrer quando você não espera. Saber é muito mais aterrorizante.

Mas não consigo pensar isso. Se eu parar o vulcão, alguém virá atrás de Jatin; alguém o salvará. Se eu parar o vulcão, meu país não vai queimar vivo. E então eu canto.

Não desmaio com o esgotamento que está sobrecarregando minha consciência. Anos atrás, aprendi a me esforçar além do esgotamento e continuar, a ficar acordada. Agora desejo a inconsciência, o fim. A dor rouba o tempo e o alonga em momentos tortuosos e imensuráveis. Em um último esforço, rolo para onde vi Jatin pela última vez. Estico meu braço direito até tocar sua mão. Ele parece gelo, como imagino que a morte seja. Talvez eu seja gelo. Ou talvez eu seja fogo.

De qualquer maneira, ele não pode ter morrido, ele não pode. Continuo a cantar.

Adraa! Você pode parar. Acho. Acho...

Murmuro, movendo meus lábios sem parar, embora não possa haver nenhum ruído saindo de mim agora. Pés esmagam a lama ao meu lado e então param. Graças aos Deuses! Nós somos salvos. Então sapatos verde-escuros eclipsam minha visão de Jatin. Lentamente, a figura se agacha ao meu lado.

— Sabia que você era especial.

Não! Ele não. Ele não. Tento me mover, mas é inútil. Estou esgotada.

— E de alguma forma eu sabia que você iria se arrepender de rejeitar minha oferta.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto até que finalmente eu saúdo a escuridão e o entorpecimento do sombrio. Acabou.

Adraa? Adra...





CAPITULO TRINTA E NOVE

ACORDADO

JATIN

Abro meus olhos. Então gostaria de não ter feito isso. Parece que uma lança está tentando dividir minha cabeça em duas. Pisco e tento me levantar. Minha cabeça lateja ainda mais. Meus braços doem como se meus ossos tivessem se dissolvido.

— Ele está acordado! — alguém grita. Portas abrem, fecham, batem. Aplausos soam no corredor. *O que está acontecendo?*

De repente, a cama cede e meu pai aparece, inclinando-se para mim.

— Jatin? Graças aos Deuses. Como você está se sentindo?

Olho para o rosto do meu pai.

— Ah, minha cabeça está me matando. O que aconteceu?

— *Mukleah*, — ele lança, e uma fumaça azul sai de suas mãos e mergulha na minha testa. — Estava esperando te perguntar a mesma coisa. Mas não se preocupe com isso agora. Como você está se sentindo? Tudo bem além da cabeça? Você quebrou quatro costelas, embora elas devam estar curadas, e você tem alguns hematomas graves e, é claro, um esgotamento grave. Mas fora isso...

Esgotado. Foi o que aconteceu. Esgotei. Minha kurta se foi e uma bandagem branca envolve meu torso. Separar os sonhos da realidade é uma das coisas mais difíceis de fazer. Especialmente o tipo de realidade de que me





lembro pela última vez. Calor sugando o ar. Suor batendo. Lava vindo atrás de nós. Caindo. E Adraa de volta dos mortos e bem ao meu lado...

— Adraa! Onde está Adraa? — Examino a sala, esperando que ela entre pela porta sem bater.

— Ela está viva. E ela está bem, considerando...

— Considerando o quê? — Exijo.

— Considerando o que ela fez.

— Ela fez isso, não foi? Parou o vulcão. Não há outra maneira de eu ainda estar vivo.

— Não tenho certeza do que aconteceu. Em um momento, os Belwars e eu estávamos perdendo para o Monte Gandhak. Então, do nada, a montanha se estabilizou e parou de lutar contra nós. Quando se trata de Adraa, eu esperava que você pudesse esclarecer algumas coisas. Mas isso pode esperar.

Meu coração bate forte.

— Não me diga! O que há de errado com Adraa?

— É só um boato. A verdade precisa ser estabelecida. Ela está bem, fisicamente, algumas... Queimaduras, mas nada que não possa ser curado por Marani Belwar.

— Qual é o boato? O que precisa ser resolvido?

Meu pai empurra meus ombros para baixo.

— Precisa descansar. Podemos conversar sobre isso quando você se sentir melhor.

— Pai, se é sobre Adraa, preciso que você me diga agora.

Ele faz uma pausa, então sorri lentamente.

— Você não me chama de pai há muito tempo.

Paro.

— Acho que não.





Lembro-me de cair em seus braços depois que Adraa morreu. Nunca me senti mais perto dele do que naquele momento. Olhando para seu rosto agora, noto as manchas escuras sob seus olhos. Seu cabelo está bagunçado e despenteado. Ele parece horrível.

Ele me envolve em um abraço. Sua kurta arranha meu rosto e o ângulo é desconfortável, mas eu o abraço de volta. Isso é o que eu deveria ter feito quando voltei para casa e quando ele voltou de Moolek. Mas não, eu estava estranho e irritado. Frustrado com todos aqueles anos em que fui mandado embora; com ciúmes de seu calor e amizade com Adraa; e então magoado, ele me castigou por fazer a única coisa que parecia certa. Mas eu fiz minha parte para me afastar, não fiz? Depois que mamãe morreu, nós dois nos retiramos, eu para estudar, ele para administrar o país sozinho.

— Tenho orgulho de você, Jatin, — continua ele, sem largar. — Existe um boato de que Marajá Moolek diz que foi a luz de fogo de Adraa que causou a erupção do Monte Gandhak, mas...

Recuo.

— *Era* a luz de fogo dela.

— O quê?

— Era a luz de fogo dela. Foi isso que fez o Monte Gandhak explodir ou pelo menos alimentou a erupção.

Seu rosto cai.

— Então você está dizendo que ela...

— Não, não é bem assim. Era a luz de fogo dela, mas ela não a colocou lá. Deve ter sido Moolek. Ele usou a magia dela. Mas Adraa impediu. Você diz que o Monte Gandhak ficou mais fraco. Ela me salvou. Ela salvou a todos nós.

— Adraa não te salvou.





— Sim. Ela fez. — Ela era a única no vulcão comigo. *Se não fosse ela, então quem poderia possivelmente.*

— Marajá Moolek. Ele é quem te salvou. Ele é quem salvou a todos nós.





CAPITULO QUARENTA

UM DESTINO EM CHAMAS

ØDRAA

Dor. Um quarto vermelho. Jatin. Um vulcão. Mais dor. Um par de sapatos verde-escuros.

– Não! – Grito quanto acordo.

– *Yatana Agni...*, – canto até que minha voz caia na realidade. Foi um sonho. Estou na minha cama. A luz fraca me cega. Um espesso torpor paira sobre meus olhos.

Então a dor me envolve. Meu pescoço e o lado esquerdo do meu rosto queimam. Gemendo, eu seguro meu rosto e encontro vários panos colados em minha mandíbula e escorrendo pelo meu ombro. Não era um sonho.

Uma voz áspera amaldiçoa.

– Sangue!

Começo. Estou no meu quarto, mas não estou sozinha. Guardas, dois na porta e um na minha janela, dominam o espaço. Eles endurecem quando eu me levanto para uma posição sentada. Um até pega sua espada e amaldiçoa novamente. Outro sai correndo da sala. Pisco, focando em seus uniformes, mas a árvore gravada em verde é facilmente identificável.

Bile lambe minha garganta. Homens de Moolek.

– O que está acontecendo?

Silêncio.

– Onde está Jatin? Ele está bem? Meus pais estão bem?





O guarda cuja mão ainda hesita sobre a espada olha para o outro guarda.

— Eles disseram que ela não acordaria por dias.

— Quieta.

— Jatin está bem? — Grito, mais alto.

— Vai. Diga-lhe, — o guarda ordena ao bruxo mais jovem, que recua aliviado, batendo a porta atrás de si.

— *Raja Jatin* — o homem castiga em um tom amargo.

— O quê?

— É *Raja Jatin* para você.

Ele está falando sério?

— Sim, tudo bem. *Raja Jatin* está bem?

Nada. Ele não me dá nada.

Frustração e medo borbulham. Por que esse guarda está aqui? Começo a lançar um feitiço de diagnóstico para me orientar, mas enquanto o vermelho da minha magia se espalha ao meu redor, um riacho roxo voa pelo ar. O vime da cabeceira da minha cama se desenrola e ataca, prendendo meu pulso direito em uma corda. Puxo contra ela e o vime aperta.

— O que é isso?

Uma névoa lavanda sai da mão do mago em advertência.

— Não tente nada. Não tenho medo de você.

— Do que você tem tanto medo? — Grito, puxando a algema. Quando ele não diz mais nada, a irritação e a confusão se transformam em raiva. — Responda-me! Por quê? — Grito.

A magia roxa arde.

— Porque dois dias atrás você e sua luz de fogo mataram cento e vinte e nove pessoas. *Porque*, senhorita Belwar, você é um perigo para todos nós.





Meu povo. Cento e vinte e nove do meu povo estão mortos. Esse é o número com o qual vou viver pelo resto da minha vida. Minha luz de fogo.

Mas eu parei. Não? Se o Monte Gandhak ainda estivesse em erupção, eu estaria morta. Estaríamos todos mortos. Sem pensar duas vezes, quebro o punho de vime com um golpe de magia roxa. Um calor intenso sobe pelo meu ombro e atinge minha bochecha. Isso me atrasa - mas apenas um pouco.

Minha perna quebrada curada, agora dormente e vacilante, cede sob meu peso, mas eu me empurro para a janela mancando. Tenho que ver.

— Pare! — o guarda grita quando chego à janela. Jogo meu próprio punho atrás de mim, prendendo o guarda na parede. Com um impulso e um espasmo de dor, abro as cortinas.

E então eu paro, porque o mundo diante de mim é completamente cinza. As cinzas cobrem tudo com sujeira. Além dos portões do palácio, madeira e telhas cobrem o chão. Em meio ao cinza, marcas sobrias marcam dezenas de casas. Mas ainda há casas, ainda há magos passando pelos destroços. Lampejos de magia iluminam minha cidade. Eles estão limpando, consertando. E ao longe, o Monte Gandhak fica pacificamente. Nenhum fogo ou tempestade de nuvens de seu pico.

— Consegui. Eu...

— Então. Você finalmente acordou.

Um calafrio me atinge porque conheço aquela voz. Lentamente, eu me viro. E é ele. Só ele. Os guardas desapareceram. Uma brisa quente entra na sala, chicoteando meu cabelo e tirando sua capa do chão. O cetim verde de suas roupas brilha no mundo cinza que ele criou. Acentos de joias em cada punho e costuras refletem a luz opaca em meus olhos, mas não ousa piscar enquanto observo Maraja Moolek.





— Por um tempo eu não pensei que você iria sobreviver — diz ele. — Fico feliz em ver que estava errado.

Chamas vermelhas se espalham pela minha mão e lambem meu ombro. Queima cada dor ricocheteando até o osso. Deslizo uma mão para trás e lanço uma faca, mas antes que eu possa terminar o feitiço e conjurar a arma, um feitiço de tortura serpenteia pelo meu braço, perfurando a carne inchada até o osso quebrado. Caio de joelhos, gritando.

— Cuidado agora. Não quero desfazer todo o meu trabalho duro puxando você daquela montanha.

Ofego de quatro enquanto a dor diminui, mas tudo ainda gira.

— Você? Salvou-me?

— É tão difícil de acreditar?

Sim, isso é difícil de acreditar. A repugnância se espalha por mim. Quando vi aqueles sapatos, soube que ele tinha vindo para me matar ou pelo menos se vangloriar enquanto eu morria. Mas... Se ele me tirou daquele vulcão...

Um medo venenoso faz com que minhas próximas palavras pareçam suplicantes.

— Se você me salvou, deve ter salvado Jatin também.

Ele ri.

— Ah, então você se importa com meu sobrinho. Interessante.

Levanto minha cabeça. Nossos olhos se encontram. Pelo que parece um século, nós nos encaramos. Cada pedaço de informação que ele absorve é uma facada no estômago. Não quero que esse assassino descubra uma única coisa, especialmente quando se trata de Jatin. Mas é muito tarde. Moolek sabe que suas próximas palavras podem me desvendar.





Ele se vira e caminha em direção à janela, passando por mim como se eu não fosse nada.

— Sorte sua que eu precisava de vocês dois vivos.

Tomo uma respiração trêmula. Alívio arde em meus olhos. Jatin. Esta. Vivo.

— Por quê? Por que salvar-nos?

— Tenho certeza que você vai descobrir isso em breve. — Os dedos de Moolek roçam as cortinas. Tudo para, como a morte. — Esta é uma bela vista que você tem aqui.

A dor disparando pelo meu corpo me diz que mesmo ficar de pé seria uma dificuldade, mas eu tenho que saber. Quero ouvi-lo dizer isso. O silêncio envolveu a sala, tornando minhas palavras altas.

— Você deveria tê-lo visto antes de destruí-lo — digo.

— Você acha que fui eu?

Fico de joelhos e lentamente, tremendo, levanto-me.

— Sei que foi. — Moolek se vira, me observando com pouco interesse.

— Erif me contou — minto.

Quero vê-lo sangrar. Quero ver o medo em seus olhos. *Qualquer coisa!*

Ao ouvir o nome da deusa, ele apenas ergue uma sobrancelha.

— Ah sim, esqueci-me. Você teve sua primeira morte. Você *falou* com os deuses. Assim que você tiver sua quinta, ficarei impressionado. — Ele zomba.

— Você ainda acha que os deuses tentam nos proteger. Você ainda não sabe como o mundo funciona. Nenhum de vocês no sul sabe. É por isso que vocês são tão fracos.

As palavras do meu pai ecoam em minha memória. *Olhe para Moolek para ver o que acontece sem que nossos poderes sejam controlados. Logo alguém começa a pensar que eles são semelhantes a Deuses. Semelhante a Deuses o*





suficiente para tirar mais de cem vidas sem pensar duas vezes. Minha agonia transborda.

– *Agnierif!* – Grito, e um raio de fumaça vermelha disparam da minha mão e se enfurece em direção a ele, queimando no fogo.

Com um movimento de sua mão, uma parede se materializa. Então o escudo explode em fumaça verde e engole meu fogo.

Pulo para o lado e giro, construindo uma flecha perfurante. Eu lanço. Mas Moolek não está onde eu pensei que estaria. Com o canto do olho, vejo um brilho verde à minha esquerda. Quando a lança perfura a cortina, seu feitiço me atinge nas costelas. Caio. A dor me consome, imitando a queimadura do meu braço por todo o corpo.

– Como eu disse. Fraca.

Neste momento, estou fraca. Sinto-me. Esgotada. Enfaixada. *Quebrada!* Meu braço grita comigo. A raiva não se importa, no entanto. Quer continuar gritando.

– Somos fortes o suficiente para ficar contra você – digo, minha voz um chiado de dor e mágoa. Levanto minha mão e começo outro feitiço, mas um punho de magia roxa voa no ar e atinge meu pulso, prendendo-o no chão.

Moolek dá um passo à frente.

– Não, você não é. Você acha que Erif está do seu lado, que ela lhe concede algum destino que vai me impedir? Quem você acha que me concedeu o poder de ativar aquele vulcão? – Ele arregança a manga e uma densa fumaça verde sobe no ar. – E você acha que importa *saber* que fui eu? – Ele ri. – Você falhou em sua cerimônia real, Adraa Belwar. Olhe para você. Contrate todas as mulheres vermelhas que quiser. Você não é mais importante.





Finalmente, as palavras foram ditas, a resposta clara. O Deus da Terra o ajudou como a Deusa do Fogo me ajudou. Ele infundiu o vulcão com minha magia e então com uma quantidade extrema de magia verde ele pressionou o Monte Gandhak para fazê-lo entrar em erupção. Cambaleio sob o peso de tudo isso. Especialmente as palavras que soam mais verdadeiras: eu falhei. Falhei na cerimônia real. Falhei em salvar cento e vinte e nove pessoas. Mas como ainda *estou* viva? Ele me salvou. Por que...

Algo se cola em minha mente. Aquele guarda disse que eu tinha matado meu povo, que eu era a ameaça. Mentiras, claro. Mas ainda assim, mentiras em que ele acreditava.

Para sua sorte, eu precisava de vocês dois vivos.

É tudo manipulação, planejada desde o início. Moolek me quer com medo, não morta, porque ele precisa de mim. Minha luz de fogo. *Minha luz de fogo!*

Quebro a algema e me levanto. Ele acha que contratei a Mulher Vermelha. Ele acha que não passo de um membro da realeza que, como ele, acredita que tenho o direito de governar. Erif deixou uma coisa bem clara: só existe escolha, não destino. Eu escolho não me acovardar. Ele vai pagar por cada vida que tirou, mesmo que isso me mate.

— Então é a minha palavra contra a sua. Mas você esquece os acordos de verdade. Meu povo saberá o que você fez.

— Não me esqueço de nada, menina. Nada — ele sussurra. No entanto, posso dizer que ele segura um grito. Enervei-o. Ainda estou de pé.

Sem pensar duas vezes, rasgo as bandagens do meu braço, afasto a dor e deixo a magia explodir em uma tempestade vermelho-sangue. Ignoro minhas queimaduras e meus pés encontram sua estabilidade.

Finalmente, a surpresa entra em seus olhos.





— Também não vou esquecer. Lembre-se disso, — digo.

Uma onda de fumaça verde faísca no ar. Preparo-me. Derrubei um vulcão. Posso me defender por alguns minutos. Alguns minutos.

Passos batem na pedra do corredor. Nós dois ainda. Ouço, tentando descobrir se são os passos fortes de meu pai e os passos rápidos de minha mãe ou os dos homens de Moolek.

— Essa é a minha deixa. Vejo você em breve. — Em vez de atirar em mim, sua magia o envolve como uma videira.

Não! Avança, mas tudo o que resta de Moolek é a espessa névoa de fumaça verde saindo pela minha janela. Como... Que tipo de feitiço era aquele?

A porta se abre, bate contra a parede e meus pais param na soleira. Eles estão bem. Antes que alguém possa dizer uma palavra, minha mãe avança e me envolve em um abraço. Meu pai não está muito atrás. Minhas pernas finalmente cedem e nós três caímos no chão. Inclino-me contra eles e absorvo seu calor e segurança. Eles me falam da segurança de Prisha, do bem-estar de Riya, da cura de Jatin.

É mamãe quem se afasta primeiro, olhando para o meu pescoço.

— Achei que fossem queimaduras — ela sussurra, estendendo a mão e depois hesitando em me tocar. Viro-me até me ver em um espelho. Finalmente, vejo o que criou a surpresa de Moolek. Não queima, embora a picada seja a mesma, mas... Meu toque. Acima do meu ombro, os desenhos continuam agora em vermelho brilhante, girando em um emaranhado errático que roça meu queixo como tentáculos de fogo. Engasgo com uma gargalhada porque parece lindo, diferente e horrível. Mas também parece ser o maior medo de Moolek, como se eu ainda fosse uma mulher importante, como se tivesse sido marcada por um destino.





CAPITULO QUARENTA E UM

A SATURACAO DE RUMORES

ADRAA

Guerra desenvolve com os rumores. Erif disse isso, mas não achei que a próxima onda de ataque começaria assim, com palavras e sussurros. Depois que recuperei a luz de fogo, Moolek deteve o vulcão. Ele é considerado um herói.

E eu?

Como dizem as histórias, sou uma mulher corrupta, má e sedenta de poder que foi derrotada depois de matar cento e vinte e nove do meu próprio povo. Isso é para me quebrar. Observando homens de uniforme verde consertando minha cidade e trazendo suprimentos. Sendo cuspidas na primeira vez que entro na clínica para ajudar os feridos. Ouvindo o que meu povo diz Jatin Naupure, que a princípio foi enfeitado por minha traição, descobriu a verdade a tempo de ajudar seu tio a deter meus desígnios malignos. É tudo muito brilhante, na verdade. Foi por isso que Moolek me salvou. Quando um casamento para dividir o sul de Wickery não funcionou, Moolek o estragou e deu ao mundo o que ele queria - uma vilã. O Monte Gandhak foi uma contingência o tempo todo, no entanto. Estou certa disso. Uma bomba armada com minha magia para me controlar se eu me aliar a ele ou me destruir se não o fizer.





Mas porque sei disso, porque sei que cada palavra falada contra mim é mentira, não desmorono. Pelo menos... Não completamente.

Cento e vinte e nove canta contra o meu crânio. *A luz do meu fogo* segue logo depois como um emaranhado incômodo de pensamentos ininterruptos. O jogo foi corrigido desde o início, mas eu ainda não joguei direito. Não consegui impedir Moolek de matar meu povo. E mesmo que não se deva culpar a espada por esfaquear, estou lentamente cedendo porque, com meu país pensando que eu os matei, parece que matei.

Tenho evitado Jatin. Disse-lhe para não me visitar. Não posso forçar meu coração a parar de se importar, mas também não posso impedir meu cérebro de nomear todas as razões pelas quais não devemos ser nada além de parceiros. Então eu não enfrento. Quando toda a equipe da cozinha, Willona no comando, me traz uma das cartas de Jatin, agradeço e a guardo para seu desgosto. Zara e Prisha se dedicaram ao trabalho na clínica. Todos trabalham enquanto eu me curo, tentando me proteger de mais cusparadas na cara, insultos lançados ou pior, uma tentativa de assassinato. Como nos velhos tempos, muito antes de o assassinato entrar em nossas vidas, acho que a única pessoa disposta a falar sobre os rumores em vez de contorná-los é Riya. E sempre posso encontrar Riya.

Ela torce uma toalha limpa e enxuga a testa do pai.

— Sabe, acho que as pessoas sempre suspeitaram que a luz de fogo custasse quase nada. É mais fácil para eles acreditarem que você plantou a luz de fogo em suas casas e os traiu do que a bondade antiquada.

Solto um forte suspiro.

— Quero que a primeira suposição das pessoas seja a bondade de Belwar, não suas gangues, drogas e corrupção. Agora eles pensam essas coisas de mim.





— Bem, agora você é apenas uma dessas coisas. Você não é uma viciada em drogas de Vencrin usando Bloodlurst para acumular poder. Pelo menos...

— ela levanta as sobrancelhas e sorri — ... Ainda não.

Dou-lhe um olhar.

— Engraçado. — Ela está apenas meio certa, no entanto. Algumas supostas testemunhas estão se apresentando para dizer que viram a luz de fogo sendo enviada pelo Vencrin, o que me liga à quadrilha de drogas. Onde estavam aquelas testemunhas quando eu vasculhava as ruas como a Mulher Vermelha? Além disso, por que a escuridão é muito mais fácil de engolir do que a luz?

— *Pravleah*, — conjuro sobre o feitiço da minha mãe.

— Obrigada, Adraa — Riya sussurra.

— Você não precisa dizer nada. Ele é o único paciente que não sente repulsa por mim.

Riya olha para o pai. A toalha pinga.

— Ele *estava* certo, você sabe. Esse seu novo Toque. A cerimonia. Amor das pessoas. Nada disso faz de você uma Rani. Mas para mim, o que você sacrificou... — Ela olha para cima. Antes que eu possa, Riya se levanta e cai sobre mim, abraçando-me. — Sinto muito — diz ela com um aperto.

Seguro-a com força, agarrando-me a ela e notando que ela usa um choli vermelho, como se não importasse o que fosse dito, eu ainda me tornei sua Rani naquele dia.

— Sou eu quem deveria me desculpar. Não deveria ter escondido nada disso de você.

Ela se afasta.

— Você deveria saber que foi tudo apenas... — Ela olha para o pai.





Culpa. Responsabilidade. Qualquer uma dessas palavras pode preencher o que ela vai dizer a seguir, mas é o acúmulo de todas. Algo inominável que está crepitando na minha pele há dias. E como sei o que ela quer dizer, interrompo-a.

— Eu sei. Você não precisa dizer isso.

Riya solta uma risada.

— Graças aos Deuses. — Ela me abraça novamente. — Mas ouça isso. Se formos nós contra o mundo, Adraa estarei ao seu lado, como sua amiga.

Pela primeira vez em dias, eu me sinto sorrindo.

— Já sabia disso também.



É minha mãe quem me cura. Minha perna quebrou, mas meu braço se estilhaçou. Então, em vez de Zara ou qualquer outro remendo, é minha mãe que vem todos os dias com novos curativos. Voltamos a uma relação curadora-paciente até o dia em que estou olhando para as cinzas pela janela e ela quebra o silêncio denso com:

— Nunca lhe contei muito sobre minha vida em Pire.

Viro-me tão rapidamente que as bandagens que ela está usando para enrolar meu braço são arrancadas de suas mãos, e pontadas agudas de dor sobem pelo meu ombro.

— Cuidado — adverte ela.

— Você nunca quis falar sobre isso. Nunca.

— Sim, bem. A cultura lá é... — Ela faz uma pausa. — É difícil para as meninas, a diferença entre homens e mulheres é mais aparente. Meu pai chorou no meu nascimento, foi uma das primeiras coisas que aprendi quando





criança. Disseram-me que ele chorou de desespero por ter seu primeiro filho nascido do sexo feminino. A única maneira de uma mulher se tornar algo de valor real era sendo uma curandeira, então me tornei a melhor curandeira do país e depois saí o mais rápido possível. Seu pai acha que me escolheu, mas eu insisti em nosso acordo, fiz-me ser vista. Ele era tão engraçado e bonito, mas também vi Belwar como minha única chance de escapar e provar meu valor.

Olho para minha mãe diretamente. A curva em seu nariz nunca pareceu tão proeminente. Por volta do meio-dia, parei de tentar descobrir como ela quebrou e por que nunca foi colocado. Ela se recusou a responder ou eu parei de perguntar?

— A sociedade nos diz que, como mulheres, precisamos de um homem para ser alguma coisa. Nós não. E eu sinto muito, Adraa. Forcei-a ao casamento e à liderança. Tive muitas dúvidas quando caminhamos em direção ao Palácio Azure naquela noite e, no entanto, não tentei convencer seu pai de que era muito cedo para você. Nós nem tínhamos visto o que você poderia se tornar. — Ela enfia minha mão direita lisa entre as dela. — Então eu permiti a você apenas um caminho, o de seu pai e o meu. E eu quase matei você ao fazer isso.

Nunca antes eu realmente pensei em contar aos meus pais, especialmente à minha mãe, que eu sou a Mulher Vermelha. Tem sido um segredo que eu nunca quis que eles soubessem. Sua ira, sua falta de compreensão e sua proibição garantida me mantiveram em guarda. Eu podia prever tudo se desenrolando diante de mim à menor menção. No entanto, agora, está na ponta da minha língua.





— Mãe, está tudo bem. Queria isso. Queria ser uma Rani. Eu queria mudar Belwar para melhor. Até queria me casar com Jatin um dia. Mas agora...

— Você ainda pode fazer essas coisas.

— Mas eu falhei. — As palavras soam feias e depois se enterram, permitindo que uma semente desagradável de negatividade brote e cresça. Falhei. Fracassei.

— Você salvou o país. Isso não é fracasso. E você continuará a salvar-nos. — Ela levanta minha cabeça, lançando uma névoa rosa calmante enquanto enxuga as lágrimas do meu rosto. — É por isso que a Mulher Vermelha luta certo?

Congelo, o rubor de vergonha ficando frio. *O que ela acabou de...*

— Você... Você sabe?

Seu pequeno sorriso diz o suficiente. Seu aceno diz ainda mais. Ela sabe. Ela sabe e não está gritando.

— Como...?

— Primeiro, eu sou sua mãe. Em segundo lugar, sou muito mais do que uma médica por aqui. Quem você acha que contratou Beckman? Quem você acha que enviou Hiren e aqueles guardas de confiança na noite daquele ataque? Metade das pessoas que fazem fila do lado de fora da clínica são informantes.

Meus Deuses! Levanto-me e caminho. Minha mãe... *Minha* mãe... Esse tempo todo...

— Então, basicamente, você está me dizendo que não só conhece meu segredo, mas também que todo mundo está em Belwar? — O que Prisha disse uma vez? Mamãe estava presa na clínica, tratada como uma mulher obrigada a criar poções e nada mais?





Ela se levanta.

— Talvez não toda Belwar. — Uma pausa, um pequeno aceno de cabeça. — Por favor, não pense que você falhou porque mesmo com todas as minhas informações eu não sabia sobre o Monte Gandhak ou sua luz de fogo. Naquele dia em que você veio ao palácio com Jatin, eu sabia que você devia estar à caça de Moolek e eu o impedi, o guiei até a clínica por medo. Então, se alguém falhou Adraa, pode apontar o dedo para mim.

Sempre achei que minha mãe só se importava como eu era apresentada ao mundo. Mas isso? Isso é muito mais do que beleza e etiqueta. Balanço minha cabeça, tentando realinhar o que eu sei.

— Não culpo você. Sinto que uma parte de mim deveria estar com raiva, mas depois de tudo o que aconteceu... — Algo me atinge então e eu giro. Beckman era seu homem. Ela me protegeu e ainda... — Mas agora tenho certeza que você está errada. Você acha que me permitiu apenas um caminho, mas deixou que eu me encontrasse lá fora. — Minha mãe me permitiu entender que eu era a feroz Jaya Fumaça tanto quanto eu era Lady Adraa Belwar.

Ela pressiona a mão na minha bochecha, sorrindo.

— Bem, eu gosto bastante da Mulher Vermelha.

Abraço-a e, por um momento cristalino, o fracasso, os rumores e a devastação desaparecem e eu sou apenas uma bruxa. Não uma herdeira deformada se afogando em expectativas. Não um monstro inocente afundando sob a culpa. Uma bruxa, aceita por ser e estar acima de ambos. Posso sentir o poder nisso.

— E, Adraa?

— Sim?





— Também gosto do seu parceiro. — Mamãe coloca a carta de Jatin na minha mesa de cabeceira. — Você o ensinou bem, a propósito. Se ele quiser trabalhar na clínica, tem minha aprovação. — Ela ergue um pequeno frasco, acena com a cabeça e o coloca na mesa de cabeceira com um leve tilintar antes de fechar a porta atrás de si. A princípio, ando por curiosidade e não fico desapontada com meu esforço. Uma nota amarrada na tampa do frasco diz *Achei que você poderia precisar disso em breve*. Abrindo a tampa, encontro a poção que ensinei a Jatin para acalmar minhas cólicas. Bons Deuses. Ele torna *difícil* não amá-lo.

Quando finalmente consigo encará-lo, abro o envelope e leio as palavras: *Para a garota que tem muitos nomes, mas prefere a cor rosa acima de todas as outras*.

Abaixo disso está em branco.

— *Gharmaerif* — lanço, e com o calor iluminando a mensagem, leio minha primeira carta de amor verdadeiro.





CAPITULO QUARENTA E DOIS

CONFRONTANDO UMA ESCOLHA

JATIN

A vigília é realizada duas semanas depois que Adraa e eu escalamos o Monte Gandhak e ela recuperou a luz de fogo e salvou a todos nós. Estou no vulcão, sozinho. Camadas de lama obscuras enrugam a paisagem. Lá embaixo uma floresta de árvores se espalha horizontalmente, um mar de tocos quebrados sem nenhum sinal de verde até chegar ao oceano, onde a montanha se esvai. Daqui de cima tenho uma visão perfeita tanto da cidade de Adraa quanto da minha. Daqui posso ver até onde as cinzas caíram e a lava fluiu. Estandartes de brocado tremulam sobre as duas cidades, memoriais aos mortos.

A noite começa a drenar a cor do céu, mas o sol revida, manchando as nuvens pesadas de laranja. É pacífico quando as pessoas se reúnem nas ruas, cada uma segurando uma vela contra a escuridão. Leva um momento para entender que cada pontinho de luz é um cidadão. Belwarianos à minha direita; Naupurianos à minha esquerda. Outrora, ver toda aquela vida, pela qual sou responsável, teria me causado desconforto. Agora, tudo que posso sentir é gratidão por tantos pequenos fogos iluminarem a escuridão que se aproxima.





Um dia, em breve, meu tio pagará pelas cento e vinte e nove pessoas que o tornam mais sombrio. Quem, dias atrás, teria usado a luz de fogo mais brilhante e confiável em vez de velas inferiores.

Estou tão distraído com o pensamento que não vejo Adraa até que ela aterrise ao meu lado, o vento batendo em sua saia. Nós nos encaramos até que ela pega minha carta e a poção que fiz para ela.

— Sabe, em qualquer situação normal, esse é um presente de aniversário esquisito — diz ela com um sorriso.

A felicidade me envolve. Havia pensado com tudo que ela poderia... Não sabia o que pensar. Só que ela não queria me ver.

— Farei melhor no ano que vem.

Ela ri.

— O fato de você conhecer minha agenda... — Ela segura minha carta. Embora eu ache que aprendi algo ainda mais interessante hoje.

Dou um passo em direção a ela, fechando a distância entre nós.

— O que é? — Pergunto.

— Todos esses anos eu pensei que você estava tentando ser brega quando me enviou aquelas *cartas de amor*. Mas você é tão brega. — Ela olha para baixo e lê. — Embora, me deu um soco nos meus sentidos, soe um pouco duro. Podemos finalmente reconhecer que foi um tapa na melhor das hipóteses?

Dou de ombros.

— *Socado* faz uma história melhor, e eu tive que seguir a tradição ou você pode não ter acreditado que a carta era minha.

Gosto disto. Gosto que possamos ser nós mesmos mais uma vez, como se nada tivesse mudado. Mas, novamente, tudo mudou. Estamos em um terreno baldio. Dou mais um passo à frente.





— Mas a parte brega provavelmente prova que eu sempre soube que te amava.

Ela balança o papel e seu sorriso desaparece.

— Tem certeza que deveria?

Na luz do amanhecer eu vejo isso. Esperava queimaduras, mas é... É o Toque dela. Novos redemoinhos vermelho-sangue enxameiam em seu pescoço. Em vez de uma rede de flores e círculos como a maioria dos toques, eles atacam, desviam e se entrelaçam dentro de si mesmos. É lindo.

Aproximo-me e passo meus dedos pelos desenhos.

— Isso é intimidador. Mas acho que meu ego pode lidar com você sendo mais poderosa do que eu. Tenho certeza que você sempre foi.

Ela se inclina na minha mão, engasgando com um som que é meio riso, meio soluço.

— Não era a isso que eu estava me referindo.

— O que, então? As mentiras de Moolek? A cerimônia real?

Ela se afasta.

— Sim, tudo isso. As pessoas ainda o veem como você é, bom. — Ela gesticula para a massa de enlutados à luz de velas. — A guerra está sobre nós, Jatin, e pode ser melhor para Naupure se você não for visto comigo. Se você... — ela suspira — ... Casar com outra pessoa.

Meu corpo reage como se eu a estivesse perdendo novamente. Suor frio. Coração martelando. Mas agora é acompanhado por uma irritação áspera. Ela não pode querer dizer isso.

— Mas eu esperava que ainda pudéssemos ser parceiros. — Ela estende o antebraço esquerdo, como se pressionar meu braço contra ele pudesse apagar nossos sentimentos um pelo outro.





Contemplo-a com uma carranca. Seus olhos estão úmidos. Sua mão aperta minha carta. Ela não quis dizer isso.

— Não vou me casar com mais ninguém. — Inclino-me para frente e envolvo minha mão em seu cotovelo direito e a puxo para perto. Ela cai em mim, corpo contra corpo. Inclino-me para frente. — Você acha que poderíamos ser apenas parceiros?

Paro, a um fôlego de distância de seus lábios. Afrouxo meu aperto e faço a escolha clara. Afaste-me ou me beije. Não posso viver em um meio termo onde trabalhamos juntos, mas não posso tocá-la.

Nós olhamos um para o outro. Sei que ela entende. Estamos destinados a ficar juntos não porque fomos forçados a isso. Escolhemos. Preciso que ela escolha.

— Você está certo — sussurra ela.

— Normalmente estou.

— Não vamos nos empolgar demais. — E com isso ela agarra minha kurta e me puxa pelos poucos centímetros que nos separam. Sua boca se conecta com a minha. Cumprimento-a com entusiasmo. Um braço a envolve para puxá-la ainda mais para perto, o outro explorando o novo Toque em seu pescoço. É como voltar para casa e partir para uma aventura ao mesmo tempo. O calor irradia pelo meu corpo. Graças aos deuses ela me ouviu. Com ela em meus braços sinto que posso conquistar qualquer coisa.

Algo ilumina o céu atrás das minhas pálpebras.

Adraa fica em posição de sentido, virando-se para olhar para uma forte luz rosa disparando para o céu. Até eu me assusto, meus medos piscando para a chama vermelha do Monte Gandhak invadindo o horizonte. Mas levo apenas um segundo para entender. Oh Deuses, funciona. Ele realmente funciona!





— Jatin, o que...

Giro de volta para Adraa.

— Tenho trabalhado em algo. É um sinal. Para todos, mas especialmente para os Intocados. — Estou mais do que animado. Um sorriso se espalha em meu rosto enquanto procuro minha invenção ainda sem nome no fundo do meu bolso. — Você inspirou-me — digo enquanto puxo um cilindro com um pequeno orbe no topo. Cristais de gelo brilham no cabo, mas o orbe brilha em vermelho com a luz de fogo de Adraa. Reaproveitado.

— Você engarrafou sua magia? — ela pergunta, estendendo a mão para ele.

— Melhor isso do que ficar sentado em orbes ao redor do meu quarto. — Aperto a mão dela. Ela ainda não percebeu. — Mas é seu também, Adraa. É a luz de fogo. Recebi relatos de pessoas tentando destruir qualquer orbe que pudessem encontrar. Os homens de Moolek também estavam indo pegá-lo, então mandei todos os meus guardas pegá-los. Kalyan, em particular, foi inflexível quanto à busca.

Ela olha para o feixe de luz. Não rosa, exatamente. Branco e vermelho se entrelaçam, riscando o céu.

— E o que isso sinaliza? — ela pergunta.

— Que somos necessários. — Solto meu segundo planador e com uma rajada de fumaça branca ele se estende. — Eu poderia usar minha parceira.





CAPITULO QUARENTA E TRES

SOBREVIVEMOS

ADRAA

Toda a minha vida lutei para ser boa em magia. Trabalhei duro pelo meu sucesso e, no final, falhei. Mas isso não significa que continuarei falhando. Não falharei com meu país em longo prazo. Pois ainda é meu país, mesmo que eu nunca o governe como uma Rani.

Estou viva. Ainda estou aqui. E um dia esse será o maior fracasso de Moolek.

Olho para Jatin, cujo rosto está mascarado por um brilho branco.

— Pronta? — pergunta ele.

Que dupla nós somos, o herói e a vilã de Belwar parados no local que há poucos dias tentou nos matar. E, no entanto, escolhemos nos levantar e ficar juntos. Não sei o que o futuro reserva. Não tenho um destino, um caminho pré-desenhado e traçado pelos deuses. Mas eu vou subir novamente. Jatin e eu, em parceria como vigilantes mascarados de branco e vermelho, nos ergueremos novamente.

Minha magia jorra de minhas mãos e a máscara vermelha gira no lugar.

— Pronta.

